

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Denise Sampaio Gusmão**

**Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de  
Memória e Cultura do Córrego dos Januários**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Psicologia do Departamento de Psicologia da  
PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para  
obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Solange Jobim e Souza

**Volume I**

Rio de Janeiro  
Outubro de 2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



**Denise Sampaio Gusmão**

**Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de  
Memória e Cultura do Córrego dos Januários**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação  
em Psicologia do Departamento de Psicologia da  
PUC-Rio como parte dos requisitos parciais para  
obtenção do título de Doutor em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Solange Jobim e Souza

**Volume II**

Rio de Janeiro  
Outubro de 2009



**Denise Sampaio Gusmão**

**Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de  
Memória e Cultura do Córrego dos Januários**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Solange Jobim e Souza**  
**Orientadora**

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

**Profa. Sonia Kramer**

Departamento de Educação - PUC-Rio

**Prof. Márcio Orlando Seligmann-Silva**  
Universidade Estadual de Campinas-SP

**Prof. Mário de Souza Chagas**  
UNIRIO

**Prof<sup>a</sup>. Monique Rose Aimee Augras**  
Aposentada (PUC-Rio)

**Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade**  
Coordenador Setorial de Pós-Graduação  
e Pesquisa do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro,        /        /20

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da autora, da orientadora e da universidade.

## Denise Sampaio Gusmão

Graduou-se em Psicologia na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1984. Especialista em Psicologia Clínica e em Educação Infantil. Mestre em Psicologia pela PUC-Rio em 2004. Obteve o grau de doutora em Psicologia pelo programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio em 2009.

### Ficha Catalográfica

Gusmão, Denise Sampaio

Narrativa, testemunho e delicadeza : a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários / Denise Sampaio Gusmão ; orientadora: Solange Jobim e Souza. – 2009.

2 v. ; 341 f. ; 30 cm

Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Memória. 3. História. 4. Narrativa. 5. Fotografia. 6. Testemunho. 7. Delicadeza. I. Souza, Solange Jobim e. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150



Para meus pais, Antonio Paulo Gusmão (in memoriam) e Hilda Sampaio Gusmão.

## Agradecimentos

Ao CNPq e ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

A Vera e Marcelina pela atenção competente.

Aos professores Monique Augras, Margarida de Souza Neves, Marcio Seligmann-Silva, Maria Inês Bittencourt, Maria Tereza Freitas e Sonia Kramer, pelo privilégio da convivência e pela inspiração e partilha ao longo deste percurso.

A Elaine, Luciana, Danilo, Renata, Ana Elizabeth, Gamba, Marcelo e todos os colegas do grupo GIPS por abrigar idéias e estimular vãos... E principalmente a Cristina Porto pela parceria essencial nas trilhas e estudos da memória.

Ao Edervanio de Souza Lucas, meu assistente de pesquisa mineiro, a quem admiro muito.

A Luis Vicente Barros, Marcela Carvalho, Giuliano Balsini, Aline Jobim e Luiza Kramer, por possibilitarem que sonhos e projetos se tornem materialidades no mundo.

A Nathercia Lacerda, Maria Claudia Coelho e Arthur Dapieve, pelo “toque” na hora certa.

A Ana Andrade e Fátima Espírito Santo, queridas fotógrafa e assistente, na noite de 30 de agosto de 2008.

A Francisca Valle pela “boa liga” que fortalece e faz ir mais longe...

À equipe do projeto Comunicar, especialmente, Jorge, Carlos Heitor e Aurélio, pela delicada e talentosa cobertura jornalística no dia da inauguração que gerou

uma matéria no Jornal PUC-Rio e também o programa “A Casa das Lembranças”, exibido na TV PUC em novembro de 2008, trazendo muita alegria a mim e a todos que se envolveram na consolidação da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários.

A Ana Gibson, Jorge Moutinho, Márcia Amorim, Guto Braga e Mônica Mendonça, companheiros não só da vida mas também dos livros e letras, revisões e traduções.

A Célia Sento-Sé Pires, Lygia Franklin, Cristina Lara e Paulo Spotto, por existirem na minha vida.

A Deborah Alexander, pela competência e amizade de sempre e colocada na formatação gráfica deste trabalho.

Ao Deodato Rivera, inspiração de sonhos e utopias.

Ao José Américo, pela linda parceria no amor e no olhar.

À minha querida mãe Hilda e ao meu irmão Beto, pelo amor incondicional que sustenta e impulsiona.

Ao professor Augusto Sampaio, que nos ajudou a transformar o sonho em realidade.

A essas duas incríveis mulheres, Solange Jobim e Souza e Maria de Lourdes Souza, a Toquinha, minha profunda gratidão pela intensa parceria no pensamento e na ação.

A todos os moradores do Córrego dos Januários, por tudo que vivemos juntos e que jamais vou esquecer.

## Resumo

Gusmão, Denise Sampaio; Jobim e Souza, Solange (Orientador). **Narrativa, Testemunho e Delicadeza: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários**. Rio de Janeiro, 2009. 341p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta pesquisa intervenção relata o percurso da re-construção coletiva da memória do Córrego dos Januários, pequeno povoado situado na região leste de Minas Gerais, no município de Inhapim. Tal processo envolveu diferentes autores e atores que se articularam com os habitantes desta localidade com o objetivo de conceber um espaço onde as coisas, as imagens, as palavras, os pensamentos pudessem encontrar uma morada, um espaço onde as materialidades criadas pelos homens conquistassem um lugar no futuro. Assim, a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários foi idealizada, concebida e finalmente inaugurada em agosto de 2008. Vale destacar que este é um texto polifônico, no qual sem dúvida coexistem múltiplas vozes, que dão contorno e profundidade às concepções de história, narrativa, memória, estética da delicadeza e testemunho. Dentre os principais autores destacamos Walter Benjamin, Maurice Halbwachs, Mikhail Bakhtin, Hannah Arendt, Michel de Certeau, Michael Pollak, Ecléa Bosi, Paul Thompson, Jeanne Marie Gagnebin, Marcio Seligman-Silva, Mario de Souza Chagas, entre outros, além das muitas vozes do Córrego dos Januários que participaram intensamente na construção deste mosaico de memórias. Durante este percurso de memória, nos deparamos com a origem etimológica do nome *Januário*: o deus romano Janus. A imagem alegórica de Janus Bifronte nos conduziu por um rio de memória mais profundo e com ele reafirmamos nossa tese de que esta Casa de Memória e Cultura se dá no entrecruzamento dos tempos e que nosso maior esforço teórico metodológico foi torná-la junto com os “Januários” um espaço onde o apelo à felicidade do presente se faça ouvir.

## Palavras-chave

Memória; história; narrativa; fotografia; testemunho; delicadeza.

## Abstract

Gusmão, Denise Sampaio; Jobim e Souza, Solange (Advisor). **Narrative, testimony and delicateness: the House of Memory and Culture at Córrego dos Januários**. Rio de Janeiro, 2009. 341p. Doctorate Thesis – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This interventional research recounts the process of collectively reconstructing the memory of Córrego dos Januários, a small village located in the eastern region of Minas Gerais State, in the municipality of Inhapim. Such process has involved different authors and actors, who have joined with the inhabitants of this village aiming at designing a space where objects, images, words, and thoughts could find a home, a space where the materialities created by men could conquer a place in the future. Thus, the House of Memory and Culture at Córrego dos Januários was idealized, created and finally opened in August 2008. It is worth emphasizing that this is a polyphonic text, in which multiple voices undoubtedly coexist, giving contour and depth to the conceptions of history, narrative, memory, aesthetics of delicateness and testimony. Among the main authors, Walter Benjamin, Maurice Halbwachs, Mikhail Bakhtin, Hannah Arendt, Michel de Certeau, Michael Pollak, Ecléa Bosi, Paul Thompson, Jeanne Marie Gagnebin, Marcio Seligman-Silva, Mario de Souza Chagas, among others, can be highlighted, in addition to many voices in Córrego dos Januários, people who have intensely participated in the construction of this mosaic of memories. During this journey of memory, we are faced with the etymological origin of the name *Januário*: the Roman god Janus. The allegorical image of Janus, the two-faced god, led us through a deeper river of memory and, with him, we reaffirm our thesis that the House of Memory is originated at an intersection of times and that our greatest theoretical and methodological effort was to make it, together with the "Januários", an area where the call for happiness of the present shall be heard.

## Keywords

Memory; history; narrative; photography; testimony; delicateness.

## Sumário

1. Introdução	19
2. Por um rio de memória	30
2.1. O apelo de Maria de Lourdes Souza, a Toquinha	31
2.2. Lembranças de tapera	42
2.3. O acervo e o colecionador	56
2.4. História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários	61
2.4.1. Intercessões: Hannah Arendt, Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin	61
2.4.2. Hannah Arendt: a ação e o quem	64
2.4.3. Contar histórias, criar lembranças, reconciliar...	67
2.4.3.1. Sebastião Lau	69
2.4.3.2. Tio Izalino	70
2.4.3.3. Seu Agenor	73
2.4.3.4. Maria Ilda das Dores Souza, a Dedé	75
2.5. Memória e testemunho	79
3. O rio de Janus	92
3.1. A cidade e a roça: o olhar como intervenção	92
3.2. Memória e labirinto: o encontro com Janus bifronte	104
4. “Carta para-ti”: o rio que corre	121
4.1. Memória itinerante: o projeto “Carta para-ti”	122
4.2. A oficina “Carta para-ti” na V Festa Literária Internacional de Paraty	135
4.2.1. Identidade e ancestralidade: um encontro com a memória indígena	146
4.3. PUC PELA PAZ	154
5. O Córrego de Histórias: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários	169
5.1. A rede de próximos	170
5.2. Assim nos contaram	173
5.3. A nascente do Córrego e o rio subterrâneo	181
5.4. Para que não nos esqueçamos	188
5.5. O legado de Floripes e Bolívar	195
5.6. Alicerces da Casa de Memória e Cultura: pela delicadeza, contra a barbárie	198
5.7. Mãos a obra: a parceria com Luis Vicente Barros	203
5.8. O Clubinho de Leitura	223
5.9. Portas abertas: chega o dia da inauguração	242
5.9.1. A preparação da casa	243
5.9.2. O grupo do Rio de Janeiro no Córrego dos Januários	250
5.9.3. A procissão e a missa: tem início a celebração	259

5.9.4. Portas abertas: a casa dos Januários é inaugurada	267
6. Conclusão	280
7. Referências Bibliográficas	292
8. Anexos	298
8.1. Carta convite da Flipinha	299
8.2. Anexos do evento PUC PELA PAZ	300
8.2.1. Carta convite	300
8.2.2. Folder	301
8.3. Anexos da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários	302
8.3.1. Estandartes	302
8.3.2. Painel “Carta para-ti”	329
8.3.3. Painel dos escritores	330
8.3.4. Painel Maria de Minas	331
8.3.5. Ficha técnica	332
8.4. Jornal da PUC	333
8.5. Carta de Solange Jobim e Souza	338
8.6. Carta de Toquinha	340

## Lista de figuras

Figura 1 -	Maria de Lourdes no balanço	30
Figura 2 -	D. Silvia contando a história da Família Januário	36
Figura 3 -	Dedé assando broa no forno de barro	36
Figura 4 -	D. Hilda fiando algodão	36
Figura 5 -	Peneira com massa de broa	36
Figura 6 -	Seu Agenor contando história debaixo da mangueira	36
Figura 7 -	Os violeiros José Geraldo, Adão e Joaquim Firmino	36
Figura 8 -	Toquinha e Denise	39
Figura 9 -	Marcelo e Dayane	39
Figura 10 -	Dionísio, José do Carmo e Norton	39
Figura 11 -	Fabiane e Brenda	39
Figura 12 -	Toquinha presenteando Eduardo Galeano com seu livro <i>Dicionário de Lembranças</i>	42
Figura 13 -	Tia Fiinha (D. Felícia)	42
Figura 14 -	D. Mariquinha (em pé) e família	49
Figura 15 -	Seu Geraldino em seu aniversário de 100 anos	50
Figura 16 -	Bela percorre o varal de fotografias	51
Figura 17 -	Casa da Tia Fiinha	53
Figura 18 -	1. Casa do Dezinho Félix 2. Casa da Tia Nena (pintura feita por Leni) 3. Casa do Nestor Januário 4. Casa do Tio Luís	55
Figura 19 -	1. Casa do Sones 2. Casa do Astolfo 3. Casa do Tatão 4. Casa do José Inácio	55
Figura 20 -	Claudia e crianças no balanço	56
Figura 21 -	Nestor e Sones (à direita) vendo o mural com a foto de Sebastião Lau	69
Figura 22 -	Varal de fotografias	71
Figura 23 -	Tio Izalino	72
Figura 24 -	Seu Agenor e Denise: vendo as fotos	74
Figura 25 -	Seu Agenor contando história	75
Figura 26 -	Dedé e a câmera	77
Figura 27 -	Jabuticabeira do Tio Chico	78
Figura 28 -	Toquinha e Denise na tapera da D. Felícia	79
Figura 29 -	Tio Donísio conversando com Denise	82
Figura 30 -	Família do Tio Dionísio	87
Figura 31 -	Tio Dionísio e Tia Oscarina na festa de homenagem à Família Januário	89
Figura 32 -	Dedé, na escola, ensinando a plantar jabuticabeira	90
Figura 33 -	Leandro puxando a mula com café	99
Figura 34 -	Getúlio espalhando o café	99
Figura 35 -	Gilzane fotografando D. Nega	100
Figura 36 -	D. Nega na janela	100
Figura 37 -	D. Nega vendo as fotos	100
Figura 38 -	Regiane fotografando sua irmã Luana	101
Figura 39 -	Luana	101



Figura 40 - Fabiane fotografando crianças com pipa	101
Figura 41 - Meninos soltando pipa	101
Figura 42 - Minhas amigas Denise e Toquinha	102
Figura 43 - Brasil Castelo	109
Figura 44 - Casinha de areia	110
Figura 45 - Outeiro de Santa Catarina	111
Figura 46 - Foto tirada por volta de 1985	112
Figura 47 - O Presidente Epitácio Pessoa incumbiu o prefeito Carlos Sampaio de “botar a baixo” o Morro do Castelo	113
Figura 48 - Igreja de São Januário no Morro do Castelo	114
Figura 49 - Busto de Janus, no Museu do Vaticano	115
Figura 50 - Marcelo e o cafezal	118
Figura 51 - Estampa de apresentação do projeto “Carta para-ti”	121
Figura 52 - D. Winny e seu passarinho inhapim	123
Figura 53 - Criança com esperança na mão	124
Figura 54 - O passarinho inhapim bordado em tecido	124
Figura 55 - Postal de 1916 com a fotografia de Mathilde Heynemann	126
Figura 56 - Postal de 1916 da cidade de Heidenheim	127
Figura 57 - João de barro e suas obras de arte	129
Figura 58 - Denise, Sones, Carlos, Wander e Leandro vendo fotografias	130
Figura 59 - Verso do postal “João-de-barro e suas obras de arte”	131
Figura 60 - Zilmar e a vassoura de alecrim	132
Figura 61 - Zilmar fazendo a vassoura de alecrim	132
Figura 62 - Postal da foto de Zilmar com mensagem escrita por ela	134
Figura 63 - Resposta do postal escrita por Letícia para Zilmar	134
Figura 64 - Edervanio, Fernanda, Toquinha, Denise, Herotildes, Débora, Fabiane, Dayane e Branca	135
Figura 65 - Postal escrito para Débora	135
Figura 66 - De Fátima para Leandro	137
Figura 67 - De Sandra para Leandro	137
Figura 68 - Postal peneira com massa de broa com mensagem escrita por Elizete	138
Figura 69 - De Bárbara para Elizete	139
Figura 70 - De Heide para Elizete	139
Figura 71 - O tear feito por Dedé	140
Figura 72 - Dedé (à direita) lembrando à Efigênia a arte de tecer esteira	141
Figura 73 - Postal da foto de Dedé ensinando a tecer esteira de taboa com mensagem escrita por sua filha Maria José	142
Figura 74 - Resposta de Carla e Edison para Maria José	142
Figura 75 - Postal escrito por Edervanio	143
Figura 76 - Resposta de João Bosco para Edervanio	143
Figura 77 - Janete e Kycella na cachoeira do Deco André	144
Figura 78 - Postal de Janete e Kycella com mensagem escrita por elas	145
Figura 79 - Resposta de Salyssa para Janete e Kycella	145
Figura 80 - Fotos da oficina na V Festa Literária Internacional de Paraty	147

Figura 81 - Lúcia, Fabiane, Dayane, Débora, Edervanio e Daniel Munduruku	149
Figura 82 - Carta de Daniel Munduruku para o Clubinho de Leitura	151
Figura 83 - Adélia segurando postais	151
Figura 84 - Postal da capela com mensagem de Adélia	152
Figura 85 - Resposta para Adélia	152
Figura 86 - Postal da Sapucaia com mensagem para Luiza Kramer	153
Figura 87 - Resposta do postal de Marcela para Zilmar	154
Figura 88 - Vicente e Marcela. Rio de Janeiro - 12 de novembro de 2007	155
Figura 89 - Elaine	155
Figura 90 - Toquinha e Maria Inês	155
Figura 91 - Branca, Rita, Denise, Elaine, Talles, Edervanio e Dayane	155
Figura 92 - Um participante da oficina	155
Figura 93 - Postal de D. Nega com mensagem de Gilzane	157
Figura 94 - Maria Alice e Rita	157
Figura 95 - Resposta para Gilzane	157
Figura 96 - Postal de Sr. Geraldino com mensagem da filha Maria Alexandre	159
Figura 97 - Talles e Solange Jobim	159
Figura 98 - Resposta de Solange Jobim para Maria Alexandre	159
Figura 99 - Postal de Maria Inês e Dayane com mensagem de Marcelo Dias	160
Figura 100 - Maria Inês escrevendo	160
Figura 101 - Resposta de Maria Inês para Marcelo Dias	160
Figura 102 - Postal Meninos soltando pipa com mensagem de Fabiane	162
Figura 103 - Marcela e Vicente escolhendo os postais	162
Figura 104 - Resposta de Vicente para Fabiane	162
Figura 105 - Zito na escola ensinando a fazer peteca	163
Figura 106 - Postal de Zito na escola ensinando fazer peteca	164
Figura 107 - Resposta de Carolina para Zito	164
Figura 108 - Resposta de Clara Colker para Zito	164
Figura 109 - Resposta de Edna para Zito	165
Figura 110 - Postal Casa da Tia Fiinha com mensagem de Nizinha	166
Figura 111 - Resposta de Clara Colker para Nizinha	166
Figura 112 - Resposta de Danilo para Nizinha	166
Figura 113 - Edervanio e Stephan	167
Figura 114 - Oficina "Carta para-ti" no PUC PELA PAZ	168
Figura 115 - Toquinha, Denise e Vicente	169
Figura 116 - Outdoor em Inhapim	173
Figura 117 - Denise e Toquinha no cartório de Inhapim	174
Figura 118 - Toquinha e Silvia Lucas com material da pesquisa em 2005	174
Figura 119 - Toquinha sendo entrevistada pelas crianças	176
Figura 120 - Stella Chagas	178
Figura 121 - Elaine com a pasta da Família Januário no Museu Casa do Bentoca em Inhapim	179
Figura 122 - Prof. Augusto Sampaio com o livro <i>Cantinho da Saudade</i>	180

Figura 123 - Estátua “Mãe Preta” de Julio Guerra ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em São Paulo	182
Figura 124 - Joaquim e minha bisavó Edwiges Carolina	183
Figura 125 - Ata: “Movimento da libertação dos escravos” de 3 de agosto de 1887	183
Figura 126 - Maria das Graças, Rosélia e Toquinha	188
Figura 127 - Manoel José Ribeiro	191
Figura 128 - Silvestre José Ribeiro (“Tio Doutor”)	192
Figura 129 - Elias Francisco de Oliveira Campos	193
Figura 130 - Joaquim Januário de Souza	193
Figura 131 - Francisco Januário de Souza	193
Figura 132 - Benvinda e Nestor	194
Figura 133 - Adriana e Eulália	194
Figura 134 - Bolívar e Floripes, pais de Toquinha, em pintura feita a partir de fotografias do casal	195
Figura 135 - Toquinha filmando em 2004 a futura Casa de Memória e Cultura	196
Figura 136 - As filhas de Bolívar e Floripes: Marlene, Terezinha, Dorvalina, Isabel e Maria de Lourdes	197
Figura 137 - Vicente e Marcela na noite de inauguração da Casa de Memória e Cultura	203
Figura 138 - Imagem da exposição de Guimarães Rosa no Museu da Língua Portuguesa	208
Figura 139 - Vicente escolhendo bambu com Jupira	210
Figura 140 - Denise trabalhando	210
Figura 141 - Terezinha Jacinta	212
Figura 142 - Judith fazendo os barrados dos estandartes	212
Figura 143 - Judith e Adélia	213
Figura 144 - O ambiente que se transformou no Clubinho de Leitura	213
Figura 145 - Marcela e crianças	214
Figura 146 - João Donato, Carmo Lucas e Renan	215
Figura 147 - Vicente e Giuliano	215
Figura 148 - Vicente e Giuliano	216
Figura 149 - Branca, Nizinha e Toquinha	216
Figura 150 - Rita, Nizinha, Toquinha, Judith, Adélia, Terezinha e Branca	217
Figura 151 - Janderson e Edilaine escolhendo as frases para as fitas	218
Figura 152 - Dayane, Denise, Edervanio e Edilaine escrevendo as fitas	218
Figura 153 - Edervanio, Lucas, Tiago, Rita, Janete, Janderson e Edilaine	219
Figura 154 - Vicente e Giuliano	219
Figura 155 - Vicente montando a luminária feita de coité	220
Figura 156 - Luminária de coité	220
Figura 157 - Vicente, Giuliano e Denise	221
Figura 158 - Vicente e Toquinha	221
Figura 159 - Postal “Meninas lendo livro” escrito por Toquinha	223
Figura 160 - Fundação do Clubinho de Leitura em 2002 – Crianças se inscrevendo	224

Figura 161 - A primeira mala de livros doados (2002)	224
Figura 162 - Toquinha, Lygia, Denise e Francisca	226
Figura 163 - Oficina “Carta Para-ti” no Paiol de Histórias	228
Figura 164 - Grupo do Paiol de Histórias	229
Figura 165 - Cássio, Denise e Renan no Clubinho de Leitura – Córrego dos Januários	230
Figura 166 - Postal de Fabrício para Cássio	231
Figura 167 - Fabrício	231
Figura 168 - Postal de Sávio para Fabrício	232
Figura 169 - Felipe	232
Figura 170 - Postal de Felipe para Jaider	233
Figura 171 - Postal do Clubinho para o Paiol	233
Figura 172 - Grupo do Clubinho de Leitura: Branca, Rita, Mirian, Jaider, Larissa, Renan, Cássio e Caio	234
Figura 173 - Francisca, Denise e grupo Paiol de Histórias – Sítio Boa Liga-Pedro do Rio, Petrópolis-RJ	234
Figura 174 - Menino vendo o livro do Projeto “Carta para-ti”	235
Figura 175 - Larissa	235
Figura 176 - “Painel dos Escritores” na sala do Clubinho de Leitura	236
Figura 177 - Lygia escrevendo postal para o Clubinho	237
Figura 178 - Postal de Lygia Bojunga para o Clubinho de Leitura	237
Figura 179 - Postal de Solange Jobim para o Clubinho de Leitura	238
Figura 180 - Postal de Sonia Kramer para o Clubinho	238
Figura 181 - Toquinha junto da estátua de Drummond, em Copacabana - RJ	239
Figura 182 - O Clubinho de Leitura no dia da inauguração	241
Figura 183 - Convite da inauguração- Arte final:Aline Jobim	242
Figura 184 - Toquinha passando barro branco no forno de barro	244
Figura 185 - José do Carmo e Tereza preparando o altar para a missa	245
Figura 186 - Adélia e Judith	245
Figura 187 - Marcela	246
Figura 188 - Larissa, Denise e Juninho	246
Figura 189 - Edervanio, Dayane, Denise, Edilaine e Janderson	247
Figura 190 - Giuliano e Vicente	247
Figura 191 - Denise, Vicente e Giuliano	248
Figura 192 - Marcela	248
Figura 193 - Toquinha	249
Figura 194 - Edervanio recebendo carta de Solange Jobim	250
Figura 195 - Igreja Matriz de Inhapim	251
Figura 196 - Elaine, Luciana, Francisca, Aparecida, Fátima. Nair, Ângela, Denise, Solange, Vicente. José Áureo e Aloysius	251
Figura 197 - Aloysius, Nair e Ângela conversam sobre Stella no Museu do Bentoca	252
Figura 198 - Grupo do Rio indo para o almoço na casa da Jupira	253
Figura 199 - Casa da Jupira	254
Figura 200 - Toquinha, Fátima, Solange, Elaine, Ângela, Vicente Barros e Luciana almoçando	254
Figura 201 - Vicente Barros, Toquinha, Ângela e Joana	255
Figura 202 - Denise conversando com o jornalista Carlos Heitor	255

Figura 203 - Grupo do Rio conhecendo a Casa de Memória e Cultura horas antes da inauguração	256
Figura 204 - Painei "Carta para-ti"	256
Figura 205 - Denise e Solange Jobim	257
Figura 206 - Balaio que compõe a sala do Clubinho de Leitura	257
Figura 207 - Denise mostrando o livro <i>Carta para-ti</i>	258
Figura 208 - Francisca, Aline Jobim, Denise e Toquinho	258
Figura 209 - Toquinho	259
Figura 210 - Procissão saindo da Capela São Januário	259
Figura 211 - Larissa, Luana, Kelly e Mayara	260
Figura 212 - Procissão indo para a Casa de Memória e Cultura	261
Figura 213 - Procissão chegando na Casa de Memória e Cultura	261
Figura 214 - Guilhermina, Denise, Bela e Adriana colocando os santos no altar	262
Figura 215 - Começa a missa	262
Figura 216 - Padre José Lucas	263
Figura 217 - Nair na missa	264
Figura 218 - Dorvalina	264
Figura 219 - O coral da missa	265
Figura 220 - Procissão do ofertório: Denise leva a dissertação até o altar	265
Figura 221 - No final da missa	266
Figura 222 - Toquinho	267
Figura 223 - Padre José Lucas, Denise e Toquinho: Abrindo o laço	268
Figura 224 - A benção da Casa	269
Figura 225 - Dia da inauguração	270
Figura 226 - Terezinha, Conceição e Elizete	270
Figura 227 - Tio Cândido	271
Figura 228 - Aline, Giliard (de costas), Dulcinéia e Marcos Paulo	272
Figura 229 - Aline, Giliard, Dorvalina, Maria do Rosário e Dulcinéia	273
Figura 230 - Aloysius, Nair, Ângela e Denise com o livro que conta a história da Fundação da Cidade de Inhapim	274
Figura 231 - Antônio Inácio, João Donato, Julio e Mônica	274
Figura 232 - Estandarte que conta a história do Seu Agenor	275
Figura 233 - Denise e Seu Agenor	276
Figura 234 - Juninho na noite da inauguração sendo entrevistado por Aurélio da TV PUC	277
Figura 235 - Estandarte e Imagem de Santana	278
Figura 236 - Edervanio, Jorge, Rita, Carlos Heitor, Aurélio, Dayane e Toquinho no dia da inauguração	278
Figura 237 - Solange Jobim, Denise, Vicente, Marcela e Giuliano	279
Figura 238 - Denise no córrego	280
Figura 239 - José Inácio	282
Figura 240 - Zito fotografando José Santiago	283
Figura 241 - José Américo lendo um dos painéis da exposição no CCBB	287
Figura 242 - Postal do Outeiro de Santa Catarina	287
Figura 243 - Sequência do negativo de abril e maio de 2008	288
Figura 244 - Matéria do jornal <i>O Globo</i> em 1 março de 2009.	288
Figura 245 - Ladeira da Misericórdia	289

Figura 246 - Toquinha e Denise	291
Figura 247 - Convite para o evento PUC PELA PAZ	300
Figura 248 - Folder do evento PUC PELA PAZ	301
Figura 249 - Estandarte “Era uma vez o Córrego dos Januários” - frente	303
Figura 250 - Estandarte “Era uma vez o Córrego dos Januários” - verso	304
Figura 251 - Estandarte “Agenor, o Contador de Histórias”	305
Figura 252 - Estandarte “Tradições de Domingo”	306
Figura 253 - Estandartes “Lembranças de Tapera” - frente	307
Figura 254 - Estandarte “Lembranças de Tapera” - verso	308
Figura 255 - Estandarte “O varal de Contos e Imagens” - frente	309
Figura 256 - Estandarte “O varal de Contos e Imagens” - verso	310
Figura 257 - Estandarte “Cesto de Memória” - frente	311
Figura 258 - Estandarte “Cesto de Memória” - verso	312
Figura 259 - Estandarte “A Luz e o Calor” - frente	313
Figura 260 - Estandarte “A Luz e o Calor” - verso	314
Figura 261 - Estandarte “Terra e Memória” - frente	315
Figura 262 - Estandarte “Terra e Memória” - verso	316
Figura 263 - Estandarte “A grafia do olhar I”	317
Figura 264 - Estandarte “A grafia do Olhar I” - verso	318
Figura 265 - Estandarte “A grafia do Olhar II” - frente	319
Figura 266 - Estandarte “A grafia do Olhar II” - verso	320
Figura 267 - Estandarte “Escolas: histórias e brincadeiras” - frente	321
Figura 268 - Estandarte “Escolas: histórias e brincadeiras” - verso	322
Figura 269 - Estandarte “Fotos Antigas” - frente	323
Figura 270 - Estandarte “Fotos Antigas” - verso	324
Figura 271 - Estandarte “Maria Hilda das Dores Souza, a Dedé”	325
Figura 272 - Estandarte “Dionísio José de Souza e Oscarina Aurélia”	326
Figura 273 - Estandarte “Carta para-ti” - frente	327
Figura 274 - Estandarte “Carta para-ti” - verso	328
Figura 275 - Painei “Carta para-ti”	329
Figura 276 - Painei “Clubinho de Leitura”	330
Figura 277 - Painei “Maria de Minas”	331
Figura 278 - Denise e Solange na noite de inauguração da Casa de Memória e Cultura	338
Figura 279 - Toquinha e Denise	340

# 1 Introdução

*Se alguém colhe um grande ramallete de narrativas orais, tem pouca coisa nas mãos. Uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu. A pedra de toque é a leitura crítica, a interpretação fiel, a busca do significado que transcende aquela biografia: é o nosso trabalho, e muito belo seria dizer, a nossa luta.*

*(Ecléa Bosí, 2003a, p.69)*

Este trabalho narra um percurso de pesquisa<sup>1</sup> pela memória do Córrego dos Januários, pequeno povoado situado à cerca de oito horas do Rio de Janeiro, na região leste de Minas Gerais, município de Inhapim.

Cheguei pela primeira vez no Córrego dos Januários em abril de 2001. Levava comigo uma câmera fotográfica e o desejo de acompanhar Maria de Lourdes Souza, a Toquinha, na desafiadora e enigmática missão de registrar casas, histórias e costumes ameaçados de desaparecer no lugar onde ela nasceu e viveu grande parte de sua vida, e que se constitui fonte de sua inspiração como escritora.

Não podia então imaginar que aquela seria a primeira de uma série de viagens às roças de Minas e que as imagens grafadas por meus olhos dariam início a um processo de recuperação da história do Córrego dos Januários, uma comunidade onde vivem os descendentes de Joaquim Januário de Souza, que fundou o povoado em 1867. A chegada da luz elétrica e da televisão, em 1984, provocou mudanças que afetaram a convivência e a troca de experiências entre os habitantes desse vale no interior das Gerais. Com isso, a memória coletiva foi deixando de ser compartilhada.

Segundo Le Goff (2003), o conceito de memória é crucial e cercado por leituras de diversas áreas do conhecimento:

A memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Deste ponto de vista, o estudo da memória abarca a psicologia, a

---

<sup>1</sup> A pesquisa teve início em 2002 e resultou na dissertação de mestrado “Por uma estética da delicadeza: Ressignificando contos e imagens nas roças de Minas”, Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2004. Em 2005, retornei à Minas para dar continuidade como projeto de doutorado na consolidação da casa de memória e cultura do Córrego dos Januários.

psicofisiologia, a neurofisiologia, a biologia e, quanto às perturbações da memória, das quais a amnésia é a principal, a psiquiatria (p.419-420).

Na análise do autor, os desenvolvimentos da cibernética e da biologia também enriqueceram a noção de memória: “Fala-se da memória central dos computadores, e o código genético é apresentado como uma memória da hereditariedade” (Le Goff, 2003, p.422).

Nossa investigação em torno da memória e desmemória do Córrego dos Januários dialoga com o campo das ciências sociais, pois, segundo Le Goff (2003),

A amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença da personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva (p.421).

Em “Memória Coletiva e Teoria Social”, Myrian Sepúlveda dos Santos (2003) chama a atenção para o “pesadelo da amnésia coletiva”:

Podemos dizer que a memória enquanto aprendizado se perde no mundo da informação. A partir da substituição do artesão pelo operário de fábrica, o trabalho se reduz a atos mecânicos e repetitivos sem que seja necessário para o desenvolvimento das atividades previstas o aprendizado acumulado durante a vida. O tempo se desvincula de experiências de vida, torna-se autônomo, regulado, impessoal e passa a exercer controle sobre os passos de cada um. O fim da tradição oral e o surgimento da escrita também apontam a perda de transmissão de conhecimento e valores entre gerações. A memória, que é transmitida por textos, objetos, pedras, edifícios e máquinas, embora dê a impressão de preservar o passado em sua totalidade, reproduz apenas parte do que foi vivenciado anteriormente (p.19).

Santos (2003), ao refletir sobre a perda da memória, refere-se, em diálogo com Hannah Arendt, à perda de elos comunitários e do aprendizado contínuo que se adquire ao longo do tempo e através de vínculos pessoais.

A memória representa, para Arendt, o reverso da experiência que transcende o mundo que a constitui, pois ela é sempre a condição da inserção dos indivíduos no espaço e tempo. A memória, percepção do “agora” que se situa entre passado e presente, seria a forma de experiência que tornaria possível a ação individual responsável, aquela que tem por finalidade a defesa do bem comum (p.20).



Toquinha adverte para a amnésia coletiva que ameaça seu povoado. Ela e os moradores querem resistir à “roda-viva” de um progresso que caminha sem olhar para trás. Contra uma concepção previsível e fatalista da História, os Januários querem ter “voz ativa” e traçar outro destino. Nossa tarefa é ajudá-los, e para isso tomamos um curso de memória mais denso, profundo, em que indivíduos atuam no mundo, conscientes do lugar histórico que ocupam (Santos, 2003).

Assim, em julho de 2002 iniciei, junto com Toquinha e a comunidade, um processo escavatório buscando revolver do solo a memória e a história que parecia estar ameaçada pelo desaparecimento, mas que em toda parte insistia em deixar seus rastros. Por meio de uma estratégia teórico-metodológica baseada numa perspectiva sócio-histórica e crítica da cultura, seguia os rastros da memória, optando por um caminho que possibilitasse o encontro, a narrativa e a troca de experiências, tendo em Walter Benjamin (1892-1940) uma referência fundamental. Com Benjamin, fomos ao encontro do passado sabendo que aquilo que emerge das escavações só é possível de ser alcançado quando nosso olhar se fixa sobre o presente e entra em diálogo com os acontecimentos cotidianos.

#### Escavando e Recordando

Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador” (Benjamin, 1995, p.239-240).

Ao revolver o solo dos “Januários”, buscamos a memória e a história, e para isso foi preciso evocar exatamente o que estava ameaçado de se perder: a arte de narrar.

Os conceitos de narrativa e experiência em Walter Benjamin (1994) me parecem de extrema relevância para nossas reflexões. Mas o que diz Benjamin sobre a experiência? Identificando-a como “traço cultural enraizado na tradição”, ele mostra o caráter medíocre da experiência no mundo moderno (Kramer, 1994, p.52) e adverte que “as ações da experiência estão em baixa”:

(...) Sabia-se exatamente o significado da experiência: ela sempre fora comunicada aos jovens. De forma concisa, com a autoridade da velhice, em provérbios; de

forma prolixa, com a sua loquacidade, em histórias; muitas vezes como narrativa de países longínquos, diante da lareira, contadas a pais e netos. Que foi feito de tudo isso? Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração? Quem é ajudado, hoje, por um provérbio oportuno? Quem tentará, sequer, lidar com a juventude invocando sua experiência? (Benjamin, 1994, p.114).

O declínio da experiência no mundo moderno leva, segundo Benjamin (1994), ao desaparecimento da arte de narrar, pois a narrativa emerge da vida, é banhada na experiência. Há um forte elo entre a arte de narrar e a arte de trocar experiências, pois “o narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam” (Bosi, 1994, p. 84).

Segundo Benjamin, a perda da experiência está ligada à transformação dos homens em autômatos. Para romper com essa condição, o autor ressalta a necessidade da rememoração, o que “implica encontrar a História a partir das experiências e da memória fragmentadas, recuperando a capacidade do homem de torná-las comunicáveis em narrativas” (Kramer & Jobim e Souza, 2003, p.15).

Essas narrativas são “plantadas” no ouvinte, pois é na escuta que a experiência deve se enraizar. Contar histórias, alerta-nos Benjamin (1994), “sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas” (p.205).

Contudo, se a arte de narrar está em extinção, a memória individual e a coletiva também estão ameaçadas. E assim, privado de sua experiência, o homem moderno perde o fio da história, se desconecta da tradição. Nesse processo a memória vai aos poucos se perdendo, e o homem não se percebe mais parte da história, como também nos diz a psicóloga social Ecléa Bosi (1994):

O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação. A comunicação em mosaico reúne contrastes, episódios díspares sem síntese, é a histórica, por isso é que seu espectador perde o sentido da história (p.87).

Toquinha não aceita a desmemória como o destino de sua gente. Ela e os demais habitantes do Córrego querem contar sua história para que ela não morra. Nossa tarefa é ajudá-los, como já anunciado.

Os conceitos de experiência e de narrativa ajudam a compreender os processos culturais e educacionais e seus impasses e contribuem para práticas de formação que abram o espaço à narrativa de modo que crianças, jovens, adultos, velhos possam falar do que vivem, viveram, assistiram, enfrentaram e possam encontrar – coletivamente – sentidos perdidos, dar novos sentidos, refazer a sua própria história, reconciliar-se (Kramer, 2004, p.57-58).

Os conceitos de experiência e narrativa em Benjamin são de extrema relevância neste trabalho, mas também é importante destacar aqui seu conceito de história. Rompendo com uma visão evolucionista, em que a vida humana se movimenta em linha reta, Benjamin concebe a história baseada no entrecruzamento entre passado, presente e futuro. Assim, ele vê o passado como obra inacabada, na qual a história pode ser constantemente refeita e recontada.

Benjamin se coloca, portanto, contra o historicismo, pela história; contra a história oficial, pela reescrita de uma história que jamais vê como acabada; pelo resgate de uma memória reconstrutora das experiências significativas do passado; contra a história contínua, pelas insignificâncias; contra a ideologia do progresso e da história infinitamente repetida, por um futuro que não conheça regressão à barbárie (Kramer, 1994, p.50).

A tarefa benjaminiana traz uma dimensão política, pois o esquecimento do sofrimento do Holocausto pode levar à repetição da barbárie, à banalização do horror. O desejo de despertar a história é uma ação política para que a história não repita a barbárie, pois para Walter Benjamin (1994) “nem os mortos estarão em segurança se o inimigo vencer”:

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo “como ele de fato foi”. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (...) O dom de despertar no passado às centelhas da esperança é privilégio exclusivo do historiador convencido de que também os mortos não estarão em segurança se o inimigo vencer. E esse inimigo não tem cessado de vencer (p.224-225).

Segundo Marcio Seligmann-Silva (2003), a teoria de história em Benjamin “é sobretudo uma teoria da memória”.

Contra o historicismo – que apenas reproduz a alienação entre a experiência e o indivíduo moderno –, Benjamin reafirmou a força do trabalho da memória: que a um só tempo destrói os nexos ( na medida em que trabalha a partir de um conceito forte de presente) e (re)inscreve o passado no presente. Essa nova “historiografia baseada na memória” *testemunha* tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do *presente* (p.389).

A diminuição da convivência, o declínio da experiência e da arte de narrar estão fortemente entrelaçados em nosso contexto de pesquisa. O silenciar dos mais velhos também aparece como reflexo de uma sociedade marcada pela competição e pelo individualismo. Ecléa Bosi (1994) nos ajuda nesta reflexão:

Além de ser um destino do indivíduo, a velhice é uma categoria social pois cada sociedade vive de forma diferente o declínio biológico do homem. (...) Quando se vive o primado da mercadoria sobre o homem, a idade engendra desvalorização (p.76-77).

Como pesquisadora-psicóloga, coloquei-me na escuta das insatisfações narradas pelos Januários mais velhos, cujo presente se esvaziava diante de uma visão polarizada do passado, que era visto de forma ora idealizada, ora desvalorizada. E compreendi que uma “historiografia baseada na memória” dos Januários poderia revitalizar o presente. Enquanto rememoram, os mais velhos tecem uma narrativa e experimentam a alegria de compartilhar sua própria história, que está sempre ligada a uma história maior, o que possibilita ao ouvinte o contato com um outro tempo. Quando encontram uma escuta sensível, essa rememoração lhes dá sentido e engrandece não só a sua vida mas também a de quem pôde ouvi-la. Quando não há espaço para esse rememorar, quando não reconhecemos no velho o guardião da experiência, da tradição, quando ao contrário concebemos a velhice pela falta, pelo desvalor, o velho se encolhe e “este encolhimento é uma perda e um empobrecimento para todos. Então, a velhice desgostada, ao retrain suas mãos cheias de dons, torna-se uma ferida no grupo” (Bosi, 1994, p.83).

Ao transitarmos por um tempo entrecruzado, buscamos romper com conceitos padronizados, que aprisionam crianças e idosos numa perspectiva da falta, do desvalor, sendo as crianças concebidas pelo que ainda não são e os mais velhos pelo que deixaram de ser. Nessa visão, aqui criticada, o presente não dialoga nem com o passado nem com o futuro, condição essencial para que as crianças e os mais velhos se coloquem como sujeitos “da” e “na” história. Na perspectiva de tempo linear e sem desvio, as crianças ficam encarceradas no futuro, no vir a ser, enquanto os adultos mais velhos no passado, no já vivido.

Na dimensão de tempo entrecruzado, a infância, a idade adulta e a velhice deixam de ser percebidas de maneira linear para serem concebidas como

categorias sociais, históricas e culturais. Benjamin nos ajuda a pensar a relação de alteridade entre as crianças e os mais velhos, pois nos fala de uma criança produtora de cultura, que vê o mundo com seus próprios olhos, e nos lembra que o idoso é o guardião da tradição e da experiência (Pereira & Jobim e Souza, 1998).

O que se busca no Córrego dos Januários é a quebra da sina da mesmice, da impossibilidade de fazer diferente. Para isso precisamos dialogar com os mais velhos, que trazem a ponte com a memória e com a história, e também dialogar com as crianças, que possibilitam que novos sentidos estejam sempre em cena, pois “neste encontro das gerações elucida-se o enigma da vida na grande temporalidade, ou seja, a vida é repetição e transformação” (Jobim e Souza, 2003b, p.112).

Com Benjamin (1995), vamos ao encontro do passado sabendo que aquilo que emerge das escavações só é possível pela experiência do presente. Para além de dados e informações, as escavações nos remetem ao encontro com a linguagem, possibilitando a construção de uma perspectiva crítica e a ressignificação de um passado que, ao dialogar com o presente, o ilumina e o faz transformar, “entregando aquilo que recompensa as escavações” (p.240). A imagem de uma “arqueologia da memória” nos inspirou em nossa construção metodológica na qual compreendemos, com Seligmann-Silva (2003), que

O arqueólogo benjaminiano não sai mais leve do seu trabalho de escavação nas ruínas do tempo. Mas é a partir dos seus achados - dos torsos aí descobertos - que ele constrói a sua morada do presente e entrevê a do futuro (p.408).

Todo esse processo de “escavar e recordar” envolveu a realização de oficinas de fotografia e memória com o objetivo de construirmos, junto com os habitantes do Córrego dos Januários, um acervo de “contos e imagens” para assegurar o registro da história do povoado. Como pesquisadora-arqueóloga, procurei escavar aquelas terras não só em busca da memória, mas também tentando compreender o que levava o Córrego a ter ameaçados de extinção valores e costumes que marcavam a sua identidade.

É no resgate do princípio da alteridade que essas narrativas foram se construindo no Córrego dos Januários, onde o abismo entre crianças, adultos e os mais velhos foi sendo entremeado de histórias, partilhas de tradições, risos, cantigas de roda... As diferentes gerações se encontraram, construindo uma

subjetividade permeada pelo intercâmbio de seus diferentes olhares e saberes, no qual a alteridade de cada um não só é valorizada mas também compreendida numa perspectiva mais ampla, e o fortalecimento da identidade se dá nas dimensões singular e coletiva:

(...) o diálogo do adulto com a criança depende, num certo sentido, do diálogo do adulto com seu passado, sua infância. Mesmo as histórias primeiras, as histórias da nossa infância, só existem como relatos trazidos por outrem. Aquilo que ouvimos sobre nossa infância torna-se nosso passado. Portanto minha própria história é construída e partilhada por elementos que estão presentes na memória de outra pessoa. Nesse sentido, não só a memória é uma prática social como a identidade é construída entre sujeitos. Cada história individual está inevitavelmente enredada em várias histórias, formando a dimensão coletiva de cada existência pessoal (Pereira e Jobim e Souza, 1998, p.40).

Reverenciar a sabedoria e a experiência dos mais velhos possibilitou que essa alteridade fosse ouvida. É exatamente essa rememoração que buscamos no Córrego dos Januários, ouvindo as histórias dos mais velhos; narrativas que, como lindamente nos lembra Bosi (1994), assemelham-se a uma obra de arte:

Um mundo social que possui uma riqueza e uma diversidade que não conhecemos pode chegar pela memória dos velhos. Momentos desse mundo perdido podem ser compreendidos por quem não os viveu e até humanizar o presente. A conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda: repassada de nostalgia, revolta, resignação pelo desfiguramento das paisagens caras, pela desaparecimento de entes amados, é semelhante a uma obra de arte. Para quem sabe ouvi-la, é desalienadora, pois contrasta a riqueza e a potencialidade do homem criador de cultura com a mísera figura do consumidor atual (p.82).

O inconformismo de Toquinha diante da ameaça do desaparecimento das histórias de sua gente deu início a todo esse processo. Da produção das imagens e das histórias escavadas e criadas coletivamente surgiu o desejo de construirmos uma casa de abrigo das memórias. Um lugar que servisse para acolher os verdadeiros tesouros que permanecem depois da vida breve, e que são as pistas deixadas para que as novas gerações possam dar continuidade às suas e às nossas histórias. Em um mundo cada vez mais pleno de “não-lugares”, onde as materialidades se deslocam e desaparecem com muita rapidez, mais do que nunca é necessário perseverar, criar lugares onde as coisas, as imagens, as palavras, os pensamentos possam ter sua morada, um lugar onde as materialidades criadas pelos homens possam habitar o futuro. Assim, a Casa de Memória e Cultura do

Córrego dos Januários foi idealizada com o objetivo não só de abrigar acervos de palavras, imagens e pensamentos, mas também de ser um espaço de convivência e de novas possibilidades de criação coletiva, de encontro em torno das múltiplas possibilidades de narrativas e materialidades que ali se revelaram, por meio da fotografia, da história contada, da história escrita, da música, dos sanfoneiros, dos violeiros, da culinária, das brincadeiras, do teatro e muito mais...

A Casa de Memória e Cultura pretende ser principalmente a morada da imaginação e dos desejos dos habitantes do Córrego dos Januários, mas também a morada das histórias dos forasteiros que por lá cruzarem, deixando suas lembranças, transformando seus sonhos e experiências em histórias dignas de serem contadas para as próximas gerações.

Ao longo de todo este trabalho, procuraremos narrar todo o processo de elaboração e consolidação da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários, inaugurada no dia 30 de agosto de 2008. A escritura deste texto se processa na busca de construção de conhecimento que tem como método o desvio, como nos diz Benjamin (1995):

Sinal secreto: Transmite-se oralmente uma frase de Schuler. Todo conhecimento, disse ele, deve conter um mínimo de contra-senso, como os antigos padrões de tapete ou de frisos ornamentais, onde sempre se pode descobrir, nalgum ponto, um desvio insignificante de seu curso normal. Em outras palavras: o decisivo não é o prosseguimento de conhecimento em conhecimento, mas o salto que se dá em cada um deles. É a marca imperceptível da autenticidade que os distingue de todos os objetos em série fabricados segundo um padrão (p.264).

Seguindo o caminho benjaminiano do desvio como metodologia, buscamos produzir um conhecimento que se tece na interação com o outro, que não é estático, linear, mas que ao contrário se sabe inacabado, impermanente e sempre aberto a novos sentidos. Para isso não podemos esquecer o olhar alegórico, aquele que não se fixa em padrões ou formas habituais de ver as coisas da vida, mas que se abre ao desvio, à busca de novos significados. Um olhar que está livre para ressignificar-se a si mesmo, ao outro, às múltiplas instâncias da vida, pois, “na alegoria, o elo com o significado é fruto de uma laboriosa construção intelectual e remete sempre a uma pluralidade de possíveis interpretações” (Jobim e Souza, 1997, p.340).

Tomando como imagem alegórica o córrego/rio ao longo de todo o percurso de memória pelo Córrego dos Januários, iniciamos o capítulo 1 com um enunciado: “Por um rio de memória”. Neste capítulo, é narrado como conheci Maria de Lourdes Souza e como cheguei a Minas Gerais. Vamos, em diálogo com Walter Benjamin, Maurice Halbwachs (1877-1945), Ecléa Bosi, Michael Pollak (1948-1992), Hannah Arendt (1906-1975) e Mikhail Bakhtin (1895-1975) “descobrir” a história, por meio de oficinas que propiciam o encontro entre crianças e adultos, e tecendo uma análise desse material escavado no processo de construção da Casa de Memória e Cultura em diálogo constante com os Januários.

No segundo capítulo, a dicotomia entre cidade e roça emerge, e com a interlocução de Boris Kossoy, a experiência com a fotografia se apresenta como uma intervenção do olhar. Caracteriza-se a estratégia metodológica utilizada como uma modalidade de pesquisa-intervenção. Com base nos autores indicados, situa-se a presença do pesquisador no campo como sujeito da experiência (Larrosa, 1998). O sujeito da experiência é aquele que se deixa afetar pelo encontro com o outro, buscando não só compreendê-lo, mas também aprender com ele. Portanto, nosso trabalho se dá no entrelaçamento de imagens e narrativas. E é na interação imagem-palavra e palavra-imagem que buscamos romper com a busca de um sentido fixo para o que vemos, propondo uma metodologia que, ao contemplar as perspectivas dialógica e alteritária, se dá conta, permanentemente, de que o sentido é construído “com” o outro e não “sobre” o outro.

O pesquisador sujeito da experiência não abre mão do rigor nem do encontro com o enigma, com a surpresa, com o inesperado durante sua incursão no campo. É nessa tensão que ele/nós caminhamos. O conceito de rigor aqui também se sustenta no acolhimento do inesperado, na fidelidade ao estranho, ao bizarro, aquilo que a lógica estritamente racional pede para descartar. Pois em nosso caminhar em desvio optamos por construir um conhecimento em diálogo com a experiência sensível, capaz de abarcar outras lógicas nem tão lineares nem previsíveis. Ainda neste capítulo, nos deparamos com uma dimensão onírica em nossa perspectiva metodológica. Nesse processo nos encontramos com o Rio de Janus, um rio de memória bem mais profundo do que poderíamos imaginar.

No capítulo 3, intitulado “Carta para-ti: o rio que corre”, narramos nossa experiência com o “Carta para-ti”, um projeto de memória itinerante que se revelou não só uma estratégia teórico-metodológica essencial para consolidarmos



a Casa de Memória e Cultura, mas também nos mostrou o quanto um córrego pode se alargar ao correr para águas mais distantes.

“O Córrego de Histórias: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários” é o título de quarto e último capítulo. Aqui, será dado enfoque ao trabalho desenvolvido em parceria com o professor Luís Vicente Barros, do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, com apoio da Vice-Reitoria Comunitária da mesma instituição. Este capítulo tem como assunto o processo de preparação da casa envolvendo o professor Vicente Barros e a comunidade, assim como uma discussão dos arcabouços teóricos que alicerçam a Casa de Memória e Cultura. Nesse cenário, Paul Ricoeur (1913-2005), Paul Thompson, Mario Chagas e Myriam Sepúlveda dos Santos são alguns dos autores que nos acompanham.

Entre os conceitos principais que atravessam todo o percurso deste trabalho está o de testemunho, partindo dos estudos de Jeanne Marie Gagnebin e Marcio Seligmann-Silva. Ainda no capítulo 4, narra-se o grande dia da inauguração da Casa de Memória e Cultura e onde estarão em foco alguns depoimentos que se mostram testemunhos de um momento especial na história não só do Córrego dos Januários mas de todos nós que participamos dessa jornada.

“O rio quer chegar a ser mais grosso, mais fundo”, nos diz João Guimarães Rosa (2001). Por isso, nossa narrativa é atravessada por um percurso labiríntico, em que também os sonhos fazem andar. A pesquisadora, em diálogo com Michael de Certeau (1925-1986), Walter Benjamin, Maurice Halbwachs e Michael Pollak, se arrisca a navegar por um rio subterrâneo, de memórias recalçadas, de rastros e restos que resistem...

Este é um texto polifônico, no qual sem dúvida coexistem múltiplas vozes<sup>2</sup>. Como pesquisadora-narradora, tento encarnar uma tecelã de imagens<sup>3</sup> e palavras. Assim, é importante destacar que as vozes do Córrego dos Januários participam intensamente deste mosaico. Este trabalho, como já disse, narra um percurso de memória. Convido agora você leitor a me acompanhar por essa travessia.

---

<sup>2</sup> Ao longo de toda a narrativa alternarei o “eu” e o “nós”. Em muitos momentos, trata-se de um percurso onde a singularidade da pesquisadora se coloca. Em outros, o uso da primeira pessoa do plural é mais adequado na medida em que expressa mais fielmente a parceria com Toquinho e os “Januários”, assim como reflete a presença das idéias discutidas com Solange Jobim e o membros do GIPS (Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Subjetividade) ao longo da construção teórico-metodológica que fundamentou todo o processo de pesquisa-intervenção.

<sup>3</sup> É importante destacar que todas as fotos que estão sem crédito foram feitas pela pesquisadora.

## 2 Por um rio de memória



Figura 1 - Maria de Lourdes no balanço

*“Entre os atributos mais surpreendentes da alma humana”, diz Lotze, “está, ao lado de tanto egoísmo individual, uma ausência geral de inveja de cada presente com relação a seu futuro”. Essa reflexão conduz-nos a pensar que nossa imagem da felicidade é totalmente marcada pela época que nos foi atribuída pelo curso da nossa existência. A felicidade capaz de suscitar nossa inveja está toda, inteira, no ar que já respiramos, nas mulheres que poderíamos ter possuído. Em outras palavras, a imagem da felicidade está indissolivelmente ligada à da salvação. O mesmo ocorre com a imagem do passado, que a história transforma em coisa sua. O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. Pois não somos tocados por um sopro do ar que foi respirado antes? Não existe, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram? Não têm as mulheres que cortejamos irmãs que elas não chegaram a conhecer? Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo. Esse apelo não pode ser rejeitado impunemente. O materialista histórico sabe disso.*

*(Walter Benjamin, 1994, p.222)*

## 2.1

### O apelo de Maria de Lourdes Souza, a Toquinha

Conheci Maria de Lourdes Souza, a Toquinha, em 1997<sup>4</sup>. Na manhã de 3 de dezembro, Luana, mãe de Natalie, uma aluna da escola em que eu trabalhava, me fez um convite que me colocaria mais tarde nas trilhas da memória de uma pequena roça em Minas Gerais: o Córrego dos Januários. Ao saber do meu interesse pela formação de babás e berçaristas<sup>5</sup>. Luana me chamou para o lançamento de um livro de contos, crônicas e poesias em que Maria de Lourdes, que a ajudara durante muitos anos a cuidar de sua filha, fazia parte como escritora.

Ela me falou de Toquinha com muito carinho e admiração. Fiquei imediatamente empolgada com a possibilidade de conhecer uma babá-escritora, que exercia a paixão pela literatura, pela escrita, e fui conhecê-la. Conversamos um pouco. Falei-lhe do meu trabalho e de como me sentia feliz por estar ali. Parecendo ao mesmo tempo contente e surpresa pelo interesse que eu visivelmente demonstrava, ela me contou que nascera no interior de Minas, no município de Inhapim, onde vivera até o início da vida adulta. Depois veio para o Rio de Janeiro, onde trabalhou primeiro como professora na educação infantil e no Ensino Fundamental, e depois na casa de Luana e Natalie, que incentivavam muito a sua intensa relação com a palavra.

Naquele mesmo dia li a crônica “Amor de viajante”, incluída no livro, e logo fiquei seduzida pela escrita sensível e poética de Maria de Lourdes. Telefonei para lhe transmitir minhas impressões. Depois disso passamos alguns meses sem contato, até que em meados de 1998 ela me ligou dando as boas novas: estava terminando de escrever seu primeiro livro de contos! Pedia-me para lê-lo e, se possível, fazer um comentário por escrito para entrar na contracapa do livro.

Aceitei a proposta sem hesitar e me encantei com a beleza daqueles textos, inspirados na sua infância vivida no Córrego dos Januários. O livro *Dicionário de Lembranças*, com prefácio de Ziraldo, foi lançado em dezembro de 1998.

---

<sup>4</sup> GUSMÃO, Denise, 2004, p. 24-32.

<sup>5</sup> Nesta época, eu estava terminando de escrever uma monografia para a conclusão do curso de Especialização em Educação Infantil na PUC-Rio, em que estudava a qualificação do profissional de creche tendo como foco a formação das auxiliares e berçaristas. Ver: GUSMÃO, Denise Sampaio. Formação do profissional de creche: dialogando com auxiliares e berçaristas. In: KRAMER, Sonia *et al.* (Orgs.). *Educação Infantil em Curso*. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

A jovem que deixou a roça em 1987, muito sofrida com a morte dos pais, veio morar no Rio de Janeiro, mas manteve os laços com suas raízes, tornando-se uma escritora das “roças de Minas”. Ela aos poucos compreendeu que, ao sair do povoado, foi possível vê-lo à distância e dar-lhe ainda mais valor. Por isso não foi difícil perceber sua missão diante da ameaça que pairava sobre o destino dos Januários.

Em 1999, vimo-nos poucas vezes. Reencontramo-nos alguns meses depois, quando organizei um sarau na minha casa para a leitura de contos e poesias. Maria de Lourdes trouxe os seus contos mais recentes. A partir daí estabeleceu-se maior contato entre nós, e entre ela e um grupo de amigos meus. Alguns deles já conheciam seu livro. Todos gostávamos particularmente de um dos contos, chamado “Felicidades – Um passeio à beira-mar”, inspirado na convivência de Maria de Lourdes com sua Tia Fiinha (D. Felícia, personagem principal do conto); esse conto nos tocou e toca profundamente.

No final de 2000, Toquinha me procurou. Tinha voltado recentemente do Córrego dos Januários e estava preocupada, pois a casa de D. Felícia, que já havia falecido há algum tempo, ameaçava ruir. Ninguém sabia quanto tempo ela ainda ficaria de pé, e Toquinha se dava conta de que não possuía nenhum registro da casa que havia sido sua fonte de criação. Além disso, começava a notar que os contadores de histórias estavam envelhecendo, e tinha medo de que as histórias morressem com eles, já que cada vez menos se contavam histórias por lá.

Pensei então em ir junto com ela até o Córrego, para fotografarmos e filmarmos a casa de D. Felícia e gravarmos as histórias de Seu Agenor, talvez o mais antigo e importante contador de histórias da região, morador de Inhapim. Fiquei sabendo que inhapim é o nome de um pássaro que vivia por lá há muitos anos e deu nome à cidade. Só que hoje já não se vê mais o inhapim naquela região, e ele faz parte da lista dos pássaros em extinção.

Ouvindo Maria de Lourdes contar tudo aquilo, comecei a achar que era coisa demais ameaçada de desaparecer.

A idéia de ir a Minas mexeu com nosso grupo de amigos, pois a casa de D. Felícia já integrava o nosso imaginário. Assim, conhecer o Córrego dos Januários, palco de *Dicionário de Lembranças* e cenário de onde brotou a matéria-prima de seus contos, era uma idéia muito atraente.

Começamos então a planejar a viagem. Decidimos que iríamos gravar, fotografar e filmar o que ela quisesse. Como nenhum de nós tinha experiência em filmagem, convidamos um amigo que trabalha com vídeo no Rio Grande do Sul para nos acompanhar. Brenno logo se envolveu com a idéia, falando-nos da necessidade de elaborar um roteiro, e pediu que lhe mandássemos o livro *Dicionário de Lembranças*.

Em razão disso, em fevereiro de 2001 a escritora resolveu ir novamente até o Córrego dos Januários contar nossas intenções à comunidade. Antes de viajar, pedi-lhe que fizesse a seguinte pergunta a alguns moradores de lá: “Há alguma coisa, além do pássaro inhapim, ameaçada de extinção por aqui?” Pedi também que ela gravasse as respostas, pois eu estava intrigada com o tema, que se delineava aos poucos em minha mente. Afinal, iríamos fazer registros de vozes e imagens porque muita coisa ali estava ameaçada de desaparecer, e eu me perguntava o que pensavam os moradores do lugar. Queria saber se também eles percebiam costumes pouco a pouco sendo esquecidos, como Maria de Lourdes constatava, ou se tinham outra percepção dessa realidade. Fiquei aguardando o seu retorno, esperando que essas falas nos dessem pistas, mostrassem rastros e apontassem as trilhas que deveríamos seguir.

E foi exatamente o que aconteceu. Ela voltou contando que conversou com algumas pessoas e todos notavam que a convivência estava cada vez mais rara:

***Argeu (46 anos):** Nos tempos passados o meu pai te visitava, visitava o seu pai. Quando meu pai chegava na sala ficava conversando com seu pai. Minha mãe passava pra cozinha e ia conversar com sua mãe, a comadre lá. E os meninos, suas irmãs e meus irmãos, iam pro terreiro brincar. A comadre pra comadre, o compadre para o compadre, né? E isso acabou. Às vezes a televisão, uma novela tirou isso.*

***Juca (45 anos):** Naquela época não tinha TV, não tinha nada. Começava ir na casa dos parentes, vamos supor o compadre, amigos. Depois começou a aparecer os rádios, e já começou as dificuldades. Lembro quando o Tio Isalino comprou rádio. Ia todo mundo lá pra casa do Tio Isalino assistir aquele programa caipira. Já começou a afastar um pouco as visitas. As visitas familiares começaram a diminuir um pouquinho por causa do rádio, né? O rádio começou a atrapalhar o convívio. Aí depois apareceu a televisão, aí que descambou mesmo.*

Ouvindo Toquinho falar, notei que os adultos hoje na faixa de 30 a 50 anos tinham vivido intensamente as brincadeiras, histórias e cantigas de roda, e lembravam o quanto era comum uns visitarem os outros e estarem juntos numa dança ou ouvindo uma história, como nos conta Seu Agenor, 70 anos:

(...) *A gente lembra, a gente tem saudade. A gente morava tudo junto assim. À noite assim, no tempo de frio tinha sempre um fogo assim na cozinha, na beira do fogão. Sentava ali, Maria costumava fazer uns bolinhos pra nós, uma broa, e aí eu contava história pra eles. Contava muita história. Mesmo fora assim, eles me chamavam pra contar. Mas depois foi acabando tudo, a televisão foi montando em cima. (...) Fica tudo entretido com a televisão, essa bobajada, e num pede. Se o sujeito pedir, vai lá contar uma história, é pra prestar atenção, né? Prestar atenção naquilo, botar sentido. Mas a gente contar uma história, outro tá contando um caso ali, num tá prestando atenção.*

Fiquei então sabendo que a luz elétrica só chegara no Córrego dos Januários em 1984<sup>6</sup>, mudando sensivelmente a partir daí a vida da comunidade. Isso explicava por que Toquinha, com 41 anos em 2009, tinha vivido uma infância tão intensa em costumes e tradições.

**Toquinha:** *Percebi a necessidade de fazer alguma coisa pelo Córrego dos Januários porque nas minhas viagens de férias em que eu ia para lá, já morando no Rio de Janeiro, eu sentia que aquele lugar tinha uma importância grande demais para mim. Eu nunca consegui ficar mais de um ano sem voltar lá. Ali estavam minhas histórias, minhas referências, minha família, mesmo sem os meus pais. E eu sentia que as nossas histórias precisavam ser contadas. Nossa simplicidade tinha um enredo que me constituía, e deixar aquilo se acabar ou perder a importância era como eu perder a minha própria essência. Foi um sentimento com o qual eu não conseguia lidar, pois ficava só o sentimento de impotência. Eu via as coisas acontecendo e não conseguia fazer nada. O isolamento e a tristeza das pessoas eram muito evidentes. As pessoas estavam muito descontentes, e muitos que moravam fora diziam que não queriam mais ir lá porque não encontrariam mais as pessoas mais velhas, com quem tinham ligações afetivas, e as casas, as histórias estavam acabando. O elo entre eles e o Córrego estava se partindo. E eu também me sentia assim, mas havia algo que me pedia para reagir. E eu não sabia como. Toda a nossa referência afetiva passava pelo aspecto cultural, pelo menos na minha percepção. As queixas eram: não tem mais as pessoas mais velhas, não tem mais forró, ninguém toca mais sanfona, as rezas estão desanimadas e com pouca gente na capela, a gente não se visita mais, estamos muito isolados. E a questão ambiental se colocando de forma muito evidente com a diminuição das águas, das matas e a diminuição da água do córrego que estava, e ainda está, poluído com o despejo de esgoto. Eu ouvia muitas queixas de depressão, de pessoas sendo medicadas. Eu também já não estava querendo mais ir lá. E foi aí que me deu medo de perder a minha própria história. Eu tinha visto e vivido coisas tão bonitas ali que era muito difícil admitir que aquilo morreria com meu distanciamento de lá. Eu sei que foi fundamental ter saído de lá para perceber essa transformação. Cada vez que eu chegava me sentia sozinha lá, não tinha muita afinidade com meus primos, parecia estar incomodando. Eu percebia como era diferente quando meus pais eram vivos e chegava um dos irmãos do meu pai ou da minha mãe, ou outra visita. Quando chegava visita na nossa casa era uma alegria imensa. Minha mãe cozinhava comidas mais gostosas, preparava a casa para recebê-los, tudo dentro da nossa simplicidade. A nossa casa era lugar de muita visita, mesmo das pessoas da*

---

<sup>6</sup> Em 12 de outubro de 1984, Toquinha pronunciou o discurso que saudou a chegada da luz elétrica no Córrego dos Januários.

*comunidade. Depois que eles morreram isso acabou. E isso era muito difícil para eu entender. Fazia-me falta aquela atmosfera afetiva. E passava pela necessidade do encontro, de estar junto de pessoas queridas. E essa transformação maior se deu com a chegada da luz elétrica, e isso me intrigava demais. Eu acreditava que nós teríamos que aprender a conviver com o progresso sem sermos engolidos por ele.*

Toquinha, que em 1984 esteve não só presente no evento que marcou a chegada da luz elétrica nos Januários mas também escreveu e pronunciou o discurso, olhava criticamente para as conseqüências da luz no Córrego. Começava a emergir a dicotomia luz e calor tão presente na arqueologia da memória do povoado mineiro.

No final de abril de 2001, eu e um grupo de amigos composto por Claudia Bandeira (historiadora e educadora), Deborah Alexander (analista de sistemas), Deodato Rivera (escritor e filósofo) e Brenno de Britto (cinematógrafo) viajamos a Inhapim para nos juntar a Toquinha em busca do registro da memória do Córrego dos Januários, que parecia estar lentamente escapando dali.

Toquinha organizou com a comunidade um fim de semana de reencontro com as tradições. No sábado, logo que amanheceu, percebemos que a quietude do vale começava rapidamente a se transformar. Muitas pessoas da família de Toquinha moram em outras cidades das redondezas e vieram para o Córrego dos Januários participar das atividades. Toquinha ficou muito feliz com o envolvimento de todos, pois muito do que iríamos viver ali naqueles dois dias já não acontecia há muito tempo.

Nesses dois dias registramos a fornada de broas, a contação de histórias do Seu Agenor debaixo da mangueira, as danças e cantigas de roda em que os mais velhos lembram aos mais novos versos e rimas, diante dos olhares encantados das crianças ao verem adultos também brincando de roda. Assistimos a D. Silvia contar para a comunidade a história do lugar, de como chegaram e como viviam os pioneiros. Para ilustrar a sua narrativa, ela mostrava objetos antigos como as cumbucas de coité e as lamparinas com óleo de mamona. D. Hilda, que quase nunca saía de casa, veio mostrar a todos como se fiava algodão – imagem de uma beleza poética difícil de captar e de esquecer.

A fornada de broas no forno de barro foi linda. As mulheres mais velhas reunidas, em clima de celebração, iam fazendo a massa das broas e dos biscoitos de polvilho, lembrando histórias antigas das festas de casamento, quando era tão

comum esse ritual. Encantados pelo fogo e pelas forminhas de folha de bananeira que aprendemos a fazer para ajudá-las a colocar a massa, tentávamos captar as belas imagens que iam se desenhando. Observando aquela cena se desenrolar diante do olhar das crianças e das mulheres mais jovens, que viam aquela tradição pela primeira vez, eu pensava que aquele ritual possibilitava o encontro, a partilha de histórias e experiências que, se não fossem narradas, corriam o risco de se perder. E teve ainda o forró, regado a muita broa e café, com a música dos velhos violeiros da região. Não podíamos sequer sonhar que a quietude daquele vale guardasse tantas tradições e beleza, tanta pulsação...



- Figura 2 - D. Silvia contando a história da Família Januário  
 Figura 3 - Dedé assando broa no forno de barro  
 Figura 4 - D. Hilda fiando algodão  
 Figura 5 - Peneira com massa de broa  
 Figura 6 - Seu Agenor contando história debaixo da mangueira  
 Figura 7 - Os violeiros José Geraldo, Adão e Joaquim Firmino



Como imaginar que naquele lugarejo circularia a dor e a queixa pela falta de convivência? Mas uma cidadezinha é uma cidadezinha, e é preciso compará-la a si mesma, e não a um grupo de outra natureza (Halbwachs, 2004, p.124). Toquinho constata mudanças que certamente não seriam percebidas por um forasteiro que rapidamente se encantaria com o acolhimento e a estética simples e poética do Córrego. A escritora, que comemorou a chegada da luz, adverte: “A memória do meu lugar está se perdendo.” E é com essa advertência que Toquinho, a meu ver, assume um lugar de sujeito que não quer se alienar mas, ao contrário, quer agir no mundo. E para isso pede ajuda.

Penso que os escritos de Benjamin (1994) sobre o conceito de história se tornam impressionantemente visíveis aqui:

(...) O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção. (...) Se assim é, existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está a nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, fomos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo (p.223).

A tese II de Benjamin, como todas as demais teses sobre o conceito de história, se orienta ao mesmo tempo para o passado – a história, a rememoração – e o presente: a ação redentora (Löwy, 2005):

A redenção é uma tarefa revolucionária que se realiza no presente. (...) “Éramos esperados na terra” para salvar do esquecimento os vencidos, mas também para continuar e, se possível, concluir seu embate emancipador. (...) A redenção messiânica/revolucionária é uma tarefa que nos foi atribuída pelas gerações passadas. Não há um Messias enviado do céu: somos nós o Messias, cada geração possui uma parcela do poder messiânico e deve se esforçar para exercê-la (p.51-53).

Em julho de 2002, voltei ao Córrego dos Januários como pesquisadora. A experiência vivida naqueles dias de abril de 2001, em diálogo com reflexões teóricas que me acompanhavam, gerou o projeto da dissertação de mestrado. Eu possuía ainda um acervo de imagens fotografadas por mim naqueles dias. Percebemos que a nossa presença com a filmadora e a máquina fotográfica reforçava o reconhecimento de experiências, que iam sendo ressignificadas e percebidas como manifestações de valor cultural e humano. A tecnologia de registro que trazíamos tornava-se então aliada das pessoas e da liberdade de

criação e expressão, ajudando a revelar marcas da identidade e da singularidade daquele lugar e de sua gente. Assim, retornei a Minas para apresentar o projeto de pesquisa à comunidade e fazer uma exposição das fotografias, um varal de contos e imagens do Córrego dos Januários, retomando o fio da história e tendo como objetivo futuro criar um espaço cultural para o acervo.

Tínhamos consciência, eu e Toquinho, de que chegar a esse acervo permanente demandava um processo. Para compreendermos por que a memória e os valores dali corriam risco de desaparecer, era preciso seguir os rastros, as pistas, ouvir as pessoas, envolvê-las também na busca. Entendendo a fotografia como linguagem e narrativa, eu pretendia ouvir o que as fotos evocavam e o que essas narrativas iam aos poucos compondo da história. Mais do que fatos e datas, sentia que precisava estar atenta aos fragmentos, aos diálogos que iriam se constituir, à medida que essas imagens iam sendo mostradas. A escuta e o olhar compõem a metodologia de uma pesquisa que busca, por meio de fragmentos, estilhaços, ruínas (Kramer & Jobim e Souza, 2003), compreender o que o “mundo moderno” tem feito da história e dos valores essenciais dos Januários.



Figura 8 - Toquinho e Denise  
 Figura 9 - Marcelo e Dayane  
 Figura 10 - Dionísio, José do Carmo e Norton  
 Figura 11 - Fabiane e Brenda

Narrativa e memória são conceitos que se entrelaçam. Mas o que fala Benjamin da memória?

A memória é a mais épica de todas as faculdades. (...) Mnemosyne, a deusa da reminiscência, era para os gregos a musa da poesia épica. (...) A reminiscência funda a cadeia da tradição, que transmite os acontecimentos de geração em geração. Ela corresponde à musa épica no sentido mais amplo. Ela inclui todas as variedades de forma épica. Entre elas encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias constituem entre si. Uma se articula na outra, como demonstraram todos os outros narradores, principalmente os orientais. Em cada um deles vive uma Sherazade, que imagina uma nova história em cada passagem da história que está contando (Benjamin, 1994, p.211).

Sherazade, a tecelã das noites (Menezes, 1995), domina a arte de narrar, e com a ajuda da memória vence a morte. Segundo Bosi (1994), “quando Sherazade contava, cada episódio gerava em sua alma uma história nova; era a memória épica vencendo a morte em mil e uma noites” (p.90).

Conhecemos a história de Sherazade: de como sua coragem, astúcia e delicadeza imprimem em sua narrativa uma força e um poder capaz de vencer o tirano e de curá-lo. É o que nos diz Menezes (1995) em seu belíssimo ensaio “Sherazade ou do poder da palavra”:

E assim, noite após noite, Sherazade vai, com a ajuda da Memória conduzindo adiante o fio de suas histórias: vai tecendo as narrativas. Não é um fio linear: é uma trama. Infundável, infinita. (...) Se Sherazade tivesse oferecido ao Sultão só o seu corpo, ela teria sido executada, logo após a primeira noite: foi o que todas as suas antecessoras fizeram, e todas pereceram. E Sherazade salva não apenas a si própria e a todas as mulheres em idade de casar do seu povo: ela salva também o Sultão: ela o cura de sua ira patológica e assassina, e possibilita a ele uma descendência. A persistir no seu plano cruel e genocida, o sultão se privaria para sempre de amar, e de filhos. Sherazade oferece a ele o tempo e, junto com as suas histórias, a História (p.55-56).

Há um outro poder que emerge da narrativa de Sherazade. Não o poder tirânico e algoz, mas o poder de sermos sujeitos da e na história. O poder que vence a submissão, que desoprime, que liberta, e por isso cura.

É a narrativa que possibilita o encontro futuro (Menezes, 1995). Toquinho quer contar a história de seu povo para que ela não morra. Ora, o que faz com que a história dos Januários possa não vir a ser mais contada? Quem, ou o que, é o terrível algoz que ameaça esse povoado?

Aqui estão em risco a própria arte de narrar e até o direito de continuar contando histórias. Menezes (1995) dá a dica: “Sherazade ou do poder da palavra”. Para curar o esquecimento que assombra e oprime, é preciso recuperar a palavra! É preciso, portanto, escavar as reminiscências que dormem naqueles solos de Minas, as quais se perderam mas deixaram pistas...

Toquinho busca nas reminiscências de uma infância vivida no Córrego dos Januários inspiração para escrever seus contos. É o diálogo da menina com a escritora que não deixa que se apaguem os rastros marcados pelas lembranças de sua meninice. Reconhecendo o valor dessas experiências, ela sente o desejo de transmiti-las.

*Toquinho: Quando eu pensava em ser escritora eu queria escrever as minhas histórias, registrar nossos costumes, e já tinha uma preocupação de que as pessoas entendessem minha inquietação, e eu sabia que não adiantava ficar falando que precisávamos mudar, que tínhamos que reagir, mas precisava mostrar as nossas histórias, fazê-los perceber o quanto de vida tínhamos ali precisando ser preservada. Que as casas antigas não eram apenas casas velhas precisando serem*

*substituídas, mas lugares onde viveram pessoas importantes para nós, que nos ensinaram muito e que a própria arquitetura era histórica. Ali foi construída uma família com muita vida para contar. Mas quem iria fazê-lo? Quem se disporia a registrar a memória de um povo que não figurava na política, nem na literatura, nem era de muitas posses, como diria meu pai?*

Para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta, nos diz Michael Pollak (1989, p.6). A dor que Toquinho anuncia é a dor do esquecimento do seu povo. Seu apelo é um apelo de memória. Coloquei-me na escuta não só da dor mas também da vida, e encontrei na literatura de Maria de Lourdes Souza o poder da palavra.

*Toquinho: O meu Dicionário de Lembranças foi organizado pensando nisso. As histórias precisavam contar a minha história, e de um jeito que emocionasse, que fosse bonito, mesmo que às vezes duro, como no conto “Simplesmente amor”, que fala da morte dos meus pais. Da beleza singela do amor deles e da dor da despedida eterna. E eu fiz questão de fechar o livro com o “Felicidades, um passeio à beira-mar” por acreditar que assim o livro se fechava mostrando uma possibilidade de mudança. A lição de felicidade escrita ali poderia, quem sabe, sensibilizar para a transformação.*

A consciência de Toquinho e sua relação com a escrita e com a literatura me lembram o pensamento de um escritor por quem ela e eu temos profunda admiração:

Que processo de mudança pode impulsionar um povo que não sabe quem ele próprio é, nem de onde vem? Não sabendo quem é, como poderá saber o que merece ser? Não poderia a literatura ajudar a que, direta ou indiretamente, uma tal revelação fosse efetivada? Penso que a possibilidade de contribuição dependerá em grande parte do grau de intensidade da comunhão do escritor com as raízes, os movimentos e o destino de seu povo; dependerá também de sua sensibilidade para perceber as batidas, o som e o ritmo da autêntica contracultura em ascensão. Muitas vezes, o que se considera “incultura” contém sementes ou frutos de uma “outra” cultura, que enfrenta a cultura dominante apesar de não ter seus valores nem sua retórica. É costume desprezá-la, erradamente, considerando-se uma mera repetição degradada de produtos “cultos” da elite ou dos modelos culturais que o sistema fabrica em série; entretanto, uma historinha de cordel é freqüentemente mais reveladora e valiosa do que um romance “profissional” – o pulso da vida real se sente com mais força em certos versos anônimos do cancionero popular do que em muitos livros de poesia, escritos no código dos iniciados; os testemunhos do povo, que expressam suas lamentações e esperanças de mil maneiras diferentes, são em geral mais eloqüentes e belos do que obras escritas “em nome do povo” (Galeano, 1978, p.19).



Figura 12 - Toquinha presenteando Eduardo Galeano com seu livro *Dicionário de Lembranças* (PUC-Rio, novembro de 2008)

## 2.2 Lembranças de tapera



Figura 13 - Tia Fiinha (D. Felícia)

*Dorvalina:* A gente chegava lá e a Tia Fiinha sempre tinha uma broinha na panela, um doce de mamão... E ela era assim, qualquer pessoa que chegava lá era aquele jeito de tratar. E, minha filha, ela largava o que tava fazendo lá pra vir conversar com a gente. Era bom demais, né?

O eixo principal deste trabalho é o tema da memória. Como disse anteriormente, nossa perspectiva teórica em torno do conceito de memória se dá

no campo da teoria crítica da cultura, tendo o filósofo Walter Benjamin como nosso principal interlocutor. Mas é também a partir da teoria da memória do sociólogo francês Maurice Halbwachs (1877-1945) que nos deslocaremos por esse eixo.

A questão central na obra de Halbwachs consiste na afirmação de que a memória individual existe sempre com base em uma memória coletiva, pois todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo.

A concepção de memória em Halbwachs é uma ruptura com a visão da memória como um fenômeno íntimo e individual. A memória, destaca o sociólogo nas décadas de 20-30, deve ser compreendida como um fenômeno coletivo e social, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (Pollak, 1992, p.201).

Ao longo de toda a sua obra, Halbwachs destaca o caráter social da memória, pois para o sociólogo o indivíduo, mesmo quando está só, se recorda através de memórias que não são só suas. Para lembrarmos, segundo a tese defendida por Halbwachs, é necessária a memória coletiva, isto é, a memória que foi construída a partir da interação entre indivíduos (Santos, 2003).

A obra de Maurice Halbwachs é inegavelmente uma das que mais contribuiu para a compreensão do significado da memória coletiva. Um de seus grandes méritos foi ter escrito sobre memória coletiva numa época em que a memória era compreendida primordialmente enquanto fenômeno individual e subjetivo. O sociólogo afirmou, há mais de 70 anos atrás, que indivíduos só se lembram de seus passados à medida que se colocam sob o ponto de vista de uma ou mais correntes do pensamento coletivo. Além disso, também foi ele quem enfatizou que tudo o que nós lembramos do passado faz parte de construções sociais que são realizadas no presente. Embora hoje essas sejam premissas amplamente aceitas, elas surgiram em um período em que o tema da memória era ignorado pela antropologia, pela sociologia e até mesmo pela história. Marcel Proust, William James e Sigmund Freud, contemporâneos de Halbwachs, estavam todos a sua maneira voltados para o estudo da memória como forma de conhecimento da realidade, amplamente fundada em características subjetivas (Santos, 2003, p.35).

Para Halbwachs (2004), a memória se dá não como um retorno a um passado intacto, mas como um processo de reconstrução desse passado, feito a partir de dados do presente.

A lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções

feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada (p.75-76).

A memória como elemento constitutivo da identidade não é apenas individual, mas sobretudo coletiva, pois Halbwachs (2004) diria que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” (p.55).

A memória é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (Pollak, 1992). Mas para que esse sentimento de identidade e pertencimento não esfaleça, é necessária uma “comunidade afetiva” (Halbwachs, 2004, p.38). O afastamento do grupo e dos pontos de concordância com as memórias dos indivíduos que a compõem geraria o esquecimento. No entanto, afirma Halbwachs:

(...) Uma vez que a memória de uma sociedade se esgota lentamente, sobre as bordas que assinalam seus limites, a medida em que seus membros individuais, sobretudo os mais velhos, desapareçam ou se isolem, ela não cessa de se transformar, e o grupo, ele próprio, muda sem cessar. É, aliás, difícil dizer em que momento uma lembrança coletiva desapareceu, e se decididamente deixou a consciência do grupo, preciosamente porque, basta que se conserve numa parte limitada do corpo social, para que possamos encontrá-la sempre ali (Halbwachs, 2004, p.89).

É também Halbwachs (2004) quem chama a atenção para uma necessidade que a memória tem de se “descarregar” quando o grupo social entra num novo período de existência:

Tudo se passa aparentemente como se a memória tivesse a necessidade de se descarregar, quando aumenta a quantidade dos acontecimentos de que deve se lembrar. Enquanto o grupo não muda sensivelmente, o tempo que sua memória abrange pode se alongar: é sempre um meio contínuo, que se torna acessível em toda a sua extensão. É quando se transforma que um novo tempo começa para ele e que sua atenção, se afasta progressivamente daquilo que foi, e do que não é mais agora. Mas o tempo antigo pode subsistir ao lado do tempo novo, e mesmo nele, para aqueles de seus membros, para quem uma tal transformação tenha abalado menos, como se o antigo grupo recusasse a se deixar absorver inteiramente pelo novo grupo que nasceu de sua subsistência (p.129).



A maior ameaça vivida pelo pequeno povoado das Gerais é a de que, esquecido de sua história, ele não possa mais contá-la. A partir de 1984, a luz elétrica introduziu na comunidade um novo tempo saudado por Toquinha. Mas é a mesma Toquinha que adverte e sente que é preciso “descarregar” a memória do povoado antes que ela desapareça.

Pelo contato com os mais velhos, com os avós, as crianças recuam a um passado mais remoto e recebem um legado de tradição (Halbwachs, 2004). Em nossa metodologia provocamos essa aproximação entre as gerações, como veremos ao longo de todo o trabalho.

Ecléa Bosi (1994) dedicou a Maurice Halbwachs, morto em 1945 no campo de Buchenwald, sua valiosa obra intitulada *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. Em diálogo com a perspectiva teórica de Halbwachs, ela chama a atenção da memória como função social dos mais velhos, pois a velhice é o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Bosi (1994) nos diz que “memória é trabalho” e que lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. Quando o idoso lembra ele não está descansando, mas sim se ocupando consciente e atentamente da substância de sua vida. Mas, para que a função social do idoso se expresse no coletivo, é preciso que ele encontre uma escuta, pois

Quando a sociedade esvazia seu tempo de experiências significativas, empurrando-o para a margem, a lembrança de tempos melhores se converte num sucedâneo da vida. E a vida atual só parece significar se ela recolher de outra época ao alento. O vínculo com outra época, a consciência de ter suportado, compreendido muita coisa, traz para o ancião alegria e uma ocasião de mostrar sua competência. Sua vida ganha uma finalidade se encontrar ouvidos atentos, ressonância (Bosi, 1994, p.82).

Toquinha, ao se distanciar de sua terra, adquire outra perspectiva. Sabe da importância dos mais velhos, das casas, das histórias para a memória coletiva de seu povo, e sofre pela dor do esquecimento que percebe tomar conta cada vez mais de seu lugar, pois

(...) A memória rema contra a maré; o meio urbano afasta as pessoas que já não se visitam, faltam os companheiros que sustentavam as lembranças e já se dispersaram. Daí a importância da coletividade no suporte da memória. Quando as vozes das testemunhas se dispersam, se apagam, nós ficamos sem guia para percorrer os caminhos da nossa história mais recente: quem nos conduzirá em suas

bifurcações e atalhos? Fica-nos a história oficial: em vez da envolvente trama tecida à nossa frente, só nos resta virar a página de um livro, unívoco testemunho do passado (Bosi, 2003a, p.70).

Em todas as viagens que fiz a Minas, Toquinha me acompanhava, e ficávamos hospedadas na casa de D. Zilmar ou D. Oscarina. Eu sempre caminhava pelo Januários com minha máquina fotográfica, um gravador e um bloco. Escrevia mais com a câmera do que com a caneta, e logo compreendi que caminhar naquela roça significava ficar em permanente estado de escuta. A qualquer instante alguém poderia vir pedir-me para fotografar sua casa, sua família, ou ainda se oferecer para me apresentar um novo lugar que pudesse ser registrado por minhas lentes para o acervo coletivo. Percebendo nosso interesse e disponibilidade para ouvir e registrar a história e o cotidiano, trazendo para o foco lugares tão familiares e às vezes tão esquecidos, Toquinha e eu íamo-nos tornando interlocutores da memória daquela gente.

Michael Pollak (1948-1992), em conferência realizada no Brasil em 1987, “Memória e identidade social”, destaca a existência de três elementos constitutivos da memória: acontecimentos, personagens e lugares. Os acontecimentos podem ser os vividos pessoalmente, mas também aqueles vividos “por tabela”. Estes últimos são parte da coletividade à qual a pessoa se sente pertencer, e que Pollak (1992) denomina de “memória herdada”:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada (p.201).

Segundo Pollak (1992), a memória é composta ainda por personagens encontrados ao longo da vida e também por aqueles que, em contato “por tabela”, se transformam em pessoas quase conhecidas. Assim como ocorre com os acontecimentos, os personagens podem ou não fazer parte do mesmo espaço – tempo da pessoa ou do grupo.

Além de acontecimentos e personagens, Pollak (1992) destaca uma terceira categoria constitutiva da memória: são os lugares ligados às lembranças pessoais e

também lugares de apoio da memória pública como locais de comemoração e monumentos:

Os monumentos aos mortos podem, por exemplo, servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela. (...) Locais muito longínquos, fora do espaço tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo (p.202).

A categoria de memória herdada em Pollak (1992) faz ressonância ao pensamento de Halbwachs. Em “A memória coletiva”, o sociólogo, ao refletir sobre a memória autobiográfica e memória histórica, fala de Reims, o lugar onde nasceu e de sua memória por tabela. Halbwachs (2004) chama de “memória emprestada” uma bagagem de lembranças provenientes de acontecimentos que ocupam um lugar na memória do grupo, mas que não foram vividos pelo sujeito:

Carrego comigo uma bagagem de lembranças históricas, que posso ampliar pela conversação ou pela leitura. Mas é uma memória emprestada e que não é minha. (...) Eu me lembro de Reims porque ali vivi todo um ano. Lembro-me também que Joana D’Arc foi a Reims e que ali sagrou Carlos VII, porque ouvi dizer ou porque li. Joana D’Arc foi representada tantas vezes no teatro, no cinema etc... que não tenho deveras nenhuma dificuldade em imaginar Joana D’Arcs em Reims. Ao mesmo tempo, sei bem que não me foi possível ser testemunha do próprio acontecimento; atenho-me aqui às palavras que ouvi ou li, sinais reproduzidos através do tempo, que são tudo o que me chega desse passado (p.58-59).

A construção da Casa de Memória e Cultura dos Januários traz em seu bojo a categoria de memória herdada. Jovens e crianças ouvem histórias vividas por outros membros da comunidade, em outro tempo, e começam a incorporá-las como suas. Nosso propósito foi o de investir na reconstrução da memória do Córrego, e para isso organizamos oficinas provocadoras de memória.

Buscamos compreender mais profundamente, durante todo o processo que culminou com a materialização da Casa de Memória e Cultura, como o fio da história foi se perdendo, ao mesmo tempo que, por meio de oficinas variadas, fomos abrindo espaço para o encontro e o diálogo entre as diferentes gerações e para o ressignificar de seus “contos e imagens”.

A oficina de memória<sup>7</sup> naquela noite de abril de 2003 se inspirou no livro infantil *Guilherme Augusto Araújo Fernandes* (Fox, 1995). Nesta história, o menino Guilherme Augusto, por meio de um cesto de memória, ajuda D. Antônia a recuperar sua memória perdida.

Toquinha contou a história e pedimos que os Januários de várias idades, reunidos na casa de Joversino, escrevessem os nomes de pessoas importantes nas suas vidas e os colocassem no cesto da memória. Partindo da premissa de que se lembramos, é porque os outros e a situação presente nos fazem lembrar (Bosi, 1994), nosso objetivo nessa oficina era provocar memória, entendendo com Halbwachs (2004) que

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio (p.58).

**Toquinha:** *Casa da Vovó Mariquinha. Quem escreveu? Deo? Por que você escreveu casa da Vovó Mariquinha?*

**Edervanio:** *Porque eu tinha vontade de conhecer ela, eu não conheci. Então eu coloquei que eu gosto lá da casa dela.*

**Toquinha:** *Você não chegou a conhecer a madrinha Mariquinha?*

**Conceição:** *A mãe morreu em agosto, e ele nasceu em novembro.*

**Zé Barba:** *Ocê lembrou de uma mulher bonita, rapaz. Era muito asseada, eu gostava dela. Ela andava cheirosa, né? Ocê via a comadre Mariquinha ocê até caía no chão... Isso depois que ela tava velha, não era nova, não. Ela era caprichosa mesmo com o corpo dela.*

**Toquinha:** *A madrinha Mariquinha andava sempre de batom. Pó-de-arroz.*

**Adélia:** *A gente ria da Tia Mariquinha. Televisão só lá que tinha, e a gente gostava de ver novela. Na hora que juntava muita gente ela falava: vou desligar que tá gastando energia demais.*

---

<sup>7</sup> Denominamos “Oficinas da Memória” as diversas atividades criadas com os residentes do Córrego dos Januários, como estratégias metodológicas de pesquisa e intervenção desenvolvidas ao longo do trabalho de campo.



Figura 14 - D. Mariquinha (em pé) e família

**Toquinha:** *Geraldino, quem escreveu Geraldino?*

**Jardel:** *Eu escrevi porque ele é a pessoa mais velha daqui, e ele contribuiu muito com o crescimento da nossa comunidade. E quando a gente era mais novo ele fazia muita coisa pra ajudar aqui, sabe.*

**Toquinha:** *É isso mesmo. Seu Geraldino era o castrador de porco daqui.*

**Zé Barba:** *Ele era o pára-raio. Era arrumar fogão, era castrar porco, aplicar injeção. Era tudo enquanto há.*

**Toquinha:** *Seu Geraldino nos lembra festa. Na sua casa, aos domingos, as pessoas se reuniam para ouvir música e dançar. Lá se podia beber o café docinho da D. Vita, sua esposa, em pequenas canecas esmaltadas que ficavam guardadas na cristaleira esperando as visitas. Aqueles encontros resultaram em muitos namoros, casamentos, famílias. Deixaram saudade as tardes alegres e os moradores da casa simples e acolhedora que jamais esqueceremos.*



Figura 15 - Seu Geraldino em seu aniversário de 100 anos

Diante dessas falas, penso que é inegável a importância do coletivo. D. Mariquinha ressurgiu nas reminiscências de Zé Barba e dos outros, e graças a elas Edervanio (na época com 13 anos) conhece “por tabela” um pouco da avó. Edervanio expressa por meio de sua escolha pelo nome da avó, a quem não conheceu, um apelo de memória. Ele provoca a memória de pessoas que conviveram com sua avó e as faz lembrar...

O menino Jardel (então com 10 anos) um dia me disse: “Porque se a gente não souber a história de onde a gente vive, esse lugar pode ser um tipo de lugar qualquer.” Jardel tem razão. Um lugar sem memória é um lugar sem identidade, que se perde e não se diferencia. Mas Jardel parece entender com Pollak (1992) que a memória de cada lugar é composta por seus personagens, por suas histórias singulares. Jardel coloca no cesto de memória o nome de Seu Geraldino, o mais velho do povoado. Ouvimos nas narrativas provocadas por Jardel a marca dessa singularidade emergindo da memória coletiva dos Januários<sup>8</sup>.

Há uma força impressionante no encontro das gerações e nas narrativas que esse encontro provoca. Estamos falando de uma memória que se reconstrói na relação com o outro e de um passado que, ao revitalizar o presente, dialoga com o futuro.

---

<sup>8</sup> Os “contos e imagens” de Dona Mariquinha e Seu Geraldino compõem o estandarte “Cesto de Memória”. A frase de Jardel está escrita numa das fitas deste estandarte.

O passado reconstituído não é refúgio, mas sim uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro. (...) A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida (Bosi, 2003a, p.66-67).

As categorias elencadas por Pollak (1992) como elementos constitutivos da memória emergiram em vários outros momentos de nossa estratégia teórico-metodológica. Não só personagens mas também lugares são lembrados no varal de contos e imagens.



Figura 16 - Bela percorre o varal de fotografias

***Bela (39 anos):** Eu me lembro naquela casa ali, eu via, não tenho fixo assim, não consigo saber quem era. Eu lembro assim que eu ia ali na casa debaixo, alguém morava ali, uma lembrança forte. Mas eu não sei quem é, se era parente, se não era. Morava ali. Então deve ser isso aí que você tá falando, de acolher.*

Em sua reminiscência Bela dialoga com Bosi (1994), que pergunta:

O que é um ambiente acolhedor? Será ele construído por um gosto refinado na decoração ou será uma reminiscência das regiões de nossa casa ou de nossa infância banhadas por uma luz de outro tempo? (p.74)

A fala de Bela é muito significativa. Ela não se lembra de uma pessoa em especial. Sua reminiscência é a do acolhimento. Há nesta fala um registro de um lugar que acolhe, o espírito do coletivo, da comunidade, que se revela na memória de Bela por meio do acolhimento, do abrigo. As falas remetem a um suporte afetivo e existencial apoiado na tensão singular-coletivo.

As lembranças de Bela foram provocadas pelas fotografias do varal. Santos (2007) ressalta que alguns elementos são muito importantes no trabalho da memória e cita músicas, lugares, objetos e odores como “suportes de memória” (p.355). Em nossa metodologia de pesquisa as fotografias se revelaram como suportes de memória, tornando-se assim essenciais no processo de fazer lembrar.

Ao longo das escavações, foram muitos os personagens que emergiram da memória dos habitantes do Córrego, como veremos mais adiante. Mas sem dúvida D. Felícia e sua casa constituem-se neste trabalho como personagem e lugar emblemáticos e propulsores de tudo o mais que iria acontecer.

O inconformismo de Toquinho diante da história ameaçada de sua gente deu início a todo esse processo. Fui pela primeira vez ao Córrego dos Januários principalmente para registrar a tapera de D. Felícia, tia de Toquinho, que estava ameaçada de ruir. Meu encontro com D. Felícia se deu por meio da literatura de Toquinho, mais precisamente no conto “Felicidades”, inspirado na convivência dela com sua Tia Fiinha:

(...)

– Já foi numa cidade grande?

– Belo Horizonte.

– Quantos anos a senhora tem?

– Mais de sessenta.

Tantas perguntas seguidas pareciam não incomodá-la.

– Do que a senhora mais gosta?

– De cuidar do meu marido, dos meus fios e desse meu pedacinho de chão.

Vi que havia muitas frutas amontoadas às margens da estrada.

– Por que a senhora pega essas frutas e deixa na beira do caminho?

– Ah, Juliana. Aqui tem fruta que não acaba mais! De modo que eu pego as que tá madura e ponho aí. As criança, quando vêm da escola, apanha e come. Minhas fruta num estraga e a menina gosta. Uma delas costuma dizê que as fruta é doce feito melado.

– Quem te deu todas essas coisas?

– Foi Deus, Nosso Sinhô.

– A senhora sabe muita coisa?

– Num sei nada, minha menina! O que sei aprindi na vida, com o tempo.

– A senhora sabe ler?

– Sei assiná meu nome.

– Por que a senhora não pede pra Seu Luiz fazer uma casa nova? Essa tá muito velhinha. Parece que quer cair.

– Nem pensá, minha fia. Eu tenho medo de dismanchá essa tapera que foi de minha vó, e minha alegria morrê com ela. Minha irmã dismanchô a casa véia, fez uma casa nova e eu acho, cá pra mim, que a felicidade dela morreu de tristeza.

– Mas, D. Felícia, felicidade não morre!



- Minina Juliana, a felicidade pra mim é que nem um passarinho. Se ela posar na sua janela, ocê dé de comê pra ela, tomá conta dela, passado uns tempo, tá que nem um vivero. Uma felicidade chama a outra e vai assim toda vida. Mas se ocê num cuidá, ela vem um dia, faia dois. Vem notro dia e faia treis. Até que cansa e vai simhora. Eu sempre fui feliz aqui, com as coisa que tenho. Eu fiz o meu vivero. Vorta-e-meia aparece um fiotinho novo da tal felicidade. Quando ocê crescê pode tê um que nem o meu. É só tê carinho e amô no coração. (...)

(Souza, 1998, p.87-88)



Figura 17 - Casa da Tia Fiinha

O desejo de registrar a casa que Toquinha sabia condenada a desaparecer foi o desencadeador desse processo. Fotografei a casa, e agora ela seria realmente derrubada, pois já estava muito arriada, quase caindo. Uma tristeza profunda tomou conta de Toquinha: era a dor pela tapera deixar de existir.

Os companheiros da moça estranharam seu silêncio; há tempos não a viam assim. Mas ninguém sabia que a tristeza dela era por conta de uma tapera cheia de histórias, num lugar longe dali, que mais dia menos dia ia virar poeira misturada com saudade. (...) O tempo todo ficava entre a tapera e a palavra, entre a tapera e o sentimento, entre a antiga tapera e o sonho. E quem diria que um monte de pau trançado, amarrado com cipó coberto de barro sem pintura nem nada, só tingido de barro branco branco branco causaria tanto destempero (Maria de Lourdes Souza, trechos do conto inédito “Lembranças de Tapera”).

Maurice Halbwachs (2004) diz ser inevitável que as transformações de uma cidade ou de um lugarejo, ou até mesmo a simples demolição de uma casa, provoquem desconcerto em alguns indivíduos. Mas ao expressar sua tristeza diante da demolição da tapera, Toquinha não estava só. Seu movimento de resistência emanava também do grupo (Halbwachs, 2004), e entendi que para

além do “monte de pau trançado” aquela tapera subsistia na memória coletiva dos Januários como alegoria de acolhimento.

(...) Por entender que o passado é inacabado e pode ser continuado pelo narrador do presente – já que só o presente é capaz de despertar significados esquecidos –, para Benjamin o historiador precisa trabalhar com os estilhaços ou cacos da história, descontextualizando o objeto para irradiar novos sentidos. O narrador se utiliza, assim, dos fragmentos significativos, acumulando-os numa nova construção, através da alegoria. Alegoria que diz algo além do que diz, desnudando o real ao fragmentá-lo. Alegoria que tem a ver com as imagens, com as cenas que ligam o visível e o invisível, a vida e o sonho (Kramer, 1994, p.66).

A tapera hoje não existe mais; no entanto, ao escavarmos as ruínas da tapera fomos encontrando seus clamores e significados esquecidos. Compreendi então com D. Felícia que era preciso conceber a Casa de Memória e Cultura dos Januários “ao jeito de tapera”.

A concepção de história em Benjamin (1994) se faz essencial no desenhar dessa tapera:

O historicismo se contenta em estabelecer um nexos causal entre vários momentos da história. Mas nenhum fato, meramente por ser causa, é só por isso um fato histórico. Ele se transforma em fato histórico postumamente, graças a acontecimentos que podem estar dele separados por milênios. O historiador consciente disso renuncia a desfiar entre os dedos os acontecimentos, como as contas de um rosário. Ele capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior, perfeitamente determinada. Com isso, ele funda um conceito do presente como um “agora” no qual se infiltraram estilhaços do messiânico (p.232).

Walter Benjamin e Maurice Halbwachs, resistindo ao modelo temporal do historicismo, defendem o elemento fragmentário da temporalidade que compõe o registro pessoal ou coletivo da memória (Seligmann-Silva, 2003).

Para Halbwachs, enquanto o tempo da memória coletiva “é uma corrente de pensamento”, a História precisa das esquematizações didáticas, ela divide o tempo para dominá-lo e compreendê-lo. (...) Benjamin, por sua vez, afirma que o historiador materialista – ou seja, anti-historicista – deve visar a construção de uma montagem: vale dizer de uma collage de escombros e fragmentos de um passado que só existe na sua configuração presente de destroço. (...) Tanto para Benjamin como para Halbwachs, o preceito historicista da restituição e representação total do passado deve ser posto de lado. Graças ao conceito de memória, eles trabalham não no campo da re-presentação, mas sim da apresentação enquanto construção a partir do presente (Seligmann-Silva, 2003, p.69-70).

A concepção Casa de Memória e Cultura do Córrego é alicerçada na teoria de memória destes dois autores, por meio da qual vamos, num processo de montagem, criando possibilidades de “apresentação” dos contos e imagens dos Januários.

A tapera de Tia Fiinha era uma das muitas casas antigas do Córrego dos Januários que, junto com outras já demolidas, compunham a memória de uma arquitetura e de um tempo. Colocar essas casas em foco na Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários nos pareceu uma reverência não só ao patrimônio histórico local, mas também aos que nelas viveram<sup>9</sup>.



Figura 18 - 1. Casa do Dezinho Félix 2. Casa da Tia Nena (pintura feita por Leni) 3. Casa do Nestor Januário 4. Casa do Tio Luís



Figura 19 - 1. Casa do Sones 2. Casa do Astolfo 3. Casa do Tatão 4. Casa do José Inácio

<sup>9</sup> A história de Tia Fiinha, seus contos e imagens, assim como as fotos das casas antigas, fazem parte do estandarte “Lembranças de Tapera”.

## 2.3

### O acervo e o colecionador

*Cada pedra que encontra, cada flor colhida e cada borboleta capturada já é para ela princípio de uma coleção, e tudo o que possui, em geral, constitui para ela uma coleção única (...). Mal entra na vida, ela é caçadora. Caça os espíritos, cujo rastro fareja nas coisas; entre os espíritos e coisas ela gasta anos, nos quais seu campo de visão permanece livre de seres humanos. Para ela tudo se passa como em sonhos: ela não conhece nada de permanente; tudo lhe acontece, pensa ela, vai-lhe de encontro, atropela-a. Seus anos de nômade são horas na floresta do sonho. De lá ela arrasta a presa para casa, para limpá-la, fixá-la, desfeiteiçá-la. Suas gavetas têm de tornar-se casa de armas e zoológico, museu criminal e cripta. “Arrumar” significaria aniquilar uma construção cheia de castanhas espinhosas que são maçãs medievais, papéis de estanho que são um tesouro de prata, cubos de madeira que são ataúdes, cactos que são tótems e tostões de cobre que são escudos.*

Walter Benjamin (1995)



Figura 20 - Claudia e crianças no balanço

#### *Olhos dados*

*Lucas aos três anos estava na pracinha com Gisele. Observava as outras crianças brincando e, apesar de atraído pela cena, queria ficar de mãos dadas com a mãe. Gisele então lhe disse para ficar tranqüilo e ir brincar com as crianças, pois ela ia ficar olhando para ele dali onde estava. Lucas pensou e lhe disse: “Tá bom, mamãe, então você vai ficar de olhos-dados comigo” e foi andando feliz .*

Durante a pesquisa que possibilitou a produção do acervo de contos e imagens do Córrego, compreendi, ouvindo os moradores, que o que ameaçava a história de ela poder ser contada era principalmente o isolamento, a diminuição da convivência. Com a luz elétrica e a televisão, os moradores do Januário mudaram seu cotidiano, que, embora mais iluminado, parece, segundo eles, carecer de calor

(Gusmão, 2004). As narrativas que emergiram trazem uma perspectiva crítica da realidade. O lavrador Zé Barba, 73 anos, revela seu desconforto diante do desafio em unir a luz (elétrica) e o calor (humano) e nos faz pensar que, ao olharem pela janela da televisão, os Januários pararam de se olhar uns aos outros.

***Zé Barba:** Ah, eu falo assim, de primeiro parecia que tinha menos desenvolvimento, mas parecia que tinha mais união entre as pessoas. Hoje em dia parece assim que o pessoal fica meio desunido. Num ponto eu acho vantagem porque favoreceu. De primeiro era alumiado com pedaço de palmito, cabriúna, né? Hoje não, é só chegar em casa aí tá no claro no momento, mas eu penso assim, as desvantagens que eu acho que tem, porque de primeiro a pessoa, o casal tinha 10, 12 filhos, ia passear na casa do compadre, da comadre, então ele contava história, né, ficava conversando até tardão. Hoje não tem isso mais, quando a gente chega na casa d'uma pessoa que lá tem uma televisão, aí, a pessoa odeia quando a gente chega. Atrapalhou assistir a novela. Então a gente não vai mais igual era aquele ambiente antigo. Mas então a televisão não dá muito esse espaço. Porque depois que a gente passar a gostar de um programa, ah, briga, não briga? E pior, a gente já tá mais de idade, já faz aquele serviço, não faz muita coisa, não, mas fica cansado. Quando chega em casa, tá o Jardel (seu neto) aí, ele sai pra escola cedo e eu saio pro serviço mais tarde, ele chega do serviço eu tô lá pra roça. Venho, tomo banho e vou ver televisão, lá é meia hora. Dentro dessa meia hora ele me faz uma pergunta, eu falo: ó rapaz, agüenta a mão aí, eu tô querendo assistir um negócio aqui, né? Daí a meia hora eu tô dormindo, aí acabou já o espaço d'eu mais ele.*

Zé Barba em sua narrativa produz conhecimento. Em sua lucidez ao falar da impotência na relação com o neto Jardel (12 anos), o lavrador, mais do que um desabafo pessoal, sacode todos que puderem ouvi-lo: “aí acabou já o espaço d'eu mais ele.”

A medusa – figura da alteridade absoluta – não nos permite torná-la objeto de nosso olhar. Ela é a metáfora do que não se deixa analisar. No entanto, quanto mais desviarmos o olhar de nossas crianças e evitarmos dizer ou nomear nossos sentimentos em relação a elas, tanto maior será a sensação de pedra que já é parte de todos nós. A criança precisa do adulto, enquanto um “alter”, como um “outro” diferente, para se constituir como sujeito e se lançar continuamente para além de si mesma em busca de seus projetos e utopias. Por outro lado, a criança também encarna um “alter” para o adulto. Sendo a infância a humanidade incompleta e inacabada do homem, talvez ela ainda possa nos indicar o que há de mais verdadeiro no pensamento humano: a sua incompletude, mas, também, toda a criação que se prenuncia, ou melhor, a invenção do possível. Por mais paradoxal que possa nos parecer e a despeito de todo o desencontro entre adultos e crianças, ainda assim é possível enxergar a infância alegoricamente como elemento capaz de desencantar o feitiço da cultura do consumo (Jobim e Souza, 2000, p.97).

Ficar em estado de escuta me remete novamente aos “olhos dados” do menino Lucas, que mostra que

a incapacidade infantil de entender certas palavras e manusear os objetos dando-lhes usos e significações ainda não fixados pela cultura do consumo nos faz lembrar que tanto os objetos como as palavras estão no mundo para serem permanentemente re-significados através de nossas ações (Jobim e Souza, 2000, p.97).

A criança rastreadora e colecionadora inspira a elaboração do acervo do Córrego dos Januários, pois a concepção benjaminiana de infância

remete à fantasia, à imaginação, à criação, ao sonho coletivo, à história passada, presente e futura. Próxima dos mágicos e loucos, contraposta à racionalidade instrumental, a criança monta com cada peça, cada pedrinha que encontra, cada retalho, pau, bloco. Mônada e mosaico, constelação e relâmpago. Em Benjamin, o conhecimento se dá com assombro, como triunfo, como fulguração. Sua linguagem cinematográfica, contra uma visão desarmada, que sacrifica a totalidade, e contra uma visão filosófica, que abdica da singularidade, permite entender que o fragmento contém o todo condensado e que na ruína se encontra a possibilidade de reconstrução (Kramer, 1996, p.36).

Durante as escavações, percebi um sofrimento nos adultos mais velhos e me arrisco a dizer que, por vivermos um tempo que não valoriza a experiência dos idosos, eles tendem a se refugiar no passado, idealizando-o. A dinâmica recordar e esquecer, necessária para fazermos as pazes com o presente, fica então comprometida. A dor pela falta de convivência, a ferida do esquecimento pelos mais velhos, a apatia e tristeza que esse esquecer provocou ecoaram nas escavações do solo do Córrego dos Januários. Ouço esse apelo dos Januários mais velhos, e também de adultos, jovens e crianças.

Os Januários mais velhos sentem muita falta do calor da convivência, das visitas de casa em casa, da sanfona em volta da fogueira. No entanto, tal estado de lembrança muitas vezes os impede de “fazer as pazes” com o presente e agir, transformando a nostalgia em outras artes da existência que coloquem no mundo essa necessidade vital de conviver. Há um apelo no Córrego dos Januários que precisa de escuta, de abrigo. Atender a esse apelo não significa reconstruir uma narrativa linear da história, mas, ao contrário, recolher os cacos, detritos, os restos...

Zé Barba e o menino Lucas me ajudam a ouvir e compreender a importância de estarmos de “olhos dados”. Este me parece um apelo essencial que ecoa no Córrego dos Januários. Compreendendo com Benjamin (1984) que a criança “faz história dos detritos da história” (p.101), é preciso pensar no acervo do Córrego como coleção das ruínas, dos detritos, das insignificâncias aparentes, daquilo que estava sendo jogado fora e as escavações fizeram emergir. Zé Barba, parecendo dialogar com Benjamin, nos fala do significado e da importância desses restos:

*Eu acho que era hora da gente aproveitar o restinho de vida e procurar fazer alguma coisinha, algum resgate do que foi embora, buscar pra modo de deixar por aí, senão quem vier daqui mais alguns anos não vai saber que Córrego que era esse, né? Pensar que quando morre uma pessoa a gente devia de tomar o nome dele porque um dia aquilo vai fazer falta pra família ou pra comunidade. Eu acho que esse trabalho, viu Denise e Toquinha, é muito importante devido às suas humildades. Porque vocês estão andando atrás de uma coisa que o pessoal jogou fora. Esqueceram. Vocês estão procurando o resto, né? O resto.*

Zé Barba então fala de um “narrador sucateiro” que não busca recolher grandes feitos, mas apanha

tudo que é deixado de lado como algo que não tem significação, algo que parece não ter nem importância nem sentido, algo com que a história oficial não saiba o que fazer. (...) O narrador e o historiador deveriam transmitir o que a tradição, oficial ou dominante, justamente não recorda (Gagnebin, 2004, p.90).

E era isso que Zé Barba disse com outras palavras: que estávamos em busca do resto, refazendo a história a partir do que era jogado fora, dos detritos, das ruínas. Zé Barba não quer apagar os rastros de seu povoado e me fez lembrar Bertold Brecht (2000, p.58):

(...)  
 Cuide, quando pensar em morrer  
 Para que não haja sepultura revelando onde jaz  
 Com uma clara inscrição que o denuncie  
 E o ano de sua morte que o entregue!  
 Mais uma vez:  
 Apague as pegadas!  
 (Assim me foi ensinado)

Talvez o risco a que Brecht alerta é o de nos tornarmos aqueles que obedecem, se comportam, e não aqueles que agem. Nessa pesquisa, optamos em escavar a história em busca da memória do Córrego. A rememoração para Benjamin possibilita não só um diálogo com o passado, mas também com o presente, pois “não se trata somente de não esquecer o passado, mas também de agir sobre o presente” (Gagnebin, 2004, p.93).

Entendemos essa Casa de Memória e Cultura como espaço de ação e recriação, e não como lugar de arquivos de registros do passado. Mas sem dúvida, também é um espaço de coleções de contos e imagens. Por isso a figura do colecionador, tão importante na obra de Benjamin, precisa ser evocada. Mais do que a coleção em si, é da arte de colecionar que Benjamin (1995) fala:

Estou desempacotando minha biblioteca. Sim, estou. Os livros, portanto, ainda não estão nas estantes; o suave tédio da ordem ainda não os envolve. Tampouco posso passar ao longo de suas fileiras para, na presença de ouvintes amigos, revistá-los. Nada disso vocês têm de temer. Ao contrário, devo pedir-lhe que se transfiram comigo para a desordem de caixotes abertos à força, para o ar cheio de pó de madeira, para o chão coberto de papéis rasgados, por entre as pilhas de volumes trazidos de novo à luz do dia após uma escuridão de dois anos justamente, a fim de, desde o início, compartilhar comigo um pouco da disposição de espírito – certamente não elegíaca, mas, antes, tensa – que estes livros despertam no autêntico colecionador. Pois quem lhes fala é um deles e, no fundo, está falando só de si (p.227).

O colecionador, mais do que resgatar objetos de sua função original, retira as coisas do seu contexto usual e, num processo de montagem, os inscreve numa ordem outra, em novas configurações de experiências. Como num mosaico, o colecionador benjaminiano reúne fragmentos de história e, com isso, compõe constelações que rompem com o previsível e utilitário.

A seguir, apresentarei em diálogo, principalmente com o pensamento de Hannah Arendt, pequenas histórias, trechos de narrativas que compõem hoje o acervo da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. Trata-se de um esforço da pesquisadora em incorporar o colecionador benjaminiano na elaboração da montagem e da apresentação (Seligmann-Silva, 2003) desse acervo.



## 2.4

### História, memória e narrativa: a revelação do “quem” nas histórias orais dos habitantes do Córrego dos Januários

*Foi a mesma fé que inspirou suas palavras mais grandiosas, quando no leito de morte: “Todo dia é um bom dia para nascer, todo dia é um bom dia para morrer”*  
(Hannah Arendt/Angelo Giuseppe Roncalli, 1987, p.66)

#### 2.4.1

##### Intercessões: Hannah Arendt, Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin

*O milagre que salva o mundo, a esfera dos negócios humanos, de sua ruína normal e “natural” é, em última análise, o fato do nascimento, no qual a faculdade de agir se radica ontologicamente. Em outras palavras, é o nascimento de novos seres humanos e o novo começo, a ação de que são capazes em virtude de terem nascido. Só o pleno exercício dessa capacidade pode conferir aos negócios humanos fé e esperança, as duas características essenciais da existência humana que a antiguidade ignorou por completo, desconsiderando a fé como virtude muito incomum e pouco importante, e considerando a esperança como um dos males da ilusão contidos na caixa de pandora. Essa fé e esta esperança no mundo talvez nunca tenham sido expressas de modo tão sucinto e glorioso como nas breves palavras com as quais os Evangelhos anunciaram a “boa nova”: “Nasceu uma criança entre nós”.*

(Hannah Arendt, p.259, 2004)

Esta passagem de Hannah Arendt é o ponto de partida de nossas reflexões neste momento. O nascimento inaugura uma história possível. O que vem a seguir é a ação dos homens no mundo. O homem como artífice da materialidade e da cultura, expressão de sua existência única e singular até o dia do juízo final.

A pesquisa que tem como intenção desvelar a trajetória de atos, gestos e palavras do homem comum assume, no agora, um compromisso com o futuro. Isso requer uma determinada postura da pesquisadora, a qual se expressa na tomada de consciência de que nenhum fato, por mais simples que seja, pode ser considerado perdido para a história. Desse modo, a pesquisadora encarna a figura do cronista e segue as pistas deixadas por Walter Benjamin, quando ele apresenta, na terceira tese do texto “Sobre o conceito da história”, o pensamento seguinte:

O cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida

poderá apropriar-se totalmente do seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um dos seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citation à l'ordre du jour – e esse dia é justamente o do juízo final (Benjamin, 1994, p.223).

Quem se dispõe a contar uma história participa da vida da palavra e da memória e, essencialmente, assume um compromisso com o futuro. Esta questão, assim formulada, se transformou em tema da maior relevância para a pesquisa que deu origem aos relatos das “pequenas histórias” que serão aqui apresentadas, e que foram construídas a partir de uma relação muito particular entre a pesquisadora e “seus outros”, tendo como referência metodológica os conceitos de dialogismo e alteridade de Mikhail Bakhtin<sup>10</sup>. Assim, Hannah Arendt, Walter Benjamin e Mikhail Bakhtin nos conduzem a uma reflexão crítica sobre o lugar que deve ser ocupado pela ação do homem na permanente criação de si mesmo e dos rumos da história. Ao retomarem o conceito de história, abandonando a perspectiva do tempo cronológico e linear, rompem com a abordagem mecanicista e apostam na crítica do progresso. Esses autores nos fazem pensar na necessidade de incorporar às ciências do homem e da sociedade outros paradigmas para a produção de um conhecimento que faça justiça à liberdade de expressão e criação; o futuro se constrói no agora, mas sem perder de vista a experiência crítica do passado. Eles querem mostrar na teoria e na prática que o homem é capaz de agir no mundo sem abrir mão da sua capacidade de reinventar permanentemente as condições de sua existência, sem se deixar subjugar pelos poderes totalitários, que reincidem sobre os homens, a cada época, como um novo desafio a ser superado. Portanto, a ação dos homens no mundo é um ato político que se renova a cada dia, e as escolhas que realizam na vida prática, são os modos como dela participam, pelo simples fato de existirem, na construção do futuro. Viver é um permanente risco, mas há que confiar, nos diz Arendt:

---

<sup>10</sup> Assumir o dialogismo e a alteridade como marcas das relações estabelecidas no contexto da pesquisa significa buscar o encontro com o outro e compartilhar experiências, conhecimentos e valores que se alteram mutuamente. Nesse contexto, o sujeito da pesquisa é visto como alguém cuja palavra confronta-se com a do pesquisador, refratando-a e exigindo-lhe resposta. Em contrapartida, a palavra do pesquisador integra-se à vida, participando das relações e das experiências, muitas vezes contraditórias, que o encontro com o outro, sujeito da pesquisa, proporciona. Assim, vale destacar que, com base nessa abordagem, entendemos a pesquisa como um espaço marcado por processos de experiências de diálogo e de alteridade, em que o pesquisador e seu outro contemplam-se mutuamente e definem suas experiências de linguagem no contexto social em que elas são produzidas.

(...) Em toda ação a pessoa se exprime de uma maneira que não existe em outra atividade. Daí a palavra é também uma forma de ação. Eis então o primeiro risco. O segundo é o seguinte: nós começamos alguma coisa, jogamos nossas redes em uma trama de relações, e nunca sabemos qual será o resultado. (...) Isso vale para qualquer ação, e é simplesmente por isso que a ação se concretiza – ela escapa às previsões. É um risco. E agora acrescentaria que esse risco só é possível se confiarmos nos homens, isto é, se lhe dermos nossa confiança – isto é o mais difícil de entender – no que há de mais humano no homem; de outro modo seria impossível (Arendt, 1993, p.143).

Inspiradas por tais questões filosóficas e políticas, olhemos novamente para uma questão importante que emergiu do solo de memória que investigamos. A dicotomia entre luz e calor iluminava também o sofrimento dos mais velhos ao reconhecer um presente que não consegue mais dialogar com o passado. Diante da nostalgia dos habitantes do Córrego, uma questão insistia em se fazer presente: é possível unir luz (elétrica) e calor (humano)? Se tomássemos o passado como um acontecimento acabado, um acontecimento que nada mais tem a nos dizer sobre os fatos e ações do presente, essa união, provavelmente, se revelaria impossível. Melhor dizendo, se ficássemos aprisionados em uma perspectiva de tempo linear e progressivo, certamente a história caminharia para um fim predeterminado, e a narrativa se tornaria, assim, prisioneira de uma compreensão petrificada da história, melhor dizendo, a crença no progresso e na civilização como o único destino possível para o homem contemporâneo. Teríamos uma única narrativa se projetando para um fim definido de antemão, sem perspectivas de um novo começo. Entretanto, as perspectivas teóricas de Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin e Hannah Arendt insistem em romper com a visão progressiva do tempo cronológico e nos incitam a acreditar que o passado não esvazia o presente, mas, ao contrário, lhe abre novas possibilidades de existir no futuro. Esses autores apostam na retomada do passado com base em interpretações que ainda não foram construídas, mas que permanecem como possibilidades, aguardando seu momento de ressurreição na grande temporalidade (Bakhtin, 2003).

O futuro desponta como permanente vir-a-ser construído na ação consciente dos homens no mundo. Nessa perspectiva, os mais velhos não são esquecidos e podem se reconciliar com o presente, pois, de acordo com Octavio Paz (1991, p.62), “la reflexion sobre el ahora no implica renuncia al futuro ni olvido del pasado: el presente es el sitio de encuentro de los tres tiempos”.

As idéias tanto de Mikhail Bakhtin quanto de Walter Benjamin estão presentes na construção dos argumentos que consolidam nossa orientação teórica e metodológica. Entretanto, optamos por colocar em destaque, no próximo segmento, o pensamento de Hannah Arendt. Com base em sua teoria conduziremos algumas reflexões sobre a “revelação do quem”, destacando o modo como as pequenas histórias narradas pelos habitantes do Córrego dos Januários nos falam de uma experiência mais profunda, um modo particular de interlocução com a dimensão humana e a construção do futuro no presente. Ou seja, Arendt afirma, junto com Benjamin, que “nada do que aconteceu um dia pode ser perdido para a história”.

#### **2.4.2**

#### **Hannah Arendt: a ação e o quem**

O evento totalitário é o contexto em que a obra de Hannah Arendt emerge. O choque e a perplexidade diante da descoberta dos campos de extermínio levam a autora a escrever sua primeira grande obra, *A Origem do Totalitarismo*. Publicado em 1951, este livro fala de seu esforço em tentar compreender o que parecia impossível de ser compreendido, pois os conceitos tradicionais não dão conta da experiência totalitária. O projeto de compreender o evento totalitário se apresenta para Arendt diante do choque ao tomar conhecimento da existência de Auschwitz. É aí que o esforço compreensivo se inicia, e ele traz consigo a possibilidade de reconciliação. Reconciliar é uma reação a esse estranhamento, a essa perda de referências a que o totalitarismo levaria.

Arendt concebe a história como uma série de eventos e não como uma força de curso previsível. Em diferentes momentos de sua obra, a autora se contrapõe à causalidade histórica e compreende um evento histórico como a emergência imprevisível de algo novo que pôde ter ocorrido sem que fosse necessária ou sem que obedecesse a determinação prévia e supra-histórica.

Somente quando algo irrevogável aconteceu é que podemos retrair sua história. O acontecimento ilumina o próprio passado; jamais pode ser deduzido dele. Sempre que ocorre um evento grande o suficiente para iluminar seu próprio

passado, a história acontece. Só então o labirinto caótico dos acontecimentos passados emerge como uma história que pode ser contada, porque tem um começo e um fim (Arendt, 1993, p.49).

Mas Arendt (1989) afirma que

(...) todo fim na história constitui necessariamente um novo começo; esse começo é a promessa, a única “mensagem” que o fim pode produzir. O começo antes de tornar-se evento histórico, é a suprema capacidade do homem; politicamente, equivale à liberdade do homem (p.531).

Assim, para a autora, “cada novo nascimento garante esse começo”. Esse é um tema que ela desenvolve em sua obra *A Condição Humana* (1958) ao tratar da ação. O livro propõe uma fenomenologia das atividades humanas que são o labor, o trabalho e a ação. Embora interligadas, essas atividades correspondem a critérios próprios e a cada uma delas corresponde uma condição básica da vida humana, respectivamente: vida, mundanidade e pluralidade. O labor assegura a existência e a sobrevivência de todos nós como espécie por meio da manutenção do ciclo vital, enquanto o trabalho envolve tudo o que é colocado pelo homem no mundo de maneira artificial, conferindo estabilidade e permanência ao mundo. A condição humana da ação é a pluralidade, pois a ação ocorre entre os homens e não necessita da mediação material. Para Arendt, o conteúdo da política é o agir, pois são os homens, e não o Homem, que vivem e habitam no mundo, e é essa pluralidade a condição de toda vida política.

A pluralidade é a condição da ação humana pelo fato de sermos todos os mesmos, isto é, humanos, sem que ninguém seja exatamente igual a qualquer pessoa que tenha existido, exista ou venha a existir (Arendt, 2004, p.16).

Para Arendt, a ação e o nascimento estão estreitamente ligados, pois “o fato de que o homem é capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado. E isto, por sua vez, só é possível porque cada homem é singular, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo” (2004, p.191).

Assim como a ação corresponde ao nascimento, para a autora o discurso é a efetivação da condição humana da pluralidade, do viver como ser singular entre iguais:

É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano; e esta inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato original e singular do nosso aparecimento físico original (Arendt, 2004, p.189).

Segundo a autora, é na ação e no discurso que os homens mostram quem são, revelam suas identidades pessoais e singulares, e assim apresentam-se ao mundo, respondendo à pergunta que recebem ao nascer: “Quem és?”. No entanto, ela adverte que a revelação do “quem” está ameaçada quando deixa de existir convivência:

Sem a revelação do agente no ato, a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer. Na verdade, passa a ser apenas um meio de atingir um fim, tal como a fabricação é um meio de produzir um objeto. Isto ocorre sempre que deixa de existir convivência, quando as pessoas são meramente “pró” ou “contra” os outros, como ocorre por exemplo na guerra moderna, quando os homens entram em ação e empregam meios violentos para alcançar determinados objetivos em proveito do seu lado e contra o inimigo. Nestas circunstâncias, que naturalmente sempre existiram, o discurso transforma-se, de fato, em mera “conversa”, apenas mais um meio de alcançar um fim, quer iludindo o inimigo, quer ofuscando a todos com propaganda. Neste caso, as palavras nada revelam; a revelação advém exclusivamente do próprio feito, e este feito, como todos os outros, não desvenda o “quem”, a identidade única do agente (Arendt, 2004, p.193).

Hannah Arendt quer separar o agir do fazer falando-nos de uma dignidade da política. A ação não pode ser consertada, como um objeto pode. Reduzir o agir ao fazer é perder o político, coisificando-o. A ação pode ser reiniciada, e o perdão é esse esforço de reiniciar. Para reparar uma ação e lidar com seu caráter de irreversibilidade é preciso perdoar, esta é uma das potencialidades da própria ação.

A única solução possível para o problema da irreversibilidade – a impossibilidade de se desfazer o que se fez, embora não se soubesse nem se pudesse fazer o que se fazia – é a faculdade de perdoar. (...) A ação estabelece constantemente novas relações numa teia de relações, e precisa do perdão, da liberação para que a vida possa continuar, desobrigando constantemente os homens daquilo que o fizeram sem o saber. Somente através dessa mútua e constante desobrigação do que fazem, os homens podem ser agentes livres; somente com a constante disposição de mudar de idéia e recomeçar, pode-se-lhes confiar tão grande poder quanto o de consistir em algo novo (Arendt, 2004, p.248-250).

Quanto ao caráter imprevisível da ação, da impossibilidade da previsibilidade das conseqüências advindas do agir, Arendt (2004) introduz o poder de prometer.

As duas faculdades são aparentadas, pois a primeira delas – perdoar – serve para desfazer os atos do passado, cujos ”pecados” pendem como espada de Dâmoles sobre cada nova geração; a segunda - obrigar-se através de promessas – serve para criar, no futuro, que é por definição um oceano de incertezas, certas ilhas de segurança, sem as quais não haveria continuidade, e menos ainda durabilidade de qualquer espécie, nas relações entre os homens. (...) Se não nos obrigássemos a cumprir nossas promessas, jamais seríamos capazes de conservar nossa identidade; seríamos condenados a errar, desamparados e desnorteados, nas trevas do coração de cada homem, enredados em suas contradições e equívocos - trevas que só a luz derramada na esfera pública pela presença de outros, que confirmam a identidade entre o que promete e o que cumpre, poderia dissipar (p.249).

Sem a possibilidade de reiniciar, seríamos vítimas da repetição, de um curso automático e inexorável da vida cotidiana. Para Arendt, o que interrompe esse curso é a faculdade de agir, de iniciar algo novo.

As faculdades de perdoar e prometer dependem da condição humana, ou seja, da pluralidade do agir sem a qual o perdão e a promessa não têm realidade. Não há perdão nem promessa no isolamento e na solidão. No perdão, como na ação e no discurso, dependemos dos outros.

Diante do outro, aparecemos de uma maneira distinta, imperceptível para nós mesmos. A matéria do agir é a fala, o discurso. É por meio do discurso que o ser humano se revela na sua singularidade. Mas para essa revelação precisamos do outro.

É como se a estabilidade humana transparecesse na permanência da arte, de sorte que certo pressentimento de imortalidade - não a imortalidade da alma ou da vida, mas de algo mortal feito por mãos não mortais – adquira presença tangível para fulgurar e ser visto, soar e ser escutado, escrever e ser lido (Arendt, 2004, p.181).

### **2.4.3**

#### **Contar histórias, criar lembranças, reconciliar...**

Para Andreiuolo (2005), contar histórias para Hannah Arendt tem a ver com a experiência da reconciliação. A compreensão corresponde à tentativa de nos reconciliarmos com a realidade e de estarmos à vontade no mundo.

A compreensão não é cumulativa, mas se faz acompanhada da vida, faz e refaz e jamais tem um parâmetro fixo a ser superado. Toda ação revela algo de inusitado, cabe a compreensão acolher essa novidade e procurar nela a força do significado

do evento. (...) Seja por seu aspecto de revelação, ou por sua abertura ao campo compreensivo, as histórias integram a modalidade de produtos do trabalho que escapa da mera utilidade (Andreiulo, 2005, p.35).

Embora distintos – e distingui-los é um esforço importantíssimo na filosofia política de Hannah Arendt –, fabricação, ação e pensamento se encontram na memória. “A lembrança é o esforço contínuo contra o caráter perecível do mundo, é o que faz do mundo nossa morada (Andreiulo, 2005, p.35).

A ação é intangível; para existir, precisa dos homens que falam e agem. Mas para que as histórias que esses homens vivem possam ser contadas, necessitam do *homo faber*. No entanto,

(...) o que se salva nas histórias é a possibilidade de uma relação não utilitária ou instrumental com a dimensão poética. Ao revelar o quem, salvá-lo da futilidade, a história transcende a mera funcionalidade, afirma-se como um produto privilegiado da atividade fabricadora menos sujeito ao desgaste, e expande sua durabilidade no mundo. Com ela os assuntos humanos transfigurados ganham também estabilidade. O mundo construído pelo *homo faber* só é um lar para os mortais na medida em que suporta e sobrevive ao cambiante e contínuo movimento de suas vidas, suas ações e palavras (Andreiulo, 2005, p.36).

Para Arendt (2004, p.16), “a ação cria condição para a lembrança, para a história”. Segundo Andreiulo (2005), os ensaios de *Homens em Tempos Sombrios* precisam ser compreendidos como uma forma especial de narrar as ações (p.68).

Sua galeria de retratos inverte a lógica com que habitualmente procuramos entender uma época: a luz de quem ilumina a escuridão de nossos tempos. (...) Hannah Arendt narrou atos e palavras de pessoas que viveram em tempos sombrios, sem, entretanto, cair na armadilha de atribuir a seus biografados qualquer condicionamento de época que pudesse ser explicado exclusivamente pela História. (...) Arendt revelou nos ensaios de *Homens em Tempos Sombrios* o vagar individual da cada um de seus biografados no mundo. Com isso criou a rede de narrativas compartilhadas que relaciona os protagonistas em uma correspondência reveladora, uma história maior (Andreiulo, 2005, p.71-72).

O contato com o pensamento de Arendt possibilitou iluminar a experiência de pesquisa com os habitantes do Córrego dos Januários. Durante as escavações, alguns moradores foram evocados de forma marcante no processo de rememoração do povoado. Em alguns momentos, a pesquisadora foi testemunha



não só desse rememorar como também de cenas que revelaram o “quem” (Arendt, 2004), a *humanitas* de Sebastião Lau, Tio Izalino, Seu Agenor e Dedé.

### 2.4.3.1 Sebastião Lau

*Pois a tradição ordena o passado não apenas cronológica, mas antes de tudo sistematicamente, ao separar o positivo do negativo, o ortodoxo do herético, o que é obrigatório e relevante dentre a massa de opiniões e dados irrelevantes ou simplesmente interessantes. A paixão do colecionador, por outro lado, é não só assistemática, como beira o caótico, não tanto por ser uma paixão, mas por não ser basicamente inflamada pela qualidade do objeto – algo classificável –, e sim atizada pela sua “autenticidade”, sua qualidade única, algo que desafia qualquer classificação sistemática. (...) Como Benjamin foi provavelmente o primeiro a ressaltar, o colecionar é a paixão das crianças, para quem as coisas ainda não são mercadorias e não avaliadas segundo sua utilidade.*

(Arendt, 1987, p.168-170)



Figura 21 - Nestor e Sones (à direita) vendo o mural com a foto de Sebastião Lau

**Dedé:** *O Tio Sebastião Lau, acho que ele tá em primeiro lugar aqui na nossa comunidade. Sabe por quê? Porque ele não teve filhos, e ele que doou aquele pedaço de terra ali pra fazer essa casa de escola pras pessoas estudar. Se tem hoje aí, quantas pessoas estudaram ali, agradece a ele. Ele que deu o terreno, não foi, padrinho Zé Barba?*

**Zé Barba:** *Deu o terreno e fez a casa.*

**Dedé:** *Então, foi uma coisa pra todo mundo. Um exemplo muito bonito que ele deu pra nós.*

Ao escutar essas palavras, Sebastião Lau, que faleceu há mais de trinta anos, vai ganhando uma dimensão totalmente nova para mim. Já havia visto sua fotografia na secretaria da escola, colocada lá como homenagem. No entanto, quando Toquinho perguntou às crianças se sabiam quem construíra a escola, elas responderam, em coro, que havia sido o prefeito. A foto antiga ficava guardada numa pequena sala, e nenhuma criança ali sabia quem ele era.

Agora, diante das lembranças de Dedé, Zé Barba e outros, a história de Sebastião Lau se desenha outra. O homem que emerge nas narrativas vem banhado de sentimentos de gratidão e reconhecimento pelo ato de generosidade e preocupação com a comunidade. Nada que se compare a uma informação seca de que foi Sebastião Lau quem construiu a escola em 1952. História esta que é oficial, mas que também as crianças desconhecem. Foram muitos depoimentos reverenciando Sebastião Lau, memória tramada pelo afeto e pela experiência de quem conviveu com ele. As narrativas vão desarrumando aquele contexto enquadrado em que Sebastião Lau estava. O que emerge não é a memória dos fatos e datas, o “quê” de Sebastião Lau, pedreiro que deu o terreno e construiu a escola do povoado. Sebastião Lau é lembrado principalmente por seu zelo pelo coletivo, por sua dedicação à comunidade, por se preocupar com as crianças... Ao falarem de Sebastião Lau, Dedé, Zé Barba e muitos outros arrancam a moldura, e o “quem” de Sebastião Lau se revela. A imagem sai da moldura dos fatos que só revelam o “quê” e não o “quem”.

#### **2.4.3.2** **Tio Izalino**

*(...) Que mesmo no tempo mais sombrio temos o direito de esperar alguma iluminação, e que tal iluminação pode bem provir, menos das teorias e conceitos, e mais da luz incerta, bruxuleante e frequentemente fraca que alguns homens e mulheres, nas suas vidas e obras, farão brilhar em quase todas as circunstâncias e irradiarão pelo tempo que lhes foi dado na Terra. (...)*

*(Arendt, 1987, p.9)*

Na segunda viagem ao Córrego dos Januários, em julho de 2002, eu e Toquinho reunimos os moradores e apresentamos um varal composto de

fotografias feitas na primeira viagem e também de fotos antigas de alguns moradores.



Figura 22 - Varal de fotografias

O objetivo do varal era fazer uma devolução das imagens e ouvir o que elas evocavam. Enquanto percorriam o varal, adultos e crianças conversavam. Havia em todos um sentimento de espanto pela beleza das fotos. Ouvindo Elizete, é possível compreender que ressignificar a beleza das imagens é poder ver de outro modo o cotidiano:

*Ficou chique demais. As fotos estão lindas! As broas tão chiques demais, uai! A Dedé tá chique demais. Engraçado, na hora que tá fazendo, você não imagina que vai ficar tão bonito, depois vira uma história e fica bonito demais. Coisa que a gente até nem via mais. Não pode esquecer mesmo, não. A gente não dá muita importância, porque a gente não vê.*

Mas as fotos atuais e antigas também provocam nos mais velhos a reflexão sobre a fotografia como elo dos tempos, e sobre a importância da memória e do diálogo com as novas gerações.

*Silvia: Ali naquelas fotos tem muitas pessoas que já morreram, da família. Então, é muito bom, esses trabalhos, essas fotos, é bom demais. Porque aí é recordação, fica. E outra, tem que ter alguém pra conversar com as crianças, pra falar como foi, como era. Porque a gente teve trabalho, por exemplo, que eu fiz, tá lá no museu do Inhapi, foi uma dificuldade pra gente conseguir. Então é assim, os pais, a família deve conversar com os filhos sobre isso. Contar um caso de alguma pessoa antiga que já passou por aqui, o Izalino, que era uma pessoa muito engraçada, contador de piada, contador de história, muito engraçado. Muita gente*

*que já passou por aqui, que cada um teve uma história bonita. Tio Luiz, Tio Chico, papai, Izalino. Esses aqui, cada um teve uma história muito bonita, e tá escondido, né?*

Argeu lembra algo precioso: a qualidade do ser humano que emerge do coletivo traz a marca de sua diferença no mundo. Há nessa fala uma noção de pertencimento, de singularidade, que se vai tornando rara, à medida que nos afastamos uns dos outros, nos isolamos, e deixamos de compartilhar a nossa diferença no mundo. Tio Izalino vivia na comunidade, e era com ele que Argeu se sentia à vontade para falar.

*Argeu: E falando do Tio Izalino, ele era um elemento que acatava os forasteiros, foi o que acolhia as pessoas, Zé Pião, o Terto, Paulista, Sinhaninha, Zé Sati... Então cada um deles tinha a sua qualidade.*



Figura 23 - Tio Izalino

Há algo de profundo nos fragmentos narrados. Quando alguém morre, perdemos ligação com seu “quem”, com sua diferença que exercia no mundo. Arendt<sup>11</sup>, em sua belíssima homenagem a Karl Jaspers, diz que “aquilo que em um ser humano é o mais fugidio e, ao mesmo tempo, mais grandioso, a palavra falada e os gestos singulares, morrem com ele, e dependem da nossa recordação e homenagem”. As recordações de Argeu e Silvia fazem Tio Izalino, Tio Chico, Zé Pião e Sinhaninha ressoarem de novo e de outro modo no mundo.

---

<sup>11</sup> ARENDT, Hannah. Discurso de Hannah Arendt por ocasião da homenagem pública prestada pela Universidade de Basileia a Karl Jaspers no dia 4 de março de 1969 (tradução Luciana Villas Bôas Castelo Branco, mimeo.).

### 2.4.3.3 Seu Agenor

*(...) Tudo que precisava para começar era a vida e o mundo, praticamente qualquer tipo de mundo ou ambiente; pois o mundo está cheio de histórias, de acontecimentos e ocorrências e eventos estranhos, que só esperam ser contados, e a razão pela qual geralmente permanecem não contados é, segundo Isak Dinesen, a falta de imaginação - pois somente se você consegue imaginar o que aconteceu de alguma maneira, repeti-lo na imaginação, é que você verá as histórias, e somente se você tem a paciência de contá-las e recontá-las é que poderá contá-las bem.*

*(Arendt, 1987, p.8)*

Agenor Caetano da Silva, 72 anos, é o contador de histórias de toda a região do município de Inhapim. Em 2002 (Gusmão, 2004, p.41), Toquinha e eu planejamos visitá-lo com a intenção de “prosear” um pouquinho e convidá-lo para a exposição do varal de fotos que aconteceria alguns dias depois no Córrego. Mas logo ficamos sabendo que Seu Agenor andava doente e não poderia ir à exposição. Ficamos preocupadas, mas resolvemos ir até a casa dele levando as fotos da exposição, já que ele não poderia estar presente no dia do varal. Quando encontramos Seu Agenor, ficamos, no início, bem impactadas. Ele estava com tonteiras, sentindo-se fraco, e demonstrava alguns sinais de perda de memória. Embora se lembrasse de nós e demonstrasse alegria por estarmos lá, parecia-nos muito diferente daquela pessoa vibrante que havíamos conhecido um ano atrás contando histórias no Córrego.

Ainda mobilizadas pelo inesperado da cena, mas muito apropriadas de nossa admiração e afeto por Seu Agenor, fomos lhe contando que estávamos voltando para mostrar a todos as fotos daquele fim de semana em 2001. À medida que via as fotos, Seu Agenorinho, como é chamado carinhosamente por todos, ia se lembrando de tudo. Ao se ver na foto contando histórias debaixo da mangueira, chamou seus filhos, netos, a mulher Maria, e uma roda foi se formando em volta do álbum. Seu Agenor começou a contar aos filhos – que não estavam no Córrego naquela ocasião – o que tinha acontecido.



Figura 24 - Seu Agenor e Denise: vendo as fotos

As fotos iam aos poucos não só evocando sentimentos de valorização como também despertando lembranças, histórias antigas desse velho contador... Eis um trecho dessa nossa conversa:

**Seu Agenor:** *Aí a gente falava, ô gente, vamos acender um fogo aqui na rua e vamos contar uma história? Vamos. E aquele que não trouxer um pau de lenha não “quenta” fogo, não (risos). Aí cada um corria lá, saía com um cavaco, um pau de lenha, e a gente fazia aquela fogueira ali no meio da rua assim, e começava contar história. Com pouco mais tava assim de homem, homem velho. Aí começava: vamos contar a história pr’ocêis disso assim assim, e começava. E aquilo ia longe, era bom demais. Aí quando dava ali as nove, dez horas, todo mundo falava assim, Nhonhô, compadre Zé Pedrim, vamos dormir agora. E todo mundo ia embora. E quase todo dia era assim, bobo. Não tinha confusão, não tinha nada. Era mesmo aquele prazer de ficar contando história ali, era beleza mesmo.*

**Denise:** *Isso era aqui? Aqui em Inhapim, mesmo?*

**Seu Agenor:** *Não. Era lá no São Domingos das Dores. Nesse tempo nós éramos rapaziadinha nova, né? Meninadinha de assim dez, doze anos, quatorze anos. Aí nós nos juntávamos contando umas histórias, ali nas lojas, nas vendas. Vamos acender um fogo e vamos contar umas histórias. Cada um conta história, mas cada um tem que trazer um pau de lenha.*

**Denise:** *Muito bom isso. Muito bom!*

**Seu Agenor:** *Aí cada um trazia um cavaco, um pau de lenha lá, e nós fazíamos aquela fogueira e com pouco mais aquilo tava duro de homem em pé, de roda, aí eles começavam a contar também. Aqueles homens começavam a contar uma história pra nós. Aquilo ia longe...*

**Denise:** *Quer dizer que desde aí o senhor já contava história? Começou a contar história?*

**Seu Agenor:** *É. Comecei a contar história. Aí nós começamos a aprender. Aqueles homens contavam pra nós, nós íamos aprendendo e começava a contar.*





Figura 25 - Seu Agenor contando história

Enquanto conversávamos com Seu Agenor, que via as fotos e lembrava-se do seu tempo de menino, de como foi se tornando contador de histórias, fomos percebendo uma grande mudança naquele homem: tinha agora um brilho nos olhos e muita animação. Bem diferente de como instantes antes nos recebera: trêmulo, distante, triste.

Seu Agenor nos conta sua história e se fortalece. Sua narrativa traz de volta o próprio contador. Sua imagem agora é a do contador de histórias, o narrador que ele propriamente é e se revela com clareza na descrição de Ecléa Bosi:

O narrador está presente ao lado do ouvinte. Suas mãos, experimentadas no trabalho, fazem gestos que sustentam a história, que dão asas aos fatos principados pela voz. (...) A arte de narrar é uma relação alma, olho e mão: assim transforma o narrador sua matéria, a vida humana. (...) Seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo. Uma atmosfera sagrada circunda o narrador (1994, p.90).

#### 2.4.4.4 Maria Ilda das Dores Souza, a Dedé

*Não sabemos o que acontece quando morre um ser humano. Sabemos apenas que ele nos deixou. Nós nos apoiamos em sua obra, embora saibamos que as obras não precisam absolutamente de nós. Elas são o que alguém que morreu deixou para trás no mundo que existia antes que ele viesse e permanece quando ele o deixa. O que será das obras depende do curso do mundo. No entanto, o simples fato de que estes livros eram vida vivida não aparece imediatamente ao mundo e fica sujeito ao esquecimento. Aquilo que em um ser humano é o mais fugidio e, ao mesmo tempo, mais grandioso, a palavra falada e os gestos*

*singulares, morrem com ele, e dependem da nossa recordação e homenagem. A recordação realiza-se pela convivência com os mortos, da qual emerge um diálogo, que os faz ressoar de novo no mundo. A convivência com os mortos precisa ser aprendida e é o que estamos começando hoje, na comunhão de nossa tristeza.*<sup>12</sup>.

Em janeiro de 2005, enfrentamos o momento mais difícil e doloroso desde que iniciamos o trabalho de pesquisa, em 2001. Não podíamos imaginar que, ao estar em outubro de 2004 no Córrego, nos despediríamos para sempre de Dedé.

Pouco antes de voltarmos para o Rio, fomos à casa dela e com um forte abraço nos despedimos, dizendo que não iríamos mais vê-la. Sua cunhada, que estava por perto, lembrou-se depois dessa cena. Ela sabia que estávamos nos referindo à viagem. Algumas horas depois, pegaríamos o ônibus de volta para o Rio de Janeiro, mas a força do abraço e das palavras adquiriu outro sentido diante daquele que se tornou realmente nosso último encontro.

Desde o primeiro dia em que a vimos fazendo broas, num misto de diversão e vergonha diante da novidade de ser filmada e fotografada no seu ofício cotidiano, Dedé se revelou, mostrou o seu valor. Foi dela a proposta de fazer a oficina de esteira de taboa (Gusmão, 2004, p.65) criando especialmente para o nosso encontro um tear como já não se vê mais por ali e compartilhando sua experiência e saber com todos. Dedé adorava ver as fotos que trazíamos a cada novo retorno e, ao se ver com as broas, no tear, conversando, dançando forró, dizia rindo, como um prenúncio: *“É, essa menina Denise. Daqui a alguns tempos, quando eu não tiver mais aqui, o povo então vai poder saber quem era esta tal de Dedé”*.

Dedé adorava ver os álbuns de fotografia, e logo percebemos o seu fascínio pelas imagens. Um dia, perguntamos a ela se gostaria de fotografar. Ela olhou desconfiada: *“Como assim? Eu, mexendo na máquina? Não, eu não sei lidar com isso, não”*.

Mas resolvemos insistir, pressentindo que Dedé só precisava de um apoio e de um leve empurrãozinho para também deixar a grafia de seu olhar registrada no acervo da história dos Januários. Antes de sairmos passeando pelo Córrego, entregamos a máquina em suas mãos, demos algumas indicações básicas e

---

<sup>12</sup> ARENDT, Hannah. Discurso de Hannah Arendt por ocasião da homenagem pública prestada pela Universidade de Basiléia a Karl Jaspers no dia 4 de março de 1969 (tradução de Luciana Villas Bôas Castelo Branco).



permanecemos a seu lado sem interferir. A insegurança de Dedé rapidamente deu lugar a seu espírito lúdico e curioso.



Figura 26 - Dedé e a câmera

Dedé começou a experimentar a câmera e pouco depois estava no meio do mato, totalmente concentrada, produzindo uma foto da jabuticabeira de seu Tio Chico. Preocupada com o destino das jabuticabeiras do Córrego, Dedé chama a atenção, com a fotografia, para o desaparecimento daquelas árvores que existiam em abundância até poucos anos atrás. Não há nenhuma razão para as jabuticabeiras deixarem de existir, dizia pensativa. Ao ver a imagem, Dedé dialoga com o futuro.

***Dedé:** Pros vindouros que vêm, aí a gente às vezes vai contar a história. Eles não sabem, se tiver a foto aí eles vão ver. Com a foto eles vão ver como que era.*



Figura 27 - Jabuticabeira do Tio Chico  
(Foto de Dedé)

Dedé deseja que as jabuticabeiras acolham com suas sombras e frutos aqueles que ainda virão... Há nesta fala uma promessa que Dedé começou a cumprir. Não podemos nos esquecer disso.

*Dedé: Denise, eu tenho a vontade de ter um pé de jabuticaba lá em casa. Olha o que eu fiz: as meninas estavam chupando jabuticaba lá em casa eu peguei assim a semente e coloquei tudo lá debaixo do pé de manga. Eu falei: ah, eu vou pôr lá, às vezes nasce mudinha. Pus lá, minha filha, ocê precisa de ver o tanto de mudinha que nasceu. Eu falei assim: eu não vou alcançar essas jabuticabas, não, mas ocês que vêm, mais tarde quem sabe ocês vão chupar jabuticaba desses pés.*

Esta história com a jabuticabeira aconteceu em 2003. Um ano depois, morria Maria Ilda das Dores Souza. Poucos instantes antes de morrer, Dedé chamou a família, os enfermeiros e os médicos. Agradeceu o cuidado que recebeu. Com muita serenidade, pediu aos filhos, ao marido e a seus amigos que não ficassem tristes. Disse que Deus a estava chamando e que deixava este mundo sorrindo...

(...) é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo a sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível. Assim no interior do agonizante desfilam inúmeras imagens – visões de si mesmo, nas quais ele se havia encontrado sem se dar conta disso –, assim o inesquecível aflora de repente em seus gestos e olhares, conferindo a tudo o que lhe diz respeito aquela

autoridade que mesmo um pobre-diabo possui ao morrer, para os vivos ao seu redor. Na origem da narrativa está essa autoridade (Benjamin, 1994, p.207-208).

Durante as escavações que nortearam a busca da memória do Córrego, Dedé deixou um legado aos “vindouros”. Ao fotografar a jabuticabeira de seu Tio Chico, Dedé marcou um encontro com o futuro, e sou testemunha disso.

## 2.5

### Memória e testemunho



Figura 28 - Toquinho e Denise na tapera da D. Felícia

#### *Ruína*

*Um monge descabelado me disse no caminho: “Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha idéia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as tapers abrigam. Porque o abandono pode não ser apenas de um homem debaixo da ponte, mas pode ser também de um gato no beco ou de uma criança presa num cubículo. O abandono pode ser também de uma expressão que tenha entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra. Uma palavra que esteja sem ninguém dentro. (O olho do monge estava perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo”. E o monge se calou descabelado.*

*Manoel de Barros (2000)*

Memória, narrativa, experiência, história e testemunho são conceitos que se entrelaçam.

O conceito de testemunho é de suma importância no trabalho de memória das catástrofes (Seligmann-Silva, 2003). Com Benjamin, compreende-se que relembrar os mortos não é ficar preso ao passado, mas despertar para o compromisso ético e político de não repetir a barbárie. “Devemos lembrar de esquecer mas não devemos nos esquecer de lembrar” (p.62).

Nesse cenário em que o testemunho da barbárie se apresenta como resistência ao memoricídio dos campos de concentração nazistas, destaca-se um escritor italiano, de família judaico-piemontesa, sobrevivente de Auschwitz: Primo Levi (1919-1987). Marcio Seligmann-Silva (2003) em um de seus ensaios sobre o testemunho na era das catástrofes ressalta que

Primo Levi abriu o seu livro *Os afogados e os sobreviventes* – uma das mais profundas reflexões já escritas sobre o testemunho – lembrando a incredulidade do público de um modo geral diante das primeiras notícias, já em 1942, sobre os campos de extermínio nazistas. (...) Auschwitz pode ser compreendido como uma das maiores tentativas de “memoricídio” da história. A história do terceiro Reich, para Levi, pode ser “relida como a guerra contra a memória, falsificação orwelliana da memória, falsificação da realidade, negação da realidade”. Os sobreviventes e as gerações posteriores defrontam-se a cada dia com a tarefa (no sentido que Fichte e os românticos deram a esse termo: de tarefa infinita) de rememorar a tragédia e enlutar os mortos. Tarefa árdua e ambígua, pois envolve confronto constante com a catástrofe, com a ferida aberta pelo trauma – e, portanto, envolve a resistência e a superação da negação –, como também visa a um consolo nunca totalmente alcançável (p.51-52).

Jeanne Marie Gagnebin (2004), no artigo “Memória, história, testemunho”, faz uma reflexão sobre a narrativa e os ouvintes a partir do sonho de Primo Levi no campo de Auschwitz, um sonho também de todos os seus companheiros todas as noites:

Primo Levi sonha com a volta para casa, com a felicidade intensa de contar aos seus próximos o horror vivido e passado e, de repente, com a consciência desesperada de que ninguém o escuta, de que os ouvintes levantam e vão embora, indiferentes. Primo Levi pergunta: “Por que o sofrimento de cada dia se traduz, constantemente, em nossos sonhos, na cena sempre repetida da narração que os outros não escutam?” (p.92)

No livro *A Trégua*, outra obra importante de Primo Levi, o escritor relata sua dor e solidão no pós-guerra:

Percebi que a onda quente do sentir-se livre, do sentir-se homem entre os homens, do sentir-se vivo, refluiu longe de mim. Encontrei-me de pronto velho, exangue, cansado, além de toda medida humana: a guerra não terminara, guerra é sempre. Os meus ouvintes foram-se em pequenos grupos: deviam ter entendido. Eu sonhara algo semelhante, todos sonháramos nas noites de Auschwitz: falar e não sermos ouvidos, reencontrar a liberdade e permanecer solitários (Levi, 1997, p.82).

Gagnebin diz que, se não fossem embora, os ouvintes possibilitariam que essa história fosse retomada e transmitida em palavras diferentes. Ele propõe uma ampliação do conceito de testemunha que não seria apenas aquele que viu com seus próprios olhos:

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras “revezam” a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente esta retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (2004, p.93).

Apoiada na visada de Gagnebin e Seligmann-Silva, penso que Primo Levi traz dois pontos fundamentais para refletirmos sobre o conceito de testemunho em nosso trabalho: a escuta e a narrativa.

Hurbinek, que tinha três anos e que nascera talvez em Auschwitz e que não vira jamais uma árvore; Hurbinek, que combatera como um homem, até o último suspiro, para conquistar a entrada no mundo dos homens, do qual uma força bestial o teria impedido; Hurbinek, o que não tinha nome, cujo minúsculo antebraço fora marcado mesmo assim pela tatuagem de Auschwitz; Hurbinek morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras (Levi, 1997, p.31).

Ser testemunha dos Januários mais velhos, muitos deles falecidos pouco depois de nossas escavações, possibilitou uma arqueologia da memória do Córrego dos Januários. A memória para se sustentar precisa de escuta e acolhida, e aquele que testemunha escuta a expressão de uma existência.

Tio Dionísio e Tia Oscarina foram desde o início grandes incentivadores do nosso trabalho. Comecei a chamá-los de tios sem me dar conta. Talvez por serem tios de Toquinha e pela carinhosa acolhida dos dois em sua casa desde a primeira viagem, em abril de 2001 (Gusmão, 2004).





Figura 29 - Tio Donísio conversando com Denise  
(Foto de Toquinha)

Fato é que eu tinha por aquele casal um afeto e admiração profundos, e me tocava muito sua dor pela perda da filha Helena, que eu conhecera na primeira vez em que estive no Córrego. A morte de Helena abalou toda a comunidade, pois era uma mulher muito querida por todos.

Em seu luto, Tio Dionísio acompanhava a movimentação minha e de Toquinha, aprovando o trabalho, mas sem ânimo para participar. Toquinha e eu costumávamos colocá-lo a par do processo que desenvolvíamos com o povoado e sentíamos que nossa presença e entusiasmo com o trabalho traziam-lhe um pouco de conforto. Seu maior divertimento era provocar Aparecida, que trabalhava nos afazeres da casa. Aparecida e eu nos dávamos muito bem, mas ela fugia das minhas lentes, pois não queria ser fotografada. Eu respeitava sua decisão, achando que um dia ela se renderia e se deixaria fotografar, como de fato aconteceu. Tio Dionísio achava graça das fugas de Aparecida, e acabei grata a ela por tanta resistência.

Um dia acordei bem cedo e sentei-me perto dele na soleira da varanda. Tentei puxar conversa mas ele parecia mais triste do que de costume. De repente, sem falar nada, levantou-se e voltou com uma mala bem antiga nas mãos. Levei alguns instantes para entender que aquela mala era como um baú onde estavam guardadas as memórias de sua vida. Fiquei tocada com a confiança daquele homem em me revelar um recanto tão sagrado. Ficamos os dois em silêncio vendo as fotos antigas, quando ele se deparou com uma imagem de Helena. Com a foto nas mãos, Tio Dionísio chorou muito. Entendi que naquele momento ele

partilhava comigo não só sua história mas também sua dor. Nenhuma palavra foi dita. Compartilhamos o silêncio e a emoção. E foi o suficiente.

Esse encontro com Tio Dionísio leva a pensar na importância de uma escuta aberta ao silêncio e a tudo que o silêncio carrega. Nesse sentido, Bosi (2003a) faz uma primorosa reflexão sobre o pesquisador e o idoso:

Insisto na formação do pesquisador que vai entrevistar o idoso. Quando a narrativa é hesitante, cheia de silêncios, ele não deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que escutou, ou de preencher as pausas. (...) Nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser trabalhos de memória. Há situações difíceis de serem contadas. (...) A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis. Ao silêncio do velho seria bom que correspondesse o silêncio do pesquisador. Aprendizagem difícil porque vivemos num moinho de palavras e citações que se apóiam comodamente ao discurso ideológico. O silêncio na pesquisa não é uma técnica, é como que o sacrifício do eu na entrevista, que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo (p.64-65).

A elaboração do acervo de contos e imagens dos Januários e posteriormente a Casa de Memória e Cultura devem-se principalmente à relação que estabelecemos entre a escuta, o testemunho e a narrativa.

Mas o que possibilita que a pesquisadora “não vá embora” e permaneça por um longo tempo não só na escuta como também no compromisso de ser narradora desses testemunhos?

Como pesquisadora-colecionadora, também retiro de minha memória lembranças que se organizavam em torno de um certo contexto familiar e cronológico e as reconfiguro num arranjo que me liga não só à memória dos Januários mas a uma memória mais ampla, possibilitando que eu refaça outras configurações de mim.

Desde o início, percebi a força e o impacto que D. Felícia, que eu não chegara a conhecer, tinha no meu imaginário. Mas só em 2005, diante de uma súbita recordação, pude compreender melhor o quanto a experiência de D. Felícia me era familiar e encontrava ressonância em minha própria história. Lembrei-me de que, aos sete anos de idade, fui para a Bahia conhecer a família de minha mãe.

Era o ano de 1969. Chegamos a Santo Antônio de Jesus e fomos levados por tios e primos a conhecer as irmãs de meu avô materno: Tia Marocas e Tia Honorina. Fiquei parada com meu irmão de cinco anos diante da casinha mais

pobrezinha que tínhamos visto até então. Mas nosso susto maior foi quando as tias abriram a porta para nos receber. Meu irmão começou a chorar de medo, e não era para menos.

Estávamos diante das pessoas mais velhinhas, enrugadas e pobrezinhas que já tínhamos presenciado. Lembro-me bem da recepção alegre e afetiva que tivemos, o que imediatamente transformou o medo em sensação de acolhimento. Lembro-me ainda de testemunhar a felicidade das duas em rever minha mãe e de constatar o quanto havia de calor e humor naquela tapera. Recordo-me do meu espanto em sentir tanta alegria no meio de um cenário de tanta precariedade material.

Além do mais, Tia Honorina era cega. Estava me deparando talvez pela primeira vez com a alteridade radical. No entanto, ao mesmo tempo que estranhava profundamente aquelas duas mulheres, me senti conectada a elas imediatamente. Era apresentada ao que de mais diferente havia testemunhado até ali, e esse estranho era parte da minha família.

Quando saímos da casinha iluminada pelas lamparinas, ouvi os adultos dizerem que elas não queriam deixar a casa para morar em outra em melhores condições. Estavam felizes ali, e era suficiente.

Esse foi meu único encontro com minhas queridas tias-avós, pois elas não demoraram a falecer. Reflito agora diante dessas reminiscências que meu encontro com elas foi essencial para que estivesse sensível e aberta ao encontro, tantos anos mais tarde, com Toquinha e a história de sua Tia Fiinha e a tapera.

Ser testemunha da existência de Honorina e Marocas me abriu um espaço subjetivo sensível à tapera e sua capacidade de acolhimento, afeto e abrigo. Essa experiência traz também o testemunho de um tempo, o interior do Brasil no final da década de 1960 e o advento do progresso com seus ganhos e contradições. Minhas tias pareciam resistir ao novo tempo, e eu, mesmo sem entender, estava lá e pude sentir.

A vida da criança mergulha mais do que se imagina nos meios sociais através dos quais entra em contato com um passado mais ou menos distante, e que é como que o quadro dentro do qual são guardadas as suas lembranças mais pessoais. É esse passado vivido, bem mais do que o passado apreendido pela história escrita, sobre o qual poderá mais tarde apoiar-se sua memória (Halbwachs, 2004, p.75).



Minha caminhada pela memória dos Januários ativa e possibilita que eu ressignifique meu passado. É no encontro com o outro que me reencontro com algo do vivido por mim e reconheço agora cacos de um momento histórico que atravessava todos nós.

Não subsistem, em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado, as quais nos representamos de modo incompleto ou indistinto, ou que até mesmo, cremos que provém completamente de nossa memória. De onde vêm realmente que uma vez que o acaso nos coloca em presença daqueles que participaram dos mesmos acontecimentos, que deles foram atores ou testemunhas ao mesmo tempo que nós, quando nos contam ou descobrimos de modo diferente o que se passava então em torno de nós, preenchemos essas aparentes lacunas? É que na realidade o que tomávamos por um espaço vazio não passava de uma região pouco definida, da qual nosso pensamento se desviava, porque nela encontrava poucos vestígios. Uma vez que nos indiquem com precisão o caminho que temos que seguir, esses traços se evidenciam, os ligamos um ao outro, aprofundam-se e se juntam por si mesmos. Então eles existem mas eram mais marcantes na memória dos outros do que em nós mesmos (Halbwachs, 2004, p.81).

Essa experiência de meu arquivo pessoal emergiu em 2005. Imediatamente fui conversar com minha mãe, para saber se não estava confundindo alguma coisa, e juntas relembramos aquele dia inesquecível para toda a família. Minha mãe destacou muito o fato de as tias não quererem sair da tapera onde viviam. Entendi com Halbwachs que, para me recordar de minhas tias, foi preciso que outros vestígios se apresentassem e me ligassem à memória de um tempo outrora vivido. Talvez possa dizer que Tia Felícia e a tapera guardavam mais do que eu mesma algo de minha própria memória e que, ao mesmo tempo, só pude chegar em Minas pelas marcas da experiência do meu encontro com Tia Marocas e Honorina, que, por mais que eu não recordasse, faziam parte de mim e me guiaram até o interior de Minas Gerais.

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. Somente assim

podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, 2004, p.38-39).

Minha incursão no povoado mineiro me levou a refletir sobre o testemunho. Como pesquisadora-psicóloga no Córrego, muitas vezes experimentei ser testemunha e me coloquei na escuta do outro e de seu narrar. Vejo agora que o fato de aos sete anos ter sido testemunha da existência de minhas tias-avós me abriu para a escuta da dor de Toquinha ao ver a casa de Tia Fiinha desmoronar sem que houvesse um registro de sua imagem. Entendi depois que, muito mais que o registro, o que clamava por escuta eram os sentidos de acolhimento e abrigo que a tapera carregava e que os Januários não queriam ver desaparecer. Ao ser testemunha desse povoado, trabalho para que a memória de Tia Fiinha e tudo o que isso significa para o povoado não sejam esquecidos.

Toquinha, ao me relatar sua dor pela desmemória dos Januários, me fez um apelo. Ao dar ouvidos a esse apelo, me coloquei na escuta de muitas testemunhas e me tornei uma pesquisadora-testemunha.

Muitos moradores do Córrego dos Januários eram testemunhas que reconheciam na existência de outros que os antecederam um legado de delicadeza. E era esse legado como forma de resistência à desmemória dos Januários que eu queria transmitir para que não só as novas gerações do Córrego não se esquecessem, mas também porque há nesse legado um patrimônio de sensibilidade que a todos nós é bem-vindo.

Ao ser testemunha da história de tantos Januários, outros também puderam conhecê-los. Em nossa reflexão sobre como o conceito de testemunho se revela em nossa perspectiva teórico-metodológica, Roland Barthes (2004) também nos oferece uma contribuição marcante:

A velhice e a morte de Gide (que leio nos *Cahiers de la Petite Dame*) foram cercadas de testemunhas. Mas essas testemunhas, não sei o que foi feito delas; sem dúvida, na maior parte, morreram por sua vez? Há um momento em que as próprias testemunhas morrem sem testemunhas. (...) (A morte, a verdadeira morte, é quando morre a testemunha mesmo. Chateaubriand diz de sua avó e de sua tia-avó: “Talvez seja eu o único homem no mundo a saber que essas pessoas existiram” sim, mas como ele o escreveu, nós também o sabemos, desde que pelo menos leiamos ainda Chateaubriand (p.449).

Segundo Barthes, há um elo de testemunhas que cercam a existência dos sujeitos. Quando o último elo dessa corrente se vai, desaparecemos. Enquanto isso não acontece, nossa existência sobrevive na narrativa desses testemunhos.

Tudo isso me faz lembrar de uma cena que testemunhei no Córrego em 2005, na última vez que vi Tio Dionísio. Os anos de 2005 e 2006 foram muito difíceis para os Januários. Muitos moradores mais velhos faleceram, entre eles um dos homens mais respeitados da família Januário. Dionísio José de Souza, bisneto de Joaquim José Ribeiro, pioneiro fundador da cidade de Inhapim, era um verdadeiro guardião da memória e da natureza do Córrego.



Figura 30 - Família do Tio Dionísio

Em todas as viagens que eu fazia ao Córrego, sempre ia visitar Tio Dionísio e Tia Oscarina. Naquela manhã de setembro, encontrei também os filhos Marquinhos e Jupira. Tio Dionísio estava bem doente e com muita dificuldade para falar. Sentamos na mesa e o que presenciei foi um momento de rara beleza, em que Marquinhos e Jupira falaram do pai e este pôde ouvir. Os filhos davam testemunhos da sabedoria do pai na relação com o meio ambiente, com a natureza, diante da escuta atenta e satisfeita de Tio Dionísio, considerado pelos filhos como um visionário nessa questão. Eles sentem que precisam dar continuidade ao legado do pai:

***Jupira:** Mas falando a questão de plantar, o papai ele teve essa idéia de plantar. O papai, ele via uma coisa diferente ele trazia, uma semente, papai sempre trouxe. Né, pai? O senhor sempre plantou. E hoje isso ficou pra nós. Nós temos que herdar isso. E eu queria continuar, conservar as que o papai plantou e o que eu puder*

*plantar mais eu quero plantar, viu? Eu queria dar nome. Eu queria dar nome de cada planta, sabe. De cada planta eu colocar o nome. Porque você chega, um menino mais novo, por exemplo, os nossos sobrinhos vão chegar, se a gente morrer eles não vão saber nem que árvore é aquela.*

**Denise:** *O Tio Dionísio tem uma visão de se preocupar com o futuro, com os descendentes, com as gerações que vêm, né?*

**Jupira:** *Com o depois. Cem anos, cinquenta anos depois. É o que a gente vê aí hoje. Por exemplo, se a gente for plantar jabuticaba hoje, dizem que é 14 anos, né, Marquinhos?*

**Marquinhos:** *14 anos pra um pé de jabuticaba produzir.*

**Oscarina:** *Seu pai fala 18.*

**Denise:** *Ele tá rindo, olha.*

**Oscarina:** *Olha, ocês presta atenção, ele tá escutando tudo que ocês tá falando. Ocês viram ali embaixo como é que tá cheio de pezinho de jabuticaba. Quer dizer que aquele mais velho ele pode morrer tem um outro que vai sair.*

**Marquinhos:** *Mas o papai falava que era 14 anos pra dar jabuticaba, mas ele falava: vou plantar, fica pra quem vier. E hoje o papai tá assistindo. Tá tudo dando jabuticaba.*

**Jupira:** *Igual ali embaixo, aquelas árvores ali, ele não gostava que mexesse nada ali, falava: isso aqui não pode mexer. Agora vem o pessoal aí falando da natureza, que tem que ter árvore, que tem que ter mais não sei o quê, e papai já fez isso há muito tempo... Então eu acho assim, nós precisamos preservar isso que o papai deixou pra nós. Se ocês procurar, ocês chega lá embaixo e procura assim: eu quero tal planta. Eles vão falar: vai lá no Dionísio que ocê acha, né, Marquinhos? Sempre chega alguém aqui procurando, folha de chá. Viu? Babosa.*

**Marquinhos:** *Olha, quando o Milton teve úlcera no estômago, o Milton do Tio Astolfo tava lá em Belo Horizonte, aí ele tava falando com um mecânico aí, um velhinho: ô meu filho, barbatimão é muito bom pra isso, só que eu não sei onde tem. Eu contei isso pro papai e ele disse: lá no mato do Adenor tinha uma árvore em tal lugar assim assim, vai lá que ela tá lá. O Milton foi lá e achou a árvore. Só tinha essa árvore por aqui.*

**Jupira:** *Impressionante, viu?!*

**Marquinhos:** *Papai tava lá embaixo no campo, num tempo muito seco, o pessoal querendo plantar, naquela ansiedade pra plantar, fazer o plantio e não vinha chuva, aí papai, sentado no campo o papai falou assim: gente, de hoje a três dias vai chover. Aí o Guilherme do Tio Astolfo: ô Tio Dionísio, se for verdade eu dou um beijo no senhor. No outro dia cedinho o Guilhermne chegou lá em casa cedinho debaixo de chuva, já tava chovendo já. No outro dia cedo, sabe. É uma coisa que, tem que conhecer, né? Tem que conhecer pra falar.*

**Denise:** *Isso é fruto da observação, da experiência com a natureza, de uma outra relação que a gente foi perdendo, né?*

*De repente, Tio Dionísio rompe o longo silêncio e diz:*

**Dionísio:** *Era uma coisa que a gente foi criado assim, vocês sabem disso. A gente foi criado assim, aquele pau que tá ali, ó, aquilo foi plantado, aquela árvore ali. Quando tá vermelhinho pode esperar, que se não chover vai dar uma revoada no tempo.*

**Toquinho:** *Quando ele tá com a flor vermelha?*

**Dionísio:** *As flor dele quando tá nova assim é toda vermelha.*

**Jupira:** *Aquela árvore quando tá com a flor nova aí vai chover. Eles falam isso também. A folha dela é diferente. O papai sempre falou, que se fosse, que ele*

*queria estudar, ele não estudou, não, mas se fosse estudar ia fazer história. Ele gosta. Ele conhece todos presidentes, ele sabe detalhes.*

**Marquinhos:** *Como diz a mãe: Dionísio falou, é mesmo. Até hoje é assim. Marquinho, o Dionísio falou, é mesmo.*

**Jupira:** *Falou, tá falado. Pode até falhar, mas nunca vimos, não. Né, mãe? Pode até ter falhado, mas nós não vimos não, né, papai?*

**Denise:** *Ele tá achando graça.*

Essa foi a última vez que estive com Tio Dionísio. Poucos meses depois também morria Tia Oscarina. Os testemunhos da pesquisadora, de Jupira, Joana e Marquinhos (filhos do casal) compõem hoje na Casa de Memória e Cultura o estandarte intitulado “Dionísio José de Souza e Oscarina Aurélia”.



Figura 31 - Tio Dionísio e Tia Oscarina na festa de homenagem à Família Januário

Os contos e imagens deles estão juntos com o estandarte de Dedé, pois todos deixaram um legado de preocupação com os vindouros, com a terra, com a natureza. Ao testemunhar a existência de Dionísio e Dedé, encontrei um legado de delicadeza que procurei apresentar e fazer ressoar na Casa de Memória e Cultura.



Figura 32 - Dedé, na escola, ensinando a plantar jabuticabeira (Foto de Toquinha)

Transformar esse testemunho em narrativa foi meu esforço metodológico. A Casa de Memória e Cultura abriga hoje os testemunhos de tantos Januários que em “contos e imagens” narraram junto comigo a história desse povoado.

Segundo Benjamin (1994), entre os narradores anônimos existem dois grupos: o narrador-sedentário e o narrador-marinheiro.

A figura do narrador só se torna plenamente tangível se temos presentes esses dois grupos. “Quem viaja tem muito que contar”, diz o povo, e com isso imagina o narrador como alguém que vem de longe. Mas também escutamos com prazer o homem que ganhou honestamente sua vida sem sair do seu país e que conhece suas histórias e tradições. Se quisermos concretizar esses dois grupos através dos seus representantes arcaicos, podemos dizer que um é exemplificado pelo camponês sedentário, e outro pelo marinheiro comerciante (p.198-199).

Este trabalho traz em seu bojo uma outra categoria que se entrelaça com as duas primeiras: a do narrador-testemunha. Aflige-me o abismo entre as gerações. O legado de algumas pessoas que pensaram um tempo da delicadeza me interessa. Quero ser testemunha desse legado e transmiti-lo, narrá-lo como experiência. O tempo da delicadeza talvez seja esse tempo em que vislumbramos o futuro no presente, de “olhos dados” com o passado. Um tempo em que pensamos nos que ainda vão nascer e nos comprometemos com os “vindouros” aqui e agora. O tempo da delicadeza é também um tempo de escuta. De sermos testemunhas, ouvintes de experiências que se não ouvirmos podem ficar para sempre esquecidas. Há tanta gente no mundo hoje esquecida. Esse esquecimento é o

abandono. Como o monge de Manoel de Barros (2000), eu queria ajudar a construir abrigo para esse abandono, para esse esquecer.

### 3 O rio de Janus

#### 3.1. A cidade e a roça: o olhar como intervenção

##### *Sobre Sucatas*

*Isto porque a gente foi criada em algum lugar onde não tinha brinquedo fabricado. Isto porque a gente havia que fabricar os nossos boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo. Estranhei muito quando, mais tarde, precisei de morar na cidade. Na cidade, um dia, contei para minha mãe que vira na Praça um homem montado no cavalo de pedra a mostrar uma faca comprida para o alto. Minha mãe corrigiu que não era uma faca, era uma espada. E que o homem era um herói da nossa história. Claro que eu não tinha educação de cidade para saber que herói era um homem sentado num cavalo de pedra. Eles eram pessoas antigas da história, que algum dia defenderam a nossa Pátria. Para mim aqueles homens em cima da pedra eram sucata. Seriam sucata da história. Porque eu achava que uma vez no vento esses homens seriam como trastes, como qualquer pedaço de camisa nos ventos. Eu me lembrava dos espantalhos vestidos com as minhas camisas. O mundo era um pedaço complicado para o menino que viera da roça. Não vi nenhuma coisa mais bonita na cidade do que um passarinho. Vi que tudo o que o homem fabrica vira sucata: bicicleta, avião, automóvel. Só o que não vira sucata é ave, árvore, rã, pedra. Até nave espacial vira sucata. Agora eu penso uma garça branca de brejo ser mais linda que uma nave espacial. Peço desculpas por cometer essa verdade.*

*Manoel de Barros (2003)*

Ao revolver o solo do Córrego dos Januários, buscamos encontrar as histórias do lugar, mas isso só foi possível porque nos dispusemos a um trabalho de intervenção que contou com a colaboração dos habitantes desse povoado. Construimos coletivamente o desejo de resgatar o sentido de contar nossas histórias e provocar um encontro entre gerações por meio do uso das imagens fotográficas. Com as “Oficinas da Memória”, fomos abrindo espaço para um trabalho que envolvia pessoas de diferentes segmentos de idade, e o encontro e o diálogo entre as diferentes gerações foi acontecendo naturalmente (Gusmão & Jobim e Souza, 2008).

As escavações desse solo mineiro chegam através da escuta da palavra dita, da história oral narrada por seus habitantes. Chegam também por meio da palavra escrita, das pesquisas feitas no Museu da Cidade de Inhapim e nos contos literários de Toquinha, habitante desse lugarejo. E chegam ainda por meio da fotografia, da “grafia do olhar”.



A fotografia é uma forma de linguagem que possibilita diversas interpretações e compõe, junto com as narrativas, uma forma de se contar a história desse lugar. Portanto, há nas imagens fotográficas uma forte relação com a memória, como diz Boris Kossoy (2001):

Fotografia é memória e com ela se confunde. Fonte inesgotável de informação e emoção. Memória visual do mundo físico e natural, da vida individual e social. Registro que cristaliza, enquanto dura, a imagem – escolhida e refletida – de uma ínfima porção de espaço do mundo exterior. É também a paralisação súbita do incontestável avanço dos ponteiros do relógio: é, pois, o documento que retém a imagem fugidia de um instante de vida que flui ininterruptamente (p.156).

As fotos revelam escolhas diante de um universo infinito de imagens possíveis. E é aí que técnica e subjetividade se entrelaçam. A fotografia não é um registro mecânico da realidade. Muito mais que isso, a foto traz grafada a subjetividade do fotógrafo.

Para Kossoy (2001), a fotografia é um duplo testemunho, tanto pelo que nos mostra da cena passada como pelo que nos revela do seu autor. Além disso, ele nos lembra que o processo de fotografar está vinculado ao momento histórico, definindo a atuação do fotógrafo como filtro cultural.

Contudo, a pesquisadora não foi a única a fotografar. Nosso objetivo foi também o de possibilitar a revelação das imagens produzidas pelos próprios moradores, deixando que mostrassem seu olhar diante do próprio cotidiano, expressando a crítica, a estética e a poética de seus olhos.

Para isso realizamos as “Oficinas de Memória”, utilizando a fotografia como um dispositivo de diálogo entre crianças, adultos e os mais velhos, buscando construir com eles uma relação – com a câmera e com o ato fotográfico – que rompesse com o automatismo e a dispersão, tão presentes no “consumo” de imagens no mundo atual. Mais do que um aprendizado técnico, que só seria possível com mais tempo e com a ajuda de um fotógrafo profissional, procuramos, nessas oficinas, estabelecer um ritmo que facilitasse o aprendizado de caminhar com os olhos despertos diante da vida.

Nosso propósito foi mostrar como a fotografia pode se constituir como uma grande aliada na educação estética do olhar, possibilitando a construção de um olhar crítico e desperto, em vez de passivo e disperso, em face do uso abusivo de

imagens em nosso tempo, pois “são tantas as imagens que nos cercam que acabamos por não diferenciá-las, não vê-las de fato” (Lopes, 2003, p.51).

Fotografar, aqui nesse contexto, significou reverenciar o momento, dizer com a foto como é importante valorizar aquele instante. Significou também estar presente e ter consciência disso. Entender que o passado, o presente e o futuro se entrecruzam e que não é possível retomar o fio da história sem compreender que ela também está se dando neste instante, no aqui e agora. A fotografia ajudou os habitantes dos Januários a compreenderem que é preciso tomar o curso do próprio Córrego, saberem-se sujeito “da” e “na” história. A fotografia aqui possibilita um diálogo entre as gerações, entre nós e nós mesmos, entre nós e o outro...

Este abismo entre as gerações revela nossa solidão cultivada na insensibilidade com que facilmente descartamos o “outro” de dentro de nós. A questão do olhar se torna fundamental para retomarmos o tema da alteridade: o olhar convoca nossa relação ética na relação com o outro (Jobim e Souza, 2000, p.97).

Vale lembrar que as narrativas dos habitantes do povoado revelaram a cisão entre progresso e felicidade, relacionada com o surgimento da luz elétrica e da televisão. A rotina comum da vida, antes baseada na convivência entre os pares, dá lugar ao isolamento. O cotidiano mediado pelas imagens televisivas diminui sensivelmente o espaço para o diálogo entre as pessoas. No entanto, a fotografia, sendo também uma outra forma de uso da tecnologia, se apresenta aqui exatamente como uma mediação técnica interessada no elo entre os tempos e os seres. O conceito de “exotopia” em Bakhtin (2000) exprime com precisão o quanto cada um de nós precisa do outro para ver a si próprio:

Quando contemplo um homem situado fora de mim e à minha frente, nossos horizontes concretos, tais como são efetivamente vividos por nós dois, não coincidem. Por mais perto de mim que possa estar esse outro, sempre verei e saberei algo que ele próprio, na posição que ocupa, e que o situa fora de mim e à minha frente, não pode ver: as partes de seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar – a cabeça, o rosto, a expressão do rosto –, o mundo ao qual ele dá as costas, toda uma série de objetos e de relações que, em função da respectiva relação em que podemos situar-nos, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. Quando estamos nos olhando, dois mundos diferentes se refletem na pupila dos nossos olhos (p.43).

Bakhtin permite compreender que, ao fotografar crianças, adultos e mais velhos, o próprio ato fotográfico devolve, na imagem revelada, a consciência daquilo que antes só era visível a uma única pessoa. Assim, o excedente de visão

de cada um é possível de ser retomado pelo ato fotográfico. Apostamos nesse trabalho essencial do olhar por meio das imagens capturadas pelos diferentes enquadramentos da câmera, em um modo de desenvolver um diálogo que construíse histórias, imagens do pensamento, que se não fossem estimuladas continuariam na desmemória.

Procuramos estabelecer um contraponto com a fotografia, vendo-a como um suporte técnico que propõe esse “entre-olhar”. A oficina teve três momentos: fotografar (em abril de 2003), analisar as fotografias e conversar sobre elas, nomeando-as e trazendo dados das paisagens e pessoas, explicando ainda o porquê da escolha daquela imagem para o acervo de memória (junho de 2003). A última etapa era dar um retorno para as pessoas fotografadas, mostrando-lhes as imagens (também em junho de 2003).

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma intenção para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para a tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem à materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por essa fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram (Kossoy, 2001, p.45).

Em uma das etapas da pesquisa, Toquinho e eu fomos à escola municipal na cidade de Inhapim e conversamos com os professores, com o objetivo de mostrar as imagens produzidas na oficina de fotografia pelas crianças que vivem na roça e estudam na cidade. Apresentamos parte do acervo de contos e imagens. Enquanto mostrávamos as fotos que hoje fazem parte da Casa de Memória, um tema emergiu na fala das educadoras presentes: As professoras revelavam para nós a preocupação com as crianças residentes na roça que vão estudar na cidade a partir da 4ª série do Ensino Fundamental:

***Maria (41 anos):** Essa questão da valorização dos meninos, né? Então, quando a gente entra na sala de aula, que você vai fazer levantamento dos alunos que dependem do transporte escolar, eles têm dificuldade pra estar identificando de onde é que eles vêm. Eu sinto, então, que às vezes eles não querem. No jeito de vestir. No jeito de falar. Na preferência de música. Eles estão preocupados em*

*parecer iguaizinhos aos meninos da zona urbana. Para eles não serem rotulados de alunos da zona rural.*

**Denise:** *Mas você percebe que existe um preconceito em relação às crianças da zona rural?*

**Maria:** *Existe, existe, sim. Aí, a forma como eles se vestem, como eles se pintam. Os meninos mesmo, eles ficam: ah, como ele se veste... Ah, como ela se pinta... Ah, como que ela passa batom... Entendeu? “Da roça” é pejorativo, mesmo. Eu acho que é a questão mesmo da rotulação. A perspectiva de quem está na cidade é que na roça você está desprovido de tudo. E a gente vê assim, quando a gente faz os momentos culturais aqui na escola, que a gente promove a cada final de trimestre um momento cultural, as meninas da zona rural elas gostam demais de apresentar danças, mas nunca são danças que tenham referência na comunidade. São essas que têm de moda. Pega esses grupos que cantam e que têm uma coreografia, elas sabem todas elas. Eu nem guardo nome. É funk, essas meninas do axé, elas sabem tudo. E dançam, todas elas dançam e fazem as coreografias. Então a gente vê que estamos perdendo muita coisa que elas têm. A questão da capoeira, mesmo, quando a gente estava trabalhando a capoeira com os meninos. Eu trabalhei na oitava série a questão da cultura brasileira, então a gente traz a capoeira, porque tem muitos dos nossos alunos que fazem a capoeira. Não sei se é lá nos Januários que tinha uma dança...*

**Toquinho:** *Caboclo.*

**Maria:** *Caboclo. A gente queria que eles trouxessem, mas não quiseram de jeito nenhum. Ah, não. Eles querem fazer as coisas que o menino da cidade faz. Então a gente vê que precisa criar esses espaços pra que o menino daqui perceba que ele tem muita coisa pra aprender. Pra haver a troca. Porque é fundamental pra essa outra criança também aprender a olhar pra essa roça.*

Observamos nesta fala o preconceito da cidade em relação à roça<sup>13</sup>. Maria nos revela que a perspectiva de quem está na cidade é de que “na roça você está desprovido de tudo”. Embora seja a roça que provê a cidade de alimentos, com o cultivo da terra, na ótica da cidade ela é desprovida de conforto, de um padrão de ser e viver característico da cidade. E isso se torna perverso na medida em que nega outras formas de existir e produzir cultura.

Também Pasolini (1990), no texto “O genocídio”, analisa os processos de aculturação do capitalismo tardio e seus efeitos no comportamento e no campo da linguagem, revelando o crescente empobrecimento da diversidade cultural, elemento fundamental para incentivar processos singulares de experimentação e invenção da vida cotidiana.

(...) há o modelo que preside um certo hedonismo interclassista, o qual impõe aos jovens que inconscientemente o imitam uma adequação, no comportamento, na roupa, nos sapatos, no modo de se pentear ou de sorrir, no agir ou no gesticular,

<sup>13</sup> Esta reflexão se baseia no artigo “Memória, olhar e delicadeza: uma breve reflexão sobre a cidade e a roça na formação de professores”, apresentado no VIII Congresso Nacional de Psicologia Escolar e Educacional, realizado em São João Del Rey (MG) em abril de 2007.

àquilo que vêem na publicidade dos grandes produtos industriais: publicidade que se refere, quase racistamente, ao modo de vida pequeno-burguês. Os resultados são evidentemente dolorosos, porque um jovem pobre de Roma não tem ainda condições de realizar esses modelos, e isso cria nele ansiedades e frustrações que o levam à beira da neurose (p.111).

No que diz respeito à linguagem, Pasolini (1990) afirma:

Toda a Itália centro-meridional possuía tradições regionais ou urbanas próprias de uma língua viva, de um dialeto, de jargões ricos e invenções quase poéticas. A isso todos contribuíam, dia após dia: a cada noite nasciam tiradas novas, piadas espirituosas, uma palavra imprevista: existia uma vitalidade linguística maravilhosa. O modelo agora posto ali pela classe dominante bloqueou-os linguisticamente: em Roma, por exemplo, não se é mais capaz de inventar, caiu-se numa espécie de neurose afásica: ou se fala uma língua falsa, que desconhece dificuldades e resistências, como se tudo fosse facilmente falável – se fala como se escreve nos livros –, ou então se chega à pura e simples afasia no sentido clínico da palavra; se é incapaz de inventar metáforas e movimentos linguísticos verdadeiros, quase se geme, ou se dá trancos e risadinhas sarcásticas, sem que se saiba dizer mais nada (p.112).

Este mesmo sentimento de confronto cultural e vergonha de sua própria origem está presente no depoimento de Maria, professora do Ensino Fundamental do Córrego dos Januários, ao comentar suas observações sobre os seus alunos.

Se a roça é vista pela falta e não pelo que abriga, a criança sente vergonha e quer negar sua raiz, sua origem, sua história, seus rastros, tudo aquilo que pode fortalecer e constituir sua identidade, sempre tramada na tensão entre o singular e o coletivo.

A surpresa da professora diante da recusa dos alunos em levar uma dança local me chama a atenção. Na medida em que as crianças, tanto da roça, quanto da cidade, assistem aos mesmos programas, por que as crianças da roça não vão também querer dançar o axé? Se algumas expressões da cultura são hegemônicas e só há visibilidade para elas, por que as crianças vão se arriscar em mostrar suas danças e até mesmo ter interesse em conhecer sua própria cultura? Se não há espaço na mídia para outras formas de produzir cultura, como as crianças podem se apropriar e reconhecer a própria cultura como expressão de valor?

Se as danças ou outras expressões são encaradas com vergonha ou desinteresse, talvez isto aconteça por serem concebidas como exóticas, fora da ótica, ou seja, invisíveis dentro de um quadro de padronização da cultura.

No entanto, toda essa questão é antiga. A conversa com as professoras mexe na memória de Toquinha, demonstrando que essa hierarquização cidade/roça envolve um sofrimento que não pode mais ser ignorado.

*Quando passei da quarta para a quinta série e deixei a escola da roça, passando a estudar na cidade, em Inhapim, foi um momento de felicidade e, ao mesmo tempo, difícil. O fato de ser nascida e criada na roça me colocava num lugar inferior. Eu tinha vergonha de tudo. As turmas da mesma série eram divididas não apenas pelo nível de aprendizagem do aluno, mas considerava o nível social de cada um. Por exemplo, a 7ª A era a “melhor”, depois vinha a 7ª B, e assim por diante. Ser ou não ser da roça era uma questão levada em conta dentro da escola, pelo menos era assim que eu sentia. Tinha medo de me dirigir aos professores, que normalmente eram da cidade, inclusive alguns de cidades vizinhas, e pertenciam à “elite”. Quando precisava ficar o dia todo na cidade para fazer educação física, que era em turno diferente, utilizar a biblioteca ou fazer trabalhos com colegas, e algum colega de classe convidava para almoçar, eu dificilmente aceitava, pois tinha vergonha. Um dos professores, percebendo que alguns alunos estavam o dia inteiro, às vezes sem comer, nas dependências do colégio, nos levava na cantina e pedia que nos dessem alguma coisa pra comer. Acho que nunca senti que a escola onde eu estudava me pertencia tanto quanto pertencia aos meus colegas da cidade. Esse sentimento de inferioridade me perseguiu e ainda hoje às vezes me assombra.*

Enquanto conversávamos com as professoras e a direção da escola, percebia o impacto que as imagens produzidas pelas alunas que ali estudavam, mas moravam no Córrego, produziam. Sabendo que as alunas eram fotógrafas de primeira viagem, elas se mostravam surpresas com a estética ali revelada, fruto de nosso trabalho nas oficinas de fotografia<sup>14</sup>.

Era abril de 2003. Nosso objetivo era caminhar fotografando, e a pergunta que guiava o olhar e os “cliques” das câmeras era: que imagens queremos deixar para a história do Córrego dos Januários?

*Denise: Oi, Leandro. A gente tá aqui fazendo umas fotos do Córrego dos Januários pra depois fazer uma exposição. Então as meninas estão tirando fotos do que elas acham importante, e elas escolheram você.*

---

<sup>14</sup> As quatro alunas-fotógrafas fizeram ao todo 48 fotos, cerca de 12 cada uma, e se entusiasmaram com o resultado. Praticamente inaugurando o exercício de fotografar, mostravam orgulhosas as fotos para os adultos, surpreendidos com a beleza das imagens ao se verem em um ou outro registro.



Figura 33 - Leandro puxando a mula com café

O grupo dá à foto o título “Leandro puxando a mula com café”, e Regiane nos conta um pouco dele, e o porquê de sua escolha:

**Regiane:** *Ele é tipo um lavrador. Trabalha com a apanhação de café. Ele vigia a casa da D. Nega, ele que cuida das vacas. Eu acho ele uma pessoa muito legal. Ele gosta de brincar com a gente.*



Figura 34 - Getúlio espalhando o café  
(Foto de Gilzane)

**Gilzane:** *Getúlio espalhando café. Getúlio tá numa pose.*

**Denise:** *Alguém pediu pra ele fazer essa pose?*

**Fabiane:** *Não.*

**Brenda:** *Eu não, ninguém.*



**Denise:** *Eu acho que foi assim, que a gente falou assim, a gente precisa pedir permissão pra ele tirar a foto, lembra?*

**Regiane:** *Foi a Gilzane ali que falou.*

**Denise:** *E aí ele se preparou para a foto. Eu achei muito legal ele ter feito essa pose aí. Gilzane, por que você tirou essa foto?*

**Gilzane:** *Ah, eu acho assim, importante, porque eu acho que o café é uma das coisas mais importantes aqui no Januário. Porque a maioria das pessoas tem bastante café. Eu acho diferente porque eu fico assim pensando, o café dá, aí apanha o café, depois põe pra secar, aí depois limpa, aí que vai fazer o pó. Diferente, eu acho. Eu fico pensando, como é que Deus faz uma coisa tão importante.*

**Brenda:** *Porque ele está espalhando, mexendo o café, que é muito importante porque o café, isso, ele apanha o café, seca e depois limpa ele e faz o pó. Pó pra fazer café. Às vezes a gente que tem uma lavourinha, igual o Tio Tota (Nestor) aqui tem uma lavourinha, igual lá perto de casa eles têm. Uma lavourinha ele pode pegar, cuidar dele, ficar espalhando ele e limpando ele. Pode até formar um café. E dá pra gente até vender o café. Então é importante aqui no Januário.*



Figura 35 - Gilzane fotografando D. Nega

Figura 36 - D. Nega na janela  
(Foto de Gilzane)

Figura 37 - D. Nega vendo as fotos

**Denise:** *É incrível essa foto aqui! A casa, a janela é pequenininha e aqui na foto parece enorme. Porque isso em fotografia se chama enquadramento. Ela fez um recorte da cena. Ela escolheu e enquadrando só aquela janela e ela tomou toda a cena. Muito legal. Gilzane, por que que você tirou essa foto dela?*

**Gilzane:** *Ah, porque é uma pessoa mais velha, ela é uma biblioteca, como a minha mãe falava.*



**Fabiane:** Ah, ela também é minha tia, é irmã da minha vó, mãe do meu pai.

**Denise:** O que eu tô entendendo é que com essas fotos vocês estão contando alguma coisa aqui que eu acho importante. Então eu não sabia, por exemplo, eu não lembrava que esse cafezal era daqui. Então vamos lembrar dessa história aqui. Então vamos lá: D. Nega mora nessa casa.

**Fabiane:** E é dona daquele terreno (da foto do Leandro com a mula).

**Gilzane:** Que tem café.

**Brenda:** E o Getúlio cuida.

**Denise:** Entendi. Agora vamos lá na casa dela mostrar as fotos.



Figura 38 - Regiane fotografando sua irmã Luana

Figura 39 - Luana  
(Foto de Regiane)

**Fabiane:** Ah, a Luana.

**Regiane:** Ficou bonito.

**Denise:** Essa menininha é uma graça. Aparece muito aqui a cor também, o barro, a cor da terra, que é muito típica aqui do Januário. Como foi esta foto?

**Regiane:** É porque na hora que eu saí pra ir lá onde que nós fomos, lá em cima, aí ela me perguntou onde que eu ia. Aí ela falou assim: ocê tira uma foto de mim? Ficou bonito...

**Denise:** Quantos anos ela tem?

**Regiane:** Três.



Figura 40 - Fabiane fotografando crianças com pipa

Figura 41 - Meninos soltando pipa  
(Foto de Fabiane)

**Brenda:** Olha essa foto, Vítor e Marco Aurélio soltando pipa. Quem tirou essa foto foi você, não foi, Fabiane?

**Fabiane:** Ah, é porque eles estavam se divertindo.

**Gilzane:** Ficou bonito. Achei interessante, porque os meninos estavam divertindo. Eles fizeram a pipa, depois soltaram a pipa, brincando. É, pipa tem muito tempo que os meninos já fazem assim. Já tem muito tempo, porque eu acho que até meu tio já fazia.

**Regiane:** É, que aí mostra a brincadeira dos meninos que eles gostam mais de brincar.

Tanto Brenda quanto Gilzane, com a outra máquina, fotografaram Toquinha e eu. Além do afeto manifestado por todas, e totalmente recíproco, as meninas fazem comentários sobre a foto, explicando por que ela deve estar no acervo.



Figura 42 - Minhas amigas Denise e Toquinha  
(Foto de Brenda)

**Gilzane:** Ah, é porque a gente sempre faz uma coisa todo dia, por exemplo, vai na escola todo dia, tudo a mesma coisa, aí quando vocês vêm é diferente assim, porque aí a gente faz uma coisa diferente. Mais divertido.

**Fabiane:** E também porque vocês que estão buscando as coisas mais antigas, tirando fotos... Aprofundando na história do Januário.

**Gilzane:** Porque aí as crianças, o que elas não sabem vão ficar sabendo.

**Fabiane:** E nós também.

**Gilzane:** A gente também. Elas vão saber coisas diferentes.

**Denise:** Eu quero que vocês falem uma frase ou palavra que defina, pra vocês, como é que foi essa experiência de ter fotografado o Córrego dos Januários.

**Brenda:** Paisagem, não? Porque a gente tirou foto do café com o Getúlio, do Leandro carregando café dentro do balaio...

**Fabiane:** De várias paisagens.

**Gilzane:** Da natureza, das pessoas...

**Denise:** Que bonito, isso. As imagens que vocês produziram trazem paisagens humanas, naturais e da cultura daqui, né?

Brenda, Gilzane, Regiane e Fabiane fotografaram crianças, brincadeiras e também aqueles que amam (tios, bisavô, amigos, irmã...). O tema do café também emerge, e é bonito perceber nas imagens e no que elas nos contam o valor do cultivo e da terra.

Mas diante da grave situação de dicotomia entre a cidade e a roça apresentada pelas professoras, compreendia que a fotografia se revelava ali como uma intervenção do olhar. Na medida em que viam as imagens, as alunas eram olhadas pela sua potência, capacidade, delicadeza, sensibilidade. Ao mesmo tempo, a própria roça revelada pela grafia do olhar das alunas ia sendo aos poucos ressignificada, concebida por sua diferença, por cores e matizes, por sua riqueza singular.

As imagens provocaram também muitas lembranças, já que a maioria dos professores tem sua origem familiar nas roças daquela região. Com isso percebia que a própria roça que todos ali trazem em sua bagagem era aos poucos revisitada. Este é um ponto que considero fundamental na formação de professores. Embora detectem o problema e se sintam preocupados com os alunos envergonhados quanto a sua origem da roça, os professores também estão atravessados por uma concepção de roça que não só os impede de ver os alunos como também de valorizar a própria história. Parece-me então crucial desenvolver nos cursos de formação um olhar crítico a uma concepção de roça que a vê como lugar da falta, desprovido de tudo. Rever essa concepção é também fazer uma crítica a uma concepção linear e progressiva do tempo e da história e faz refletir sobre as conseqüências de compreendermos como progresso “aquilo que bota o passado abaixo”.

Enquanto as professoras se detinham nas imagens, eu percebia que as fotografias produzidas pelas alunas moradoras do Januário “ajudavam a olhar” (Galeano, 1995), colocando em foco a criança produtora de cultura, capaz de revelar através das lentes uma outra perspectiva da roça, ajudando a desconstruir o olhar marcado pela falta e pela hierarquização cidade/roça.

Nesse sentido, passei a ver no acervo de “contos e imagens” a possibilidade de desconstrução de uma visão engessada e negativa da roça que circulava ali. Cada vez mais eu compreendia a importância da Casa de Memória. Como espaço de produção de cultura permanente, a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos

Januários colocaria em foco seus próprios habitantes. Essa visibilidade era e é essencial para que novas formas de ver e conceber a roça e seus habitantes possam surgir. Mas ainda havia muito o que fazer...

### 3.2

#### **Memória e labirinto: o encontro com Janus Bifronte**

*Pois o que se realiza em nós durante o sonho é um perceber novo e inaudito, que no regaço do hábito, luta para se safar.*

*Walter Benjamin*

Depois de defender no Departamento de Psicologia da PUC-Rio a dissertação de mestrado em 2004, voltei ao Córrego dos Januários e fiz a mesma apresentação de *slides* da defesa, com a síntese do trabalho desenvolvido em 2002 e 2003. Embora essa apresentação tivesse também um caráter de devolução, para mim era claro que todo o vasto material em “contos e imagens” construído de forma coletiva, e que agora fazia parte das páginas da dissertação, precisava de uma outra materialidade e espaço: um espaço de memória dos Januários, produzido com eles e ancorado na comunidade.

Em 2005, retornei como doutoranda com o propósito de juntos materializarmos a Casa de Memória e Cultura. Meu propósito como pesquisadora tinha duas etapas: consolidar a Casa de Memória e investigar os efeitos daquele espaço no povoado. Mas o cronograma se revelou totalmente inoperante diante das inesperadas e tristes mudanças no curso do Córrego. Assim como Dedé outros Januários faleceram nesse período, e eu me dei conta de que Toquinho parecia pressentir o que estava por vir quando pronunciou seu apelo de memória.

Em nossas escavações, podemos entender com Halbwachs (2004) que uma memória prestes a desaparecer havia sido “descarregada” (p.129) em nossas oficinas e caminhadas de escuta. E desapareceria não só porque o cotidiano mais isolado dos Januários evitava que as histórias fossem partilhadas, mas também, e principalmente, porque vários membros daquele grupo, elos e testemunhas de um tempo e de uma tradição morreriam pouco tempo depois de nossa investida ali. Criar abrigo para os contos e imagens, mais do que nunca, nos parecia preciso.

Após a morte de vários membros mais velhos da comunidade, houve um longo e esperado momento de luto. Os Januários sempre se envolveram ativamente no projeto, mas naquele ano e no que se seguiu, uma profunda tristeza tomou conta da comunidade.

A casa cedida pela família de Toquinha para se tornar a Casa de Memória e Cultura estava precisando de reparos e do envolvimento da comunidade nessa empreitada. As portas da janela e da sala não abriam, as chaves tinham se perdido. O estado precário da casa e o desânimo de todos configuravam um cenário difícil. Entre uma viagem e outra, Toquinha incumbia alguns moradores de procurar as chaves e destrancar as portas e janelas para facilitar a circulação do ar enquanto trabalhávamos, mas sempre que retornávamos as portas continuavam trancadas. Isso me pareceu um sinalizador de que a inércia e apatia aos poucos tomava conta mesmo daqueles que tinham participado intensamente do processo de escavação da memória.

As portas pareciam que iam pouco a pouco se fechando, e eu sentia que era preciso agir enquanto havia ainda uma fresta. O acervo de contos e imagens só foi possível devido à intensa participação de um grupo de moradores mais velhos. Não queríamos que os testemunhos e o legado da existência de Dedé, Seu Dionísio, Dona Oscarina, Sones, Silvia e D. Efigênia desaparecessem. Eles trabalharam (Bosi, 1994), e mais do que nunca essa memória precisava de abrigo. A perspectiva de tudo se dissipar, ruir, nos doía muito. Estávamos implicados também com todos aqueles que testemunhamos e éramos nós agora os guardiões de uma memória.

As imagens formam um baralho de iconografia infinita, são as cartas de nossas lembranças, nossas memórias, álbum simbólico das trajetórias e existências individuais; são cartas que se repetem no jogo da vida, em naipes diferentes. São muitas as cartas; sua extensão temporal, contudo, é finita. São cartas marcadas, que nascem e desaparecem com cada um de nós: essa é a regra – do jogo e da duração da história individual. Terminam as imagens, findam as cartas e nos tornamos memória para os outros. Resta a ausência que deixamos, os objetos, os livros, os papéis intermináveis e, por vezes, fotografias. Imagens que escondem significados perdidos, lembranças secretas, representações que um dia despertaram emoções, agora devassadas por olhos estranhos: iconografias efêmeras, realidades sem vida, prestes a serem destruídas, castelos de areia, que se mesclam à poeira dos séculos. A imagem da foto, promessa de perenidade, é agora a imagem do espelho, que se dissipa (Kossoy, 2007, p.163).

Eu disse que sentia as portas se fechando no Córrego dos Januários. Talvez mobilizada por essa forte sensação, tive um sonho nesse período. Um sonho com portas abertas me guiou para fora das “bordas” (Halbwachs, 2004) do Córrego e para um solo de memória coletiva mais amplo.

Como pesquisadora caminhante, me propus a transitar pelo solo de uma memória que vai se revelando “ao rés do chão, com passos” (Certeau, 1994, p.176) Mas esses passos, nos diz Certeau, não constituem uma série, e sendo assim nos possibilitam um desvio, um transitar nos espaços por deslocamentos e não por uma lógica racional e linear. A narrativa que se segue traz em seu bojo algo de estranho, de não usual, que emerge no passo a passo dessa caminhada. Minha opção metodológica foi de ir ao encontro dessa estranheza.

Escapando às totalizações imaginárias do olhar, existe uma estranheza do cotidiano que não vem à superfície, ou cuja superfície é somente um limite avançado, um limite que se destaca sobre o visível. Neste conjunto, eu gostaria de detectar práticas estranhas ao espaço “geométrico” ou “geográfico” das construções panópticas ou teóricas. Essas práticas do espaço remetem a uma forma específica de “operações” (maneiras de fazer), a “uma outra espacialidade” (uma experiência antropológica, poética e mítica do espaço) e a uma mobilidade opaca e cega da cidade habitada. Uma cidade transumante, ou metafórica, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível (Certeau, 1994, p.172).

Como pesquisadora, me desloquei não só pelas cidades mas também pelo tempo, e em todos os deslocamentos compreendi, com o sociólogo Maurice Halbwachs (2004), que na realidade “nunca estamos sós” e que “um estado pessoal revela a complexidade da combinação de onde saiu”.

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, esse ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo e este lugar mesmo muda com as relações que mantenho com outros meios. (...) Todavia quando tentamos explicar essa diversidade, voltamos sempre a uma combinação de influências que são, todas, de natureza social. Dessas combinações algumas são extremamente complexas. É por isso que não depende de nós fazê-las reaparecer. É preciso confiar no acaso, aguardar que muitos sistemas de ondas, nos meios sociais onde nos deslocamos materialmente ou em pensamento, se cruzem de novo e façam vibrar da mesma maneira que outrora o aparelho registrador que é a nossa consciência individual (Halbwachs, 2004, p.55-56).

Narrar algo desse percurso labiríntico (Benjamin, 1995) em que as dimensões da história e do imaginário, da poética e da mítica se entrecruzam é meu objetivo agora. A imagem do labirinto aparece fortemente na “Infância

berlinense”. Benjamin, ao escrever sobre sua cidade natal, fala da arte de se perder:

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios. Não, não são os primeiros, pois houve antes um labirinto que sobreviveu a eles. (...) Desde logo percebi que havia algum significado nesse labirinto, pois aquela esplanada ampla e banal por nada deixava transparecer que ali, isolada a alguns passos da avenida dos coches e carros de aluguel, dormitava a parte mais notável do parque (p.73-74).

Gagnebin (1999), no belo ensaio “A criança no limiar do labirinto”, diz que Paris é a cidade desconhecida que torna possível o acesso à cidade natal, pois com Paris Benjamin aprende a arte da desorientação:

Paris, a cidade desconhecida na qual se perde o exilado, Paris cujo metrô revela a fabulosa estrutura labiríntica, imagem perfeita desta dimensão subterrânea da vida sobre a qual repousa o ordenamento da história. (...) Ela opera no espaço o mesmo deslocamento que, no tempo, o olhar do adulto opera sobre sua infância; este deslocamento é essencial para um sujeito que não evoca nostalgicamente um paraíso perdido. (...) um sujeito para quem o lembrar não visa a descrição do passado “como de fato foi”, mas a sua retomada salvadora na história presente (p.90).

A metodologia de pesquisa apresentada aqui tem algo de labiríntica. Meu transitar em deslocamentos pelo espaço tempo revela esse caminhar por um labirinto onde os sonhos, as lembranças e os encontros pelas cidades mostram uma “dimensão subterrânea da vida”. Para seguir nesse percurso, é preciso lembrar que

(...) no limiar do labirinto, a criança não manifesta medo; pelo contrário, o desejo de exploração predomina como se soubesse, confusamente, que só poderá se reencontrar se ousar perder-se (Gagnebin, 1999, p.91).

Nesse transitar, uma dimensão onírica também se fez presente onde os sonhos me “fizeram andar” (Certeau, 1994, p.183). E é justamente um sonho que dá início à nossa exploração.



Neste transitar, uma dimensão onírica também se fez presente onde os sonhos me *fizeram andar* (Certeau, 1994, p.183). E é justamente um sonho que dá início à nossa exploração. É importante ressaltar que é a concepção de sonho de Walter Benjamin que nos interessa neste trabalho. O tema do sonho é central para Benjamin (Rouanet, 1990). Compreendo com o filósofo alemão que o sonho traz em seu bojo a dimensão da complexidade de nossas experiências e uma dimensão do tempo entrecruzado que tanto nos interessa neste caminhar em desvio.

Assim como o colecionador subverte a ordem das coisas ao retirar os objetos de seu contexto habitual, o sonho também expressa esse potencial de ver o mundo pelo avesso. O sonhador parece então se aproximar para Benjamin da figura do colecionador, e é exatamente aí, nesse potencial desarticulador das conexões estabelecidas, nessa possibilidade anárquica do sonho, que Benjamin enxerga e mostra o valor do sonho:

Desfeita essa ordem, as coisas, gastas pelo hábito e opacas ao olhar, adquirem novos contornos e se abrem a uma nova visibilidade . (...) Se para Freud o caráter caótico da fachada do sonho deveria se reconduzido à coerência do texto latente, o valor do sonho para Benjamin consiste exatamente neste caos. Para ele a interpretação, no sentido feudiano, desvaloriza o essencial do sonho, que é sua faculdade de subverter a ordem e desarticular as conexões. O texto latente é totalmente inteligível, uma vez decifrado, mas sua inteligibilidade deriva da observância de uma ordem que se trata, justamente, de dissolver. É na inteligibilidade do texto manifesto, que desafia essa ordem, e substitui as reações lógica e socialmente aceitáveis por relações incompreensíveis, que o sonho revela seu potencial anárquico (Rouanet, 1990, p.88).

No lugar da busca pela interpretação do sonho, penso com Benjamin que os sonhos dão um alerta, chamam minha atenção para algo a que meus olhos não se voltariam caso eu não tivesse sonhado e registrado o seguinte:

*Sonho que estou com várias pessoas no mar tentando chegar em terra firme depois de um naufrágio. Estamos bem cansados de nadar e eu levo um menino no colo. Chegamos numa ilha e vejo uma casinha bem simples. Estou preocupada em colocar o menino para descansar e procurar comida (vejo muitas bananeiras). Quando o coloco na cama ele diz que não pode ficar ali pois tem medo de ficar preso. Olho para todos os lados e vejo janelas com grade e cadeado. Procuro pela porta e vejo uma cortina velha de pano – a casinha não tem porta. Sorrio aliviada e digo para o menino que ele não precisa ter medo pois a casa não tem porta. Ele então se ajeita para dormir e sorrindo me diz: este é o melhor lugar que a gente já morou.<sup>15</sup>*

---

<sup>15</sup> Sonho da pesquisadora em outubro de 2005.



Fui andar na praia bem cedo como em todas as manhãs. Caminhei logo depois do sonho, e algo dessa dimensão onírica me “fez andar” (Certeau, 1994, p.183).

Sempre que caminho na praia reparo nas esculturas de areia. Naquela manhã, vi várias casinhas que atraíram. Parei para ver melhor e notei que todas as casas, com exceção de uma, tinham as janelas e portas entreabertas. Isso me chamou a atenção e me lembrei do sonho com o menino. Algumas lembravam castelinhos; de fato, ao lado das casinhas estava escrito “Brasil Castelo” Pensei em fotografar (com a câmera digital do celular), mas o escultor de areia não estava por perto.

Achei melhor voltar no dia seguinte para fazer um contato e pedir licença para fotografar. Como pesquisadora que trabalha com imagens, tenho desenvolvido uma perspectiva metodológica e conceitual da delicadeza<sup>16</sup>. Em tempos digitais, é preciso mais atenção para não sair clicando e perdendo o contato e o diálogo com esse “outro” que vai se tornando invisível aos nossos olhos que insistem em ver imagens “chapadas”, sem perspectiva, sem história.



Figura 43 - Brasil Castelo

Assim, levei três dias para fotografar o “Brasil Castelo” e conversar com Renato Moura, o escultor dos castelos de areia. Ele me contou que gosta das portas abertas e que às vezes as pessoas estranham isso e pedem para ele fechar.

---

<sup>16</sup> Esta concepção que desenvolvi na dissertação de mestrado só pôde emergir com base nas reflexões com os participantes do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Subjetividade (GIPS) e Solange Jobim e Souza, em torno da “educação estética do olhar”.

Mostrou-me a única casinha com as portas fechadas que fez para agradar aos passantes, mas ainda assim deixou as janelas abertas...



Figura 44 - Casinha de areia

Renato me falou também de um marimbondo que estava sempre voando por ali, entrando nas casinhas e escavando. As pessoas, segundo ele, vêem aquela areiazinha voando, saindo da casinha, mas não vêem o bicho. Achem que é efeito especial, que ele coloca um dispositivo eletrônico dentro da casa.

Tudo isso ecoava forte dentro de mim. Como se não bastasse a metáfora das portas abertas e fechadas, a história do marimbondo escavador me fez lembrar Walter Benjamin (1995) e todo o processo escavatório da memória do Córrego dos Januários.

Eu sentia que tudo isso tinha a ver com o Córrego, mas não compreendia as relações. De qualquer forma, as escavações continuavam acontecendo. Era preciso continuar escavando, e parecia ser isso que Renato e o marimbondo estavam me dizendo. O sonho com o menino me fizera ver. Dificilmente enxergaria as portas e janelas abertas dos castelos de Renato se aquelas imagens oníricas não tivessem se apresentado.

O que está implícito na abordagem que Benjamin confere ao sonho é um modo original e fecundo de se manter fiel à sua concepção de história. Para ele, não há lugar para o verdadeiro novo numa perspectiva que concebe a história como continuidade de acontecimentos que se sucedem numa sequência linear. Isso porque, inevitavelmente, nessa abordagem, todos os acontecimentos exprimem sempre o mesmo conteúdo – a vitória dos dominadores. Somente a história dialética, bem como a imagem dialética do sonho, pode se apropriar do novo.

Somente buscando salvar o novo aprisionado em cada passado e fazendo-o reviver com o *agora*, é possível realizar uma perspectiva revolucionária (Jobim e Souza, 1995, p.80).

Um outro deslocamento aconteceu nesse período. Estive em Santos (SP) e conheci o Outeiro de Santa Catarina. A imagem do outeiro, reconhecido desde 1922 como o marco inicial do povoamento de Santos, me chamou a atenção por sua arquitetura “acastelada”.



Figura 45 - Outeiro de Santa Catarina  
(Foto José Américo Lopes)

Nas minhas andanças pelo Córrego, pelo Rio de Janeiro, por Santos e pela internet, passei a experimentar cada vez mais uma metodologia de pesquisa que traduz, a meu ver, um deslocar sem racionalidade.

Se é verdade que existe uma ordem espacial que organiza um conjunto de possibilidades (por exemplo, por um local por onde é permitido circular) e proibições (por exemplo, por um muro que impede prosseguir), o caminhante atualiza algumas delas. Deste modo, ele tanto as faz ser como aparecer. Mas também as desloca e inventa outras, pois as idas e vindas, as variações ou as improvisações da caminhada privilegiam, mudam ou deixam de lado elementos espaciais (Certeau, 1994, p.177-178).

Hoje, a Casa de João Éboli, instalada sobre o Outeiro de Santa Catarina, abriga a sede da Fundação Arquivo e Memória de Santos. Como era sábado na minha ida a Santos, o outeiro estava fechado. Impressionada com a semelhança

das imagens do outeiro com o castelo de Renato, fui buscar mais informações pela internet quando retornei ao Rio.

O pequeno monte de Santa Catarina foi desaparecendo aos poucos: no começo do século XIX, começaram a retirar terra e extrair pedras do local e, em 1869, a Câmara Municipal autorizou o desmanche do que ainda restava do Outeiro para demarcação de ruas e quadras. Porém, permaneceram duas grandes pedras, sobre as quais o médico e abolicionista João Éboli construiu uma bela **casa acastelada**. Mas, nem esse fato serviu para proteger e conservar esse lugar que foi **o berço da cidade** e testemunha da nossa história. O abandono do Outeiro contribuiu para que famílias se instalassem dentro da casa, transformando-o num cortiço. Quando já estava totalmente destruído, foi tombado (1985) e, depois de quase 100 anos de deterioração passou a ser recuperado, sendo os trabalhos concluídos em outubro de 2000, com a entrega da praça construída ao seu lado<sup>17</sup>.



Figura 46 - Foto tirada por volta de 1985  
(Foto de Francisco Lopes Rubio da Fundação Arquivo e Memória de Santos – FAMS)

A história do outeiro fala de um passado que tentou ser desmanchado mas resistiu. As palavras castelo, ruínas e origem (o outeiro é o berço da cidade de Santos) ficaram ressoando em minha mente enquanto eu desligava o computador.

No dia seguinte, fiz uma outra busca: São Januário + história. Já tinha feito há muito tempo uma pesquisa sobre São Januário, mas descobri muito pouco. Fiquei muito surpresa quando o primeiro *link* que abri da pesquisa do Google me revelou o “Morro do Castelo”.

De início, logo no primeiro ano de ocupação, o morro ganhou suas primeiras construções. Em 1567 foi erguido o **Forte de São Januário**, rebatizado mais tarde

---

<sup>17</sup> A imagem e a citação foram extraídas do texto “Novo Milênio: histórias e lendas de Santos – A santa e o outeiro”, disponível no *site* <[www.novomilenio.inf.br/santos](http://www.novomilenio.inf.br/santos)>, acessado em outubro de 2005.

de **São Sebastião**. Ficava na parte posterior do morro e foi feito, como as demais construções, de pedra e óleo de baleia. As paredes internas tinham um metro de espessura e sua aparência era a de um castelo, daí o nome do lugar.

No Morro do Castelo foram construídos o primeiro sobrado da cidade, a Casa de Câmara e a Cadeia. (...)

Em 1922, o Prefeito do Distrito Federal, engenheiro Carlos Sampaio, decretou o fim do morro. Foram muitas as justificativas, entre elas a falta de espaço para abrigar a exposição comemorativa do centenário da Independência. Diziam, também, que o Morro do Castelo prejudicava a ventilação da área central da cidade. Assim, com jatos d'água, motores elétricos e máquinas a vapor, acabaram com o berço da cidade<sup>18</sup>.



Figura 47 - O Presidente Epitácio Pessoa incumbiu o prefeito Carlos Sampaio de “botar a baixo” o Morro do Castelo

Chegava a São Januário com uma metodologia inspirada em Certeau e Benjamin, e não uma perspectiva linear da escrita da história. Como narradores sucateiros (Gagnebin, 2004), estava catando “restos”, e agora penso que o que Renato e o marimbondo escavavam tem a ver com a própria história da cidade do Rio de Janeiro

De qualquer jeito, me via diante de escavações de um solo de memória coletiva produzido por uma concepção de progresso que bota o passado abaixo. Os rastros de um passado demolido nesse berço do Rio de Janeiro parecem insistir em retornar. Eles estão em toda parte desde que possamos abrir os “olhos” para o que parece invisível mas que está ali, nos convidando a olhar... Por isso, encontrar a imagem da Igreja de São Januário no Morro do Castelo e saber que tudo ali foi

---

<sup>18</sup> Este texto está disponível em: <[www.almacarioca.com.br/hist08.htm](http://www.almacarioca.com.br/hist08.htm)>, acessado em outubro de 2005.



derrubado se revelou para mim como uma “imagem dialética” nos termos benjaminianos.

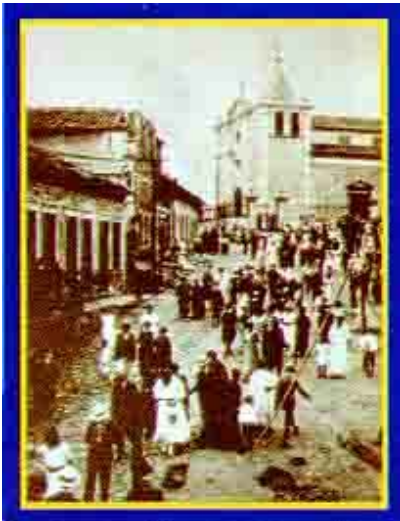


Figura 48 - Igreja de São Januário no Morro do Castelo  
(Foto sem data)

A memória opera com grande liberdade escolhendo acontecimentos no espaço e no tempo, não arbitrariamente mas porque se relacionam através de índices comuns. São configurações mais intensas quando sobre elas incide o brilho de um significado coletivo. É tarefa do cientista social procurar esses vínculos de afinidades eletivas entre fenômenos distanciados no tempo (Bosi, 2003, p.31).

A busca da memória de um pequeno povoado do interior de Minas Gerais levou a restos e rastros da memória do Rio de Janeiro. O tema da memória e a imagem do labirinto se aproximaram num percurso em que o colecionador, o narrador sucateiro e o conceito de testemunha compõem um mosaico teórico-metodológico. Mas se memória e labirinto se encontraram nesse processo é porque foi aberto um espaço para o sonhado. Por isso defendo aqui a importância desta metodologia onírica, na perspectiva de Walter Benjamin.

Enquanto instrumento de desarticulação e rearticulação da história, o sonho pode ser posto a serviço da crítica da cultura. Da mesma forma que a consciência individual, a consciência coletiva também sonha, e nesse sonho estabelece uma ponte entre o passado e o futuro (Rouanet, 1990, p.90).

Encontrar a imagem da Igreja de São Januário no Morro do Castelo<sup>19</sup>, berço da cidade do Rio de Janeiro, foi revelação importante. Na minha rede de significações, fui puxando os fios e pensando... “Córrego dos Januários” e “Rio de Janeiro”... Os dois são rios e os dois remetem a Janus. Esta reflexão leva à própria origem etimológica do nome “Januário”, o deus romano Janus.

Janus é um deus dos mais antigos do panteão romano. Era uma divindade das portas de passagens, representado com duas faces contrapostas. Como deus dos começos, senhor das passagens, foi-lhe consagrado o mês de janeiro (Januarius), que assinala a passagem de um ano para o outro (Brandão, 1993, p.175).

Segundo Spalding (1991), o Janus bifronte, “Janus de dois rostos”, exprimia a faculdade do deus romano de olhar para a frente, o porvir, e ver atrás, o passado (p.77).



Figura 49 - Busto de Janus, no Museu do Vaticano<sup>20</sup>

Janus tem duas caras, duas faces que se complementam. Uma ajuda a lembrar, a outra a esquecer. Sem lembrar nos perdemos, sem esquecer não

---

<sup>19</sup> O próprio Morro do Castelo chamava-se São Januário, como descobri depois em exposição no Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) intitulada “Família Ferrez: novas revelações em abril de 2008”. O Morro de São Januário ou Morro do Descanso passou a ser conhecido como Morro do Castelo depois da construção do Forte de São Sebastião que, com suas muralhas e guaritas se assemelhava a um castelo quando visto de longe. Começou a ser ocupado em 1567, quando Mem de Sá transferiu a cidade para aquele ponto estratégico, diante da Baía de Guanabara.

<sup>20</sup> <http://pt.wikipedia.org/wiki/Janus>

agimos. Numa perspectiva alegórica, Janus traz a crítica a uma concepção linear e progressiva do tempo e da história, e nos faz refletir nas consequências de compreendermos como progresso “aquilo que bota o passado abaixo”. Janus bifronte me inspira a olhar para o passado e o futuro no aqui e agora. E me faz lembrar de Benjamin e o anjo da história. Nas teses “Sobre o conceito da história”, Walter Benjamin (1994) faz referência à obra “Angelus Novus”, de Paul Klee, que para o filósofo é a apresentação do anjo da história:

Há um quadro de Klee que se chama *Angelus Novus*. Representa um anjo que parece querer afastar-se de algo que ele encara fixamente. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Seu rosto está dirigido para o passado. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as dispersa a nossos pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso e prende-se em suas asas com tanta força que ele não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos progresso (p.226).

Benjamin critica uma concepção positivista do progresso como algo que se dá de forma inevitável. A tempestade do progresso não permite que se olhe para trás para mudar o curso de uma história que, para Benjamin, poderia ser outra.

O anjo da história gostaria de parar, cuidar das feridas das vítimas esmagadas sob os escombros amontoados, mas a tempestade o leva inexoravelmente à repetição do passado: novas catástrofes, novas hecatombes, cada vez mais amplas e destruidoras (Löwy, 2005, p.90).

Contra um destino inexorável, uma história previsível e acabada, Benjamin diz por meio da alegoria do anjo que a história não só poderia ter sido diferente, mas que ainda pode (Kramer, 1994).

Diante do inesperado encontro com Janus, reflito mais uma vez sobre nossa metodologia de pesquisa. Para me deparar com a origem do nome “Januário”, percorri um labirinto. Janus estava diante dos nossos olhos o tempo todo, mas não bastava, penso agora, ter a informação da origem etimológica de “Januário”, e sim compreender a concepção de história a que a figura mítica e alegórica de Janus nos remete depois dessa caminhada.



Penso que o encontro com Janus<sup>21</sup> revela uma metodologia de pesquisa inspirada no colecionador benjaminiano e no anjo da história:

Enquanto colecionador, o *Angelus Novus* é um anjo da morte, cuja única esperança de recompor as ruínas que se acumulam a seus pés é arrancar do seu contexto temporal os passados oprimidos, destruindo o continuum da história, da mesma forma que o colecionador extrai objetos físicos do seu contexto espacial (Rouanet, 1981, p.32).

O encontro com a imagem alegórica de Janus se deu num momento crucial. Nosso trabalho no Córrego se situa na crítica de uma cultura que vê o progresso como aquilo que bota abaixo o passado. É no bojo de uma concepção fatalista de progresso que as dicotomias cidade-roça, luz e calor se forjam. Tudo isso nos coloca de frente com uma dissociação entre aspectos essenciais da vida que precisam urgentemente dialogar. A luz elétrica e a convivência, o progresso e o cuidado com o meio ambiente, a cidade e a roça, a experiência e o saber dos mais velhos, com a novidade do olhar da criança, são todas elas faces que, ao se excluírem, empobrecem nossa existência, nos desumanizando.

Mas se acreditamos com Benjamin na imprevisibilidade da história e que novos começos podem ser engendrados pela ação do homem no mundo, nos perguntamos: é possível unir a luz e o calor? Talvez não, se tomarmos o passado como algo que acabou, que ficou para trás e nada tem a nos dizer. Aprisionados numa perspectiva de tempo linear e progressivo, os velhos já foram e as crianças ainda vão ser. Mas se rompemos com a visão progressiva, o futuro não esvazia o presente, ao contrário: lhe abre novas possibilidades, enquanto o passado dialoga com o presente, é ressignificado. A alegoria de Janus nos convida a superar as dicotomias e ter uma perspectiva tensionada, dialética.

Há um “conto e uma imagem” que denominamos “Marcelo e o Cafezal”<sup>22</sup> que parecem emblemáticos para também pensarmos nas faces de Janus. Nesta

---

<sup>21</sup> Recentemente, encontrei em dois importantes comentadores de Walter Benjamin alusão a Janus. Löwy (2005), ao propor abordar o filósofo como marxista e teólogo, lembra que Benjamin “gostava de se comparar a Janus, que com uma das faces olha para Moscou e com a outra para Jerusalém” (p.36). Seligmann-Silva (1999, p.165) situa que é em carta de 1929 a Scholem que Benjamin refere-se a si mesmo utilizando o termo “cabeça de Janus”: “face da minha cabeça de Janus voltada para o Estado soviético” (“die dem Sowjetstaate abgewandte Seite meines Janushauptes”, B 489).

<sup>22</sup> O conto e imagem “Marcelo e o Cafezal” compõe o Estandarte “Terra e Memória”.

reflexão, Bakhtin (2000), em total sintonia com a concepção benjaminiana de tempo e história, reaparece.



Figura 50 - Marcelo e o cafezal

***Marcelo:** Aqui eu vejo assim, a primeira coisa é sentimento de lembrança do pai, né? E do lugar, né, olhando o serviço onde que ele criou a gente, né, criou os filhos dele aí. Que o papai plantou essa que tá aqui (plantação de café) em cima aqui e essa que eu tô aqui agora foi o papai que plantou. Então eu fiquei pensando assim: há mais de 20 anos eu tô trabalhando onde ele trabalhou, fazendo o que ele fazia, e sempre tendo a recordação dele, né? Então eu tô olhando assim, pelo tipo do lugar que a gente tava olhando assim pra cima, me dá um tipo de muito pensamento na hora, né? De muito sentimento. E eu fico pensando assim, a mesma dificuldade que ele teve pra criar a gente e que a gente vai ter, mas com as graças de Deus a gente vai conseguir também criar a família da gente também, né? E dá uma esperança, um sentido de uma esperança, que todo mundo tem suas dificuldades, muita gente tem, mas a gente vence também. Eu tenho muito sentimento. Eu não sei, eu não gosto, tem uma porção de retrato que eu não gosto não, sabe. Esse daqui mesmo é um dos que eu achei melhor até hoje, de retrato que eu tirei até hoje. Eu tô, ocê vê que eu tô de chinelo no pé, né, com a roupa de trabalhar, né? Eu tô fazendo o que eu sei fazer, na minha profissão, né? Eu gostei demais desta foto. Daqui uns anos eu vou ver essa foto e aí eu vou lembrar direitinho. Essa foto ainda vai fazer eu falar muita coisa...*

A imagem trouxe um olhar sobre si mesmo que o toca, o faz falar, lembrar e se emocionar. Em seu discurso, Marcelo revela “quem é” (Arendt, 2004). Ele e a foto estão num contexto dialógico (Bakhtin, 2000) em que não há um sentido fixo para a imagem, mas sim a possibilidade de sempre reinterpretá-la, um ato que o leva a ressignificar também sua vida, sua história. Marcelo prenuncia que poderá falar ainda mais de si, construir outros sentidos, quando se deparar com a foto

daqui a alguns anos. Ele vê a imagem na grande temporalidade e parece entender o que diz Mikhail Bakhtin (2000) com a frase “todo sentido festejará um dia seu renascimento”.

Não há uma palavra que seja a primeira ou a última, e não há limites para o contexto dialógico (este se perde num passado ilimitado e num futuro ilimitado). Mesmo os sentidos passados, aqueles que nasceram do diálogo com os séculos passados, nunca estão estabilizados (encerrados, acabados de uma vez por todas). Sempre se modificarão (renovando-se) no desenrolar do diálogo subsequente, futuro. Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento. O problema da grande temporalidade (Bakhtin, 2000, p.413).

Em sua narrativa, Marcelo chama a atenção para pensarmos a fotografia como um dispositivo de fala e de memória, tal como ressalta Kossoy (2007):

As imagens revelam seu significado quando ultrapassamos sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas. Através da fotografia aprendemos, recordamos, e sempre criamos novas realidades. Imagens técnicas e imagens mentais interagem entre si e fluem ininterruptamente num fascinante processo de criação/construção de realidades – e de ficções. São essas as viagens da mente: nossos “filmes” individuais, nossos sonhos, nossos segredos. Tal é a dinâmica fascinante da fotografia, que as pessoas, em geral, julgam estáticas. Através da fotografia dialogamos com o passado, somos os interlocutores das memórias silenciosas que elas mantêm em suspensão (p.147).

Marcelo olha para seu cafezal e vê sua história. Ao falar, ele olha para trás, estabelece um elo com seu passado por meio do pai, do café, da terra, e assim encaminha seus projetos, sua vida, seu futuro. Esse movimento de ir ao passado encaminhando um futuro sempre aberto ao novo, a outros sentidos que ainda vão renascer, nos remete à imagem alegórica de Janus.

Olhar o passado para encaminhar o futuro. Eu disse anteriormente o quanto a dor que assolou o povoado mineiro diante das mortes de vários de seus moradores mais velhos ameaçava fechar as portas para o projeto da Casa de Memória e Cultura se realizar. Além disso, junto com a tristeza, um fantasma antigo voltou a assombrar os Januários: a dúvida pelo valor e importância de sua história. Foi nesse contexto que nasceu o projeto “Carta para-ti”, que aos poucos

se consolidou como uma estratégia teórico-metodológica de vitalização da esperança.

Durante o processo de mobilização desse projeto, em 2006, comecei a observar uma reação da comunidade liderada por Dorvalina de Souza, irmã de Toquinho. Com o objetivo de angariar fundos para a reforma da casa, Dorvalina organizou uma festa-seresta junto com a exposição dos contos e imagens em agosto de 2006. Além dos moradores do Córrego, várias pessoas que hoje moram em outras cidades (Belo Horizonte, Ipatinga, Caratinga etc.) compareceram à seresta e se envolveram com o processo. A festa foi um grande encontro dos “Januários”, que celebraram com muita alegria até as cinco da manhã. Enquanto eu via crianças, jovens, adultos e mais velhos rindo, dançando, pensei que o próprio espírito da Casa de Memória já ressoava ali. Pois o apelo de felicidade maior dos Januários não é o de que a alegria do encontro não seja jamais soterrada?

Ter como vislumbre um presente que tem uma porta aberta para o passado e outra para o futuro é o nosso esforço teórico-metodológico no Córrego dos Januários. A concepção que desenvolvemos ao longo deste trabalho para a elaboração da Casa de Memória no Córrego dos Januários envolve, como já visto, o acolhimento e o testemunho. Mas com Janus reforçamos nossa tese de que esse espaço de memória se dá no entrecruzamento dos tempos, e nosso maior esforço é torná-lo junto com os “Januários” um espaço onde o apelo à felicidade do presente se faça ouvir.

A palavra rememorativa, certamente imprescindível, não tira sua força mais viva da conservação do passado e da perseverança de escritores, historiadores ou filósofos; mas do apelo à felicidade do presente; isto é, em termos filosóficos antigos, da exigência da vida justa dos homens junto a outros homens. Ouvir o apelo do passado significa também estar atento a esse apelo de felicidade e, portanto, de transformação do presente, mesmo quando ele parece estar sufocado e ressoar de maneira quase inaudível (Gagnebin, 2006, p.12).

4

## “Carta para-ti”: o rio que corre



Figura 51 - Estampa de apresentação do projeto “Carta para-ti”  
Pintura de Renata Alves

*O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.*

*João Guimarães Rosa  
(Grande Sertão, Veredas)*

#### 4.1

#### Memória itinerante: o projeto “Carta para-ti”

Em nossa perspectiva metodológica, a superação das dicotomias envolvia a necessidade de fortalecer a identidade dos Januários (pouso, raízes), mas também de abriremos as portas para o novo, para o contato com outras experiências, o que implicava deslocamento (vôos).

Mais uma vez, Janus parecia nos guiar. O deus das portas abertas, das passagens, do diálogo, da ponte entre mundos e realidades distintas. Os contos, as palavras, as histórias, as memórias e as imagens desejavam correr rio abaixo, ir para além daquele córrego.

Outro personagem importante de todo esse processo foi o pássaro inhapim. O Córrego se situa no município de Inhapim, cidade que adotou este nome pela enorme quantidade desse pássaro que existia por lá, hoje em extinção. Embora esteja por todo lado estampado nos uniformes escolares, a maior parte dos moradores nunca viu um de perto.

O inhapim tinha sido para nós uma pista preciosa, reveladora da ameaça de extinção não só de pássaros mas também de memória, história, convívio e intercâmbio de experiências. Durante o percurso pelo rio de memória dos Januários, no entanto, nos deparamos com dois inhapins. Parecia incrível que aquele pássaro tão raro, e que só os mais velhos conheciam de perto, se apresentasse para nós. O encontro com o pássaro se deu na mesma viagem em que soubemos do destino da tapera de Tia Fiinha. Pouco antes de partir, fomos convidadas a visitá-lo e conhecer sua história. Uma história forte que D. Winny (70 anos) nos conta:



Figura 52 - D. Winny e seu passarinho inhapim<sup>23</sup>

*Esse inhapim, a história dele é muito interessante. Um dia, eu mais o meu marido estávamos na porta do nosso açougue conversando, quando passou um Fiat e da janela do Fiat caiu uma caixinha. Parecia uma caixinha de som. Aí o meu marido falou assim: ah, gente, deve ser uma caixinha de som que caiu ali. E mandou o rapaz que tava perto ir lá pegar pra gente. Quando o rapaz chegou falou assim: ah, isso é um passarinho, eu pensei que fosse uma coisa de valor, mesmo. Aí meu marido falou assim: pois pra mim é de muito valor porque eu gosto muito de passarinho. Quando ele olhou, por coincidência, ainda é um inhapim, caiu justo na cidade com o nome dele.*

Por ter se apresentado num momento difícil para Toquinha, abalada pela tristeza por causa da tapera, compreendi o inhapim como alegoria de esperança. No entanto, quando tudo parecia estagnar, recorri aos sentidos de memória e esperança vislumbrados no pássaro inhapim e o nomeamos nosso pombo-correio.

---

<sup>23</sup> Este fato aconteceu em julho de 2002 pouco antes de voltarmos para o Rio de Janeiro. Depois disso, muita gente foi conhecer de perto o pássaro que deu nome a cidade. Muitas crianças e adultos foram ver o inhapim pela primeira vez para alegria de D. Winny. O passarinho morreu em 2005, 22 anos depois de ter sido encontrado.





Figura 53 - Criança com esperança na mão

Começava a nascer o projeto “Carta para-ti” em que algumas das fotos produzidas por mim e pelos moradores nas oficinas de fotografia e memória se transformaram em cartões-postais.

O “Carta para-ti” foi desenvolvido em parceria com a *designer* Luiza Kramer Bazílio, aluna de graduação do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. O projeto, envolvendo fotos-postais, teve sua inspiração no III Festival Literário de Paraty (RJ), onde Toquinho se deparou com desenhos-postais feitos pelas crianças dessa cidade no projeto “Arte na Praça”, em 2006. O trabalho realizado por professoras numa oficina de postais, em que as crianças faziam desenhos sobre Paraty e enviavam aos amigos, nos levou a pensar em transformar em postais nosso acervo fotográfico da memória do Córrego dos Januários.



Figura 54 - O passarinho inhapim bordado em tecido



Esse projeto de memória itinerante por meio de cartões-postais possibilitou não só que as histórias dos Januários circulassem para além do córrego como, também, que se fortalecesse o propósito da comunidade na elaboração da Casa de Memória e Cultura.

Segundo Kossoy (2002), o início da “idade de ouro” dos cartões-postais se dá em 1899, sendo a Alemanha o país de maior produção (88 milhões de postais), seguido de Inglaterra e Bélgica. Mas em 1910 é a França que lidera a indústria de postais, produzindo mais de 120 milhões de unidades. Diante de números tão expressivos, Kossoy (2002) reflete sobre que influência os postais – como meios de expressão, correspondência e objetos de coleção – teriam tido na forma de pensar e agir dos homens daquela época.

Refiro-me às possibilidades de conhecimento visual do mundo – apesar de fragmentário – através das vistas e paisagens dos mais diferentes países, de suas cidades, ruas, edifícios e monumentos históricos, suas personagens típicas, costumes, cotidiano, e até suas catástrofes (p.64).

Kossoy lembra que, para além da “fúria colecionista” de que foram objeto, principalmente no período de 1900 a 1925, os cartões-postais sempre propiciaram a possibilidade de se viajar pelo mundo sem sair de casa.

Entretanto, acredito que os postais podem também provocar outras possibilidades de viagem. Refiro-me, por exemplo, ao deslocamento no tempo e no alargamento da experiência que essas cartas com imagem podem disparar.

Recentemente, vi alguns desses postais produzidos na Alemanha no contexto descrito por Kossoy (2002). Os cartões faziam parte de um acervo de documentos, fotografias, cartas e postais que haviam sido recém-descobertos por Deborah Alexander<sup>24</sup>, filha de Kurt Alexander, um alemão refugiado do nazismo que tive o prazer de conhecer.

Durante toda a sua vida, o pai pouco falou sobre o que acontecera na Alemanha, mas preservou diversos documentos e fotografias de família. Há cerca de quatro anos, Deborah começou a olhar para esse “baú” com atenção e cuidado e compartilhou comigo parte desse processo:

---

<sup>24</sup> Deborah participou do grupo que esteve na primeira viagem ao Córrego dos Januários em 2001.

*A família de meu pai morava em Gelsenkirchen, na Alemanha. Em 1939, ele chegou ao Brasil junto com seus pais e seu irmão gêmeo, quando então tinha 19 anos. Meu avô tinha vários irmãos e irmãs. Um dos irmãos e uma das irmãs de meu avô também emigraram para o Brasil. Outros foram para Inglaterra e Estados Unidos, e o único que emigrou para a Bélgica foi vítima do Holocausto. Não cheguei a conhecer nem minha avó, nem meu tio, que faleceram aqui no Brasil. Meu avô Julius, ao qual eu era muito ligada, faleceu quando eu tinha 9 anos. Venho me debruçando sobre essa história, adquirindo consciência, restaurando a memória da família e refazendo o contato com primos de meu pai ainda vivos, que moram no exterior. Se hoje meu pai fosse vivo, certamente eu teria muitas perguntas a lhe fazer, mas sinto que compreendo melhor o seu silêncio. Dentre as perguntas que eu tinha, e outras tantas que ainda tenho, uma era sobre o casamento dos meus avós. Quando havia sido? Pesquisando no Arquivo Nacional, tive a sorte de localizar uma tradução da certidão do casamento. Descobri então que ele aconteceu durante a I Guerra, no dia 17 de outubro de 1916, em Heidenheim, Alemanha. Com a certidão de casamento, algumas fotografias ganharam novo significado. Uma delas, um postal com uma fotografia de minha bisavó Mathilde para minha avó Ella, datado de 13 de outubro de 1916. Quatro dias antes do casamento! Senti que pode ter sido um cartão para abençoar a união de meus avós. E o sorriso de minha bisavó me passa uma coisa tão boa...*



Figura 55 - Postal de 1916 com a fotografia de Mathilde Heynemann

*Outro postal que ganhou novo colorido é uma fotografia de Heidenheim. Este é datado de 10 de setembro de 1916 e foi endereçado para a minha avó Ella na cidade onde ela nasceu, Varel. Acredito que se trata de um postal do meu avô Jakob para a minha avó mostrando a cidade onde ele estava morando provisoriamente e onde eles se casariam pouco mais de um mês depois. Será?*



Figura 56 - Postal de 1916 da cidade de Heidenheim

O trabalho de recriação da memória familiar de Deborah fica evidente nesse bonito depoimento. Os postais funcionam como “suportes de memória” e vão preenchendo lacunas de sua história. Diante dos escritos ilegíveis, ela, apoiada em dados colhidos no Arquivo Nacional, se volta para a Alemanha de 1916 e se encontra com uma memória afetiva de sua família. O tema do casamento dos avós emerge envolvido num clima de afetividade em que minha amiga supõe sentidos que os dados históricos não dão conta de lhe fornecer. Memória, imaginação e história se entrelaçam e possibilitam o ressignificar de uma “memória do cotidiano de outrora” (Kossov, 2002) que subitamente encontra na neta e bisneta um destino.

Os cartões-postais preservam em sua estética uma dupla memória: a iconográfica propriamente dita e a mensagem escrita de afeição e saudade enviada por algum remetente desconhecido para outro alguém, também desconhecido. Fragmentos da

memória do cotidiano de outrora nostalgicamente perdidos, vagando sem destino em sua trajetória documental...além da vida (p.71).

Concebemos os postais “cartas para-ti” como suporte de uma memória que, por ser sensível, banhada na experiência, também provoca, sensibiliza. Expressão da cultura e da memória, elo com outros tempos e mundos, o projeto “Carta para-ti” resulta das imagens produzidas não só pela pesquisadora mas também nas oficinas de memória pelas crianças, adultos e mais velhos de Inhapim, todos fotógrafos de primeira viagem. Os postais são resultado dessas escavações. Neles estão grafados vários olhares que narram trechos de uma história que o Córrego dos Januários não quer deixar se perder. Essa grafia da memória é tramada pelo afeto, pela valorização de muitas vozes que o Córrego dos Januários demonstrava desejar que continuassem ressoando no mundo.

As “cartas para-ti” tiveram como propósito maior criar uma rede de contato e comunicação entre os moradores do Córrego e de outros lugares cujas experiências e histórias compõem nossa imensa diversidade cultural.

Os espaços de memória locais reforçam a identidade de um grupo, mas podem também reforçar a idéia de gueto, de que aquelas histórias só interessam para aquele grupo. O projeto “Carta para-ti” como um lugar de memória itinerante reforça a tese das portas abertas, das janelas para o mundo... Essas janelas, ao mesmo tempo que ampliam horizontes de experiências, aproximam histórias e criam elos. Noção de pertencimento a uma história mais ampla e à comunidade humana, pois:

se defendemos o fortalecimento de laços culturais, das raízes históricas dos diferentes grupos, e a consciência das tradições poderemos escapar da guetificação, do isolamento, da perda de humanidade (Kramer, 1998, p.209).

A ponte criada pelos postais entre os Januários e outras pessoas de tantos lugares diferentes acabou revelando uma profunda conexão com outras realidades, e isso fortaleceu a confiança e os aproximou novamente do desejo de criar abrigo para a própria história.

Mário Chagas (2006), ao refletir sobre outro projeto também envolvendo postais, inserido no projeto Rede Memória, do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), no Rio de Janeiro nos faz compreender que é a



própria noção de patrimônio que está se alargando quando concebemos os postais como ponte:

Imagens e palavras impressas no papel passaram a compor uma narrativa toda especial, capaz de articular no mesmo episódio a tensão entre o singular e o universal; capaz de evidenciar a fazeção da ponte que liga o humano localizado e banhado pela maré cultural e a humanidade inflamada e sensível. Num dos cartões-postais, um dos comoventes depoimentos de um dos moradores das antigas palafitas está assim apresentado: “Quando eu mudei para lá, tinha que atravessá mesmo era por dentro d’água... Os outros tinha ponte, os outros tinha tudo, mas eu ainda não. Tinha mudado de pouco. Aí eu fui fazê a ponte.”

Essa narrativa poética, que combina o lírico e o épico num mesmo drama, explicita a tensão humana implicada na construção cultural de um patrimônio pessoal e a necessidade de construção de pontes. Se, por um ângulo, a ponte (material e espiritual) pode ser compreendida como patrimônio, por outro o patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como ponte entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes. A compreensão do patrimônio como ponte pressupõe a dilatação da noção de patrimônio (p.1).

Antes de narrar como se dava na prática a laboração das “cartas para-ti”, eu gostaria de apresentar uma das imagens produzidas na oficina de memória e fotografia que se transformou em cartão-postal.

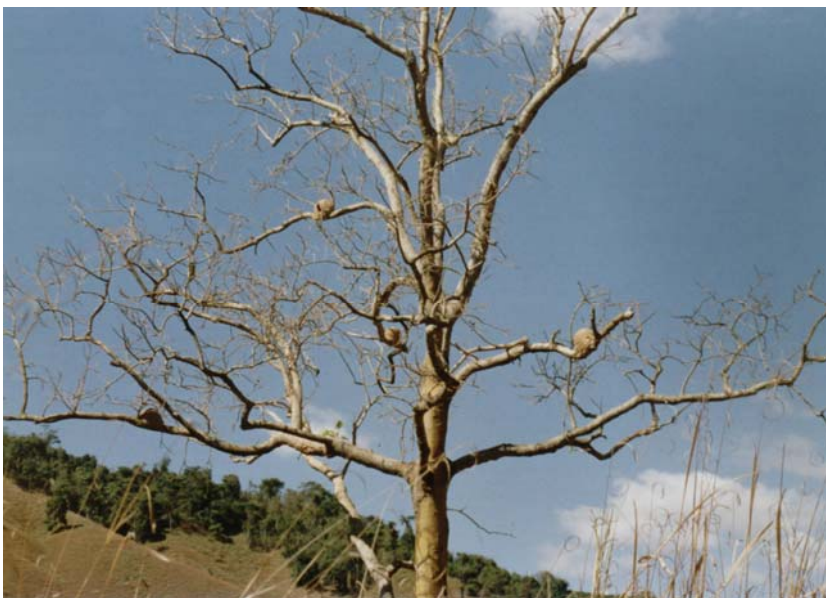


Figura 57 - João de barro e suas obras de arte

Relíquia é algo precioso, de valor. Talvez este seja o tema central desses fotógrafos que buscaram imagens de trabalhadores, do cultivo da terra, da natureza, de pessoas queridas, de casas antigas, vislumbrando como relíquia a própria gente e esse pedaço de chão das Gerais. Em uma das etapas da oficina,

enquanto víamos juntos as fotos, íamos refazendo nossa trajetória daquela manhã de outono de 2003. As fotos de que eles mais gostaram eram selecionadas, e para cada uma delas um título era escolhido pelo grupo para compor o acervo. Wander, Zito e Nenê examinam atentamente a foto de Leandro e começam a conversar sobre a imagem<sup>25</sup>:

**Zito:** *A máquina também ensina a gente, uai. Por exemplo, na medida que ocê mira, se ocê não viu a pessoa todinha dentro daquele vidrozinho, ocê não arrisca, não, que não vai dar nada certo. Agora, se ocê viu a pessoa toda ocê pode apertar o gatilho que provavelmente dá certo (risos).*



Figura 58 - Denise, Sones, Carlos, Wander e Leandro vendo fotografias

**Zito:** *Qual é a árvore, Wandinho?*

**Wander:** *Aquela lá no pasto do Rodrigues.*

**Zito:** *Ah! Isso é uma sumaúma. Tem uma, duas, três, quatro. Ih, cinco casas de João-de-barro, seis.*

**Nenê:** *Cinco casas de João-de-barro só numa árvore, olha, Janete.*

**Wander:** *Tô pensando num detalhe que eu vi nessa foto.*

**Denise:** *O que que é?*

**Wander:** *Esse detalhe aqui. Sabia que eles (os passarinhos) fazem essas casas umas viradas pra cá, outras pra lá. Que quando ela tá virada pra cá geralmente o vento vem é de lá pra cá, pra não entrar dentro da casa.*

**Zito:** *Na época que o vento vai dar, conforme o lado, eles fazem a casa com a porta ao contrário.*

**Nenê:** *A casa ao contrário do vento.*

**Wander:** *Assim dizem. Mas pode olhar. Essa aqui tá com a boca pra cá, a entrada. Essa daqui pra baixo. Essa aqui também pra lá. Construir igual o João-de-barro só ele mesmo. Ninguém faz igual.*

<sup>25</sup> Este é um trecho da oficina de memória e fotografia dos adultos. Faz parte do estandarte “A Grafia do Olhar II”.

**Zito:** *E pode chover o tanto que chover que não quebra aquilo.*

**Wander:** *Obras de arte. Suas obras de arte. Podia ser este o título da foto.*

Leandro escutava os amigos e concordava. Orgulhoso da bela imagem, anunciou seu título: “João-de-barro e suas obras de arte”.

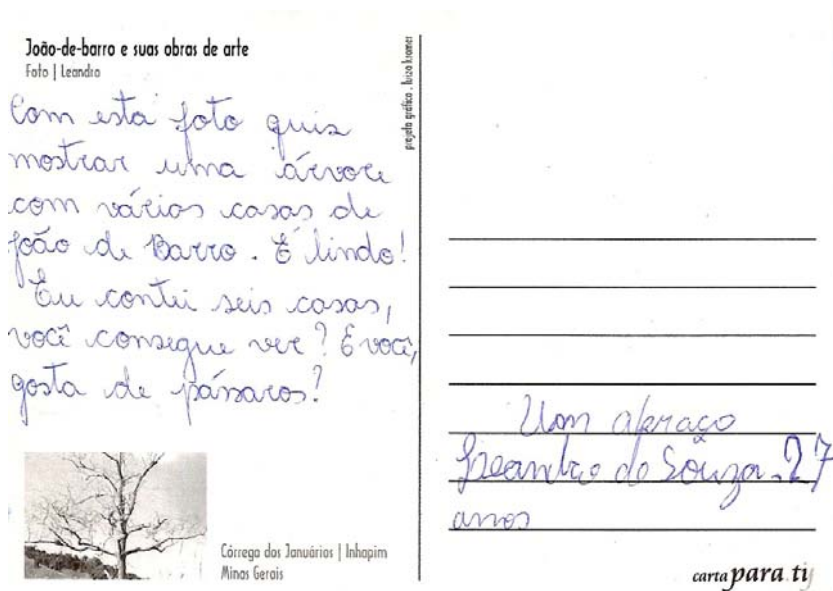


Figura 59 - Verso do postal “João-de-barro e suas obras de arte”

Com esta foto quis mostrar uma árvore com várias casas de João de Barro. É lindo! Eu contei seis casas, você consegue ver? E você, gosta de pássaro? Um abraço,  
Leandro de Souza - 27 anos

A imagem a seguir, fruto das caminhadas da pesquisadora no início de sua inserção no campo, se constitui em outro exemplo de como o projeto “Carta para-ti” foi se estruturando.



Figura 60 - Zilmar e a vassoura de alecrim

Eu estava hospedada na casa de Zilmar, em julho de 2002, e fotografei bem cedinho, sem que ela me visse, esta cena que se repete todos os dias na vida dela. Não podia resistir ao encanto daquela imagem e tinha consciência de que queria registrar exatamente aquele instante em que a simplicidade e a poesia daquele cotidiano se revelavam tão fortemente. Olhando para a foto, reconheço a mesma cena que inundou meus olhos naquela manhã. Ao ver a foto, Zilmar se emocionou com meu olhar diante de uma cena tão comum do seu dia-a-dia. Cabe ressaltar que, até então, eu nunca tinha visto uma vassoura de alecrim.

Um dia, Zilmar foi até seu cafezal buscar mais alecrim para fazer outra vassoura e nos chamou (Toquinha e eu) para acompanhá-la. No dia seguinte, tivemos a oficina da esteira de taboa. Zilmar, que também participou e sabia que eu estaria lá para fotografar, chegou com a vassoura e deu uma divertida aula de como montá-la.



Figura 61 - Zilmar fazendo a vassoura de alecrim



*Zilmar: Tem que fazer economia, minha filha. Não pode ficar comprando vassoura, não! (risos) Vassoura tá muito caro! Agora eu vou varrer terreiro...<sup>26</sup>*

A pesquisadora Luce Giard (1996) chama a atenção para a invisibilidade social e o não reconhecimento cultural das ocupações cotidianas das mulheres e propõe uma outra perspectiva que identifique em nossa metodologia:

Voltar o olhar para as pessoas e as coisas do presente, para a vida comum e sua diferenciação indefinida. Ver o gelo frágil dos hábitos, o solo movediço dos partidos tomados onde se incisam circulações sociais e costumeiras, onde se descobrem atalhos. Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito: invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las; biscates sujeitos ao peso dos constrangimentos econômicos, inscritos na rede das determinações concretas (p.217).

A partir de 2006, passei a viajar para o Córrego tendo como principal objetivo a seleção de imagens que se transformariam em postais. Nesse processo, procurava articular às imagens seus contos, suas histórias. Para isso, um grupo de crianças e jovens no Córrego me ajudava a colher com os fotógrafos e fotografados aquilo que eles queriam dizer como mensagem do postal. O critério para a escolha dos postais “carta para-ti” envolvia a qualidade técnica das imagens, mas principalmente seu valor de memória, cultura e expressão de um cotidiano, de seus sujeitos e suas “artes de fazer” (Certeau, 1994). A foto de Zilmar foi logo escolhida, mas nem de longe a própria Zilmar poderia imaginar o quanto ela e a vassoura de alecrim iriam tocar outros grupos além dali...

---

<sup>26</sup> A história de “Zilmar e a vassoura de alecrim” está no acervo e compõe o estandarte “Terra e Memória”.



Figura 62 - Postal da foto de Zilmar com mensagem escrita por ela  
 Figura 63 - Resposta do postal escrita por Letícia para Zilmar

Esta vassoura que estou usando para varrer é feita de um arbusto chamado alecrim que eu mesma colhi no mato. Você já tinha ouvido falar em vassoura de alecrim?  
 Um abraço de Zilmar - 69 anos.

## 4.2

## A oficina “Carta para-ti” na V Festa Literária Internacional de Paraty



Figura 64 - Edervanio, Fernanda, Toquinho, Denise, Herotildes, Débora, Fabiane, Dayane e Branca

Figura 65 - Postal escrito para Débora

Eu moro em Trindade no camping Nova Trindade. Minha família faz bonecos de papel machê. Eles que fizeram os da Flip. Foi o Jubileu e a Nice que fez os bonecos. A Nice é minha prima. Tchau. Bjs  
De: Marcella – 13 anos

No ano de 2007, o projeto “Carta para-ti” se tornou essencial para toda a comunidade, possibilitando que os “Januários” saíssem de sua terra e interagissem com os participantes da Flipinha, a versão infantil da Festa Literária Internacional de Paraty; do Paiol de Histórias, projeto da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, em Petrópolis (RJ); e do evento PUC PELA PAZ, no Rio de Janeiro.

Nossa primeira experiência com a oficina “Carta para-ti” aconteceu na Flipinha, em julho de 2007. Esta viagem contou com a participação dos moradores do Córrego dos Januários Edervanio de Souza Lucas (estudante de psicologia), Dayane Ribeiro de Oliveira (estudante da 7ª série do Ensino

Fundamental), Fabiane Ribeiro de Oliveira (estudante da 8ª série do Ensino Fundamental), Débora Maria Pereira (estudante), Edmar Maria de Souza- Branca (professora) e Lucia Duarte (professora)<sup>27</sup>.

Acompanhado de um “varal de contos e imagens”, que configura uma exposição itinerante, um estandarte de apresentação do projeto e uma caixa de correio com o pássaro inhapim, convidávamos o público a selecionar um postal; a responder à pergunta escrita pelos moradores do Córrego situada no verso da imagem; e a deixar um endereço de correspondência. Por meio dessas cartas e trocas, começávamos a vislumbrar o alargamento das margens de memória do Córrego. No final da apresentação da oficina, alguns dizeres revelavam nossa intenção:

Em breve o convidaremos para conhecer nossa Casa de Memória e Cultura e você verá que através do seu postal você também será parte da memória e da rica trama de experiências deste povoado das Minas Gerais. Uma memória que, ao se alargar, não é só para o Córrego dos Januários mas também *para-ti*.

Crianças e adultos de idades variadas e provenientes de locais tão diversos como Trindade, Campinas, Itu, Paraty, São Paulo, Porto Alegre e Maranhão fizeram questão de deixar o seu recado, surpreendendo o grupo do Córrego.

*Dayane: Eu fiquei com medo, achando que não ia juntar tantas pessoas, porque no começo não tinha muitas lá. Aí depois foi juntando e aí na hora que já tinha terminado tinha gente querendo mais.*

*Débora: De longe as pessoas viam as fotos. Quando ela achava uma que interessava ela parava e perguntava: onde que é isso? Eu mesma atendi, conversei com um monte de pessoas que chegaram lá só pelas fotos. Porque de longe eles viam e perguntavam o que era. Aí a gente falava que tinha postais, o que era o trabalho. Aí eles iam desenhar e escrever.*

*Edervanio: Eu achei interessante foi o nosso entusiasmo em mostrar, em estar explicando pras pessoas o que era a oficina. Se tivesse ido pouca gente a gente ia brigar pra ver quem é que ia atender o pessoal. Eu não imaginava que fosse tanta gente. Aí foi chegando pessoas de fora que nem conheciam, tão entusiasmadas, tão interessadas em conhecer, isso foi muito importante pra gente. Nos incentivou bastante.*

Apresento a seguir alguns exemplos dos postais escritos pelos Januários e das respostas obtidas nas oficinas. Foram ao todo 70 postais que hoje se encontram na Casa de Memória e Cultura, no Painel “Carta para-ti”. Destes,

---

<sup>27</sup> Fernanda Chagas, secretária de Educação de Inhapim em 2007, também acompanhou o grupo na viagem a Paraty. O transporte para essa viagem foi cedido pela Prefeitura de Inhapim.

mostro apenas os selecionados pelos critérios de receptividade e pelos temas que deles emergiram, tais como testemunho, intercâmbio de experiências, tradição, escola como espaço de diálogo entre as gerações, atenção e cuidado com a natureza, sentido de coletividade, entre outros.

A fotografia da árvore com as casas de João-de-barro feita por Leandro e o que ela provocou nos colocam face a face com o saber daqueles que, convivendo com a natureza, trazem outras leituras, ampliando cada vez mais nosso olhar para as miudezas e delicadezas da vida.

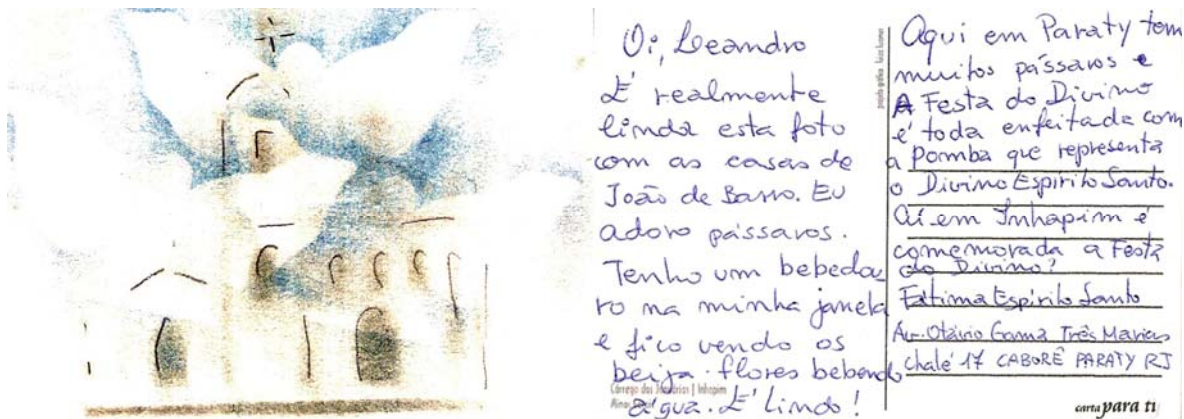


Figura 66 - De Fátima para Leandro

Oi, Leandro

É realmente linda essa foto com as casas de João de Barro. Eu adoro pássaros. Tenho um bebedouro na minha janela e fico vendo os beija-flores bebendo água. É lindo. Aqui em Paraty tem muitos pássaros e a festa do Divino é toda enfeitada com a pomba que representa o Divino Espírito Santo. Aí em Inhapim é comemorada a festa do Divino? Fátima Espírito Santo, Caborê, **Paraty-RJ**

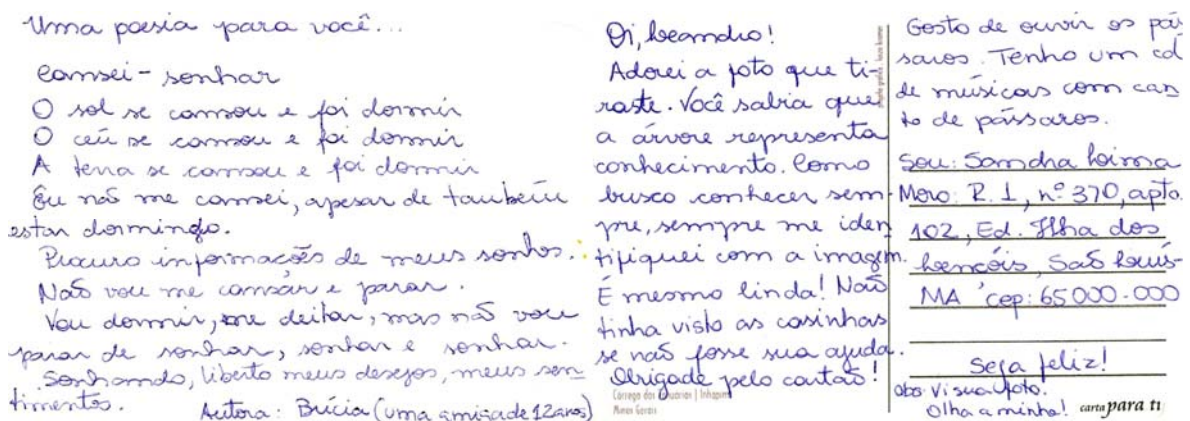


Figura 67 - De Sandra para Leandro

Oi, Leandro!

Adorei a foto que tiraste. Você sabia que a árvore representa conhecimento. Como busco conhecer sempre, me identifiquei com a imagem. É mesmo linda! Não tinha visto as



casinhas se não fosse sua ajuda. Obrigada pelo cartão! Gosto de ouvir os pássaros. Tenho um cd de musicas com canto de pássaros. Seja feliz!  
Sou: Sandra Lima, **São Luis- Maranhão**

Uma das tradições que emergiu do solo mineiro foi a maneira singular de preparar as broas ainda hoje tão conhecidas naquela região.



Figura 68 - Postal peneira com massa de broa com mensagem escrita por Elizete

Estas são as famosas broas de Minas. Antigamente eram enroladas em folhas de bananeira em formatos de barquinhos e depois colocadas no forno de barro. Estas broas estão no abano de minha mãe Regina, para lembrarmos dessa tradição. Se fazia muita broa por aqui, sempre que tinha casamento. Até hoje, comemos muita broa tomando café. Você já experimentou? Que delícias que você conhece que são preparadas de um jeito diferente como essas broas? Um abraço de  
Elizete Dias de Oliveira - Córrego dos Januários - 34anos

Ao escrever seu postal, Elizete se apropria de um costume antigo das mulheres do Córrego e o transmite de um modo que provoca na menina Bárbara desejo de experimentar algo que desconhece e, na paulista Heide, uma lembrança. Sua narrativa me faz lembrar de Benjamin (1995): “Era ‘tradição’ enrolada naquele interior que eu sentia em minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade” (p.122).



Figura 69 - De Bárbara para Elizete

De: Barbara A. Canonia Para: Elizete Dias de Oliveira - Córrego dos Januários  
Parabéns pela redação sobre as broas. Você é uma pessoa sortuda por ter a experiência de comer a broa. Eu nunca comi broa. Eu não conheço nenhuma mas gostaria de conhecer.

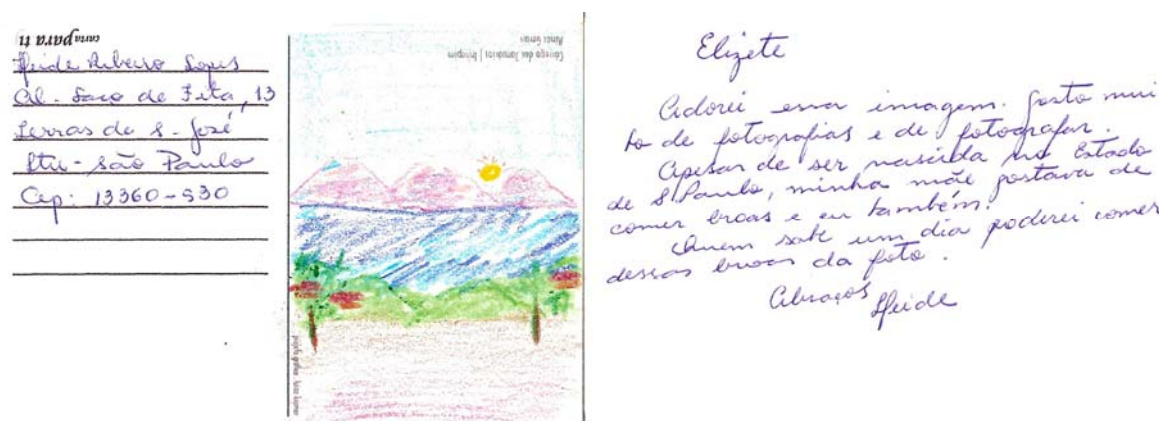


Figura 70 - De Heide para Elizete

Elizete,  
Adorei essa imagem. Gosto muito de fotografias e de fotografar. Apesar de ser nascida no estado de S. Paulo, minha mãe gostava de comer broas e eu também. Quem sabe um dia poderei comer dessas broas da foto. Abraços,  
Heide - Itu-SP

Um outro postal que entrelaça memória, tradição e narrativa traz como personagens principais Dedé e Efigênia.

Em abril de 2003, Dedé (63 anos) sugeriu que fotografássemos para o acervo da memória do Córrego o processo de tecer uma esteira de taboa<sup>28</sup>, ofício que todas as mulheres conheciam bem há quarenta anos. A proposta foi aceita imediatamente e combinamos fazer uma oficina, convidando crianças e adultos para participarem. Eu entendia a oficina como uma oportunidade de registro da

<sup>28</sup> Tabua ou taboa, como se diz no Januários, é uma planta de folha fina e comprida que nasce em lugares úmidos. Colhida ainda verde, é depois posta a secar ao sol para ser usada na confecção da esteira.

memória oral e da escuta das narrativas que provavelmente aquela experiência provocaria. Além disso, era nosso objetivo nas oficinas o contato entre as gerações, por meio da partilha de um conhecimento “banhado na experiência”. O registro dos “contos e imagens” por meio do gravador, e principalmente da câmera fotográfica, se constituiu como tarefa essencial na construção do acervo coletivo, e ao mesmo tempo se apresentou como metodologia desencadeadora de um processo de ressignificação de valores e de memória. Em momentos como esse, em que se evocava uma experiência de pais e avós, havia um clima de reverência no ar. Dedé nos ensinou isso por meio da seriedade, delicadeza e alegria com que preparou o tear que foi fotografado para a história dos Januários (Gusmão, 2004, p.66).



Figura 71 - O tear feito por Dedé

Provocada por minha interlocução, Dedé contou como havia aprendido a fazer esteira:

**Dedé:** Minha mãe fazia. Eu sou mãe de dez filhos. Meus filhos foram criados tudo na esteira. Dormindo na esteira, né? Na época que a gente tinha os filhos da gente, naquela época a gente não podia comprar, né? Era pouca gente que usava esse negócio de colchão. Antes, era esteira mesmo. A gente corta ela lá no taboal, e deixa ela oito dias pra ela murchar. Aí depois a gente já pode trabalhar com ela.

**Efigênia (65 anos):** Nós mesmo dormimos muito na esteira. A gente trabalhava o dia inteiro, e cheio de picão (mato), trabalhava cheio de picão. Porque o pai morreu e a gente ficou tudo piquitinho com a mãe. Eu comecei trabalhar na roça desde a idade de sete anos. Chegava de noite, lavava só pé e tum (caía) na esteira de taboa. Não tomava banho não, uai! (risos)





Figura 72 - Dedé (à direita) lembrando à Efigênia a arte de tecer esteira

Enquanto teciam a esteira, orientadas por Dedé, as mulheres tramavam uma narrativa refazendo uma rede tal qual nos fala Benjamin (1994):

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (p.205).

Dedé e Efigênia faleceram em 2005 e não puderam conhecer os postais que levariam suas “artes de fazer” (Certeau, 1994) para tão longe do Córrego. Quem escreve esta “carta para-ti” é Maria José, filha de Dedé, que ao narrar seu “conto” continua tecendo a rede de narrativas iniciada por sua mãe e que ganha na praça de Paraty um “fio” gaúcho.



Figura 73 - Postal da foto de Dedé ensinando a tecer esteira de taboa com mensagem escrita por sua filha Maria José

Figura 74 - Resposta de Carla e Edison para Maria José

Esta é minha mãe, Maria Hilda das Dores Souza, conhecida por todos como Dedé. Este tear foi ela que fez para ensinar como se faz esteira de taboa. Quando criança eu ajudava minha mãe a pegar a folha da taboa e depois colocar para secar. Ela sentia uma felicidade muito grande em fazer esteira. Minha mãe Dedé, para mim é muito importante. Você conhece taboa? Um abraço de Maria José em minha mãe Dedé  
 Maria José -25 anos

Para Maria José- oficina de esteira,  
 Oi, somos Carla e Edison, estamos visitando Paraty. Nós somos de **Porto Alegre, RS** e estamos casados há 6 anos. Estamos fazendo uma viagem por todo o Brasil. Nós não conhecemos taboa. Um grande abraço para vocês.

O tema a seguir se relaciona com uma queixa recorrente no Córrego dos Januários: o isolamento. Atravessado por uma visão de progresso que dissocia luz e calor, Edervanio é provocado a sair de uma possível nostalgia contida em sua escrita e vislumbrar alternativas que mostram que mesmo na cidade grande há espaço para o desejo de conviver.



Figura 75 - Postal escrito por Edervanio  
Figura 76 - Resposta de João Bosco para Edervanio

Tradição e identidade estão presentes nesta foto, onde as pessoas se reuniram para relembrar os tempos em que as famílias ficavam juntas para ouvir música e dançar. E você, gosta de música? Um abraço,  
Edervanio Souza Lucas - 18 anos

Edervanio Souza,  
Sou de um lugar onde as pessoas gostavam de cantar e contar histórias – Juazeiro do Norte. Hoje moro em São Paulo e para não se perder na cidade enorme, junto os amigos e ficamos a contar histórias. Um enorme abraço,  
João Bosco A. Souza

Uma das preocupações atuais dos Januários diz respeito à diminuição progressiva do nível das águas dos rios locais. Este é o tema do postal “Janete e Kycella na cachoeira do Deco André”. A foto foi feita por Nenê (66 anos), na oficina de fotografia com adultos realizada em junho de 2003.





Figura 77 - Janete e Kycella na cachoeira do Deco André  
(Foto de Nenê)

*Nenê: Essa foto eu gostei porque é minha filha e minha neta também do lado da cachoeira. É, ficou bonito.*

*Wander: Isso aí é relíquia do Januário. É a única que tem.*

*Nenê: É uma relíquia do Januário, a cachoeira, né? E por ser minha filha caçula e minha neta. Janete e Kycella na cachoeira do Deco André.*

Diante dessas observações, sugeri que na montagem do acervo da Casa de Memória e Cultura seria importante alertar para o risco do desaparecimento dessas relíquias, revelado pelo olhar atento de Nenê.

*Nenê: Muito bom, né? Porque se não, vê a foto e não sabe onde é, nem pra que, né? Tem que explicar. Hoje em dia eles já cortaram muito aquela mata. Era tudo fechado lá. Cortou demais. Tem só um pouquinho. Precisa falar...*

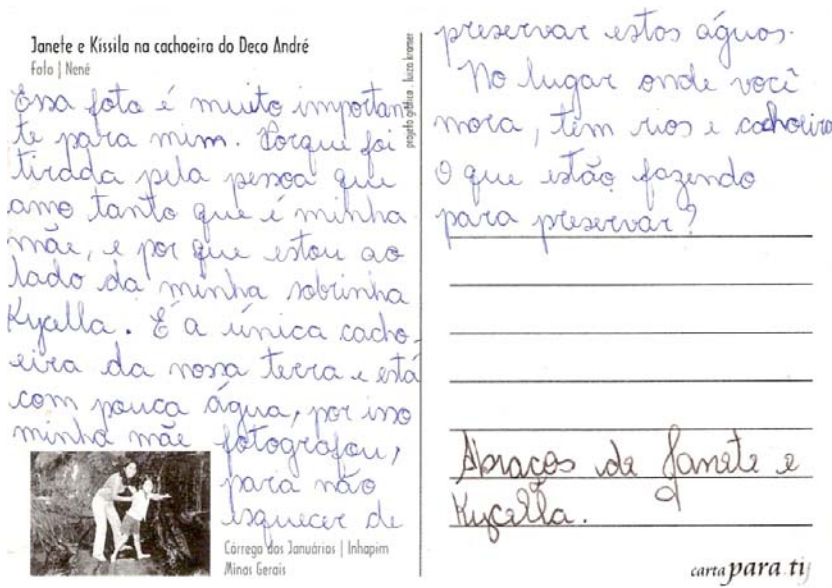


Figura 78 - Postal de Janete e Kycella com mensagem escrita por elas

Essa foto é muito importante para mim. Porque foi tirada pela pessoa que amo tanto que é minha mãe, e porque estou ao lado da minha sobrinha Kycella. É a única cachoeira da nossa terra e está com pouca água, por isso minha mãe fotografou, para não esquecer de preservar estas águas. No lugar onde você mora, tem rios e cachoeiras? O que vocês estão fazendo para preservar? Abraços de Janete e Kycella.

A narrativa de Janete e Kycella marca a função crítica que o ato fotográfico pode assumir e expressa o reconhecimento e a valorização de um tema precioso para as mulheres dessas três gerações que encontra eco em Salyssa, de 12 anos, e sua mãe.

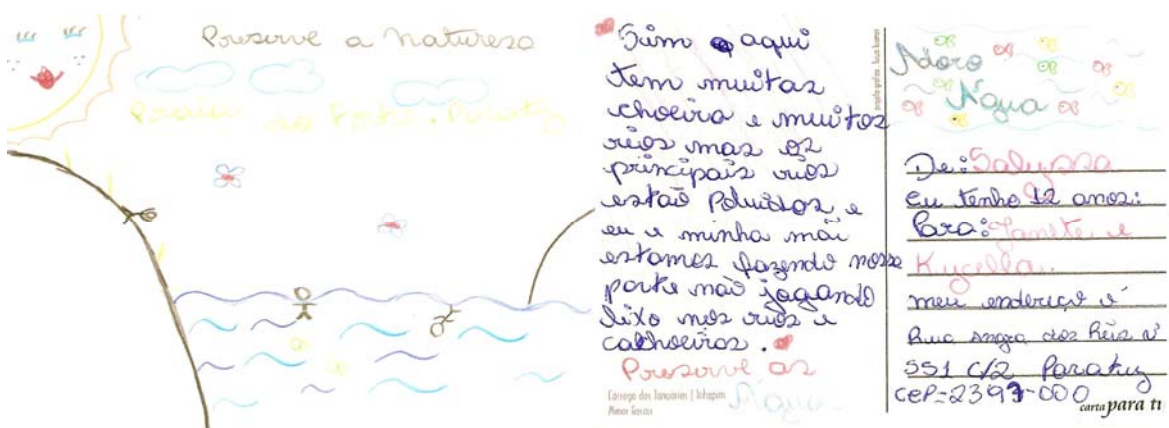


Figura 79 - Resposta de Salyssa para Janete e Kycella

Para: Janete e Kycella  
 Sim aqui tem muitas cachoeiras e muitos rios mas os principais rios estão poluídos e eu e minha mãe estamos fazendo nossa parte não jogando lixo nos rios e cachoeiras. Preserve as águas. Adoro água.  
 De: Salyssa. Eu tenho 12 anos. **Paraty**

Diante do intenso interesse das pessoas em nossa oficina, eu pensava que nosso projeto “Carta para-ti” não poderia ter encontrado melhor espaço para ser inaugurado. Além de moradores de Paraty, passaram pelo evento “Arte na Praça”, no centro histórico da cidade, visitantes de várias partes do Brasil. A memória itinerante dos Januários, sem sair daquela linda praça, encontrou paulistas, cariocas, gaúchos e até uma maranhense, o que provocou a seguinte reflexão:

*Débora: Você vê, aquela professora Sandra. Ela foi passar as férias, foi passar o aniversário dela em Paraty. Aí chegou lá e olha o monte de coisa que ela encontrou. Apesar que ela já sabia, ela foi pra lá já sabendo que ia ter, mas ela não imaginava que ela ia encontrar o tanto de coisa ali que lá onde ela mora não tem. Ela veio lá do Maranhão. Igual a gente foi pra lá, nunca imaginou encontrar aquilo em lugar nenhum aqui na nossa região, mas que fomos pra lá e encontramos lá e podemos trazer pra cá. Igual ela vai fazer, levar pra lá.*

Esse intercâmbio a que Débora se refere me parece a própria essência do “Carta para-ti.” O deslocamento da memória pelos postais leva histórias, experiências, tradições e os Januários para além do Córrego. Essa tensão entre o pouso (identidade) e o vôo (intercâmbio, abertura para o novo) nos interessa. A narrativa das “artes de fazer de homens ordinários” (Certeau, 1994) de práticas de um cotidiano da roça mineira, se revela nos “contos e imagens” dos postais e encontra naquela praça destino e destinatário. O que vi nesse encontro remete à possibilidade de narrar e intercambiar experiências de que nos fala Walter Benjamin (1994). As “cartas para-ti” provocam curiosidade, aprendizado e também evocam lembranças. Aproximam histórias, pessoas, criam pontes e fazem emergir uma “comunidade afetiva” (Halbwachs, 2004) composta de membros de diferentes espaços e tempos.

#### 4.2.1

#### **Identidade e ancestralidade: um encontro com a memória indígena**

Durante a oficina, o grupo se encantou com a participação das meninas da aldeia Guarani que fica perto de Paraty. A cena dos meninos do Januário pedindo

para serem fotografados com as indiazinhas fez meu pensamento ir longe, ao encontro de um tema que há tempos me intrigava.



Figura 80 - Fotos da oficina na V Festa Literária Internacional de Paraty  
Evento Arte na Praça - 6 de Julho de 2007

Os vestígios de povos indígenas no Córrego sempre me chamaram a atenção. O primeiro deles era nos próprios rostos dos Januários. Mas na medida em que tentava escavar algo dessa memória, dessa origem, eu percebia que ela praticamente não mais circulava por ali. No entanto,

Poucas são as sociedades nas quais tenhamos vivido, seja em que tempo for, que não subsistam, ou pelo menos não tenham deixado algum traço de si mesmas nos grupos mais recentes onde estamos mergulhados: a subsistência desses traços basta para explicar a permanência e a continuidade do próprio tempo nesta sociedade antiga, e que nos seja possível, a qualquer momento, nela penetrar através do pensamento (Halbwachs, 2004, p.133).

Adélia, a presidente da Associação de Moradores do Córrego, era uma das raras pessoas que traziam alguma memória da ancestralidade indígena.

*Adélia: A minha vó, mãe do meu pai, era filha, assim eles contam, que era filha de índio.*

*Denise: Então seria sua bisavó, é isso?*

*Adélia: Pelo menos o Tio Antônio conta, a Tia Guilhermina também já contou que a minha bisavó, dizem que ela foi pega no laço. Eles contam isso.*

*A minha avó, eu não tenho retrato dela não, a mãe do meu pai, ela era uma baixinha, diz que tinha o cabelo lisinho, sabe, bem escurinha, ela era de cor escura. O Tio Antônio, a Tia Guilhermina fala que ela era descendente de índio. É só isso que eu sei.*

Conversando com Daniel Arcanjo, primo de Toquinha, soube que aquela região era habitada por duas diferentes tribos indígenas: os puris e os botocudos. Eu percebia os rastros dessa memória não só nos traços físicos dos moradores como também em algumas tradições, como a broa apresentada em formas feitas na palha de bananeira, por exemplo.

Buscando compreender melhor esse esquecimento, fui certa vez conversar com o historiador Aloysius, morador da cidade de Inhapim.

*Aloysius: Uma professora de geografia me contou na década de 80 que, quando estavam fazendo as fundações da cadeia nos anos 60, acharam muita quantidade de cerâmica, vaso quase que inteiro. Só que essas coisas ninguém cuidou, jogou fora, não se preocupou. Mas depois aquilo apagou. Quando eu fui entrar no curso de História aí eu comecei a lembrar dessa história, mas eu nunca voltei a perguntar pra ela. Ela tá aí ainda, é fácil da gente conversar. Nunca ninguém fala dos índios em Inhapim, sempre fala dos que vieram de fora, claro que esse primeiro contato deve ter sido num primeiro momento de estranhamento, não sei, um pouco depois pode ter passado por uma fase de aproximação assim, pegar as índias na laço. Talvez, não sei. Então é um ponto que ainda fica em aberto. A gente procurando aqui na região a gente acha muita gente que faz essa referência. Essa menina mesmo lá no Uaporanga que a gente foi lá na terrinha do pai dela, ela falou que quando eles eram meninos tinha lá assim no canto da varanda da casa lá assim, quase que pote inteiro, só que assim, nunca ninguém se atinava pra preservação daquilo. Aí os meninos quebravam aquilo, ficava jogando pra fazer aqueles saltinhos no rio, e acabou. Acabou que ninguém guardou. (...) Tem muita gente dos mais antigos, minha mãe mesmo já falou isso, outras pessoas eu já ouvi falar: ah, esse menino é meio puri. O pessoal usa esse termo até hoje. É meio depreciativo, como se dissesse meio bobo.*

O termo “meio puri” usado com conotação depreciativa destacado por Aloysius me fez pensar. Esse rastro de memória expresso na linguagem que ainda circula na região revela um fato triste, mas que não surpreende. Sabemos que, no Brasil, a ancestralidade indígena está cercada de preconceito e negação. Mas quando negamos algo que nos constitui como sujeitos históricos e sociais, aparecem sequelas. Talvez a questão da timidez, da menos valia, queixas constantes dos Januários, tenha relação com essa parte da identidade negada, desvalorizada, esquecida. Penso que há uma ressignificação desse lado indígena que é preciso fazer no Córrego. Por mais que seja recalcada, a face puri da comunidade existe.



Eu disse a Aloysius que esse pode vir a ser um projeto inserido na Casa de Memória e Cultura depois de sua inauguração. Um projeto em que esse espaço de memória e cultura possa promover pesquisas e atividades que contribuam para o fortalecimento de uma identidade capaz de se abrir ao diálogo com a pluralidade que existe na nascente desse Córrego. Diálogo que defendo como fundamental não só para os Januários, mas para todos nós no processo constante de nos fazermos e refazermos sujeitos “da” e “na” história.

Naqueles dias em que estivemos em Paraty, a memória dessa ancestralidade foi tocada. Durante as palestras dos escritores na Flipinha, um deles se destacou. Eu e Toquinho já conhecíamos alguns livros de Daniel Munduruku e achamos que seria muito bom aproximar o grupo de temas tão essenciais do nosso projeto, como memória e literatura. Além disso, esse encontro nos pareceu uma interessante oportunidade de tocar no tema da ancestralidade indígena que faz parte, como vimos, de uma memória subterrânea (Pollak, 1989) do Córrego dos Januários. No final de sua palestra, nos apresentamos ao Daniel, que prontamente concordou em nos dar uma entrevista.

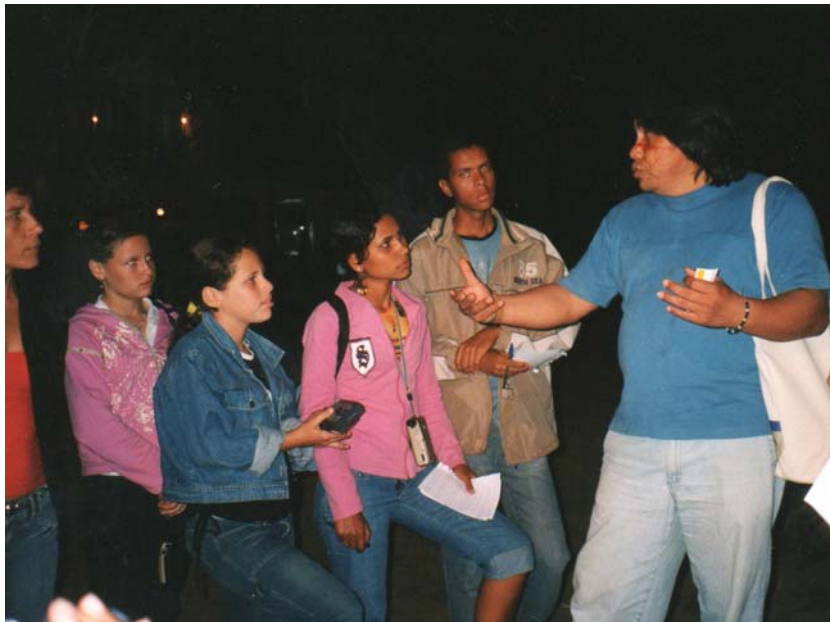


Figura 81 - Lúcia, Fabiane, Dayane, Débora, Edervanio e Daniel Munduruku

**Branca:** O Córrego dos Januários é um lugarejo pequenininho mas que se tornou grande porque a gente tá recuperando a memória. Praticamente tudo que você falou ali é interessante pra gente mesmo. Está na nossa memória também.

**Daniel Munduruku:** E tem muitos povos indígenas que efetivamente perderam a sua memória. Muitos velhos morreram, e pra nós os velhos são esses detentores da memória. Pra nós o velho funciona como se fosse uma espécie de biblioteca viva,

*né? Uma das coisas que a gente mais deseja na vida da gente é morrer velho. E a gente quer morrer velho não por vaidade, mas é porque quando a gente se torna velho, velho tem um conceito relativo, velho não tem muito a ver com muita idade, tem a ver com o fato de se tornar avô. Quando a gente se torna avô eu já sou velho, é uma outra classificação pra nós. E cabe ao velho, ao avô, recontar as histórias. Porque o pai e a mãe para o nosso povo são responsáveis por falar coisas práticas. O pai ensina a pescar, a caçar. A mãe ensina a fazer artesanato, a coisa muito prática mesmo do dia-a-dia nosso. Mas quando esses pais eles passam a ser avós, essa função deles praticamente acaba. Não é mais função deles ensinar essas coisas práticas. Ai eles passam a ensinar as coisas que têm a ver com o espírito da gente. Cabe aos avós contar as histórias. Pai e mãe não contam muitas histórias. Mas quem conta mais as histórias, quem é o detentor dessa memória, é o avô. Por isso, quanto mais velho uma pessoa for em idade, mais importante ela é. Porque ela vai continuar sendo a detentora da memória. A biblioteca. O meu povo tá em mim, né? Pra gente não tem essa, ah... saí, não tô mais lá, já virei outro. Não tem isso. Porque ele mora em mim e eu moro no povo. A memória que eles criaram em mim, que eu fui construído com eles, me torna parte desse povo. Onde eu estiver, o que eu faça. Eu posso até negar, mas essa memória não desaparece, ela não some. Ela tá em mim. Eu posso brigar contra ela, mas ela vai estar ali do mesmo jeito. Por isso que quando as pessoas dizem que é porque saiu da aldeia não é mais membro daquele povo, isso é falta de compreensão. As pessoas não compreendem. Como eles não sabem o que é memória e então elas acham que você sai fisicamente, pronto, já era. Não percebe que existe um fio invisível que fica nos segurando como teia de aranha.*

**Edervanio:** *De onde vem sua inspiração pra escrever?*

**Daniel Munduruku:** *Minha inspiração vem sempre do meu povo, né? Da memória, dessa memória coletiva, do jeito do nosso povo ser, da filosofia de vida que o nosso povo tem, é isso que me inspira. Inspira-me também uma sociedade que consegue fazer silêncio, e como essa falta de silêncio prejudica a memória, né? E a gente que vive na floresta a gente se acostuma muito com a ausência. Então a ausência é uma coisa boa. A noite que não tem lua, tá tudo escuro, né? Então isso é uma coisa boa pra gente pensar dentro da gente. Então qualquer coisa pode ser motivo de inspiração. Já me inspirei em muitas coisas. Já me inspirei no meu filho que fez uma pergunta uma vez. Um livro recente que eu fiz nasceu quando estava participando de um evento lá em Paris ano passado no Ano do Brasil na França, eu participei lá e fiz o último livro inspirado na pressa das pessoas. Eu via muita gente andando de um lado pro outro, correndo, trabalhando, e de repente eu pensei: preciso achar um jeito de roubar a hora dessas pessoas. Ai nasceu o livro...*

**Toquinho:** *A literatura foi uma forma de eu contar a história do meu lugar pros outros, pra que outras pessoas conhecessem e pra que a própria comunidade também valorizasse um pouco mais essa história. E pra você?*

**Daniel Munduruku:** *Eu não sei dançar, por exemplo, nem cantar, mas eu sei escrever. Entendeu? Então é uma maneira de manter a memória viva. A memória escrita. Ela vai ajudar, vai permitir que outras crianças, que outros jovens tenham acesso a uma memória que aos poucos se perdeu, que é a memória oral. Tem muitas histórias que eu conto que são memória perdida, no sentido literal dela. O velho já morreu, aquele que conhecia.*

**Edervanio:** *Ouvimos na sua palestra aqui na Flipinha você usar a expressão “catar piolhos”. Você pode explicar um pouco mais pra gente?*

**Daniel Munduruku:** *Na verdade, nossos pais, nossas mães catam piolho. Só que é um catar piolho que não é necessariamente pegar os piolhos, mas é poder acolher as pessoas. Catar piolho é uma forma de dizer: vem cá, vem, eu tenho uma história pra te contar... Você põe no colo e bate aquele papo. Conta aquela história, dá aquele conselho. Puxa a orelha. É o momento ali de intimidade. Dentro da*

*concepção indígena de conversar com as pessoas. Ela não pode ser gritada, ela tem que ser ali, ao pé do ouvido. E você cata piolho, né? Tá ali fazendo carinho na cabeça da pessoa, da criança, do jovem e tal, e enquanto isso está enchendo ele de histórias, dessas coisas. Então não tem um simbolismo, tem uma realidade. É assim. Agora, o jeito de contar é meu. Aí entra talvez o estilo narrativo, que é outra coisa que a literatura faz. Um estilo seu de contar.*



Figura 82 - Carta de Daniel Munduruku para o Clubinho de Leitura<sup>29</sup>

Numa viagem posterior, levei a correspondência da Flipinha para o Córrego. Percebi que o deslocamento dos meninos com essa memória itinerante tivera um impacto muito positivo na comunidade. Trago aqui a reação de Adélia ao receber sua “carta para-ti”:



Figura 83 - Adélia segurando postais

<sup>29</sup> Este postal assim como um trecho da entrevista de Daniel Munduruku fazem parte do “Painel dos Escritores” da Casa de Memória e Cultura.

**Adélia:** *Nessa foto, quando eu peguei eu falei: o que que eu vou escrever aqui? Aí eu falei, o que eu posso fazer é colocar o que acontece aqui, né? O que essa foto me traz, de que ela me faz lembrar. É o que eu posso fazer. Eu não esperava dela mexer com outras pessoas, sabe, aquilo que eu escrevi. Aí através desses postais a gente pode ver que as pessoas valorizam, né, aquilo que sai da gente que a gente acha que não tem sentido nenhum mas mexe com outros. É o que posso perceber nesse trabalho.*



Figura 84 - Postal da capela com mensagem de Adélia

Esta é a capela de São Januário, local de encontro da comunidade onde nos alimentamos espiritualmente para nos fortalecer na caminhada. Ninguém é capaz de viver só, precisamos uns dos outros. Você valoriza essa idéia de viver em comunidade?  
Um abraço de Adélia Maria Pereira, **Córrego dos Januários**

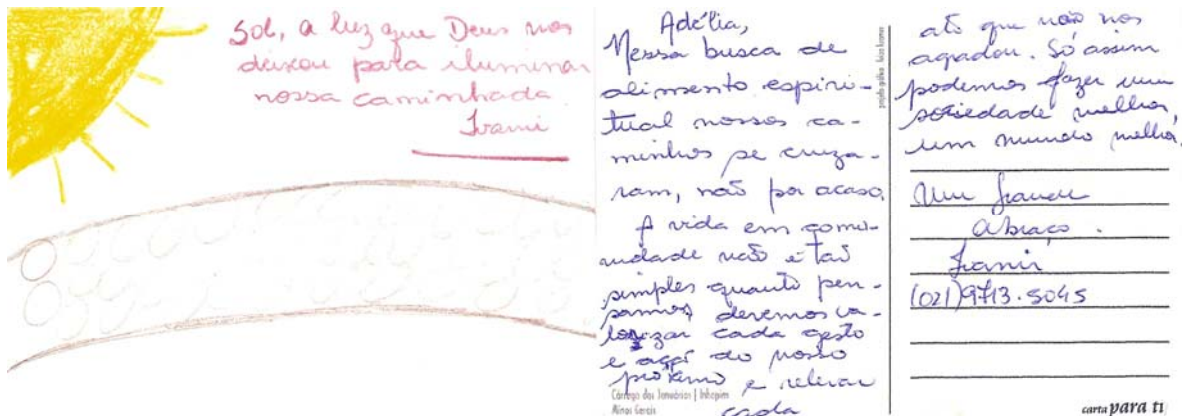


Figura 85 - Resposta para Adélia

Adélia,  
Nessa busca de alimento espiritual nossos caminhos se cruzaram, não por acaso. A vida em comunidade não é tão simples como pensamos devemos valorizar cada gesto e ação do nosso próximo e relevar cada ato que não nos agrada. Só assim podemos fazer uma sociedade melhor, um mundo melhor. Um grande abraço,  
Ivanir

O postal de Ivanir tocou fundo em Adélia, que ao lê-lo se emocionou. Como presidente da associação comunitária dos Januários, Adélia não esperava



encontrar tamanha compreensão do seu viver comunitário em alguém tão distante de seu cotidiano.

*Adélia: Tem hora que eu acho que a gente desvaloriza a gente mesmo, daquilo que a gente é capaz. Às vezes a gente tem capacidade pra fazer coisas, mas a gente acomoda. Não valoriza esse dom que a gente tem. Eu não imaginava assim, que as pessoas lá fora fossem ver e dar um retorno tão gratificante pra gente. Nunca imaginava de uma pessoa estranha receber essas mensagens e até dar força pra gente continuar fazendo alguma coisa pra melhorar. Todos eles eu gostei muito, mas esse assim, que eu guardei mais. Parabenizando pelo trabalho de comunidade que a gente faz, e fala que não é fácil, mas é gratificante pra gente.*

A concepção dos postais contou com a parceria de Luiza Kramer, que desenvolveu em 2006 toda a criação gráfica do projeto. Sem o trabalho de Luiza, nossas “cartas para-ti” não existiriam. Durante nossa primeira viagem com o projeto, eu, Toquinho e os meninos não tivemos dúvida ao escolher o postal que mandaríamos para Luiza como expressão de profunda admiração e gratidão.

A foto que fiz em outubro de 2005 aconteceu movida pelo desejo das crianças de que eu registrasse a sapucaia, aproveitando os poucos dias em que ela floresce por ano. Quando os moradores viram a imagem, comentaram orgulhosos: essa árvore é o nosso cartão-postal. Mais tarde entendi que naquele instante nascia o primeiro “carta para-ti”.



Figura 86 - Postal da Sapucaia com mensagem para Luiza Kramer

Para Luiza,  
 Nossa participação no “Arte na praça” foi maravilhosa e inesquecível. Sem você e sua arte visual isso não seria possível. Estes postais são como os frutos de uma árvore. Muito obrigado por tudo. Um abraço carinhoso e esperamos você no Córrego.  
 Flip, 7 de julho de 2007 Paraty- RJ

### 4.3 PUC PELA PAZ

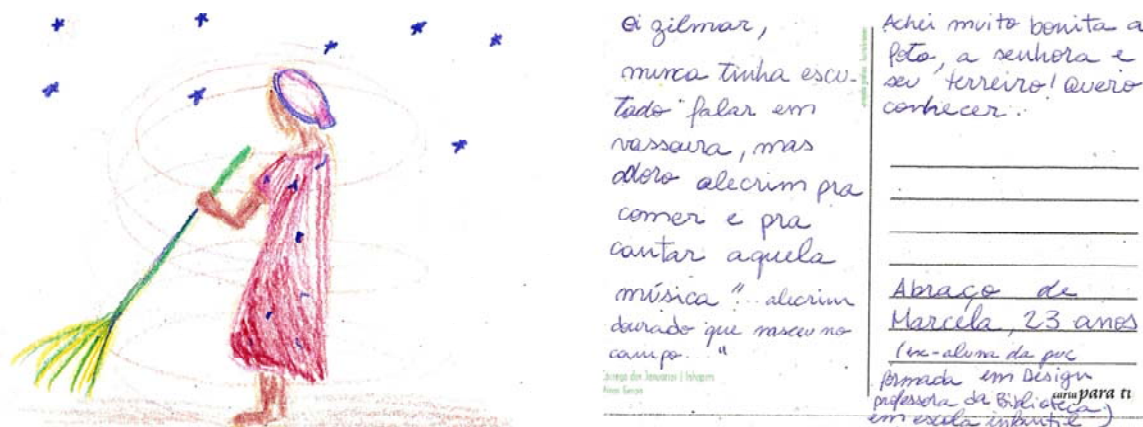


Figura 87 - Resposta do postal de Marcela para Zilmar

Oi Zilmar,  
 Nunca tinha escutado falar em vassoura, mas adoro alecrim pra comer e pra cantar aquela música "... alecrim dourado que nasceu no campo..." Achei muito bonita a foto, a senhora e seu terreiro! Quero conhecer. Abraço de Marcela, 23 anos (ex-aluna da PUC formada em Design professora da Biblioteca em escola infantil)

A segunda oficina "Carta para-ti" aconteceu no dia 12 de novembro de 2007, na PUC-Rio. Fomos convidados a participar do evento "PUC PELA PAZ – Universidade a serviço da sociedade" (Anexo 8.2).

Mais uma vez, um grupo do Córrego se organizou para participar da oficina juntamente com Toquinho e eu. Além de Edervanio, Dayane e Branca, que também estiveram em Paraty, Talles de Souza (estudante da 6ª série do Ensino Fundamental) e Rita de Cássia Dias de Oliveira (professora) formaram o grupo dessa viagem. No roteiro, incluímos também uma visita a Petrópolis e ao projeto "Paiol de Histórias", da Fundação Lygia Bojunga, como será visto no próximo capítulo.

O convite para participarmos desse evento foi recebido com muita alegria por todos nós. A possibilidade de a memória itinerante dos Januários circular dessa vez dentro de um contexto universitário nos pareceu muito interessante. Além disso, vários colegas pesquisadores que acompanham o projeto desde o mestrado poderiam finalmente conhecer alguns moradores do Córrego.



Figura 88 - Vicente e Marcela. Rio de Janeiro - 12 de novembro de 2007

Figura 89 - Elaine

Figura 90 - Toquinha e Maria Inês

Figura 91 - Branca, Rita, Denise, Elaine, Talles, Edervanio e Dayane

Figura 92 - Um participante da oficina

Para o grupo mineiro, significava também mais uma viagem, dessa vez ao Rio de Janeiro, que – assim como Paraty – nenhum deles conhecia. Para os Januários que ficavam, percebíamos que esses convites reforçavam uma percepção de valor, de que os “contos e imagens” do Córrego provocavam interesse. E nesse evento, os coordenadores viram nas “cartas para-ti” uma ligação com o tema da paz, como expliquei para os Januários na viagem de preparação do grupo para o Rio de Janeiro. A meu ver, as pessoas relacionaram a paz com a necessidade de diminuirmos a distância entre memórias e histórias, sendo os postais, portanto, uma possibilidade fecunda na criação de elos.

Os postais “carta para-ti” narram em “contos e imagens” práticas comuns, “artes de fazer” (Certeau, 1994) dos Januários, e revelam como estes inventam seu cotidiano.

Nossa intenção nas oficinas era colocar essas narrativas em curso, deslocá-las do Córrego para outros destinos. Podemos observar nas respostas para os Januários o quanto os postais provocam memória e um deslocamento no tempo e no espaço. Os participantes da oficina vão se deslocando não só até o universo cultural e experiencial do Córrego, mas também adentram na própria história, enquanto se lembram, e o diálogo com outras gerações emerge.

O pensamento, quando se recorda, pode percorrer em alguns instantes intervalos de tempo mais ou menos grandes e percorrer o curso da duração com uma rapidez que varia não somente de um grupo para outro, mas ainda no interior de um mesmo grupo, de um indivíduo para outro, e até mesmo, para um indivíduo que permaneça dentro do mesmo grupo, de um momento para outro (Halbwachs, 2004, p.125).

O postal “Dona Nega na janela” revela um “conto e imagem” produzido por Gilzane em dois momentos distintos. No primeiro, durante a oficina de fotografia (2003), fez a foto. Em 2006, quando desenvolvemos o projeto “Carta para-ti”, ela retomou a imagem e criou um texto que conta e pergunta. Neste caso, a destinatária foi Maria Alice que, atraída pelo postal, dialoga com Gilzane. D. Nega, através do olhar e da escrita de Gilzane, sai do Córrego mesmo sem viajar. E é Rita, filha de D. Nega, que, tocada pela escolha de Maria Alice, posa na foto com ela.



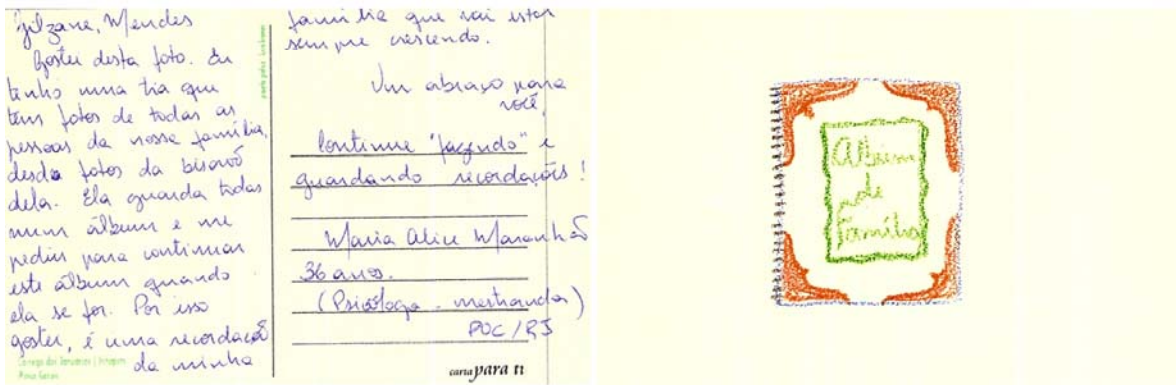


Figura 93 - Postal de D. Nega com mensagem de Gilzane

Figura 94 - Maria Alice e Rita

Figura 95 - Resposta para Gilzane

Tirei essa foto para guardar de recordação de uma das mães da Família Januário, que vive na comunidade onde moro. E você, gosta de guardar recordações de seus familiares? Um abraço,  
Gilzane Mendes (14 anos).

Gostei dessa foto. Eu tenho uma tia que tem fotos de todas as pessoas da nossa família, desde fotos da bisavó dela. Ela guarda todas num álbum e me pediu para continuar esse álbum quando ela se for. Por isso gostei, é uma recordação da minha família que vai estar sempre crescendo. Um abraço para você. Continue “fazendo” e guardando recordações!  
Maria Alice Maranhão, 36 anos (Psicóloga –mestrandanda- PUC Rio).

Outro postal nos remete ao tema do testemunho. A “Última imagem de seu Geraldino” foi tirada em 2003, num momento em que andávamos pelas casas mostrando as fotos produzidas na oficina pelas crianças. Seu Geraldino segurava nas mãos a fotografia tirada por Regiane a pedido de Brenda, bisneta dele. A imagem mostra os dois abraçados naquela mesma cadeira em que ele via a foto. Seu Geraldino, “o velhinho mais velhinho” de todo o Córrego dos Januários, como diziam as crianças carinhosamente, falava muito pouco. Olhou a foto e sorriu, demonstrando sua alegria com a imagem que sinalizava reverência e afeto, não só de sua bisneta mas de todos ali. Depois me olhou de um jeito muito terno, como quem agradece e abençoa um gesto. Ficou um tempo com a foto nas mãos, contemplando a imagem. A cena me tocou profundamente e registrei-a. Só não podia imaginar que aquela seria sua última imagem fotográfica. Seu Geraldino morreu dias depois de morte serena, tranqüila (Gusmão, 2004, p.171).

Maria Alexandre escreveu um texto que expressa seu testemunho da generosidade e delicadeza do pai, Geraldino, e encontrou em Solange Jobim uma escuta, uma ressonância. Com ilustração de Talles, Solange respondeu ao postal e agora, enquanto escrevo, penso como é bonito também testemunhar a gratidão por uma lembrança...



Última imagem de Seu Geraldino  
Foto | Denise Coimbra

Este é meu pai, Geraldino Alexandre aos 97 anos. Sempre gostou de festas e de receber amigos em sua casa. Um homem sábio e generoso, deu a todos exemplo de vida. Neste postal, ele vê uma



Correio dos Imigrantes | Jobim  
Alina Garcia

foto em que está abraçando sua bisneta, Brenda.

E você, conhece alguém assim como ele?

Um abraço  
Maria Alexandre da Silva  
74 anos

carta para ti



Maria Alexandre.

Esta foto me fez lembrar do meu pai. Ele também gostava de festas e era muito generoso. Ensinou-me muito embora tenha partido desta vida quando eu tinha 14 anos. Fiquei imaginando ele olhando para as fotos de minhas netas. Acho que ele seria sereno e delicado como Seu Geraldino e do lado dele por esta lembrança. Obrigada por esta lembrança. Um abraço Solange.

Professora - 55 anos

carta para ti



Figura 96 - Postal de Sr. Geraldino com mensagem da filha Maria Alexandre

Figura 97 - Talles e Solange Jobim

Figura 98 - Resposta de Solange Jobim para Maria Alexandre

Este é meu pai, Geraldino Alexandre aos noventa e sete anos. Sempre gostou de festas e de receber amigos em sua casa. Um homem sábio e generoso, deu a todos exemplo de vida. Neste postal, ele vê uma foto em que está abraçando sua bisneta, Brenda. E você, conhece alguém assim como ele? Um abraço, Maria Alexandre da Silva, 74 anos.

Maria Alexandre

Esta foto me fez lembrar do meu pai. Ele também gostava de festas e era muito generoso. Ensinou-me muito embora tenha partido desta vida quando eu tinha 14 anos. Fiquei imaginando ele olhando para as fotos de minhas netas. Acho que ele seria sereno e delicado como Seu Geraldino. Obrigada por esta lembrança. Um abraço, Solange professora-55 anos



No quadro a seguir, vemos, ao lado de Maria Inês, Dayane segurando o postal de Marcelo. Anteriormente, analisamos a imagem de Marcelo associando seu movimento ao de Janus bifronte. Marcelo olha para trás para encaminhar seu futuro. Um futuro que se apóia numa tradição, na experiência e no legado paterno, mas que também se abre ao novo. Dayane é filha de Marcelo e esteve presente nas duas viagens da oficina “Carta para-ti”, participando ativamente em todo o processo. Ao confiar e permitir que Dayane saísse do Córrego conosco, Marcelo possibilita que a filha encaminhe seu futuro na tensão entre a tradição e o novo. Dayane leva um pouco de sua história nos postais e, ao regressar para casa, volta com a identidade fortalecida e com uma bagagem renovada.

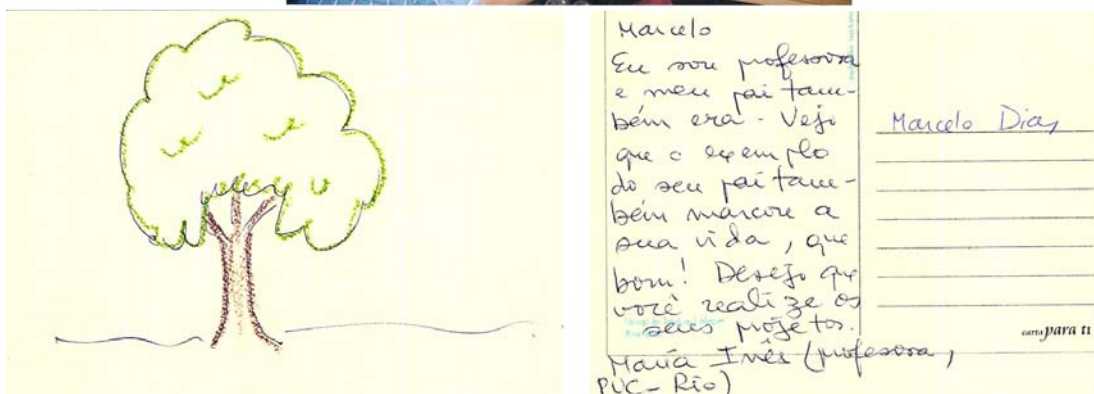


Figura 99 - Postal de Maria Inês e Dayane com mensagem de Marcelo Dias

Figura 100 - Maria Inês escrevendo

Figura 101 - Resposta de Maria Inês para Marcelo Dias

Olhando esta foto, me lembro do dia em que ela foi feita. Ela me faz pensar em muitas coisas. Enquanto olho, sinto uma ligação do meu pai comigo, e tenho fé que mesmo diante das dificuldades, vou criar minha família com o meu trabalho e meu bom exemplo, se Deus quiser. Esta é a foto da minha lavoura de café. Eu sou lavrador. Qual a profissão de seus pais? Um abraço,  
Marcelo Dias

Marcelo,  
Eu sou professora e meu pai também era. Vejo que o exemplo do seu pai também marcou a sua vida, que bom! Desejo que você realize os seu projetos.  
Maria Inês (Professora, PUC-Rio)

No quadro que se segue, o professor Luis Vicente Barros e Marcela Carvalho, parceiros fundamentais, como será visto no próximo capítulo, adentravam pela primeira vez nos “contos e imagens” dos Januários. O texto e o desenho de Vicente pareciam anunciar o eixo essencial da sua inserção na consolidação da Casa de Memória e Cultura: a importância do coletivo.

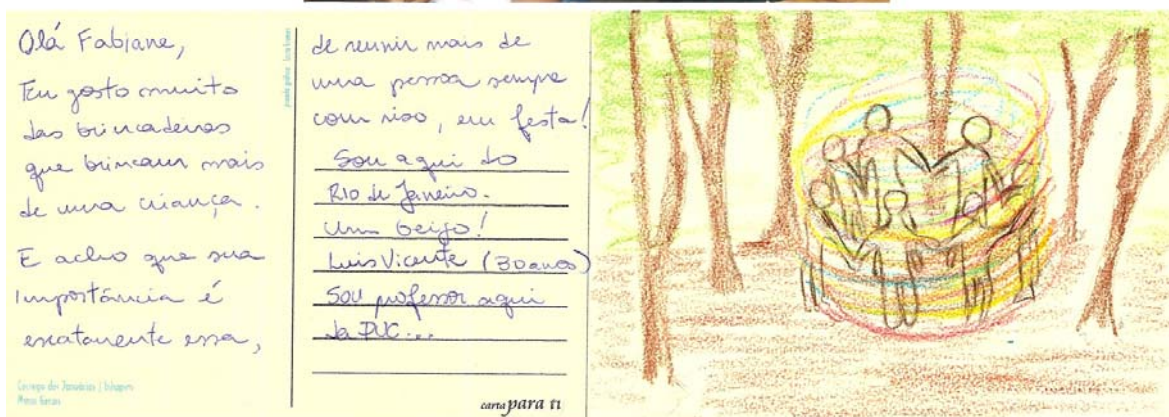
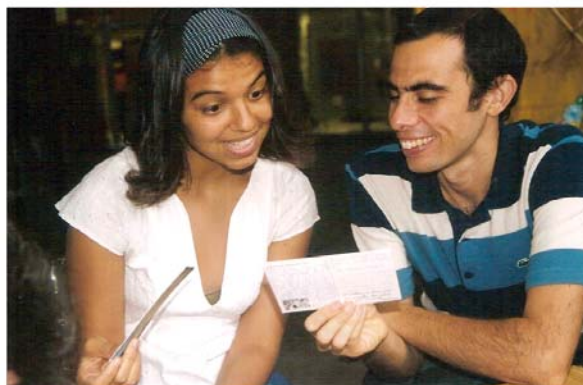


Figura 102 - Postal Meninos soltando pipa com mensagem de Fabiane

Figura 103 - Marcela e Vicente escolhendo os postais

Figura 104 - Resposta de Vicente para Fabiane

Ao tirar esta foto, percebi a importância das brincadeiras para cada um. Para você qual a importância delas? De que você gosta de brincar? Um abraço,  
Fabiane 14 anos

Olá Fabiane,  
Eu gosto muito das brincadeiras que brincam mais de uma criança. E acho que sua importância é exatamente essa, de reunir mais de uma pessoa sempre com riso, em festa!  
Sou aqui do Rio de Janeiro e professor aqui da PUC. Um beijo!  
Luis Vicente (30 anos)

O postal “Zito jogando peteca com os alunos” traz o tema do diálogo e aprendizado entre as gerações, e seu cenário é a escola. Em todas as nossas



viagens de 2003 (Gusmão, 2004, p.155), nos reunimos com os professores e as crianças das duas escolas do Córrego dos Januários. Numa conversa com Marta, Maria Auxiliadora e Rosmar, professoras da Escola Municipal Elias Januário onde estudavam 47 crianças de cinco a oito anos (da pré-alfabetização à 2ª série), decidimos que em junho de 2003 convidaríamos alguns dos moradores mais antigos para visitar a escola. As professoras, que moram na cidade de Inhapim, estavam entusiasmadas por conhecer, por meio dos contos e imagens, a história do lugar onde trabalham. Sentiam a necessidade de estabelecer no cotidiano escolar uma ponte maior entre a escola e a comunidade. Juntas pensamos numa atividade que fortalecesse esse vínculo, favorecendo o encontro das gerações num intercâmbio de saberes e experiências.

Foi nesse contexto que convidamos Zito para ensinar as crianças a fazer peteca.



Figura 105 - Zito na escola ensinando a fazer peteca

As crianças não tiravam os olhos das mãos de Zito, que concluiu a “aula de peteca” com um jogo. E assim, tempos depois, nasceu um postal que recebeu nas oficinas diversas respostas.





Figura 106 - Postal de Zito na escola ensinando fazer peteca

Era época de festa junina e eu estava na Escola Municipal Elias Januário para mostrar aos meninos como se faz peteca. Depois da peteca jogamos e pra mim foi uma imensa alegria ver a criançada brincando com a peteca que tinha feito com eles. Você gosta de peteca? Do que você gosta de brincar? Um abraço de Zito (74 anos)

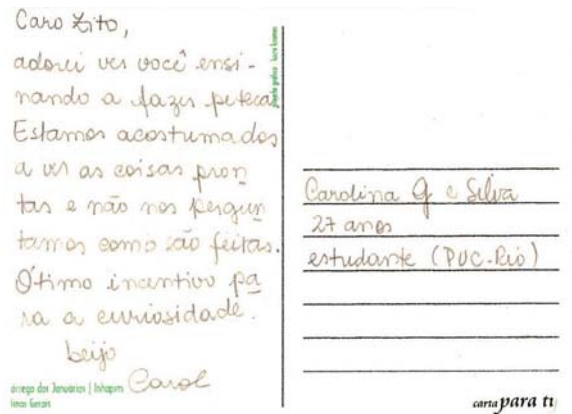


Figura 107 - Resposta de Carolina para Zito

Caro Zito,  
Adorei ver você ensinando a fazer peteca. Estamos acostumados a ver coisas prontas e não nos perguntamos como são feitas. Ótimo incentivo para a curiosidade. Beijo,  
Carolina G. e Silva Estudante (PUC- Rio)



Figura 108 - Resposta de Clara Colker para Zito

Olha Zito,

Eu nunca brinquei de peteca não mas posso sentir como foi bom pra você ter visto o pessoal brincando com esta peteca. Fiquei atraída por esta foto pois senti a alegria do momento desta festa. Não há mais festas assim na minha cidade, onde todos se conhecem, brincam juntos. Gosto de brincar de desenho e pintura, também gosto de arrumar a casa. Abraços!

Clara Colker 23 anos estudante de desenho industrial na PUC

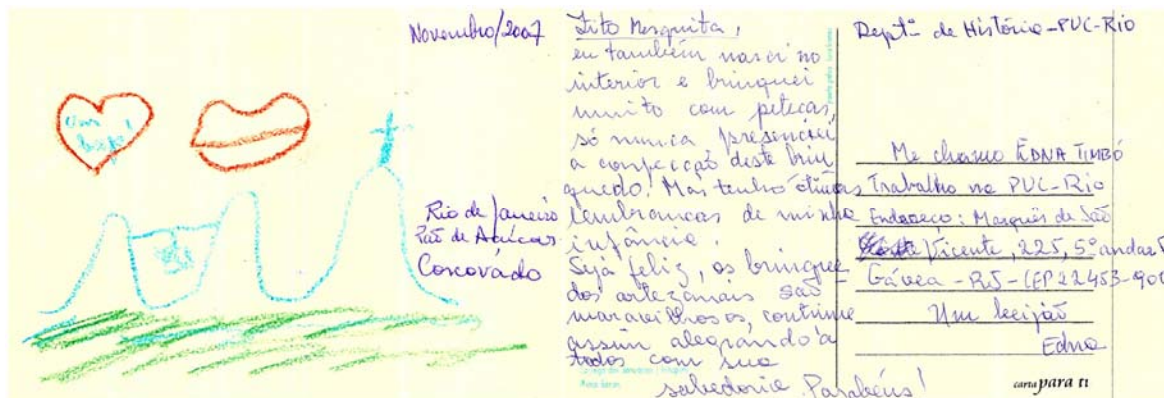


Figura 109 - Resposta de Edna para Zito

Zito Mesquita,

Eu nasci no interior e brinquei muito com petecas, só nunca presenciei a confecção desse brinquedo! Mas tenho ótimas lembranças de minha infância. Seja feliz, os brinquedos artesanais são maravilhosos, continue assim, alegrando a todos com sua sabedoria. Parabéns! Me chamo Edna Timbó Trabalho na PUC Rio –Departamento de História. Um beijão,

Edna

As crianças jogaram com Zito. Por trás da peteca encontramos as mãos cheias de traços, histórias e gestos capazes de alegrar todos ali presentes. Uma das minhas maiores lembranças desse dia foi o prazer e a seriedade com que percebi Zito participar daquela manhã na Escola Municipal Elias Januário, e penso que Bosi (1994) tem toda a razão: “Durante a velhice deveríamos estar engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos” (p.80). Gestos que naquela manhã não poderíamos supor que chegariam aos pilotes da PUC e encontrariam em Clara, Edna e Carolina destino e interlocução.

Em dezembro de 2007, após o evento PUC PELA PAZ, voltei ao Córrego dos Januários.

Durante uma reunião com o grupo que viajou para o Rio, Nizinha, neta de D. Fiinha, apareceu e leu suas “cartas para-ti”.





Figura 110 - Postal Casa da Tia Fiinha com mensagem de Nizinha

Eu, me chamo Eunízia, mas pode me chamar de Nizinha. Sou neta da vó Fiinha, passei o melhor momento da minha infância nesta casa. Nela tive muito carinho e amor. São momentos que jamais vou esquecer. Hoje são lembranças de tudo que vivi. Vou guardar comigo por toda a minha vida. Você tem lembranças assim? Abraço de Eunízia



Figura 111 - Resposta de Clara Colker para Nizinha

Oi Eunízia

Também tenho lembranças de um lugar assim, onde passei grande parte da minha infância e vivi momentos felizes. Foi muito bom a tua lembrança ter feito eu despertar as minhas lembranças. Casa da avó é sempre tão especial, não é? Tão acolhedor, tão protetor. É importante falarmos isso para nossas avós para que elas saibam a importância que tem na nossa vida. Abraços, Clara Colker, 24 anos, estudante de Desenho Industrial.

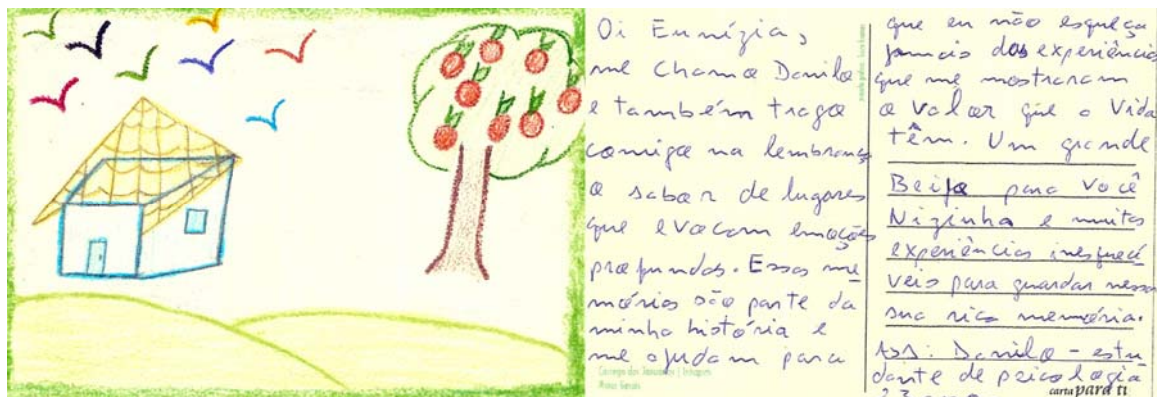


Figura 112 - Resposta de Danilo para Nizinha

Oi Eunízia, me chamo Danilo e também trago comigo na lembrança o sabor de lugares que evocam emoções profundas. Essas memórias são parte da minha história e me ajudam para que eu não esqueça jamais das experiências que me mostraram o valor que a vida tem. Um grande beijo para você Nizinha e muitas experiências inesquecíveis para guardar nessa sua rica memória. Danilo, estudante de psicologia, 23 anos.

Ao ler as respostas de Clara e Danilo, Nizinha comentou com entusiasmo:

*Nizinha: O que eu achei muito legal foi que através do meu postal, despertou a lembrança deles. (...) Eu ter despertado ela de tão longe... Engraçado, às vezes uma pessoa que tá perto da gente todo dia às vezes a gente não fala, e de repente uma pessoa distante, que a gente nem conhece pessoalmente, acaba despertando. Às vezes a gente nunca vai ver essa pessoa, mas ali criou um elo.*

O depoimento de Nizinha reforça o que observei acontecer em vários momentos durante a dinâmica das oficinas “cartas para-ti”: os postais dos Januários funcionavam como disparadores de memória. E nesse potencial que a memória de um tem em ativar a memória do outro, cria-se uma rede de lembranças em que as distâncias diminuem, laços se criam e histórias se encontram.

Em relato escrito após o retorno ao Córrego, Edervanio expressou com clareza a rede de memória que esse projeto itinerante possibilita criar:



Figura 113 - Edervanio e Stephan

*Edervanio: Nem a chuva forte que caía no Rio de Janeiro naquele dia nos tirou o entusiasmo em participar de um evento tão importante. Mais uma vez somos colocados diante daquelas muitas pessoas pra mostrar nosso trabalho. As pessoas*

*que por ali passaram se contagiaram e se descobriram em nossas histórias. Cada imagem trazia uma lembrança, e essas lembranças provocavam emoções profundas que nos envolviam mais com as pessoas. Eram as “Imagens” reproduzindo “Contos” que se encontravam com nossas histórias.*



Figura 114 - Oficina “Carta para-ti” no PUC PELA PAZ



5

## O Córrego de Histórias: a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários



Figura 115 - Toquinha, Denise e Vicente  
Foto de Giuliano

*Janela sobre a memória (II)*

*Um refúgio?*

*Uma barriga?*

*Um abrigo para esconder-te quando a chuva te afoga,  
ou o frio te corta, ou o vento te faz rodar?*

*Temos um esplêndido passado pela frente?*

*Para os navegantes com vontade de vento, a memória é um porto de partida.*

*Eduardo Galeano (1993)*

## 5.1 A rede de próximos

Em “A Memória, a história, o esquecimento”, o pensador francês Paul Ricoeur (2007), ao abordar o entrecruzamento entre a memória individual e a coletiva, fala de uma categoria que considero essencial: “os próximos”.

Não existe, entre os dois pólos da memória individual e da memória coletiva, um plano intermediário de referência no qual se operam concretamente as trocas entre a memória viva das pessoas individuais e a memória pública das comunidades às quais pertencemos? Esse plano é o da relação com os próximos, a quem temos o direito de atribuir uma memória de um tipo distinto. Os próximos, essas pessoas que contam para nós e para as quais contamos, estão situados numa faixa de variação das distâncias na relação entre o si e os outros (p.141).

No processo de arqueologia da memória dos Januários, nos deparamos com a narrativa de muitos “próximos”. Durante as escavações uma rede de “próximos” emergiu composta por Januários que contavam histórias de outros que já morreram mas de quem haviam sido próximos, seja por amizade, seja por laço de parentesco. Esses “próximos” foram testemunhas de muitos Januários, e graças a eles o acervo de contos e imagens da Casa de Memória e Cultura inclui gerações anteriores e possibilita uma rede de memória muito mais ampla.

A ligação com os próximos corta transversal e eletivamente tanto as relações de filiação e de conjugalidade quanto as relações sociais dispersas segundo as formas múltiplas de pertencimento ou ordens respectivas de grandeza. Em que sentido eles contam para mim, do ponto de vista da memória compartilhada? À contemporaneidade do “envelhecer junto” eles acrescentam uma nota especial referente aos dois “acontecimentos” que limitam uma vida humana, o nascimento e a morte. O primeiro escapa à minha memória, o segundo barra meus projetos. E ambos interessam à sociedade apenas em razão do estado civil e do ponto de vista demográfico da substituição das gerações. Contudo, ambos importaram ou vão importar para meus próximos. Alguns poderão lamentar minha morte. Entretanto, antes, alguns puderam se alegrar com meu nascimento e celebrar, naquela ocasião, o milagre da natalidade, e a doação do nome pelo qual, a partir de então e durante toda a minha vida, designarei a mim mesmo. Entrementes, meus próximos são aqueles que me aprovam por existir e cuja existência aprovo na reciprocidade e na igualdade de estima (Ricoeur, 2007, p.141).

A partir desta reflexão de Ricoeur, eu gostaria de pensar na importância dos “próximos” para a Casa de Memória e Cultura. Sem os “próximos”, muitos contos e imagens não estariam hoje apresentados nos estandartes da exposição. Os “próximos” são testemunha, e é diante de seu testemunho que o “quem” se revela



(Arendt, 2004). Eles rememoram e atestam, dão significado, em seus relatos, à vida de seus companheiros de existência. Em nossas oficinas, ouvimos os “próximos” (Toquinha, Zé Barba, Argeu, Dorvalina, Conceição, Nestor etc.) compartilharem suas memórias e trazerem para o presente histórias de Seu Izalino, Sebastião Lau, Tia Fiinha, D. Mariquinha e tantos outros, possibilitando que as margens de memória do Córrego dos Januários se alargasse muito mais.

As narrativas dos “próximos” fazem um elo com o passado, mas também com o presente e o futuro. Durante as oficinas de fotografia e memória, foi possível compreender que a grafia do olhar é marcada pela importância dos “próximos” (Ricoeur, 2007) de hoje para os fotógrafos. Em todos esses “focos”, há uma afirmação do outro, de sua existência:

A aprovação mútua exprime a partilha da afirmação que cada um faz de seus poderes e de seus não-poderes, o que chamo de atestação em Si *mesmo como um outro*. O que espero dos meus próximos é que aprovelem o que atesto: que posso falar, agir, narrar, imputar a mim mesmo a responsabilidade de minhas ações. (...) Por minha parte, incluo entre meus próximos os que desaprovam minhas ações, mas não minha existência (p.142).

No projeto “Carta para-ti”, muitos postais dos Januários são escritos por “próximos”. A oficina de esteira de taboa organizada por Dedé é narrada pela filha Maria José. D. Maria Alexandre, filha de seu Geraldino, assina o postal onde descreve a cena de seu pai se vendo na foto com a bisneta Brenda. As broas na folha de bananeira estão sobre o abano de Regina, mãe de Elizete, que nos lembra daquele dia em abril de 2001 quando a comunidade rememorou algumas de suas tradições. Nizinha escreve sobre o aconchego e as lembranças da tapera de sua avó Fiinha.

Sem os “próximos” não seria possível construirmos o acervo da memória coletiva do povoado. Mas em nosso trabalho, uma outra rede de próximos também se tornou essencial no processo de consolidação da Casa de Memória: os “próximos” da pesquisadora.

O projeto “Carta para-ti” transcorreu durante o ano de 2007, e nossa próxima etapa era organizar todo o material dos contos e imagens e criar uma forma de apresentação na casa cedida pela família de Toquinha para ser a Casa de Memória e Cultura. Precisávamos de ajuda para pensar nos materiais possíveis para expor uma enorme quantidade de fotos, postais e histórias numa casa

pequena, com poucas paredes, mas muito aconchegante. Percebemos que, assim como a participação de Luiza Kramer foi fundamental para a realização e o sucesso do “Carta para-ti”, precisávamos mais uma vez de ajuda e do diálogo interdisciplinar.

Até aqui, as serestas organizadas por Dorvalina, irmã de Toquinha, haviam rendido algum dinheiro para pequenos reparos e para a pintura da casa. O desafio daquele momento estava apresentado, e era urgente encontrarmos uma solução: quem nos ajudaria no desenhar dessa exposição permanente e como conseguiríamos verba para essa etapa final e crucial do trabalho?

O nome do professor do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio, Luis Vicente Barros<sup>30</sup>, se anunciou em setembro de 2007, nos jardins da Casa de Rui Barbosa, por meio de Nathercia Lacerda<sup>31</sup>. Depois do encontro com Nathercia, fiquei atenta ao nome de Vicente e descobri que minha “próxima” Cristina Porto o conhecia.

Começava a nascer uma parceria vital para que a Casa de Memória e Cultura pudesse se concretizar. Vicente, além de um enorme talento para lidar com materiais alternativos como bambu, trazia em sua bagagem uma boa experiência com trabalhos em comunidades, entendendo que era o processo coletivo que nos interessava desde o início na criação e materialização do espaço de memória. Mas o apoio financeiro continuava sem solução. Seriam necessárias viagens de Vicente para Minas, assim como todo o material necessário para organizarmos o acervo da Casa de Memória e Cultura. Vicente então propôs um encontro com o professor Augusto Sampaio, vice-reitor comunitário da PUC-Rio, para apresentarmos o projeto e pedirmos recursos. Ele nos recebeu muito bem e aceitou nos ajudar. No segundo encontro, Toquinha também foi à reunião, e lá tivemos uma grande surpresa diante do relato do professor Augusto ao mencionar uma “próxima” de sua esposa, D. Ângela Sampaio. Mas para entendermos melhor

---

30 Luis Vicente Barros (32 anos) é professor da disciplina eletiva Tópicos Especiais em Design XV, oferecida aos alunos de graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), que tem como foco a utilização do bambu em construções coletivas. Vicente teve em sua formação uma longa experiência no Laboratório de Investigação em Living Design (LILD), coordenado pelo professor José Luiz Mendes Ripper.

31 Eu estava assistindo ao seminário anual sobre casas-museus na Casa de Rui Barbosa quando no intervalo para o café conheci Nathercia Lacerda. Durante uma conversa totalmente casual, lhe falei do projeto da casa de memória em Minas e da minha busca por parceria para consolidar o projeto. Depois de algumas explicações, Nathercia me disse com muita segurança: “Eu sei quem vai poder te ajudar: o professor Luis Vicente de Barros.”

o impacto que a “próxima” evocada pelo professor Augusto produziu em nós é preciso que falemos um pouco da origem da cidade de Inhapim e a relação dos antepassados de Toquinha com essa história.

## 5.2 Assim nos contaram



Figura 116 - Outdoor em Inhapim

O *outdoor* numa via pública do centro da cidade é a única referência à memória do tetravô de Toquinha, Joaquim José Ribeiro, um personagem fundamental da história de Inhapim. Em meio a propagandas diversas, encontramos um tímido registro da fundação de Inhapim, em 1865, e o nome de seu fundador.

Durante nosso processo escavatório, ao seguirmos as pistas da memória do Córrego dos Januários nos deparamos com a história de Joaquim José Ribeiro, o fundador da cidade, por meio do precioso material de pesquisa elaborado por Antonieta Oliveira de Souza, Silvia de Oliveira Lucas Silva, Lourdes Eva de Oliveira e José Áureo de Aquino.



Figura 117 - Denise e Toquinha no cartório de Inhapim

Figura 118 - Toquinha e Silvia Lucas com material da pesquisa em 2005

Nosso contato inicial com esse material se deu no Museu Casa do Bentoca, em abril de 2001, na pasta “Família Januário”. Essa pesquisa, feita por meio de valiosos depoimentos reunidos com o título “Assim nos contaram...”, demonstra a importância da história oral na reconstrução da memória de um povo. O historiador britânico Paul Thompson (1992), profundo estudioso da história oral, nos diz que

A relação entre a história e a comunidade não deve ter mão única em qualquer dos dois sentidos: antes, porém, ser uma série de trocas, uma dialética entre informação e interpretação, entre educadores e suas localidades, entre classes e gerações. Haverá espaço para muitas espécies de história oral e isso terá muitas consequências sociais diferentes. No fundo, porém, todas elas se relacionam (p.41).

Desde então, muito caminhamos em nosso trabalho de escavação da memória do Córrego dos Januários. Em abril de 2003, realizamos a oficina de memória na Escola Municipal Elias Januário (sede), que trabalha com a 3<sup>a</sup> e 4<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental. Convidamos para o encontro D. Isabel, Seu João Minanha, pais de Lúcia, professora da escola, e D. Marlene, antiga professora. Nosso objetivo era valorizar o diálogo entre as gerações e contar a história da Família Januário, que estava sendo escrita por Toquinha.

Toquinha começou a escrever uma história movida pelo desejo de um encontro marcado com o passado. Foi em busca das pistas que pudessem dar asas à sua imaginação e encontrou os primeiros fios que conduziram a escrita dos contos e imagens da “Família Januário” no Museu Casa do Bentoca. Mas uma história, para ser mesmo uma verdadeira história, precisa sair das gavetas, das prateleiras, dos arquivos, enfim, sair de seus esconderijos e participar da vida. O desafio é saber compartilhar com seus ouvintes seus segredos e criar os meios de

revelar sempre outras histórias, sem nunca ter fim. Uma história puxa outra, e assim, entre narradores e ouvintes, a vida vai se tecendo, enredada nas palavras de uns e de outros.

**Toquinho:** *Eu vou contar pra vocês agora como é que foi formado, como é que surgiu o Córrego dos Januários. Naquela época as moças eram muito prendadas...*

**Jardel:** *Diz a Tia Dedé que se não soubesse costurar, não soubesse cozinhar e fazer sabão, não casava.*

**Toquinho:** *É verdade.*

**Marceni (28 anos, professora):** *A minha sogra fala também que tinha que saber arrumar, matar um porco lá, né, e arrumar ele todinho, porque senão não podia casar de jeito nenhum.*

**Ronildo (11 anos):** *A minha mãe ela faz sabão, de abacate.*

**Ricardo:** *Então eu posso casar à vontade, porque eu sei cozinhar.*

**Toquinho:** *Em 1952, Sebastião Tomé de Medeiros (Tio Sebastião Lau) doou terra para a construção do que é hoje a escola anexa.*

**Marlene:** *É que a escola que ele fundou chamava escola Joaquim Ribeiro, né? Aí depois, aí não existia essa escola aqui não, só aquela lá de baixo. Era escola multigraduada, tudo misturado, sabe? Era assim. Aí fundaram essa escola aqui, por meados de 1963, por aí. O povo também tinha necessidade de escola, que tinha só a lá de baixo, então, aí fundou essa escola aqui. Foi o deputado Altair Chagas que fundou. A Maria Antônia foi a primeira professora, e essa escola passou a se chamar Escola Estadual Elias Januário. E aí, pra não desmembrar, não sei como é que foi lá, anexou a de lá a essa aqui. Tem essa sede e a de lá anexa.*

**Toquinho:** *Por isso então que eu não entendia: por que a primeira foi construída lá e por que que essa daqui que era a sede? Eu queria entender por quê, né? Ah, então foi por isso?*

**Marlene:** *Foi por isso. Porque essa escola aqui ficou sendo escola estadual e a de lá era escola rural, entendeu?*

**Denise:** *Vocês sabem o que é história oral?*

**Jardel:** *História contada.*

**Denise:** *Exatamente. Esse é um exemplo de história oral. Marlene está contando uma história que não está nos livros, que ela sabe porque viveu uma época que a gente não viveu. Que vocês não viveram.*

**Dayane (9 anos):** *De antigamente.*

Toquinho gravou os comentários de Marlene para escrever na história dos Januários. Afinal, é assim que essa história é tramada. Cada um dá um ponto, borda um pedacinho do texto e, durante cada narrativa, experiências são ressignificadas e compartilhadas.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que

fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (Thompson, 1992, p.22).

Em junho de 2003, voltamos à Escola Estadual Elias Januário. Toquinho reuniu as crianças para falar sobre o seu livro *Dicionário de Lembranças*, e de como se transformou em uma leitora apaixonada, contadora de histórias e depois escritora. Em seu relato, a escritora fazia uma ponte entre o livro e as histórias que ouvia quando menina, valorizando ao mesmo tempo a narrativa oral e a escrita. Além disso, seus contos são todos inspirados no Córrego dos Januários, o que possibilita uma identificação total dos leitores e ouvintes dali.

Toquinho falava de sua paixão pela leitura e pela escrita, e demonstrava sua especial estima pelos contadores de histórias que durante toda a sua infância alimentaram o seu imaginário. Falou também de seu amor por aquela terra e por toda aquela gente, suas raízes, seu presente e seu futuro. As crianças estavam diante de uma escritora de verdade, nascida ali mesmo e que escrevia histórias daquele lugar. As perguntas vinham de todos os lados, revelando a espontaneidade e a sinceridade infantil em conhecer os caminhos que nos levam a nos tornar uma espécie de porta-voz dos sonhos coletivos por meio da escrita.



Figura 119 - Toquinho sendo entrevistada pelas crianças

**Dayane:** De que que fala o livro? Você faz isso aqui, as letras, de quê?

**Rafael:** Mas como que a gente pode escrever um livro grande desse?

**Carlos:** Toquinho, como você começou a escrever o livro?

**Felipe:** Custa quanto?

**Ricardo:** Toquinho, mas como é que a gente não erra nos livros?

**Carlos:** O primeiro livro que você fez, ficou com você ou levaram?

Dessa conversa surge a cumplicidade entre a narradora e seus ouvintes e a idéia de que as crianças deveriam se fazer presentes nesse livro por meio de seus desenhos, ilustrando os relatos de Toquinho sobre a história da família Januário. Imagens e palavras foram, pouco a pouco, constituindo um texto único, uma história com vários autores. As crianças, de ouvintes, tornaram-se co-autoras, e esse livro aconteceu assim, do desejo de lembranças<sup>32</sup>.

Durante toda a nossa pesquisa, nos demos conta de como são imprevisíveis as trilhas da memória. Em abril de 2008, entre muitas idas e vindas, nos reencontramos de forma inesperada com a pasta da história da família Januário que fica guardada no Museu Casa do Bentoca, e fomos novamente remetidos a Inhapi e seus guardiões da memória.

Durante uma reunião em que tratamos do apoio da Vice-Reitoria da PUC ao nosso projeto da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários, o professor Augusto nos contou que, ao falar com sua esposa, Maria Ângela Sampaio, sobre nosso projeto, ela lhe disse ter trabalhado no IRB<sup>33</sup> com a inhapiense Stella Matutina muitos anos atrás.

Imediatamente Toquinho se lembrou de Stella, a guardiã do Museu Casa do Bentoca, que nos recebera em nossa primeira visita em abril de 2001. Esta revelação foi surpreendente: o surgimento de uma personagem inhapiense conhecida e admirada por seu enorme zelo pela história da cidade enquanto tratávamos da viabilização de nossa Casa de Memória. Num dos seus últimos escritos, fica evidente a tarefa de memorialista que Stella assumiu com rigor:

---

<sup>32</sup> O livro *Família Januário* com texto de Toquinho, ilustrado pelas crianças e projeto gráfico elaborado por Aline Jobim, faz parte dos livros do Clubinho de Leitura da Casa de Memória e Cultura.

<sup>33</sup> IRB é o Instituto de Resseguros do Brasil, criado por Getúlio Vargas em 1939.





Figura 120 - Stella Chagas

Nasce mais uma estrela no firmamento literário de Inhapim. Partindo do polêmico Pão Alheio de Maria Portugal, em 1940, vários contemporâneos nossos se lançaram na aventura de escrever e publicar um ou mais de um livro. Pela minha memória desfilam os nomes de Heitor Moreira, Alan Viggiano, Anatólio Chaves, Rosângela Vieira Rocha, Néelson Carlos Teixeira, Carmo Chagas, Maria de Lourdes Souza, Therezinha Oliveira Aleixo da Silva (dona Teresa Aleixo) e seu filho Jorge Aleixo, Moacir Viggiano, Edna Rezende, Milton Mariano, Pe. Geraldo Homem de Faria, Neuraci Hébio Vieira e Maria Mazzarello Cimini Martins Faria<sup>34</sup>.

Resolvemos que, em nossa próxima viagem, seguiríamos os rastros de Stella, que falecera em 2004. Alguns dias depois, estávamos em Inhapim, onde Áurea Chagas nos contou das novidades do museu e do livro *Cantinho da Saudade*, uma coletânea de crônicas escritas por Stella – publicadas no jornal *Oficina de Idéias* –, organizada por Aloysius Gentil, Ani Lacerda, Áurea Chagas, Gabriel Côrtes e Nádia Rocha.

Nossa cadeia de próximos nos levava a Vicente que nos apresentou ao professor Augusto. Mas como poderíamos imaginar que este nos levaria de volta a Inhapim e à emblemática personagem Stella Matutina Chaves?

Em *Cantinho da Saudade* (Chaves, 2007), encontramos uma crônica intitulada “Os fundadores”, em que Stella fala da fundação da cidade de Inhapim e dos antepassados de Toquinha:

Neste último mês do século 20, é bom recordar e também é justo que se preste uma homenagem ao homem que fundou Inhapim há 134 anos, no século passado. Pesquisadores da nossa história apontam a família Januário, tendo à frente Joaquim

---

<sup>34</sup> Foto de Stella extraída do livro *Cantinho da Saudade* e trecho do prefácio escrito por Stella M. Chaves para o livro de Áurea Chagas *Odisséia e Sonho*, em que Stella presta homenagem a Aurinha e aos demais escritores da cidade de Inhapim (abril de 2004).

José Ribeiro, como a fundadora de nossa cidade. Entretanto, Joaquim José Ribeiro, o patriarca, não era Januário. Ao casar sua filha Mariana Rosa, com Joaquim Januário de Souza, integrante do grupo que o acompanhou para estas paragens, ele deu início à saga dos Januários. Os descendentes desse casal habitam até hoje o córrego dos Januários (p.102).

Nesta viagem de maio de 2008, fomos também ao Museu Casa do Bentoca, onde Elaine Chagas nos falou do museu e nos mostrou a pasta da família Januário, agora mais completa, com informações e fotografias fundamentais para nossa pesquisa – que, mediante nossa solicitação, prontamente atendida, foi digitalizada e hoje faz parte do acervo da Casa de Memória e Cultura.



Figura 121 - Elaine com a pasta da Família Januário no Museu Casa do Bentoca em Inhapim

Finalmente estava todo o material reunido. Fechava-se um ciclo. O material que nos fornecera as primeiras informações históricas era também o de conclusão, o elo que faltava.

De volta ao Rio de Janeiro, nos reunimos novamente com o professor Augusto e lhe demos o livro de Stella Matutina Chaves, publicado por seus amigos em novembro de 2007.

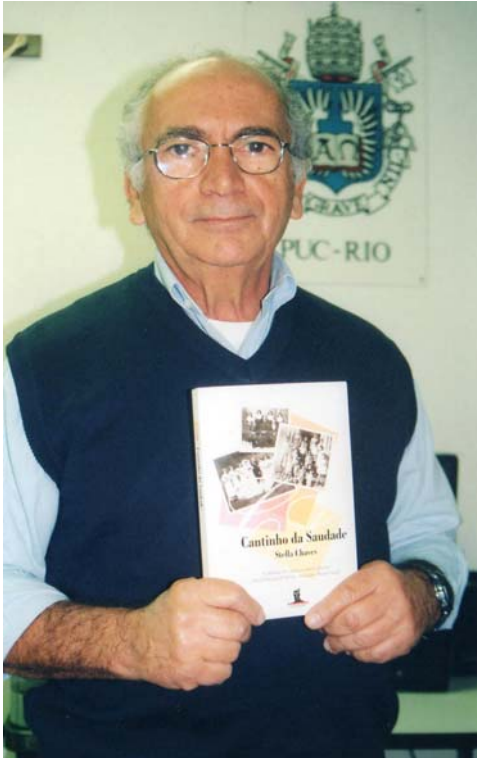


Figura 122 - Prof. Augusto Sampaio com o livro *Cantinho da Saudade*

Ficamos gratas a todos esses personagens e histórias que se entrelaçam e possibilitam que essa história prossiga. Memória, escavação e construção. Continuamos fazendo a história presente de mãos e “olhos dados” com o passado e o futuro.

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga o seu campo de ação. Admite heróis vindos não só de dentre os líderes mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Traz a história para dentro da comunidade e extrai a história de dentro da comunidade. Ajuda os menos privilegiados, e especialmente os idosos, a conquistar dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e pois, a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E para cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e a determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente a sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical do sentido social da história (Thompson, 1992, p.44).

### 5.3

#### A nascente do Córrego e o rio subterrâneo

*A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens.*

*(Le Goff, 2003, p.47)*

Como disse anteriormente, o livro *Família Januário*<sup>35</sup>, escrito por Toquinho com ilustrações das crianças, foi elaborado em nossas oficinas em 2003:

Era uma vez uma família que vivia numa fazenda na cidade de Mar de Espanha, Minas Gerais. Família numerosa que vivia muito unida. Por volta do ano de 1865 estava acontecendo a Guerra do Paraguai. O pai, Joaquim José Ribeiro, e a mãe, Maria Joana de Jesus, ficaram muito assustados e, com medo de que seus filhos fossem chamados para lutar na guerra. Tempos difíceis aqueles. A mata era cheia de perigos. Naquele tempo havia muitos bichos grandes e a onça era um dos mais temidos. E era preciso encontrar um novo lugar para morar (Souza, 2008, p.7).

Mas foi só em 2005, depois de um sonho, que fui rever esses escritos e prestar atenção no significado histórico da Guerra do Paraguai<sup>36</sup>. Como aconteceu no encontro com Janus bifronte, um sonho despertou a pesquisadora para um tema que até então não tinha aparecido no solo de memória dos Januários: a escravidão.

*Sonhei que estava na sala da minha casa e cantava só um trecho da música de Ary Barroso, Aquarela do Brasil: Abre a cortina do passado, Tira a mãe preta do cerrado, Bota o rei congo no congado.*

*Enquanto cantava, olhava para o lado e via uma máquina de costura coberta com grafismo africano. No pé da máquina, canecas de café.*

Tive esse sonho em 2005. Acordei com a sensação de que mesmo não entendendo o porquê, a costura desses conteúdos passaria pela África. Mais uma vez, o sonho “me fez andar” (Certeau, 1994) Em pesquisas motivadas pela

<sup>35</sup> O livro com projeto gráfico de Aline Jobim, faz parte de uma edição de apenas dois exemplares impressos para o acervo da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários.

<sup>36</sup> Vários historiadores abordam a relação entre o alistamento militar na Guerra do Paraguai e os escravos no Brasil, como por exemplo Eduardo Silva (1997): “No Império, como na Colônia, o serviço militar não era obrigatório. Para a formação e manutenção do efetivo, recorria-se, principalmente, ao recrutamento forçado nas camadas mais humildes da população, constituídas, sobretudo, de negros, índios e miscigenados. (...) Quando da Guerra do Paraguai, muitos escravos aceitaram, como facultado por lei, partir para a guerra no lugar de seus senhores, ou dos filhos dos seus senhores, em troca da liberdade. O alistamento militar foi um recurso muito utilizado, tanto para legitimar fugas como para garantir casa e comida” (p.38, 42).

presença onírica da mãe preta, descobri a existência de uma estátua ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de São Paulo. Obra do escultor Julio Guerra, a estátua “Mãe Preta” foi inaugurada em 1955 em homenagem a todas as escravas que foram amas-de-leite de crianças brancas e negras.

Mas a própria localização da estátua reforçava a presença de uma corrente subterrânea que aos poucos emergia. Paissandu é uma cidade no Uruguai, e a tomada de Paissandu foi uma importante conquista brasileira na Guerra do Paraguai.



Figura 123 - Estátua “Mãe Preta” de Julio Guerra ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em São Paulo (Foto de José Américo Lopes<sup>37</sup>)

Na primeira semana de agosto do mesmo ano, estive em São Paulo e fui até o Largo do Paissandu. Fiquei decepcionada ao ver a estátua “Mãe Preta” tão abandonada, cercada de lixo por todos os lados. Vi também muitos meninos procurando comida no lixo. A imagem que me chegava aos olhos naquele instante era muito mais que a de um monumento abandonado, como existem tantos outros pelas cidades brasileiras: era a do próprio abandono. Se a mãe preta é símbolo de acolhimento e nutrição, o que se vê ali é o abandono de seus filhos até hoje sem colo, sem abrigo e sem nenhum vislumbre de futuro.

<sup>37</sup> José Américo é paulista e fotógrafo e me acompanhou nas duas vezes em que estive na Igreja Nossa Senhora do Rosário. Esta foto foi feita em maio de 2006, quando retornei para fotografar a estátua.

O tema da Guerra do Paraguai também fez a pesquisadora lembrar... Quando era criança, me lembrava de ouvir os adultos comentarem que meu bisavô havia sido prefeito de Ribeirão Preto e médico na guerra do Paraguai.

Essa memória provocada pelos escritos de Toquinho e da pesquisa do museu Casa do Bentoca me levaram a pesquisar sobre Joaquim Estanislau da Silva Gusmão, meu bisavô paterno. Navegando no *site* da Câmara Municipal de Ribeirão Preto, me deparei com uma memória que nunca circulou na família e que para mim tinha um valor bem maior que todas as outras. Se na rede onírica o tema da escravidão se apresentou, foi na outra rede que encontrei o abolicionista Joaquim. Navegando, descobri que meu bisavô era presidente da Câmara dos Vereadores quando, no dia 3 de agosto de 1887, a Câmara aprovou a libertação dos escravos em Ribeirão Preto.

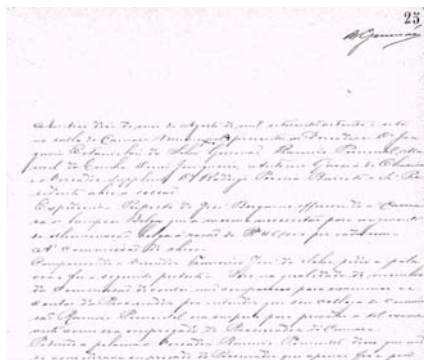


Figura 124 - Joaquim e minha bisavó Edwiges Carolina

Figura 125 - Ata: “Movimento da libertação dos escravos” de 3 de agosto de 1887<sup>38</sup>

O encontro com Joaquim revelava os temas que haviam emergido como enigma da memória e da própria nascente do Córrego dos Januários. Meu bisavô trazia em sua história tanto uma participação na Guerra do Paraguai quanto um envolvimento político na questão da libertação dos escravos, como mostrou o “Você sabia”<sup>39</sup> do *site* da Câmara de Ribeirão Preto no dia 24 de abril de 2006.

Joaquim morreu quando meu avô tinha apenas dois anos, e isso poderia explicar o nosso desconhecimento sobre ele. No entanto, estranhei que uma

<sup>38</sup> Disponível em: <<http://www.ribeiraopreto.sp.gov.br/camara/historia/doctos>>.

<sup>39</sup> “Você sabia? A quinta legislatura de Ribeirão Preto foi eleita em 25 de março de 1887. A posse dos nove vereadores que legislaram de 7 de janeiro de 1887 a 7 de janeiro de 1890, foi no dia 25 de abril de 1887. Ribeirão Preto participou da libertação dos escravos antes do restante do país. No dia 13 de maio de 1888, a Princesa Isabel assinou a Lei Áurea, libertando todos os escravos o Brasil. Mas, já no ano anterior, no dia 3 de agosto, a Câmara de Ribeirão Preto aprovou, por unanimidade, a libertação dos escravos em Ribeirão Preto. Por isso foi criado o “Livro da Redenção”, para ser assinado pelos proprietários que desejassem libertar os seus escravos”.

família que sabe que Joaquim foi para a guerra por volta de 1865 não tenha notícias de seu envolvimento num evento de tamanha importância como a libertação dos escravos e que aconteceu quase vinte anos depois do final da guerra. O que faz uma história não ser contada? Ainda que percebendo uma certa bruma envolvendo a história descortinada nas minhas navegações pela internet, era impossível não deixar de enxergar o tema da escravidão<sup>1[5]</sup> no Brasil emergindo e pedindo passagem.

Ao começar a organizar o acervo do Córrego dos Januários, me deparo com arquivos pessoais nunca antes visitados. Barrados, interditados? Talvez. O que sei é que nessa coleção me encontro em cena, e à medida que caminho por esse desvio, que enfrento e abro as janelas para esse desconhecido, vou acessando uma memória maior, coletiva. Compreendo, com Halbwachs (2004), o quanto a consciência individual “é o ponto de encontro dos tempos coletivos” (p.134).

Durante todo o processo de escavação do solo de memória dos Januários, não nos deparamos com a possibilidade de o tema da escravidão estar relacionado com a nascente do Córrego. No entanto, as lembranças e descobertas de minha história pessoal entrecruzadas com o sonho me faziam olhar para a história da Família Januário por um prisma novo, e me faziam pensar se não estaríamos adentrando em camadas de memória mais subterrâneas.

Segundo Halbwachs (2004), a memória de uma sociedade estende-se até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é composta, e se afastam da consciência do grupo porque deixam de circular. A memória ligada ao tema da escravidão e dos índios não circula no cotidiano do Córrego dos Januários. Mas por que isso se dá? Em parte, como diz Halbwachs (p.89), talvez porque os grupos que retinham essa memória, que guardavam essas lembranças, desapareceram. Mas pode haver outra razão. Essa pode ser uma memória recalçada, subterrânea. Fatos não se solidificam ou silenciam por acaso. Para Pollak (1989), há um processo de disputa entre a memória oficial e a “memória subterrânea”:

Não se trata mais de lidar com os fatos sociais como coisas, mas de analisar como os fatos sociais se tornam coisas, como e por quem eles são solidificados e dotados de duração e estabilidade. (...) A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva organizada que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor (p.4-8).



Ao conversar com Toquinha sobre o assunto, ela me disse que seu primo Daniel Arcanjo falara com ela, certa vez, sobre seu interesse na origem de Joaquim José Ribeiro e em hipóteses que ele levantara sobre o tema da escravidão relacionado com essa origem. Toquinha me disse que, como ele não encontrava escuta e interesse em outros membros da família, ficou solitário com suas reflexões.

Conheci Daniel<sup>40</sup> em dezembro de 2007. Ele foi especialmente ao Córrego para conversarmos quando Toquinha lhe disse do meu interesse em suas pesquisas, e percebi que Daniel encontrara nessa interlocução um espaço para conversar sobre um tema que parecia não interessar a mais ninguém.

Daniel Arcanjo elaborou, com base em pesquisas históricas e em suas observações, algumas hipóteses na tentativa de subir a nascente do Córrego e ir mais além no tema que o intrigava e que também havia sido abordado por Stella Chaves (2007), a memorialista de Inhapim, em sua crônica “Os Fundadores”:

Que motivo teria levado Joaquim José Ribeiro e sua esposa Maria Joana de Jesus, pais de 15 filhos, 8 moças e 7 rapazes – ao sair de Mar de Espanha-MG, onde desfrutavam de uma vida tranqüila, e se embrenharem na mata? A guerra do Brasil com o Paraguai – 1864 a 1870 – foi a causadora de tamanha aventura. Apavorado com a possibilidade da convocação de seus filhos homens para a guerra, Joaquim José tratou de escondê-los (p.102). Em 1865, comprou três sesmarias de João Caetano do Nascimento, o fundador de Caratinga. (...) Um de seus irmãos, Manoel Ribeiro, veio se unir ao grupo na grande aventura (p.102).

Durante a conversa com Daniel, pude constatar que ele havia organizado sua pesquisa em torno de algumas perguntas: por que a fuga de Mar de Espanha na época da guerra e como Joaquim José Ribeiro possuía dinheiro para a compra das terras que deram origem à cidade de Inhapim? Como se dialogasse com Stella, Daniel Arcanjo<sup>41</sup> argumenta:

*Quando falamos do desbravamento da região de Inhapim, em 1865, por Joaquim José Ribeiro e familiares a história registra que o motivo principal para essa*

<sup>40</sup> Daniel Arcanjo, 40 anos, é analista de sistemas e mora em Caratinga, cidade próxima de Inhapim. Durante o processo de escavações da memória dos Januários, não o conheci. Seu nome só foi mencionado por Toquinha a partir do sonho e de nossas conversas sobre a história da “Família Januário” durante a elaboração do livro com as crianças.

<sup>41</sup> As citações de Daniel fazem parte de um texto escrito por ele depois de nossa conversa quando Toquinha e eu o estimulamos a sistematizar suas reflexões e pesquisas. Optamos por deixar o registro escrito de Daniel na sua forma original, deixando ao leitor a possibilidade de preencher lacunas e indagações inconclusivas presentes no seu relato.

*empreitada foi a Guerra do Paraguai. Porém há que se resgatar os reais motivos desta fuga, pois Ribeiros e Januários com essa saga desbravadora provaram ser muito mais do que fugitivos de uma guerra. Joaquim José Ribeiro bem como seu irmão Manoel Ribeiro eram de cor negra. Podemos chegar a esta conclusão por causa da cor de pele dos descendentes (cor parda) e fotos dos Januários que se apresentam com cor de pele branca bem como cor de pele dos descendentes de Manoel Ribeiro (parda) que moram, nos dias de hoje na cidade de Caratinga. Por que fugir da Guerra? A violência desta guerra poderia ser motivo plausível, porém não acredito ser este o principal motivo. Os Voluntários da Pátria eram organizados em batalhões que incluíam maciçamente negros alforriados e negros escravos. Portanto era justa a preocupação de Joaquim José Ribeiro ter seus filhos e sobrinhos de cor negra, parda, na condição de pessoas livres, lutando em uma guerra que não era a sua guerra, ele sabia que pelas condições de cor seus filhos seriam discriminados e com certeza colocados na linha de frente de batalha. Mas como um Patriarca de cor negra ou parda em pleno regime de escravidão consegue comprar três sesmarias de terras? Bem, analisemos o seguinte, era de certa forma comum no período de escravidão homens de cor branca abusarem sexualmente de escravas, sem contudo assumirem filhos gerados nestas condições, porém no caso do Patriarca da família Ribeiro<sup>181</sup> tudo indica que aconteceu o seguinte: algum filho de fazendeiro provavelmente com título de nobreza tenha engravidado escrava de sua propriedade, só que pela religiosidade desta família o mesmo não tenha abandonado filho oriundo deste relacionamento, acompanhando de perto sua educação, seu crescimento para que o mesmo se tornasse culto, educado e independente financeiramente.*

Dois outros temas intrigavam Daniel: por que não havia manifestação da religiosidade africana entre os Ribeiros e Januários e qual a causa da timidez dos descendentes, comportamento também reconhecido por Toquinho, que sempre chamou a atenção para o fato de que todos os Januários são conhecidos na região pela inteligência, destaque nos rendimentos escolares e extrema timidez?

*Como se explica o fato de ser de cor negra e não haver no seio da família Ribeiro Januário manifestação religiosa de cunho africano? Justamente pelo fato de ter sido educado de perto por seu pai nos rigores da fé católica, não permitindo que mãe e filho vivessem a cultura africana. E por que um povo tão tímido até os dias de hoje? Esta timidez penso que pode ser explicada da seguinte maneira, imagine um povo de cor negra, parda que de certa forma tinha educação, cultura e dinheiro, vivendo em uma sociedade de cultura escravocata, deveriam ser discriminados de todas as formas, tinham dinheiro, cultura, boa educação, mas não podiam participar da vida social e política da sua comunidade e este fator talvez tenha contribuído para o grau de inteligência desta família, pois sentindo-se procuravam através dos estudos tornarem cada vez melhores mesmo que inconscientemente, pois Ribeiro Januário não sabe a força que tem, muitas das vezes só descobre isso quando confrontado em outras regiões e situações.*

Daniel reconhece que sua interpretação da história da origem dos Januários pode se modificar diante de outros achados e principalmente diante de

documentos sobre Joaquim José Ribeiro. Ele, Toquinha e Edervanio, depois de nossas conversas, planejam ir a Mar de Espanha, atrás dos rastros do fundador.

A narrativa elaborada por Daniel é uma versão possível da história, mas sem documentação que a sustente. No entanto, nosso objetivo aqui não é chegar à veracidade da história do fundador, mas abarcar, nesse solo polifônico de memória, uma versão construída por Daniel, que não só confere um sentido à saga de José Joaquim Ribeiro como também apresenta uma certa sintonia com o sonho da pesquisadora.

Ao me deparar com meu sonho e com a versão de Daniel para a nascente do Córrego, não pude deixar de sentir um movimento nas camadas profundas do solo de memória do povoado que, ao saírem de um estado acomodado, recalçado, possibilitam que as margens do Córrego se alarguem e possam, quem sabe, no futuro acolher a mãe preta, “tirá-la do cerrado”, pois:

(...) O sonho não permite recuperar somente as coisas; ele permite também recuperar a história. Por ele, o indivíduo se comunica com seu próprio passado, que se cruza em mais de um ponto com a tradição coletiva, conseguindo salvar, do fundo dos tempos, momentos arcaicos significativos, saturados de *agoras*, e portanto totalmente relevantes para o presente (Rouanet, 1990, p.89).

## 5.4 Para que não nos esqueçamos



Figura 126 - Maria das Graças, Rosélia e Toquinha

*Perguntas de um Trabalhador que Lê*

*Quem construiu a Tebas de sete portas?  
Nos livros estão nomes de reis.  
Arrastaram eles os blocos de pedra?  
E a Babilônia várias vezes destruída –  
Quem a reconstruiu tantas vezes? Em que casas  
Da Lima dourada moravam os construtores?  
Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muralha da China ficou pronta?  
A grande Roma está cheia de arcos do triunfo.  
Quem os ergueu? Sobre quem  
Triunfaram os Césares? A decantada Bizâncio  
Tinha somente palácios para seus habitantes? Mesmo na lendária Atlântida  
Os que se afogavam gritaram por seus escravos  
Na noite em que o mar a tragou.*

*O jovem Alexandre conquistou a Índia.  
Sozinho?  
César bateu os gauleses.  
Não levava sequer um cozinheiro?  
Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada  
Naufragou. Ninguém mais chorou?  
Frederico II venceu a Guerra dos Sete Anos.  
Quem venceu além dele?*

*Cada página uma vitória.  
Quem cozinhou o banquete?  
A cada dez anos um grande homem.  
Quem pagava a conta?*

*Tantas histórias.  
Tantas questões.*

*(Bertold Brecht, 2000, p.166)*

*Quem se disporia a registrar a memória de um povo que não figurava na política, nem na literatura, nem era de muitas posses, como diria meu pai, apesar de nossos antepassados terem sido fundadores da cidade. E eu me perguntava: se somos descendentes dos fundadores da cidade, se fazemos parte da história maior de Inhapim, porque não temos o reconhecimento necessário? Porque não há um monumento público em lugar importante da cidade? Porque não nos destacamos como tal? E eu soube então que escrever a minha história e da minha comunidade era minha responsabilidade.*

*Toquinha*

O filósofo Leandro Konder, no belo artigo “A Poesia de Brecht e a História”<sup>42</sup>, traz uma reflexão sobre o poema “Perguntas de um trabalhador que lê”, que parece dialogar diretamente não só com os depoimentos e escritos de Toquinha mas com toda a sua ação no processo de elaboração da Casa de Memória e Cultura.

São os trabalhadores, segundo Brecht, que poderão promover na sociedade as transformações necessárias, que não se prendem à esfera privada (onde permanece o criado de quarto), mas passam pela luta política organizada, pela ação na esfera pública. Essa expectativa poderia levar o poeta a resvalar, facilmente, para uma idealização do proletário. (...) O trabalhador que o fascina, entretanto, não é aquele que pretensamente resolve o enigma da história (conforme palavras usadas, em outro contexto, pelo jovem Marx): é aquele que, no diálogo com a história, é capaz de interpelar os historiadores com maior radicalidade. O trabalhador com quem se identifica é aquele que se inquieta, que insiste em compreender melhor (mais criticamente) o mundo que anseia por modificar; é o trabalhador que lê e faz perguntas (Konder, 1995, p.28-29).

Mas se a memória da nascente do Córrego, da origem de seu fundador, revelava a possibilidade de um rio de memória mais denso e desconhecido, o que dizer do próprio fundador, Joaquim José Ribeiro? Apesar dos registros escritos sobre ele, a memória não circulava entre os descendentes. A pasta sobre a família Januário no museu Casa do Bentoca não se mostrou suficiente para que os Januários se apropriassem dessa identidade, de sua participação na história de Inhapim. Em torno do tetravô da maioria dos moradores do Córrego, pairava uma nuvem de esquecimento. Estávamos diante de uma memória retraída (Le Goff, 2003), e diante do desabafo consciente de Toquinha percebi que evocar essa memória, fazê-la circular, era necessário. Segundo Le Goff (2003),

<sup>42</sup> O artigo de Leandro Konder fez parte da série “Teoria Política” publicada pelo Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo em abril de 1995. Está disponível em <[www.iea.usp.br/iea/artigos/konderbrecht.pdf](http://www.iea.usp.br/iea/artigos/konderbrecht.pdf)>. Acessado em janeiro de 2009.

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores destes mecanismos de manipulação da memória coletiva (p.422).

Como dissemos anteriormente, o surgimento de Stella Matutina Chaves, provocado pela memória de Ângela Sampaio, esposa do vice-reitor comunitário da PUC, professor Augusto Sampaio, nos levou novamente à pasta da família Januário e nos possibilitou o acesso a um material fotográfico que Toquinho julgava perdido. Kossoy (2002), numa perspectiva crítica a uma cultura da desvalorização da memória fotográfica, reflete:

Milhões de imagens foram destruídas desde o advento da fotografia, inúmeras em virtude de catástrofes e guerras, porém a maioria certamente, pela própria vontade do homem. Desaparecidos os referentes ficaram apenas as representações. Essas são ainda mantidas pelos descendentes mais próximos, até o momento em que, mais tarde, passam a ocupar demasiado espaço nas casas dos descendentes afastados; em épocas mais recentes essas imagens já se constituem, efetivamente, num estorvo: vidros partidos, fundos dos quadros furados, molduras lascadas; manchas e mofos... Além dos avós jovens na clássica pose da cerimônia matrimonial ou do bisavô na idade do colégio, alguns tios afastados, primos de alguém que alguém da família conheceu, não se sabe bem quem, nem onde..., amigos de amigos, sem nome e sem lembrança. Inúmeros estranhos e mais estranhos co-habitando álbuns danificados e velhas caixas de sapatos onde se amontoam cartas saudosas, e antigas fotografias. Essa gente toda, inquilinos desconhecidos da memória deve ser de alguma forma desalojada, despejada... e o é de várias maneiras: queimada, sumariamente jogada no lixo, vendida em meio a pacotes de jornais velhos, por quilo, ou então arrematada juntamente com bibliotecas para ser vendida por unidade nos sebos ou feiras dominicais, ou adquirida juntamente com o mobiliário das casas pelos antiquários, ou então, desde há muito, perdida nos porões de antigas sedes de fazendas, ou nos armazéns abandonados de fábricas desativadas. Neste processo de deterioração da memória familiar, imagens de pais e filhos, maridos e mulheres, irmãos e parentes se separam definitivamente. Holocausto da representação, ruptura da memória. Entre os sobreviventes da destruição física restam poses e rostos esmaecidos tomados em fundos de quintais desreferencializados. Fantasmas da memória: sem passado e sem futuro.

A fotografia conecta-se a uma realidade primeira que a gerou em algum lugar e época. Porém perdendo-se os dados sobre aquele passado, ou melhor, não existindo informações acerca do referente que a originou, o que mais resta? Uma imagem perdida, sem identificação, sem identidade... sem história (p.128-129).

É numa atitude de resistência a essa tendência diagnosticada por Kossoy que agimos.

O acervo de memória e fotografia que preparamos para fazer parte da Casa de Memória e Cultura traz em seu bojo essa resistência.

Quando fomos preparar o acervo ligado aos ancestrais e pioneiros, nos demos conta da precariedade das imagens, envelhecidas pela erosão do tempo. Não encontramos fotografia do fundador, Joaquim José Ribeiro, mas de dois de seus filhos, Manoel<sup>43</sup> e Silvestre.



Figura 127 - Manoel José Ribeiro

Kossoy (2007) ao refletir sobre o “tempo reciclado”, afirma que imagens como essas que tínhamos em mãos podem, graças a “tratamentos digitais”, reatarem-se ao seu mundo de referências, dando de volta, portanto, identidade e memória a quem delas necessite.

Fui testemunha de um processo de restauração digital dos ancestrais de Toquinha que, entre outros “tratamentos digitais”, tirou o mofo do terno de seu tio bisavô, Silvestre José Ribeiro<sup>44</sup>, o “Tio Doutor”.

<sup>43</sup> Manoel José Ribeiro, filho de Joaquim José Ribeiro, veio primeiro para fazer a plantação. Sua esposa, Maria Joana de Jesus, e suas duas filhinhas, Maria Ventura e Claudiana Joana de Jesus, vieram na colheita com seu pai e toda a família. Era seu filho a primeira criança que nasceu em Inhapim. José Ambrósio Ribeiro, e foi batizada em Vermelho Novo. Outros filhos: Manoel Imbé, Francisco Vicente, Augusto, Gervásio e Luiza.

<sup>44</sup> Silvestre José Ribeiro, filho de Joaquim José Ribeiro, casado foi residir em Caratinga. Aprendeu na prática a profissão da medicina, e todos davam-lhe o título de “doutor”. Em Caratinga não havia médicos. Seu filho Sebastião Ribeiro foi farmacêutico; sua filha foi professora e lecionou no Imbé. Sua primeira esposa foi Pacheca; a segunda, Joaquina. Seus filhos: Joaquim, João, Sebastião, Silvestre e Maria. Silvestre ainda vive. Esta fotografia é uma reprodução de seu retrato que foi emprestado por sua neta D. Maria do Carmo.



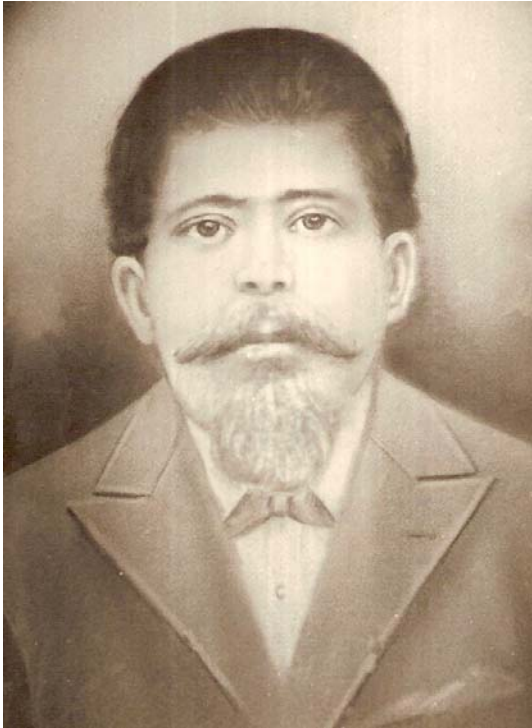


Figura 128 - Silvestre José Ribeiro ("Tio Doutor")

***Toquinha:** A foto do “tio Doutor” cheia de manchas brancas no paletó exigiu bastante cuidado. Eu aprendi a usar o Photoshop e comecei a “remendar” a roupa dele. Remendar roupas era um hábito e uma necessidade de antigamente, pois não se comprava roupas como hoje em dia, era só nas festas como casamento, Natal e Semana Santa, fora disso era remendar as roupas que rasgavam. Roupa nova ou a melhor roupa era para ir à missa de domingo. E eu agora usava a tecnologia para que meu tio não se apresentasse na nossa Casa mais importante com as roupas rasgadas pelo tempo. Era meu jeito de tirar a poeira e os rasgos da memória, da nossa história. Aquele foi um gesto que depois eu me dei conta de que era muito simbólico. E foi engraçado também, pois no meio de tanto trabalho, de pensar como ia ser isso, aquilo, vai aqui, vai ali, eu tinha que parar tudo e remendar o paletó do meu “tio Doutor”, filho do meu tetravô Joaquim José Ribeiro, o meu ancestral mais antigo de quem se tem fotografia. O “tio Doutor” tratava dos doentes e chegou a servir no exército como médico, mesmo sem ter formação, por isso era chamado de “tio Doutor”. E se ele está hoje “bem apresentado” é também, de certa forma, porque eu remendei e passei as roupas dele com muito cuidado. Um dos meus ancestrais mais antigos de que se tem imagem.*

Decidimos apresentar na Casa de Memória e Cultura dois quadros com as fotos dos ancestrais mais antigos e escaneamos toda a pasta do museu Casa do Bentoca, que continha fotos e a história da fundação de Inhapim e da formação do Córrego dos Januários. Todo o material foi diagramado e se transformou num belo livro. Além disso, apresentamos o livro escrito por Toquinha e ilustrado pelas crianças, contando a saga dos ancestrais.

Foi então que aqueles pais tão preocupados com os filhos juntaram todas as suas economias e compraram, em Caratinga, um grande pedaço de terra. Essas terras faziam divisa com Ubaporanga, Imbé, São Domingos das Dores e Santo Antônio, e a esse lugar deram o nome de Fazenda da Vargem Grande. Pouco tempo depois chegaram os irmãos Januário. O primeiro foi Joaquim Januário de Souza<sup>45</sup>, e mais tarde Elias Francisco de Oliveira<sup>46</sup> e Francisco Januário de Souza<sup>47</sup>. O tempo passava e Joaquim Januário de Souza apaixonou-se por Mariana Rosa de Jesus, uma das filhas de Joaquim José Ribeiro. O amor dos dois tinha a bênção dos pais, e por volta de 1867 eles se casaram e foram os primeiros habitantes do Córrego dos Januários (Souza, 2008, p.9).

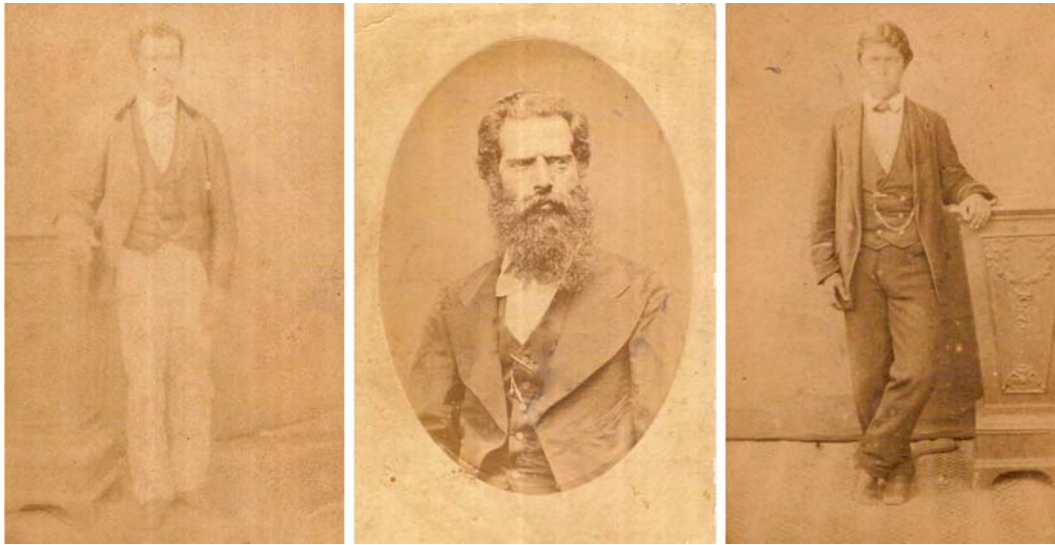


Figura 129 - Elias Francisco de Oliveira Campos

Figura 130 - Joaquim Januário de Souza

Figura 131 - Francisco Januário de Souza

Qual a relação desses personagens com Toquinha? Sua avó paterna, Benvinda Maria de Jesus, é filha de Joaquim Januário, e Nestor Januário de Souza, seu avô paterno, é filho de Francisco Januário.

<sup>45</sup> veio junto com a família de Joaquim José Ribeiro e casou-se com uma de suas filhas, Mariana Rosa de Jesus, por volta de 1866. Seus filhos: Elias Januário de Souza, Joaquim Sinfrônio, Manoel Januário, Lino, Octaciano, João Policarpo, Pedro, Benvinda, Maria, Rosa e Zulmira. Casou-se pela segunda vez com Joana e são seus filhos: Olímpia, Luiz, Floripes, Procópio, Lina, Artur e Maria Januário.

<sup>46</sup> Elias Francisco de Oliveira Campos irmão de Francisco Januário, imigrou um pouco depois da família de Joaquim Januário. Marceneiro e carpinteiro, trabalhou em Leopoldina, Três Rios e diversas fazendas daquela região. Aqui casou-se com Francisca Rosa de Jesus, também filha de Joaquim José Ribeiro, e dedicou-se como os outros à agricultura. Seus filhos: Onofre, Manoel, Cristiano, Elias, José Neves de Oliveira, Adriano (ainda vive), Bernardina, Celicina (ainda vive e tem 98 anos), Lídia, Francisca, Maria Isabel (ainda vive), Maria Francisca de Oliveira.

<sup>47</sup> Francisco Januário de Souza, irmão de Joaquim Januário de Souza, também casou-se com uma das filhas de Joaquim José Ribeiro, Joaquina Maria de Jesus. Seus filhos: Nestor (avô de Toquinha), Lucas, Luiz, Francisco, Maria Salomé, Maria Beú, Maria Madalena, Maria Augusta, Maria Euzébia, Adelina, Regina, Filomena, Alzira e Ana. Estas fotografias foram doadas por Izalino, neto de Francisco Januário.



Figura 132 - Benvinda e Nestor

No dia da inauguração da Casa de Memória e Cultura, Toquinha e eu observamos o interesse das pessoas nesse material. Diante de nossos olhos, a memória dos fundadores de Inhapim e do Córrego dos Januários começava a circular e provocar surpresa em muitos descendentes que desconheciam toda essa história, como veremos mais adiante.



Figura 133 - Adriana e Eulália  
(Foto de Ana Andrade)

Mas agora falaremos sobre a casa que abrigou o córrego de histórias dos Januários.

## 5.5 O legado de Floripes e Bolívar



Figura 134 - Bolívar e Floripes, pais de Toquinho, em pintura feita a partir de fotografias do casal

Em “Experiência e pobreza”, Walter Benjamin (1994) evoca uma parábola para abordar o conceito de experiência, tão importante em sua obra.

Em nossos livros de literatura havia a parábola de um velho que no momento da sua morte revela a seus filhos a existência de um tesouro enterrado em seus vinhedos. Os filhos cavam, mas não descobrem qualquer vestígio do tesouro. Com a chegada do outono, as vinhas produzem mais do que qualquer outra na região. Só então compreenderam que o pai lhes havia transmitido uma certa experiência: a felicidade não está no ouro, mas no trabalho (p.114).

Neste ensaio de 1933, Benjamin ressalta a importância da transmissibilidade e nos fala da experiência como tradição compartilhada por uma comunidade humana, tradição retomada e transformada, em cada geração. Segundo Gagnebin



(2006), Benjamin não usa a parábola com objetivos moralizantes; o que interessa a ele é a encenação da história:

Não é o conteúdo da mensagem paterna que importa; aliás, o pai promete um tesouro inexistente e prega uma peça a seus filhos para convencê-los. O que importa é que o pai fala do seu leito de morte e é ouvido, que os filhos respondem a uma palavra transmitida nesse limiar, e reconhecem, em seus atos, que algo passa de geração para geração; algo maior que as pequenas experiências individuais particulares, maior que a simples existência individual do pai, um pobre vinhateiro, porém que é transmitido por ele; algo portanto que transcende a vida e a morte particulares, mas nelas se diz; algo que concerne aos descendentes (p.50).

Em nosso percurso pela memória do Córrego, o conceito de experiência em termos benjaminianos, inspirou nossa metodologia e a própria concepção da Casa de Memória e Cultura que nos propomos a construir com a comunidade.

Floripes Cândida de Souza<sup>48</sup> e Bolivar Martinho de Souza<sup>49</sup>, pais de Toquinha, Marlene, Terezinha, Dorvalina e Isabel, morreram cedo e deixaram como herança a casa que, por decisão das filhas, hoje acolhe as memória de toda comunidade do Córrego dos Januários.



Figura 135 - Toquinha filmando em 2004 a futura Casa de Memória e Cultura

<sup>48</sup> Floripes é filha de Adelina Francisca de Souza e Joaquim Pereira de Carvalho. Adelina é filha de Francisco Januário de Souza e Joaquina Maria de Jesus. Joaquina Maria de Jesus é filha de Joaquim José Ribeiro e Maria Joana de Jesus.

<sup>49</sup> Bolivar é filho de Nestor Januário de Souza e Benvinda Maria de Jesus. Nestor é filho de Francisco Januário de Souza e Joaquina Maria de Jesus. Benvinda é filha de Joaquim Januário de Souza e Mariana Rosa de Jesus. Mariana Rosa de Jesus e Joaquina Maria de Jesus são filhas de Joaquim José Ribeiro e Maria Joana de Jesus.

**Toquinha:** *A casa onde hoje é a Casa de Memória foi um sonho do meu pai. Apesar de vivermos com mínimas condições financeiras, meu pai tinha o sonho de ter uma casa maior para abrigar a família, que estava crescendo. Mas ele morreu sem realizar esse sonho. Lembro que eu e a Bela ajudávamos na construção carregando tijolos, buscando areia, e meu pai um dia disse todo orgulhoso: essa parede fui eu que fiz! O pedreiro que construiu aquela casa foi o Walter, filho do Sr. Geraldino, e meu pai o ajudava. Foi Terezinha, minha irmã, que trabalhava aqui no Rio de Janeiro como doméstica, que mandava dinheiro para a construção. A aposentadoria do meu pai mal dava para as despesas com alimentação. Mas ele morreu antes de concluir a construção, em 30 de julho de 1982. Depois da morte dele, Marlene, minha irmã mais velha veio morar dentro de casa com o marido, os três filhos e a sogra. Ficamos morando todos juntos, pois minha mãe tinha medo de ficar sozinha com as filhas, eu, Bela e Dorvalina. Minha mãe também viveu pouco ali, pois morreria em 23 de dezembro de 1982. O fato de ela hoje ter se transformado na Casa de Memória me dá uma alegria muito grande. Sinto que ela vai cumprir sua missão. Ela foi concebida com a intenção de reunir, de acolher a família, não foi apenas para ser mais um bem a ser deixado para nós, as filhas, ainda que esta idéia estivesse incluída no desejo dos meus pais. Ela foi pensada e preparada para ser lugar de encontro, e foi isso que ela se tornou. Lembro-me que meu pai gostava de aprender coisas e dizia que devíamos estudar, pois era a única coisa que ele nos deixaria como herança. Meu pai se preocupava com a comunidade. E eu acho que hoje ele está feliz com o destino do único bem material que ele nos deixou.*

O legado de Floripes e Bolívar e todo o seu significado expresso na fala de Toquinha me remetem a Benjamin e à fábula do velho vinheteiro. A casa construída com o propósito de acolher a família e ser lugar de encontro parece hoje cumprir o destino sonhado por Bolívar. Pelas mãos de suas filhas, a casa passa a ser de toda a comunidade, pois além de ser um espaço de encontro e convivência, tornou-se um abrigo para as histórias de muitos Januários que, por meio de seus contos e imagens, transmitem algo que “concerne aos descendentes”.



Figura 136 - As filhas de Bolívar e Floripes: Marlene, Terezinha, Dorvalina, Isabel e Maria de Lourdes

*Jupira: Me impressionou a coragem da Toquinha e suas irmãs de doarem a casa, que é um bem que os pais deixaram para elas. Um momento que me marcou muito foi quando a Toquinha desatou o laço, abriu a porta de sua própria morada e entregou para a comunidade.*

## 5.6

### **Alicerces da Casa de Memória e Cultura: pela delicadeza, contra a barbárie**

*Estamos ameaçados de esquecimento, e um tal olvido – pondo inteiramente de parte os conteúdos que se poderiam perder – significaria que, humanamente falando, nos teríamos privado de uma dimensão, a dimensão de profundidade na existência humana. Pois memória e profundidade são o mesmo, ou antes, a profundidade não pode ser alcançada pelo homem a não ser através da recordação.*

(Arendt, 2003, p.131)

No artigo intitulado “Casas e portas da memória e patrimônio”, o museólogo Mario Chagas (2005) chama a atenção para “os novos contornos que a palavra patrimônio vem adquirindo”:

Se tradicionalmente ela foi utilizada como uma referência à “herança paterna” ou aos “bens familiares” transmitidos de pais (e mães) para filhos (e filhas), em particular no que se referia aos bens de valor econômico e afetivo, ao longo do tempo gradualmente adquiriu novos contornos e ganhou outras qualidades semânticas, sem prejuízo do domínio original. Patrimônio digital, patrimônio genético, biopatrimônio, etnopatrimônio, patrimônio intangível (ou imaterial), patrimônio industrial, patrimônio emergente, patrimônio comunitário e patrimônio da humanidade são algumas das múltiplas expressões que habitam as páginas da literatura especializada, ao lado de outras mais consagradas como patrimônio cultural, patrimônio natural, patrimônio artístico e patrimônio familiar (p.115-116).

A herança de Bolívar e Floripes toma um curso onde o patrimônio de uma família se transforma em legado para toda a comunidade. Não só pelo aspecto material da casa mas, principalmente, pelo que o acervo de “contos e imagens” transmite aos “vindouros”. A transmissibilidade da experiência e o diálogo entre as gerações constitui a marca essencial desse patrimônio comunitário que denominamos de Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. Mas outros alicerces conceituais também fundamentam esta casa, pois



Para além da preocupação patrimonial no sentido de proteção de um passado, há interesse na dinâmica da vida e na capacidade de os corpos patrimoniais funcionarem como instrumentos de mediação entre diferentes tempos e mundos. Em outros termos, o interesse no patrimônio não se justifica apenas por seu vínculo com o passado, seja ele qual for, mas também por sua conexão com os problemas fragmentados da atualidade, com a vida dos seres em relação com outros seres, coisas, palavras, sentimentos e idéias (Chagas, 2005, p.132).

O acervo de contos e imagens construído com a comunidade compõe tanto o museu itinerante no projeto “Carta para-ti” como a exposição permanente que hoje faz parte da Casa de Memória e Cultura localizada no Córrego dos Januários. Tanto nos deslocamentos quanto no “pouso” o patrimônio desse acervo pode ser compreendido como “poética” e como “ponte”:

Trabalhar a poética do museu e a poética do patrimônio. Eis um desafio que importa encarar. Para além de suas possíveis serventias políticas e científicas museu e patrimônio são dispositivos narrativos, servem para contar histórias, para fazer a mediação entre diferentes tempos, pessoas e grupos. É nesse sentido que se pode dizer que eles são pontes, janelas ou portas poéticas que servem para comunicar e, portanto, para nos humanizar (Chagas, 2006, p.5).

A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários foi se desenhando ao longo desta jornada como um espaço museológico de resistência contra a amnésia coletiva, a massificação, o exílio dos mais velhos, a dor pelo isolamento e a ausência de projetos para as crianças e jovens da comunidade.

Nesses tempos de globalização, os museus têm um papel importante. Eles operam com documentos/bens culturais com forte base espaço-temporal e são capazes de promover identificações. Os museus -pelo ângulo do território, do lugar e do espaço- são localizações. Mesmo amparados em conceitos mais ou menos largos os museus são locais. É na localização que a prática museal encontra o seu ninho, o seu nicho, a sua arena e o seu caminho de afirmação, de negação ou de transformação. Por esse caminho, pode-se compreender que os museus são espaços possíveis de resistência, uma vez que podem operar com identidades locais (em devir) frente à tentativa de massificação cultural. (...) Mas o maior desafio dos museus continua sendo o de estar a serviço da vida e da humanidade em cada um de nós. (...) Lidar com pessoas, expor idéias, viver a mudança e trabalhar com a impermanência são os problemas que se colocam para os museus e para os profissionais que não querem se deixar aprisionar na cela da materialidade dos acervos e na rede que naturaliza o mercado hipoteticamente mundializado (Chagas, 2000, p.37-38).

Entendendo os museus como “casas de sonho, de criação, de educação e de cultura”, Chagas (2008) ressalta que um dos desafios colocados é aceitar os museus como campo de tensão.

Suponho que se engana quem pensa que existe uma única possibilidade de memória e que essa possibilidade única implicaria a repetição do passado e do já produzido; suponho que se engana quem pensa que há humanidade possível fora da tensão entre o esquecimento e a memória. É essa tensão, ao contrário do que possa parecer, que garante a eclosão do novo e da criação. O futuro também nos olha e pisca lá de dentro do passado (se é que o passado tem um dentro). O esquecimento total é estéril, a memória total é estéril. O território fértil e propício para a imaginação criadora e gêneros tem estrias produzidas pela memória; a possibilidade de criação humana habita e mora na aceitação da tensão entre recordar e esquecer, entre o mesmo e a negação da mesmice, entre a permanência e a mudança, entre a estagnação e o movimento (p.7).

Nomeamos a Casa de Memória dos Januários também como Casa de Cultura. O historiador Joel Rufino dos Santos (2001) nos lembra que cultivo e cultura pertencem ao mesmo campo semântico do latim *colo*, eu moro, eu ocupo a terra, eu cultivo o campo:

No participio passado se dizia *cultus*, no participio futuro *culturus*. Havia, portanto, no latim, o reconhecimento de um fundamento (*cultus*) e de um destino (*culturus*). Cultura teve, na sua origem, e nada impede que continue a ter, uma dimensão comunitária (*fundadora*) e, ao mesmo tempo, de projeto (...) Ora, quem diz fundamento diz espírito comunitário; e quem diz destino diz projeto, porvir, ideal, utopia. São essas, qualquer que seja a definição, as principais dimensões da cultura. A terminação *urus*, em *culturus*, indica processo, ação em realização, e não produto. Cultura é, pois, a ponte entre fundamento e destino (p.16-17).

E é justamente o espírito comunitário que está ameaçado quando as pessoas vão perdendo suas referências e seguindo valores e modelos que são reforçados pela sociedade de consumo. Na lógica da sociedade de consumo, impera o descartável. É o primado da mercadoria que não leva em conta nem o passado nem o futuro, pois, segundo Santos (2001):

Mercadoria, por definição, se realiza no tempo presente. Quanto mais rápido o tempo de realização, mais mercadoria ela é, pois maior o lucro. Ela não admite, portanto, o fundamento (o tempo passado), nem o destino (o tempo futuro), não pode ser *colo* nem *culturus*. O tempo que vivemos hoje, em nossa civilização, é o tempo da mercadoria: veloz, sem história, sem projeto, sem futuro, sem cultura (p.18).

Nesta perspectiva, buscamos retomar com os “Januários” a ponte entre “fundamento e destino”. Vemos como alicerce fundamental desta casa a possibilidade de consolidação de um espaço de escuta e de valorização dos Januários mais velhos como criadores de cultura, em oposição a triste tendência dos nossos tempos em enxergar o idoso, buscando identificar nele seu potencial

consumidor. Inspirados em Santos (2001), concebemos a casa de cultura como ponte entre “fundamento e destino”, em que a experiência dos adultos mais velhos pode ser compartilhada, assegurando um lugar social aos idosos que, em vez de ficarem à margem, esquecidos e tantas vezes adoecidos deste esquecer, podem verter sua palavra, sua história, possibilitando às crianças uma origem e um sentimento de pertencer.

Neste sentido, a criação da casa de cultura é essencial para ajudar os mais velhos a fazer as pazes com um presente que substitui o esquecimento e o abandono pelo acolhimento e abrigo e, principalmente, por uma consciência que nos aproxima a todos de nossa própria humanidade.

Segundo Halbwachs (2004, p.127) o que constitui essencialmente um grupo é um interesse, uma ordem de idéias e de preocupações das quais seu membros são porta-vozes. Vimos esse movimento nas falas que evocaram vários Januários que são lembrados porque aquilo que os marcou ainda coincide e ressoa com os interesses e preocupações de muitos que ainda vivem. A meu ver, essas preocupações encaminham um “projeto” (Santos, 2001).

As marcas de Maria Hilda das Dores Souza, a Dedé, não podem desaparecer num mundo com desejo de mudança, que clama por transformação. Dedé evoca Tio Chico para falar das jabuticabeiras e retoma uma preocupação e atenção de seu tio com os “vindouros”. A foto de Dedé é testemunho, denúncia, desejo, e remete a idéia de “projeto”, pois fala com o futuro, com as crianças que ainda vão nascer e que ela não irá conhecer. Em tal perspectiva, este espaço se forja na tensão entre “fundamento e destino” (Santos, 2001) o que nos leva novamente à imagem alegórica de Janus bifronte.

No primeiro capítulo, me referi à Casa de Memória como lugar de testemunho da delicadeza. Os “contos e imagens” produzidos coletivamente expressam, naquele canto de Minas Gerais, olhares e vozes que reforçam um legado de delicadeza contra a barbárie que nos assola e espreita a todo instante.

Pois é também como espaço de resistência à barbárie que queremos alicerçar a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. Kramer (2003) nos fala da necessidade de se educar crianças e jovens contra a barbárie:

Penso que não corremos o risco de chegar à barbárie; vivemos nela. E devemos educar contra a barbárie, o que significa recuperar a história e as histórias

guardadas e esquecidas, estabelecendo uma outra relação com a tradição; significa colocar o presente numa situação crítica e compreender que o passado não precisaria ter sido o que foi, o presente pode ser diferente do que é, portanto, é possível mudar o futuro. (...) Como educar crianças e jovens neste contexto? Este é um dos nossos desafios. Para enfrentá-lo é preciso trabalhar numa perspectiva de humanização, de resgate da experiência, de conquista da capacidade de ler o mundo, escrevendo a história coletiva, apropriando-nos das diferentes formas de produção da cultura, criando expressando, mudando. Com experiências de educação e socialização onde se pratique a solidariedade entre crianças, jovens e adultos, e existam laços de coletividade, eles capazes de gerar o sentido de pertencimento com reconhecimento das diferenças. (...) Retomemos e aprofundemos a dimensão cidadã da ação educativa e cultura. Pela emancipação e pela solidariedade, contra a barbárie (p.16-17).

Por isso defendemos a Casa de Memória como espaço de educação contra a barbárie onde “memória e delicadeza” se fundem e encaminham outros futuros para o povoado mineiro.

A experiência das escavações no levou ao encontro com a linguagem. A produção de narrativas, com nossos interlocutores, trouxe um ritmo: singular, poético, estético, político, crítico. Vejo na delicadeza dois sentidos essenciais para a nossa reflexão. Um fala de uma percepção poética do mundo, revelada tantas vezes pela grafia do olhar de crianças e adultos do Córrego. O outro nos leva ao cuidado e à humildade. O terreno da memória é delicado nele mesmo, por isso exige também delicadeza da parte daquele que se aventura a escavá-lo (Gusmão & Jobim e Souza, 2008, p.30).

A perspectiva poética e ética são os aspectos essenciais do que denomino estética da delicadeza (Gusmão 2004). Mas entendemos que a consolidação da Casa de Memória e Cultura como uma “devolução” de todo material escavado com a comunidade explicita uma outra face da delicadeza que também se dá no campo da ética. Nesta “devolução” está firmado o compromisso da pesquisadora com os Januários e nosso propósito de ajudar Toquinha em seu apelo de memória.

Ao vivermos em conjunto esta experiência sentimos necessidade de dar um nome àquilo que, tendo sido vivido no contexto desta pesquisa intervenção, seguramente ultrapassa todas as nossas tentativas de descrição. Nomear é sempre um desejo de dar sentido ao que muitas vezes não precisa necessariamente de nome para existir. Ainda assim, insistimos aqui em dar um nome ao que foi vivido e relatado sobre os acontecimentos que provocamos nas roças de Minas, e daí surgiu o que chamamos de *estética da delicadeza*. Ao criarmos um nome nos sentimos ainda mais responsáveis por seus desdobramentos posteriores na vida, nos modos como a partir da nomeação inventamos maneiras para agir no mundo (Gusmão & Jobim e Souza, 2008, p. 30).

Mas falar de delicadeza nos evoca também a participação fundamental de Luís Vicente Barros e todo o processo que culminou na inauguração da casa em 30 de agosto de 2008.

## 5.7

### Mãos a obra: a parceria com Luis Vicente Barros

*Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro; positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação.*

*Guimarães Rosa<sup>50</sup>*



Figura 137 - Vicente e Marcela na noite de inauguração da Casa de Memória e Cultura (Foto de Ana Andrade)

Concebemos este espaço de memória em razão das recentes perspectivas no campo museológico que operam com as categorias de território, patrimônio e comunidade como explica Chagas (2006):

No Brasil, o advento dos museus é anterior ao surgimento das universidades. A formação de cientistas e a produção científica, sobretudo na segunda metade do

---

<sup>50</sup> Trecho do conto “ A Terceira Margem do Rio” In: ROSA, João Guimarães. Primeiras Estórias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

século XIX, tinham nos museus um dos seus principais pontos de apoio. Por isso mesmo, desde o século retrasado as relações entre os campos do museu e da educação são bastante intensas. De igual modo, a institucionalização dos museus e da museologia no Brasil antecedem à criação de um dispositivo legal para a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. (...) A partir dos anos 70 do século XX, o conceito clássico de museu, que operava com as noções de edifício, coleção e público, foi confrontado com novos conceitos que, a rigor, ampliavam e problematizavam as noções citadas e operavam com as categorias de território (socialmente praticado), patrimônio (socialmente construído) e comunidade (construída por laços de pertencimento (p.2-3).

Estas novas categorias constituem o eixo do “Museu Novo” ou “Ecomuseu”. Um nome que se destaca neste cenário é o do museólogo francês Hugues de Varine. Segundo Chagas (2005)

O esforço para tentar imaginar um museu de um tipo novo e ao mesmo tempo sistematizar as novas práticas, levou Hugues de Varine, ainda nos anos 1970, a desenhar uma concepção de museu que substituísse as noções de público, coleção e edifício pelas de população local, patrimônio comunitário e território ou meio ambiente (p.130-131).

Mas Chagas (2005) alerta que esse quadro sustentado por Hugues de Varine não deixa de ser atravessado por “interesses políticos diversos e por disputas de memória e poder”:

O que não está explícito nesse esquema é que os termos território, patrimônio e população (ou comunidade) não têm valor em si. A articulação desses três elementos pode ser excludente e perversa, pode ter função emancipadora ou coercitiva (p.131).

A Casa de Memória e Cultura dos Januários se insere, a nosso ver, no tripé fundante do “Ecomuseu”. Nessa concepção museal, os habitantes atuam na construção de um museu que é para eles e que está voltado para sua história, memória e cultura. Em todo percurso pela memória do córrego, os Januários foram atores do processo de elaboração e execução de um “projeto” enunciado primeiramente por Toquinha, mas que passou a envolver toda a comunidade. O antropólogo Gilberto Velho (1994) faz uma interessante articulação entre “memória, identidade e projeto” que acredito também nos ajudar nessa reflexão:

O *projeto* e a *memória* associam-se e articulam-se ao dar *significado* à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*. (...) Na sociedade moderno-contemporânea o indivíduo está exposto a múltiplas experiências,

contraditórias e eventualmente fragmentadoras. A memória e o projeto, de alguma maneira, não só ordenam como dão significado a essa trajetória. (...) A memória é fragmentada. O sentido de identidade depende em grande parte da organização desses pedaços, fragmentos de fatos e episódios separados. O passado, assim, é descontínuo. A consistência e o significado desse passado e da memória articulam – se à elaboração de *projetos* que dão sentido e estabelecem continuidade entre esses diferentes momentos e situações (p.103).

O “projeto”, aqui, se referia em primeiro lugar ao apelo de memória de Toquinha, que expressava uma necessidade de colher os cacos da história de sua comunidade e compor um mosaico que possibilitasse resistir à desmemória e revelar a polifonia daquele solo mineiro. Um “projeto” que também nos remetia a consolidação da casa no sentido da materialidade do espaço e dos suportes que iriam acolher o acervo de memória, e finalmente um “projeto” que apontasse como tal processo seria conduzido para que esse espaço de memória fundado nas bases da nova museologia, viesse a ter, como nos diz Chagas (2005), uma “função emancipadora”. Para isso, no entanto, acreditávamos ser preciso considerar uma face importantíssima do “projeto” como nos explica Velho (1994):

Por outro lado, o projeto existe no mundo da intersubjetividade. Por mais velado ou secreto que possa ser, ele é expresso em conceito, palavras, categorias que pressupõem a existência do Outro. Mas, sobretudo, o *projeto* é o instrumento básico de *negociação da realidade* com outros atores, indivíduos ou coletivos. Assim, ele existe, fundamentalmente, como meio de comunicação, como maneira de expressar, articular interesses, objetivos, sentimentos, aspirações *para o mundo* (p.103).

As aspirações de Toquinha e da comunidade nos levaram a um momento crucial da jornada. No entanto, de posse de uma enorme quantidade de material escavado e de “olhos e mãos dadas” com os alicerces conceituais anunciados, nos perguntávamos: como iríamos transformar a casa de Bolívar, Floripes e suas filhas numa Casa de Memória e Cultura? Como apresentar os *contos e imagens* dos Januários? Como falar de Dedé e as jabuticabas de Tio Chico, alegorias de acolhimento e delicadeza? Como transmitir o legado de Tio Dionísio, Sebastião Lau, Izalino, Tia Fiinha, e tantos outros? De que maneira poderíamos expor a *grafia do olhar* daqueles fotógrafos de primeira viagem que produziram tantas imagens e narrativas? E a história dos fundadores? Como fazê-la circular e ser apropriada pelos descendentes? Em que suporte poderíamos narrar a história de Seu Agenorinho, o mais antigo contador da região? Como expor as tradições da



Broa, do tear de taboa, dos violeiros? E o projeto de memória itinerante? Como apresentar o inhapim pombo-correio e os numerosos postais que recebemos nas oficinas “Carta para-ti”? E quanto ao Clubinho de Leitura e sua pequena e preciosa biblioteca? Como criar um espaço de leitura para acolher não só as crianças e jovens leitores, que todo sábado já ocupavam um quarto da casa, como também os futuros leitores que ansiavam por participar? Tantas perguntas sem resposta! No entanto, começamos a vislumbrar o nascimento da Casa de Memória logo após a primeira viagem de Luis Vicente Barros ao Córrego dos Januários no final de dezembro de 2007. Toquinho o acompanhou nessa viagem, e eu fiquei aguardando as primeiras impressões de Vicente e Marcela Carvalho<sup>51</sup> naquela que foi a primeira de cinco viagens até a inauguração da Casa de Memória e Cultura. O relato de Vicente, a seguir, mostra o início do contato dele e de Marcela com a comunidade, revelando o olhar atento e sensível do professor aos recursos produzidos pela natureza local e que se constituem matéria prima de seu trabalho.

*Viajamos 9 horas de carro. Chegamos ao Córrego dos Januários e fomos para a casa da Jupira, prima de Toquinho, onde iríamos ficar hospedados. A casa da Jupira: linda e aconchegante, café e broa, muito carinho e o quarto dos pais para descansarmos. Demos uma descansada depois e por volta das 6hs fomos à casa de Toquinho, onde será a Casa de Memória, onde acontece o Clubinho de Leitura. Haviam várias crianças, estavam fazendo o natal deles e nos aguardavam. Eles leram poemas, recitaram versos, Juninho recitou um poema que gravou na memória. Os jovens Deo e Daiane leram o conto de Toquinho, essa era a primeira vez que as crianças liam e apresentavam contos e poesias. Toquinho ficou emocionada ao ver a apresentação que também era direcionada à ela. Os destaques da noite foram os vagalumes, muitos vagalumes que iluminavam o caminho fazendo parecer que o céu continuava na terra. O outro destaque da noite foi o feijão de Jupira, uma delícia. Todos os alimentos que comemos e bebemos foram produzidos ali, no próprio sítio de Jupira. O café, o milho da broa de milho, o feijão, a cana. No dia seguinte, saímos pela manhã para darmos uma caminhada e conhecermos os lugares e as pessoas. Nossa caminhada tinha como objetivo, ver os materiais disponíveis e conhecer as pessoas que poderão estar envolvidas com a produção da Casa. A primeira pessoa com quem conversamos foi o Zito, que logo nos ensinou como fazer a peteca com palha de milho. Na casa de Zito também vimos o barro branco que eles usam como cal para pintar as paredes, principalmente, em cima do forno de barro, que as paredes escurecem rapidamente. Ainda na casa de Zito, ele mostrou a taboa, e disse que acima da casa dele tinha um rapaz que fazia a esteira, esse mesmo rapaz depois descobrimos que é quem faz o balaio, e outros utensílios com bambu. Descobri que a taboa tem um pendão que tem uma paina, que eles usam de enchimento para travesseiro.*

<sup>51</sup> A designer Marcela Carvalho (24 anos) é casada com Vicente de Barros. Sensível e extremamente habilidosa com bordados, costuras e desenhos, Marcela foi de suma importância em todo o processo.

*Depois da casa de Zito demos uma passada na casa de Zé Barba, conversamos um pouco e fomos para a casa de Maria e seu Antonio para almoçar... Após o almoço eles nos mostraram a abóbora d'água seca, que fica que nem uma cabaça, e depois fomos até o coité, que também parece uma cabaça, de parede mais fina que a abóbora, vimos o coité no pé... Seguindo fomos até o pé da sapucaia, onde encontramos um fruto da sapucaia já caído sem as castanhas de dentro. Quem nos levou lá foi Zé do Carmo, ele que nos mostrou o pé do coité e da sapucaia, a cumbuca de abóbora era do terreno de seu Antônio<sup>52</sup>.*

Marcela e Vicente transitaram com delicadeza e firmeza no solo dos Januários e foram acolhidos rapidamente pela comunidade. No retorno ao Rio, conversamos muito. Ouvindo as percepções de Vicente, eu compreendia que tanto na escolha dos materiais encontrados no Córrego quanto no convite ao envolvimento da comunidade em cada passo do processo, desde as escavações até aqui, estavam presentes os fundamentos essenciais de um “museu comunitário” ou “ecomuseu” compreendido enquanto espaço de memória criado “com” e “para” a comunidade. O relato de Vicente prossegue:

*Depois dessa primeira viagem ficamos pensando em como utilizar esses materiais disponíveis na localidade como: taboa, bambu, alecrim, barro branco e outros a serem reconhecidos, que possibilitariam uma troca de saberes no uso desses recursos, buscando valorizar as soluções e técnicas tradicionais da própria localidade e convidando os moradores de Córrego dos Januários a participar da construção da exposição da “nova” Casa.*

Na primeira de uma série de encontros após o retorno do casal de Minas Gerais, Vicente nos colocou a questão que lhe pareceu crucial: “Como apresentar os “contos e imagens” de uma forma, que a própria exposição, manifestasse a qualidade poética do conteúdo, dialogando com os materiais e técnicas locais?”

Em nossas reuniões no Rio, o grupo composto por mim, Toquinho, Vicente e Marcela ia se afinando. De posse da planta da casa e dos desenhos e medidas feitas por Vicente, pensávamos a ocupação do espaço em torno de três ambientes principais: a sala de entrada apresentando o painel “Carta para-ti”, um segundo ambiente (antigo quarto) para o Clubinho de Leitura e a sala principal, onde estariam 13 “Estandartes dos Contos e Imagens dos Januários”.

A definição do estandarte como suporte foi decidida com rapidez. Todos nós, coincidentemente havíamos visto a exposição “Grande sertão: veredas” no

---

<sup>52</sup> Este texto faz parte do relatório escrito por Vicente após cada viagem ao Córrego dos Januários. Consideramos importante para uma melhor compreensão das etapas deste processo, seguir a narrativa de Vicente.

Museu da Língua Portuguesa, e tínhamos retido na memória a imagem de painéis de tecido com os escritos de João Guimarães Rosa suspensos no pé direito do salão. Esta lembrança nos inspirou na criação do suporte que iria acolher os “contos e imagens”.



Figura 138 - Imagem da exposição de Guimarães Rosa no Museu da Língua Portuguesa<sup>53</sup>

*Vicente: Antes da segunda viagem, tivemos algumas reuniões no Rio (Denise, Toquinho Marcela e eu), e conversávamos sobre a seleção do acervo (qual material da pesquisa entraria e qual não entraria na exposição), discutimos suporte e já partimos para a viagem com a idéia de utilizar impressão em tecido na forma de estandartes e painéis. Nesta fase, e durante todo o processo de concepção do espaço de memória, nosso trabalho foi de criar limites por meio dos suportes e formas, para pensarmos juntos um local ocupado com harmonia e leveza, algo que contasse toda a história da pesquisa, mas que pudesse ser lido de forma suave por todos os visitantes (moradores). Nesse momento, nossa atenção estava o tempo todo voltada para a ocupação desse espaço, de forma que ele tivesse as informações necessárias, e que ao mesmo tempo passasse a qualidade da “delicadeza”, que estava presente no conteúdo do que estaria sendo apresentado.*

Vicente, Toquinho e eu voltamos a Minas em abril de 2008, com o objetivo de definir a ocupação do espaço.

A sala de entrada seria composta por um painel contando sobre o espaço; o painel “Carta para-ti”, com as imagens de alguns postais e bolsos-correio que

<sup>53</sup> Instalação Grande sertão: veredas, concebida por Bia Lessa para a inauguração do Museu da Língua, São Paulo, março de 2006.

serviriam para fazer a correspondência entre os visitantes e os moradores; e um terceiro painel, que poderia ser um móvel, o qual apresentaria o processo de correspondências e as imagens das oficinas no Rio de Janeiro e em Paraty. Na sala principal estariam os estandartes, que seriam 13, impressos frente e verso. Chegamos nesse número fazendo uma previsão com o estandarte que levamos e que nos auxiliou neste cálculo. Além dos estandartes da sala de exposição, também seriam confeccionados quatro estandartes de Santos que seriam utilizados na procissão de inauguração da casa.

Em todas as viagens fazíamos reuniões com os moradores sempre coordenadas por Toquinha. Nessa etapa, apresentamos aos Januários o que havíamos pensado para a exposição e encaminhamos vários assuntos como a escolha da cor da pintura da casa, dos voluntários para o mutirão de reforma do telhado, portas e pintura, o cronograma do dia da inauguração, que envolveria uma procissão e missa, etc. Vicente em seu diário de viagem, destacou um sentimento que predominou em todos nós no final daquela noite:

*Alegrou-me o envolvimento de todos na preparação da casa e da inauguração. As pessoas se organizando e se apropriando daquele espaço, pensando junto qual era a melhor forma para fazer a inauguração.*

Um dos itens resolvidos nessa reunião envolvia a encomenda de balaios de taquara que serviriam como luminárias em alguns ambientes da Casa de Memória. Caminhamos quase uma hora até a casa de Seu Luís, o fazedor de balaios do Córrego, e Vicente combinou que na próxima lua minguante voltaria para o ver trançar os balaios, de modo a registrar todo o processo.

Um dos objetivos desta viagem era testar o ambiente que seria ocupado pelos estandartes, como narra Vicente:

*Havia um modelo de estandarte, que levamos para experimentar e estudar a ocupação do espaço. Para experimentarmos os estandartes que Marcela havia feito, fui ao bambuzal na casa da Jupira, para tirar uma vara de bambu e estruturar o pano. Jupira me ajudou a tirar os bambus, fiquei impressionado com a facilidade de seus gestos e movimentos no meio do bambuzal. Pensei que para aquelas pessoas que estão ali, em contato com a natureza, toda essa prática era, ou poderia vir a ser uma prática cotidiana, ir à natureza coletar o material para produzir algo, ou o café, ou broa, coletando o milho... Mostrava uma integridade com o que era dado pela natureza, com o que estava a sua disposição, ao seu lado.*



Figura 139 - Vicente escolhendo bambu com Jupira

Na viagem seguinte de Vicente à Minas, permaneci no Rio para dar prosseguimento a uma outra etapa fundamental do processo: a edição do conteúdo a ser apresentado.



Figura 140 - Denise trabalhando

A partir da interlocução com Edervanio de Souza Lucas e Toquinha, debrucei intensamente no material escavado, nos contos e imagens que fariam parte dos estandartes e na seleção dos postais “carta para-ti” Edervanio, é hoje, estudante do quinto período do curso de Psicologia na UNEC – Centro Universitário de Caratinga e sempre participou com muito interesse de todo o trabalho. Esteve presente nas duas viagens do projeto “Carta para-ti” e colabora ativamente com o Clubinho de Leitura.

O estudante de psicologia aceitou com entusiasmo o convite para me auxiliar na decupação das imagens e narrativas escavadas com a comunidade. Elegemos como metodologia de trabalho, a leitura da dissertação de mestrado em

que Edervanio destacava tudo o que não poderia ficar de fora do espaço de memória.

***Edervanio:** Essa foto com essa frase que está embaixo, achei muito bonito isso aqui: “Esse homem ou mulher está grávido de muita gente...” Tá todo mundo em volta do Seu Agenor pra ver o que ele tem pra contar. O envolvimento das pessoas com o que ele tem pra contar (“Agenor, o Contador de Histórias”, Anexo 8.4.1). Depois aqui na p.33 “entendo fotografia como linguagem narrativa...”. As fotos que você trouxe no “Varal de Fotografias”. As pessoas viam as fotos e através do que elas viam iam lembrando de coisas, iam reproduzindo histórias. Os adultos viam as fotos, lembravam de alguma coisa e iam contando pras crianças (Estandarte “O Varal de Contos e Imagens”, Anexo 8.4.1).*

Nossa preocupação foi a de incluir todas as etapas do processo de arqueologia dos Januários, de forma a abarcar em eixos temáticos, a polifonia do povoado. A partir da leitura de Edervanio e de muitas reuniões com Toquinha, definimos o título dos 13 estandartes: “Era uma vez o Córrego dos Januários”; “Seu Agenor e Tradições de Domingo”; “Lembranças de Tapera”; “O Varal de Contos e Imagens”; “Cesto de memória”; “Luz e Calor”; “Terra e Memória”; “A Grafia do olhar I”; “A Grafia do olhar II”; “Histórias e Brincadeiras”; “Fotos Antigas”; “Dedé e Tio Dionísio”; “Carta para-ti”.

Enquanto isso, Toquinha acompanhava Vicente e Marcela na terceira viagem de preparação da Casa de Memória, em junho de 2008. Aprendi com Vicente que a lua minguante é o momento mais indicado para a coleta dos bambus.

***Vicente:** Conforme combinado, na lua minguante seguinte estávamos de novo no Córrego, para ver seu Luis trançar os balaíos e coletar os bambus para os painéis e estandartes. A espécie que utilizamos é conhecida cientificamente com o nome de bambusa tuldoídes, e se encontrava no quintal de várias casas no córrego, inclusive na casa da Jupira, onde estávamos hospedados. No bambuzal da casa da Jupira, tiramos 10 varas mais finas, quase todos do mesmo diâmetro. Para coletarmos os bambus mais grossos, fomos até o bambuzal da casa de Zé do Carmo e Adélia. Zé do Carmo logo se prontificou a retirar os bambus e desceu até o bambuzal que ficava na beira de um córrego para tirar as varas com uma foíce. Reconheci ali a diferença na relação com o material, o quanto é cotidiana a utilização desses materiais em seu dia-a-dia, já existe uma cultura de tirar o bambu lá para fazer cerca, ou os próprios balaíos, isso possibilita a manutenção dos bambus utilizados na exposição, pois eles se encontram acessíveis a eles, e reconhecidos por eles como o mesmo bambu que eles já utilizam.*

Observando uma técnica desenvolvida por algumas mulheres da comunidade para fazer redes de sinuca com barbante, Vicente e Marcela



sugeriram a adaptação de um tear para a confecção de um barrado para os estandartes e assim nasceu o grupo de “mulheres rendeiras” composto por Terezinha Jacinta da Silva, Adélia Maria Pereira e Judith Conceição de Souza Siqueira. Cada vez mais, os moradores se envolviam e deixavam sua marca na elaboração da Casa de Memória e Cultura.



Figura 141 - Terezinha Jacinta

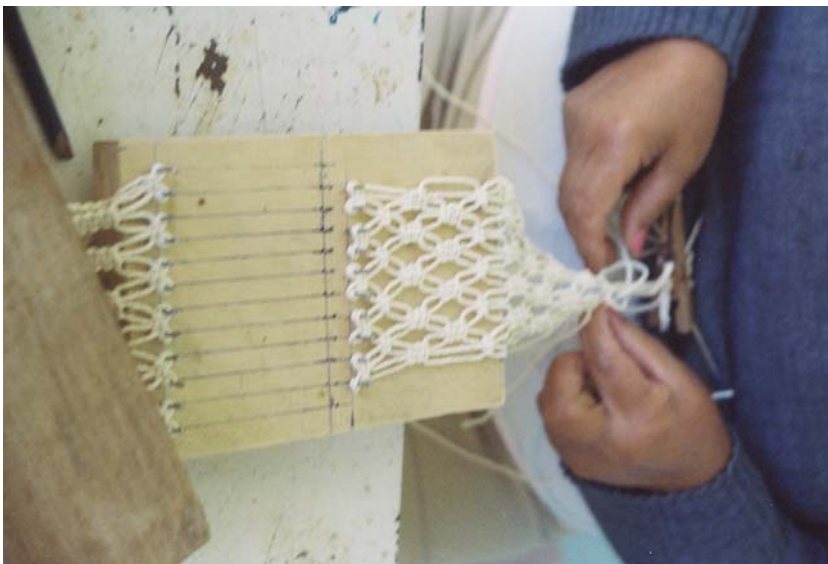


Figura 142 - Judith fazendo os barrados dos estandartes





Figura 143 - Judith e Adélia

Um outro ambiente iria acolher a menina dos olhos de Toquinha: o Clubinho de Leitura.



Figura 144 - O ambiente que se transformou no Clubinho de Leitura

O planejamento desse espaço envolvia tapetes, almofadas, prateleiras para os livros (buscando aproveitar as madeiras que já haviam de sobra na casa) e um

cesto-balaio para o livro “Família Januário” de autoria de Toquinha com ilustração do grupo de alunos. Na viagem de junho, Marcela reuniu as crianças para pintar uma lona crua que depois foi transformada em almofadas para o espaço do Clubinho de Leitura.



Figura 145 - Marcela e crianças  
(Foto de Toquinha)

Esta imagem me fez lembrar do desenho de Vicente na oficina “Carta para ti”. A roda como alegoria de brincadeira e da força do coletivo na realização de um propósito comum estava, a meu ver, materializada naquela foto feita por Toquinha.

Outra imagem colhida desta viagem à Minas me foi especialmente significativa. Toquinha registrou o processo de pintura da casa realizada por João Donato e Carmo Lucas, e a imagem mostrava de forma contundente que entrávamos na reta final de um projeto em que especialmente, Toquinha e eu, colocamos uma energia que desconhecíamos possuir e em que muitas vezes havíamos nos perguntado se conseguiríamos concluir.



Figura 146 - João Donato, Carmo Lucas e Renan

Em julho de 2008, um mês antes da inauguração retornamos ao Córrego para montagem e preparação do espaço para receber a exposição. Marcela ficou no Rio diagramando o material selecionado por Toquinha, Edervanio e eu, para ser impresso nos tecidos dos painéis e estandartes. Para esse momento do trabalho, Vicente convidou Giuliano, seu monitor na disciplina “Tópicos Especiais em Design XV” para auxiliá-lo. Logo que chegamos, Vicente levou Giuliano para conhecer a casa e confirmar a quantidade de bambus que precisavam ser preparados. Em seguida, os dois buscaram na casa de Jupira os bambus colhidos na lua minguante na viagem anterior.



Figura 147 - Vicente e Giuliano



Mais tarde, nos reunimos com vários membros da comunidade na casa de Joversino para um trabalho em muitas mãos. Vicente e Giuliano se dedicaram a cortar e lixar os segmentos da vara de bambu nos tamanhos necessários.



Figura 148 - Vicente e Giuliano

Enquanto isso, Toquinha e eu nos reuníamos com um grupo de mulheres para encher as almofadas preparadas por Marcela com os desenhos das crianças. Estes desenhos foram costurados por ela em tecidos coloridos produzindo um efeito muito bonito deixando a todos impressionados.



Figura 149 - Branca, Nizinha e Toquinha



Figura 150 - Rita, Nizinha, Toquinha, Judith, Adélia, Terezinha e Branca

Outro acessório para os estandartes também foi feito à várias mãos. Decidimos que as fitas de cetim dos estandartes trariam frases escolhidas pelo grupo diante de uma lista pré-selecionada por mim e Edervanio. De autorias variadas, mesclando a fala de moradores com os escritos de autores que me acompanharam em todo o processo, as frases transcritas pelo grupo do Clubinho refletiam a marca polifônica de nossa estratégia metodológica: “Porque se a gente não souber a história de onde a gente vive, esse lugar pode ser um tipo de lugar qualquer” (Jardel); “Recordar: do latim re-cordis, tornar a passar pelo coração” (Eduardo Galeano); “Se não tivesse o idoso passando pros filhos, pros novos, assim, se você não expressasse esse trabalho, quem podia contar as histórias de hoje? Quem podia falar alguma coisa desse nosso tempo?” (Seu Venário); “A memória é a mais épica das faculdades” (Walter Benjamin); etc.



Figura 151 - Janderson e Edilaine escolhendo as frases para as fitas



Figura 152 - Dayane, Denise, Edervanio e Edilaine escrevendo as fitas



Figura 153 - Edervanio, Lucas, Tiago, Rita, Janete, Janderson e Edilaine

A parceria de Vicente com Giuliano nos surpreendia a cada instante. Ainda naquela noite fomos para a Casa de Memória e observamos os dois confeccionarem, com o auxílio do bambu, dos coitês e das abóboras colhidas pelas crianças e adolescentes, criativas luminárias.



Figura 154 - Vicente e Giuliano





Figura 155 - Vicente montando a luminária feita de coité



Figura 156 - Luminária de coité

No domingo, antes do retorno ao Rio, Vicente e Giuliano, com os bambus lixados e preparados para sua função de suporte dos estandartes, fizeram um teste, e pudemos visualizar a sala que nos lembrava um “varal de estandartes”...



Figura 157 - Vicente, Giuliano e Denise



Figura 158 - Vicente e Toquinha

Vicente e Marcela utilizaram prioritariamente materiais como tecido, bambu, corda, barbante e coité na montagem da Casa de Memória. No entanto, Vicente nos alerta que o uso do bambu, assim como de outros materiais considerados ecológicos por serem de ciclo mais renovável (no caso do bambu, ele nasce em 7 anos) não resolve os impactos de um paradigma calcado na

exploração, no excesso, no consumo desenfreado e na cultura do descartável que ainda predomina em nossos dias.

*(...) Se você só coleta, só tira, você nem sabe plantar um bambu, se você não faz um manejo no bambuzal na hora que você vai coletar, você não tá pensando na manutenção do material que você tá usando. Porque a nossa cultura é extrativista. Só sabe tirar, a gente não sabe plantar. então, por exemplo, hoje é moda trabalhar com bambu. Lógico que é mais ecológico. Pro ambiente faz diferença porque o ciclo do bambu é mais renovável mesmo (7 anos). Mas não dá pra você achar que o material é que resolve a situação. Tem que pensar o sistema inteiro. Se você não mudar o sistema não vai adiantar nada. Se você continuar a fazer com o bambu a mesma forma que você fazia com os outros materiais antes, por mais que ele seja renovável não vai funcionar. Na situação que a gente tá, a gente não pode mais ficar produzindo em série tanto assim. Porque a gente só produz lixo. Tudo vai pro lixo depois porque no mês seguinte aparece uma coisinha diferente para ser consumida. Acho que hoje em dia o único jeito de tirar o humano do descaminho é por um contato muito direto com a natureza ser afetado por ela. Acho que só ela tem força pra isso. (...) E precisamos entender que o objeto e as pessoas não funcionam sozinhas. Tá tudo ligado. Eu acho que a grande questão é entender as relações.*

A crítica a uma concepção de progresso calcada na exploração da natureza, contida no discurso de Vicente, faz ressonância com a reflexão de Löwy (2005) sobre uma das teses sobre o conceito da história de Walter Benjamin:

A última parte da tese XI é de uma extraordinária atualidade: trata-se de uma crítica radical à exploração capitalista da natureza, e à sua glorificação pelo marxismo vulgar, de inspiração positivista e tecnocrática. Também nessa área, Benjamin ocupa uma posição singular no panorama do pensamento marxista da primeira metade do século. Antecipando as preocupações ecológicas do final do século XX, ele sonha com um novo pacto entre os humanos e seu meio ambiente (p.105).

Em referência a um dos textos de Benjamin de “Rua de mão única”, Löwy (2005) afirma que as teses de 1940 são como “uma espécie de *aviso de incêndio* dirigido a seus contemporâneos, um sino que repica e busca chamar a atenção sobre os perigos iminentes que os ameaçam, sobre as novas catástrofes que se perfilam no horizonte” (p.32).

Esta reflexão me faz pensar mais uma vez na dimensão onírica da experiência humana. Penso que muitas vezes, nos sonhos, “os sinos repicam”, o “alarme de incêndio” (Benjamin, 1994, p.45) se faz presente, nos levando durante o sono ao estado de *despertar*.

*Sonho<sup>54</sup> que Vicente vai a Polônia. Me espanto: fazer o quê? Ele não diz, só anuncia que precisa ir. Marcela também vai, mas só no dia seguinte. Muito tranqüila, ela me diz que o médico liberou. Mas fico inquieta: o que fará Marcela, grávida, na Polônia? O que de tão urgente leva este casal até lá?*

Acordo sem nada entender. No dia seguinte, vejo no Jornal Nacional: começou nessa segunda-feira, primeiro de outubro, em Poznań, na Polônia, a 14<sup>a</sup> Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas.

## 5.8 O Clubinho de Leitura

*Um livro, uma página de livro apenas, ou menos ainda,  
uma simples gravura em um exemplar antigo,  
herdado talvez da mãe ou da avó,  
poderá fertilizar o terreno  
no qual a primeira e delicada raiz desse impulso  
começa a se desenvolver.  
(Walter Benjamin, 1984, p.48)*



Figura 159 - Postal “Meninas lendo livro” escrito por Toquinha

Eu sou escritora, e fiquei muito emocionada ao ver duas crianças lendo meu primeiro livro: Dicionário de Lembranças. Eu gosto muito de ler e escrever. Você também gosta de escrever histórias? E de ler livros? Abraços!  
Maria de Lourdes

<sup>54</sup> Sonho da pesquisadora em 30 de novembro de 2008. Marcela estava então, grávida de 3 meses.



Um dos desejos mais antigos de Toquinha era criar um espaço de leitura em sua terra natal. A escritora das roças de Minas queria estimular o encontro entre as crianças e o livro pois:

Compreender o significado de ler e escrever como experiência cultural implica pensar a coletividade, o sentido da vida, da morte, da história, percebendo a dimensão formadora da leitura e da escrita para além do seu caráter instrumental (Kramer, 2003, p. 32).

Assim, em 2002, enquanto escavávamos o solo de memória do Córrego, Toquinha deu início a seu projeto mais precioso e criou o Clubinho de Leitura abrindo uma mala carregada de livros doados por “próximos”.



Figura 160 - Fundação do Clubinho de Leitura em 2002 – Crianças se inscrevendo



Figura 161 - A primeira mala de livros doados (2002)

*Toquinha: O Clubinho de Leitura é a menina dos meus olhos, pois sinto que ali é lugar onde eu dou continuidade a uma história. Para mim conhecimento só tem utilidade se é compartilhado, se entra na massa-do-bolo-do-mundo. Conhecimento trancado em mentes, por mais brilhantes que sejam, de nada servem se não transformam a realidade do mundo – ainda que o alcance do seu mundo, fisicamente falando, seja a casa do seu vizinho – ou a preservem, se for o caso. O saber, a experiência existe para nos enriquecer, para nos tornar melhores, homens melhores. Saber ler e escrever de verdade é a porta para a liberdade. E é pensando assim que eu me dedico ao Clubinho de Leitura. Neste trabalho coloco minha crença de que o que eu aprendi e me serviu de porta para a liberdade e para a minha afirmação como pessoa, de pouco terá serventia se ficar encerrada em mim. Eu quero transmitir o que recebi da vida.*

Como narrei no primeiro capítulo, meu encontro com Toquinha foi desencadeado a partir do curso de Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio em 1997. Escrevia uma monografia sobre a qualificação de babás e berçaristas e refletia sobre a construção do leitor/escritor nos cursos de formação de profissional de creche quando Luana me chamou para o lançamento de um livro de contos que Toquinha participava. Assim, conheci Maria de Lourdes e comecei a adentrar pelo Córrego dos Januários.

Relendo o artigo originado pela monografia, me deparei com o trecho onde escrevo sobre a importância da formação do leitor em cursos de profissionais de educação infantil e com uma citação do livro de Lygia Bojunga intitulado “Livro”. Na verdade, termino o artigo com ela:

E penso nos livros que estão à espera de todos nós, em algum lugar, aguardando pacientes um novo encontro. Sentimento este que Lygia Bojunga Nunes (1990) descreve lindamente ao descobrir uma nova face do livro: “*E tão encantada de ver a outra cara bonita que o livro me mostrou aquela noite: a cara da paciência. Ele espera pela gente. Feito coisa que ele sabe que o caso com a nossa imaginação vai ser tão mágico, tão sem limite, que vale a pena mesmo esperar*” (p.29). Um dos papéis dos profissionais envolvidos nos cursos de formação, é favorecer este encontro, encurtar essa espera, para que, quem sabe assim, possamos ver diminuída a distância que há entre leitores e livros, entre cursos de formação e a vida (Gusmão, 1997, p.91-92).

Encurtar a espera entre leitores e livros... Não podia então imaginar que a promessa contida ali não só viria se realizar como também teria o apoio da própria Lygia Bojunga! Nossa cadeia de “próximos” nos levou através da educadora

Francisca Valle<sup>55</sup> até o Projeto Paiol de Histórias da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga. Coordenado por Francisca, o projeto acontece em Pedro do Rio, distrito de Petrópolis (RJ).

Na primeira viagem que fiz à Pedro do Rio<sup>56</sup>, Toquinha me acompanhou e percebemos rapidamente uma “boa liga” se construindo.



Figura 162 - Toquinha, Lygia, Denise e Francisca

Em nossa conversa, a escritora nos falou um pouco do Paiol de Histórias e da Fundação Lygia Bojunga, criada graças ao prêmio ALMA.

***Lygia Bojunga:** O que motiva, o que empurra isso tudo é minha paixão pelo livro, que eu sempre tive. O culpado de tudo foi o Lobato que aos sete anos me tornou uma leitora apaixonada e desde então eu não me separei mais do livro. E além de ter sido o meu companheiro de toda a vida, de todas as insônias, um dia ele cisma de comparecer todo mês pra pagar as minhas contas. Então, é ou não é pra dar o troco? E o troco foi a Fundação Cultural que o prêmio Alma possibilitou. Este Prêmio foi da maior importância porque realmente possibilitou que eu fizesse essa pequena Fundação dentro dessa determinação que eu sempre tive de ser independente.*

Nosso encontro perto do fogo acolhedor da lareira do sítio “Boa Liga” revelou uma história que me tocou profundamente. Há quase dois anos atrás, pouco tempo depois de iniciar a Fundação, a casa de Lygia foi assaltada. Como

<sup>55</sup> Conheci Francisca Valle em 2007 através de minha rede familiar. Francisca, eu e Toquinha rapidamente percebemos uma grande sintonia em nossos propósitos e a partir daí estabelecemos uma importante parceria.

<sup>56</sup> O Projeto Paiol de Histórias funciona no sítio “Boa Liga” de Lygia Bojunga em Pedro do Rio, Petrópolis.



não encontraram nada de valor, os ladrões com raiva, atearam fogo na sala onde ficava a biblioteca da escritora, com um acervo criado por Lygia desde seus 7 anos. Lygia estava no Rio de Janeiro e assim que recebeu a notícia, subiu a serra e encontrou sua biblioteca totalmente destruída. No relato emocionado da escritora, percebemos uma grande dor mas também uma imensa determinação e força em prosseguir com seus objetivos. Um dos projetos da Fundação é doar pequenas bibliotecas para espaços que se propõe a trabalhar a formação do leitor. Que cruel ironia da vida! Pouco tempo depois desse projeto iniciar, a biblioteca de Lygia foi reduzida à cinzas. Apesar disso, ela permaneceu inabalável em seu projeto de “dar o troco” e ainda naquela noite soubemos que o Clubinho de Leitura, receberia da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, uma minibiblioteca.

Naquele mesmo dia, antes do encontro com Lygia Bojunga, Toquinho e eu fizemos uma oficina “Carta para-ti”, convidando os meninos do Paiol à conhecer através do varal de “contos e imagens” e dos postais, o Córrego dos Januários. A narrativa de Francisca nos leva novamente até aquela tarde de inverno no sítio “Boa Liga”:

***Francisca:** Naquela quarta-feira, 25 de julho de 2007, Toquinho leu, na roda, o livro “Guilherme Augusto Araújo Fernandes”, e lembro-me muito bem que ao terminar a leitura, Lorraine, uma de nossas crianças, estava tão emocionada que bateu palmas e todos a seguiram. Que força tem um livro bem escrito, na voz de um leitor! Neste dia, a roda de histórias foi seguida da “leitura” do Varal de Fotos dos Januários, preparado harmoniosamente por Denise e Toquinho, partindo do estandarte até a mesa onde os postais e a caixa de correio esperavam por nós e pelas nossas respostas. Conhecer e reconhecer pessoas, gostos e fazeres através de cartões postais. Que idéia bonita! Simples e direta. E cada um de nós escolheu um postal para responder e ilustrar.*

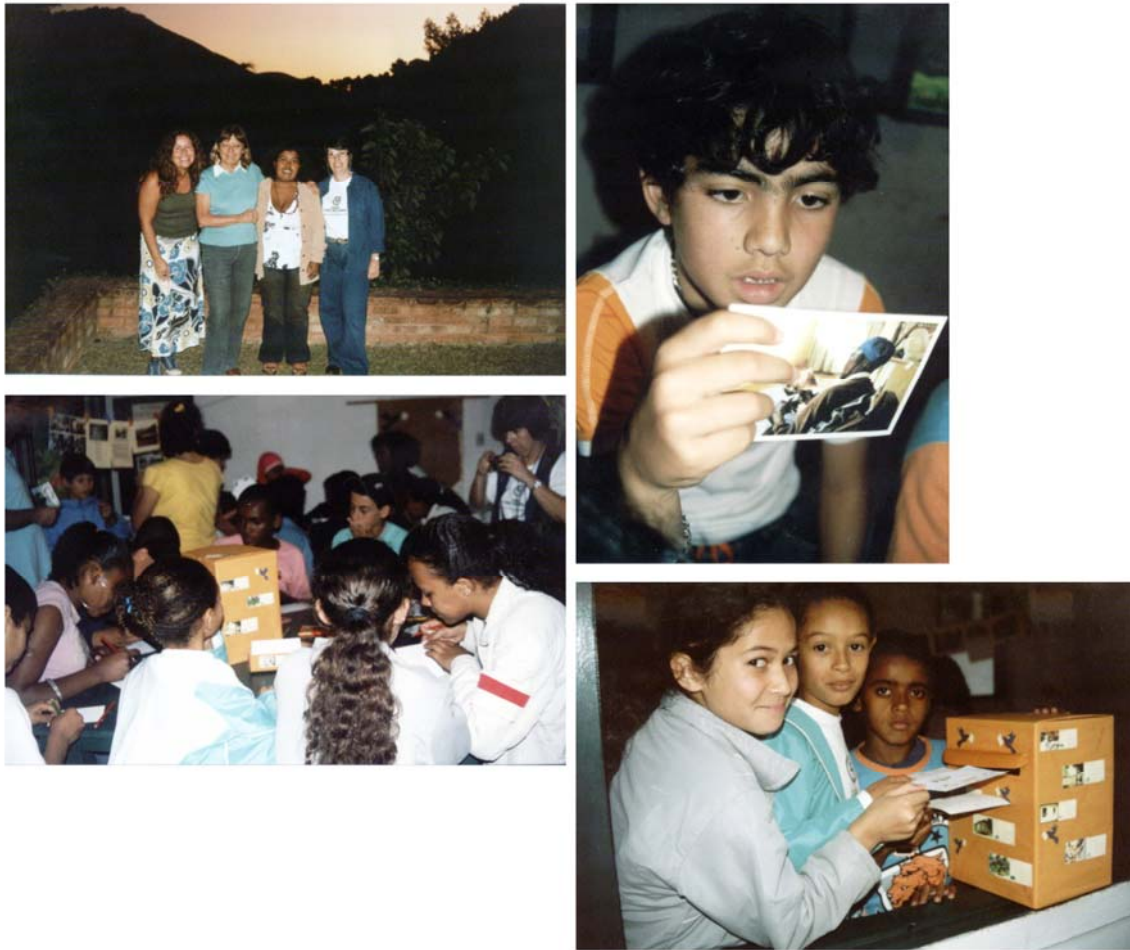


Figura 163 - Oficina “Carta Para-ti” no Paiol de Histórias

**Francisca:** Na semana seguinte, na nossa rodona costumeira, avaliamos-rememorando aquele dia. “Toquinha escreveu um livro e contou a história do lugar dela” (Bruno), “as fotos me fizeram lembrar Sardual” (Juninho), “respondi para alguém que perguntou se eu gostava de música e de estudar. Gostei desta forma de me comunicar” (Felício,) “achei lindo o estandarte” (Larissa), “Toquinha contou porque o apelido é este se o seu nome é Maria de Lourdes” (Pâmela), “mandei meu postal para uma senhora que estava com uma vassoura de alecrim varrendo o quintal, “minha vó faz vassoura com varetinha de bambu” (Amanda), “eu também escrevi para D. Zilmar que fez a vassoura de alecrim e gostei da experiência de escrever para alguém de longe” (Thiago), “o pássaro inhapim é que deu o nome à cidade” (Luis Felipe), “tia Felícia tem o mesmo nome do Felício” (Bianca). No nosso varal de lembranças ficaram estas e muitas outras porque neste contexto “conhecimento e sensibilidade, linguagem e vida estavam indissociáveis” conforme Denise escreveu na sua dissertação de mestrado, inspirada em Bakhtin.



Figura 164 - Grupo do Paiol de Histórias

A partir do contato com o trabalho sensível de Francisca, Toquinha e eu começamos a pensar na troca de postais como mais uma estratégia para *encurtar a espera entre leitores e livros*. Afinal, não basta a existência de um acervo literário para que os leitores se constituam. Possuidora de um rica experiência atravessada pela literatura, Toquinha desejava compartilhar sua paixão pelos livros como quem defende a convivência com Monteiro Lobato, Clarice Lispector e tantos outros, como um direito inalienável da vida.

*Toquinha: Eu sei que os livros são bons companheiros, mas isso para muitos é segredo. É preciso ajudá-los a desvendar mistérios nas entrelinhas, a apaixonarem-se por um texto por dentro das capas. Eu rio sozinha lendo as trapalhadas e as inteligentes tiradas da boneca Emília, personagem de Monteiro Lobato. Quanta personalidade para um boneca de pano! E os poemas de Drummond? Os textos de Clarice Lispector? O que dizer do poeta Manoel de Barros? E os poetas populares? E pela palavra e pelas cores eu conheci Frida Kahlo, e me emocionei... Eu só quero ajudar que as palavras se aproximem mais dos meninos da minha terra, e de outras terras também...*

Em outubro de 2007, as crianças e jovens do Paiol de Histórias começaram uma correspondência<sup>57</sup> com o Clubinho de Leitura tendo como foco o LIVRO. A troca de postais se transformou num grande estímulo para que os meninos do Clubinho se aproximassem do valioso acervo recebido da Fundação Lygia Bojunga. Deste acervo, constam livros de Bartolomeu Campos Queirós, Sílvia

<sup>57</sup> Ao longo do segundo semestre de 2007, fiz algumas viagens à Pedro do Rio onde levava a correspondência dos meninos do Clubinho de Leitura e trazia a resposta dos meninos do Paiol de Histórias.

Orthof, Ana Maria Machado, Eva Furnari, Francisco Gregório, Ziraldo, José Paulo Paes, Manoel de Barros, Cecília Meireles, etc, além da coleção completa de Lygia Bojunga.

A proposta que formulamos ao grupo do Paiol de Histórias, envolvia a partilha, através de “cartas para-ti”, da experiência deles como leitores. Esta estratégia metodológica se inspirou em Kramer (2003) que destaca a importância de pensarmos a leitura como experiência:

Levar algo da leitura para além do seu tempo, para além do momento mesmo em que se realiza: aqui se reside a dimensão da experiência. (...) Quando penso na leitura como experiência (na escola, na sala de aula, ou fora delas), refiro-me a momentos em que fazemos comentários sobre livros ou revistas que lemos, trocando, negando, elogiando ou criticando, contando mesmo. Situações em que – tal como uma viagem, uma aventura – fale-se de livros e de histórias, contos, poemas ou personagens, compartilhando sentimentos e reflexões, plantando no ouvinte a coisa narrada, criando um solo comum de interlocutores, uma comunidade, uma coletividade. O que faz da leitura uma experiência é entrar nessa corrente onde a leitura é partilhada e onde tanto quem lê, quanto quem propiciou a leitura ao escrever, aprendem, crescem, são desafiados.

Neste trabalho não vou me deter na análise do grande material colhido durante a troca das “cartas para-ti” mas quero registrar, através de dois exemplos, o valor desta estratégia metodológica para pensarmos a formação do leitor. Os dois postais que apresentarei a seguir foram escritos por Fabrício e Felipe do Paiol para Cássio e Jader do Clubinho.



Figura 165 - Cássio, Denise e Renan no Clubinho de Leitura – Córrego dos Januários



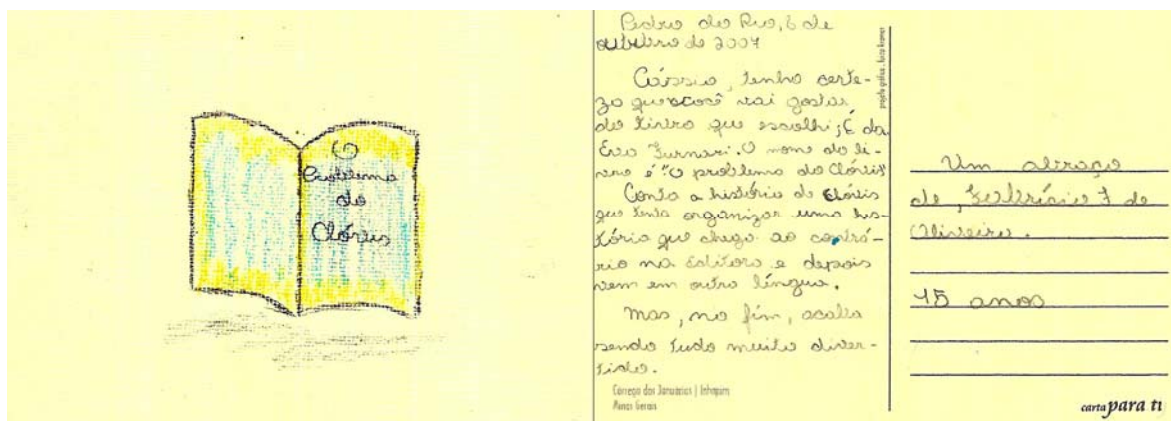


Figura 166 - Postal de Fabrício para Cássio

Pedro do Rio, 8 de outubro de 2004.

Cássio, tenho certeza que você vai gostar do livro que escolhi. É da Eva Furnari. O nome do livro é “O Problema do Clóvis”. Conta a história de Clóvis que tenta organizar uma história que chega ao contrário na editora e depois vem em outra língua. Mas no fim, acaba tudo muito divertido. Um abraço de,  
Fabrício F. de Oliveira. 15 anos

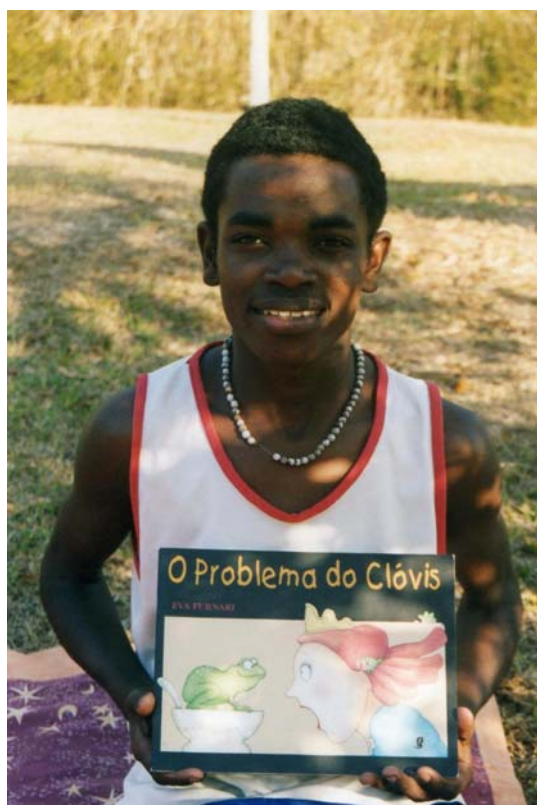


Figura 167 - Fabrício

A “carta para-ti” de Fabrício traz a intenção de despertar interesse no leitor do Clubinho. Sávio, irmão de Cássio, decidiu responder à Fabrício e revela na ilustração de seu postal, uma “leitura” de “O problema de Clóvis”, antes mesmo de tê-lo nas mãos.

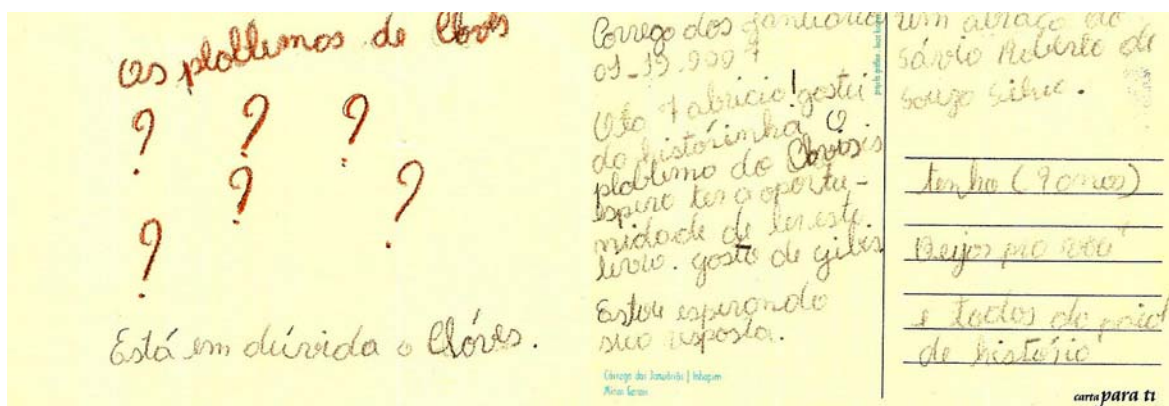


Figura 168 - Postal de Sávio para Fabrício

Córrego dos Januários, 01-12-2007

Olá Fabrício! Gostei da historinha “problema do Clóvis”. Espero ter a oportunidade de ler este livro. Gosto de gibis. Estou esperando sua resposta. Um abraço do Sávio Roberto de Souza Silva. Tenho 9 anos. Beijos pra você e todos do Paiol de História.

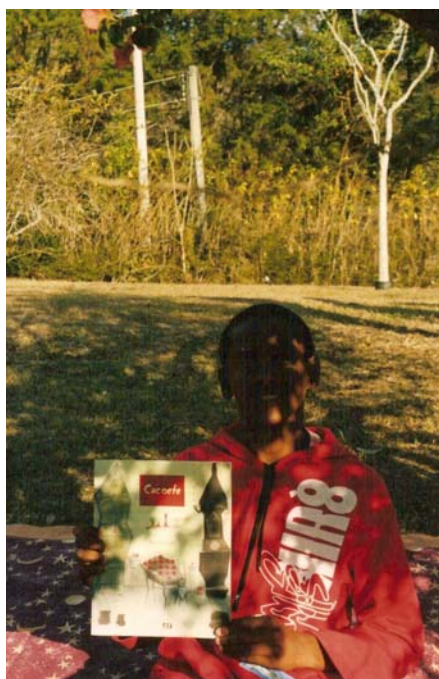


Figura 169 - Felipe

No exemplo a seguir, Felipe faz uma criativa brincadeira com o título de um de seus livros preferidos:



Figura 170 - Postal de Felipe para Jaider

Pedro do Rio, 8 de outubro de 2007

Jaider, Eu não acho, eu tenho certeza que quando você pegar o “Cacoete” para ler, você vai gostar muito dele, porque ele é um livro bom e engraçado. Você pode viajar muito lendo este livro escrito pela Eva Furnari. Um grande abraço do Felipe 14 anos

A resposta ao postal de Felipe foi feita à várias mãos:



Figura 171 - Postal do Clubinho para o Paiol

Para o paiol de histórias inspirado no postal do Felipe.

Nós do Clubinho de Leitura gostamos muito da ideia de pegar o “cacoete” de ler livros. Essas cartinhas contagiam e nos deixam curiosos para ler estes livros. Abraços!

Jaider, Branca, Mª de Lourdes, Sávio Roberto, Caio Alexandre, Larissa, Talles, Cássio, Edervanio, Renan, Denise, Mirian, Rita Dias.

A feliz expressão “pegar o cacoete de ler” que emergiu desta correspondência entre o Paiol e o Clubinho, revela a fertilidade de práticas de incentivo à leitura que se fundam na experiência, na narrativa, no encontro. As “cartas para-ti” ao provocarem o diálogo entre os meninos de Minas e o grupo de Petrópolis, se tornaram ponte entre leitores e livros, *encurtando essa espera*. Pois:



Compreender o significado de ler e escrever como experiência cultural implica pensar a coletividade, o sentido da vida, da morte, da história, percebendo a dimensão formadora da leitura e da escrita para além do seu caráter instrumental (Kramer, 2003, p.32).



Figura 172 - Grupo do Clubinho de Leitura: Branca, Rita, Mirian, Jaider, Larissa, Renan, Cássio e Caio



Figura 173 - Francisca, Denise e grupo Paiol de Histórias – Sítio Boa Liga-Pedro do Rio, Petrópolis-RJ

*Francisca Valle: Além das imagens, das fotos, nossa memória está enriquecida pelos livros, pelas leituras que fazemos: em Pedro do Rio, Petrópolis e no Córrego dos Januários, em Inhapim – no Paiol de Histórias e no Clubinho de Leitura. Da leitura do mundo à leitura da palavra, já nos ensinou Paulo Freire.*

A correspondência entre o Paiol e o Clubinho tramada pelo afeto e interesse no universo literário faz parte de um livro que organizamos e se encontra hoje no Clubinho de Leitura na Casa de Memória e Cultura.



Figura 174 - Menino vendo o livro do Projeto “Carta para-ti”  
(Foto de Ana Andrade)

Além de uma minibiblioteca e das almofadas pintadas pelas crianças, o Clubinho de Leitura conta também com o que denominamos de “Painel dos Escritores”.



Figura 175 - Larissa  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 176 - “Painel dos Escritores” na sala do Clubinho de Leitura  
(Foto de Ana Andrade)

Neste painel, apresentamos postais de alguns escritores e professores que como “próximos” (Ricoeur, 2007) participaram de alguma forma de nosso percurso na consolidação da Casa de Memória e Cultura dos Januários. Dentre as “cartas para-ti” endereçadas ao Clubinho de Leitura, está a do escritor Daniel Munduruku destacada no capítulo anterior e a de Lygia Bojunga:





Figura 177 - Lygia escrevendo postal para o Clubinho



Figura 178 - Postal de Lygia Bojunga para o Clubinho de Leitura

Para o Clubinho de Leitura do Córrego dos Januários o meu abraço muito afetuoso e meus melhores votos de que o Clubinho e o Paiol de histórias continuem sempre ligados, e que todos vocês continuem ligados ao livro. Boa sorte no caminho de cada um.  
Lygia Bojunga

A presença dos postais das professoras Solange Jobim e Sonia Kramer no “Painel dos Escritores” nos remete mais uma vez aos “próximos” da pesquisadora. Ao longo de toda a trajetória desta pesquisa, a prof. Solange Jobim e Souza não só me orientou no arcabouço teórico que dá sustentação à este percurso de memória como também se colocou ao meu lado no compromisso ético e político de consolidar a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. A professora

Sonia Kramer é fonte inspiradora de todo processo de construção do conhecimento que atravessou esta pesquisa e que se iniciou em 1995, no curso de Especialização em Educação Infantil da PUC-Rio.

Ao tê-las como “próximas” durante todos esses anos, sou sabedora do valor que possuem não só para mim mas principalmente para todos que se sentem comprometidos na luta por uma educação contra a barbárie. Esta consciência me levou a querer apresentá-las para as crianças, jovens e professores que trabalham e trabalharão com o Clubinho de Leitura. Através de seus textos escritos nos versos dos postais, Solange Jobim e Sonia Kramer deixam mensagens sensíveis reforçando um pensamento, que ambas comungam, de que conhecimento e vida são indissociáveis:

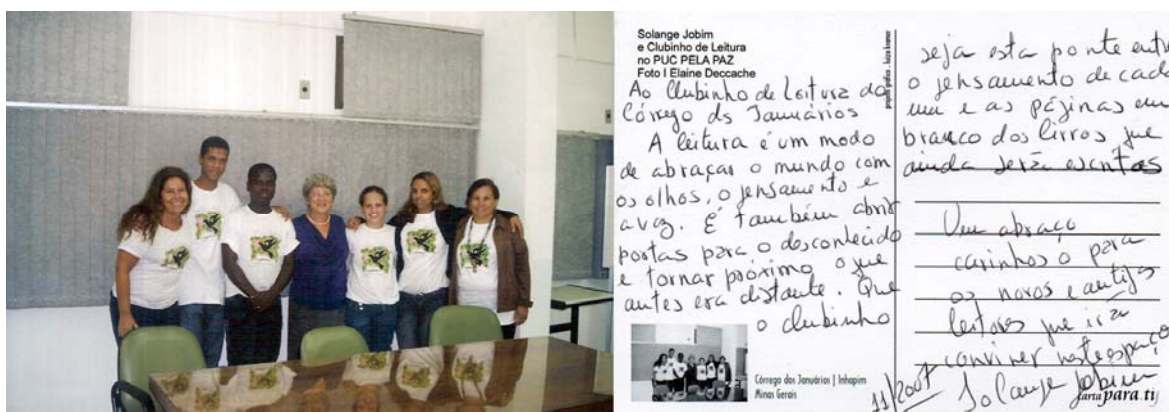


Figura 179 - Postal de Solange Jobim para o Clubinho de Leitura

Ao Clubinho de Leitura do Córrego dos Januários,  
 A leitura é um modo de abraçar o mundo com os olhos, o pensamento e a voz. É também abrir portas para o desconhecido e tornar próximo o que antes era distante. Que o Clubinho de Leitura seja esta ponte entre o pensamento de cada um e as páginas em branco dos livros que ainda serão escritos. Um abraço carinhoso para os novos e antigos leitores que irão conviver neste espaço,  
 Solange Jobim



Figura 180 - Postal de Sonia Kramer para o Clubinho

Ao Clubinho de Leitura:

Escrevo para contar que a leitura para mim é aventura. Os livros me ensinam, me movimentam, desafiam, sensibilizam, humanizam. E vocês? O que os livros e a literatura provocam em vocês? Um beijo da  
Sonia Kramer

Diante destes postais, encontro nos escritos de Benjamin (1995) uma forte identificação:

Entre os postais de minha coleção, havia alguns cujo texto escrito no reverso se fixou mais nitidamente à minha memória que a própria imagem. Traziam uma assinatura bela e legível: Helena Pufahl. Era minha professora. O P com que começava era o de pontualidade, de primor, de pundonor; o F indicava fidelidade, fervor, fortaleza, e quanto ao L final, parecia ser o de leveza, de louvor, de lirismo. Portanto, se aquela assinatura consistisse apenas de consoantes, como numa língua semita, teria sido não só a sede da perfeição caligráfica, mas também a fonte de todas as virtudes (p.92).

Mas há ainda um “conto e uma imagem” deste painel que quero destacar: A fotografia de Toquinho ao lado da estátua de Carlos Drummond de Andrade acompanhada do trecho de seu conto inédito “Convite” dedicado ao poeta mineiro:



Figura 181 - Toquinho junto da estátua de Drummond, em Copacabana - RJ

O café esfriava na xícara enquanto eu relia e via, por entre as bananeiras dele, a minha mãe. Entre as laranjeiras, a casa que tinha cheiro de café bem de manhãzinha e os jardins de rosas brancas e dalias coloridas. Um grito de mãe chamando menino pra dentro de casa porque já é noite. Minha boca recuperara um sorriso que andava distante e uma saudade grande como poucas. (...) Ele, a essa altura, devia estar em casa brincando de esconde-esconde com as palavras. Ou talvez estivesse junto de mim, e isso seria uma honra, mostrando o caminho menos



difícil para quem deseja ser um escrevedor de lembranças, sonhos e de sentimentos.

Como “escrevedora de lembranças, sonhos e sentimentos”, Toquinho vislumbra um mundo onde a poesia e os poetas façam parte do cotidiano de todos. Solange Jobim e eu nos aliamos a esse projeto e acompanhadas também pelo pensamento de Kramer (2003), vemos o Clubinho de Leitura como um espaço de educação contra a barbárie:

A humanidade não resolveu seus mais básicos problemas de aceitação do outro, de reconhecimento das diferenças e da pluralidade, e é contra a injustiça e a desigualdade que marcam a história humana que precisamos direcionar nossas ações educacionais e culturais. Devemos resistir a um presente e a uma história de barbárie e opressão. E falo disso não porque suponho de modo leviano que a leitura e a literatura podem ser panacéia, antídoto ou vacina, mas falo como uma idéia que me persegue, como um alerta. Continuamos assistindo a uma brutal diminuição da capacidade de indignação, resistência e de crítica, a um atroz (des)humanização e perda de valores, ao progressivo empobrecimento do diálogo. O avanço científico e tecnológico tem servido para manter a desigualdade ao invés de contribuir para melhorar as condições de vida das pessoas. Educar crianças e jovens neste contexto é um dos nossos desafios. Trabalhando com leitura, literatura e formação, nosso horizonte precisa ser: humanização, resgate da experiência humana, conquista da capacidade de ler o mundo, de escrever a história coletiva, de expressar-se, criar, mudar (p.31-32).

Em total sintonia com Kramer (2003), Toquinho afirma:

*Lá no Clubinho de Leitura está a promessa de muita diversão, de aprendizado, de ter meninos mais valorizados pelo que são, pelo que sonham. Meninos incentivados a desejar e criar mundos novos, outros caminhos, trilhas próprias para a felicidade merecida.*



Figura 182 - O Clubinho de Leitura no dia da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)

## 5.9

### Portas abertas: chega o dia da inauguração<sup>58</sup>



Figura 183 - Convite da inauguração- Arte final:Aline Jobim

<sup>58</sup> A narrativa deste trabalho se dá no entrelaçamento de palavras e imagens onde múltiplas vozes e olhares se colocam. Neste momento do texto em que é preciso apresentar o ponto culminante deste percurso de memória, este estilo de narrativa polifônica ficará ainda mais explícito.

### 5.9.1 A preparação da casa

Na viagem de julho de 2008 à Minas, Vicente e Giuliano prepararam a iluminação da casa assim como os suportes de arame onde ficariam os estandartes da sala principal. Enquanto isso, no Rio de Janeiro, Marcela fechava todos os arquivos dos estandartes e dos painéis “Carta para ti”, “Maria de Minas” e o Painel dos Escritores para mandar para o Studio Alpha, local onde foram impressos os panos.

***Marcela:** A seqüência narrativa da exposição foi algo muito conversado sempre em nossos encontros e por ser tão “especial”, foi nossa última grande realização. Denise e Toquinho conseguiram fazer uma surpreendente síntese e eu fiquei encarregada de fazer a diagramação. A diagramação dos 13 estandartes frente e verso foi toda feita durante os 4 dias de viagem de Vicente, Gil, Toquinho e Denise para o Córrego. Como eles estavam lá e eu aqui, pensava muito neles, no que estavam fazendo, em que pé estaria a montagem, se a diagramação estaria de acordo com o espaço. Comigo eu levava algumas anteriores imagens e contos do Córrego e essas se cruzavam com as imagens relatadas por Denise. Imagens geradas naquele produto que estava sendo criado para aquele espaço, e imagens do desejo de ver todos os que eu já conhecia, os que eu não conheceria e os que eu viria a conhecer, todos, todos reunidos em um grande cruzamento de memórias e atualidades, imagens e contos individuais, coletivos, de lembranças, de “inventanças”, e de projetos, imagens projetadas do futuro.*

***Vicente:** Esse último mês de trabalho foi o mais intenso. Era ajustando arquivos no computador, costurando estandartes e painéis, negociando o tempo das impressões na gráfica, para que tudo estivesse pronto no dia da inauguração. Nossa casa durante duas semanas se transformou num ateliê, eram panos impressos na sala para serem cortados no formato do estandarte, os cortados numa pilha ao lado da máquina de costura para serem costurados, o computador ligado para acertar os últimos arquivos, dos painéis dos escritores e o Maria de Minas, que contava a história de Toquinho. Tudo pronto, embalado e empacotado. Embarcamos para nossa última viagem ao Córrego.*

Por volta de 5 horas da manhã do dia 29 de agosto de 2008, Vicente, Marcela, Giuliano e eu chegamos de ônibus em Inhapim. Levávamos na bagagem todos os painéis a serem montados na Casa de Memória e Cultura: 13 painéis frente e verso para os estandartes, o Painel dos Escritores, o Painel “Carta para-ti” e o Painel “Maria de Minas”.

Ao chegar na cidade, Vicente e Marcela foram para o Córrego (à 6 km de Inhapim) encontrar Toquinho que chegara à Minas dias antes para junto com a comunidade tomar providências em relação aquele momento tão esperado e desejado por todos nós.

Quanto a mim, fui para um hotel da cidade. Era a primeira vez que eu não me hospedava na casa de moradores do Córrego. As casas na comunidade estavam lotadas, com muitos familiares vindos especialmente para a inauguração e precisávamos do hotel para receber um grande grupo do Rio de Janeiro.

Depois de um breve descanso, fui para a Casa de Memória me juntar ao grupo na preparação da casa para o dia seguinte. Logo que cheguei, me deparei com uma cena que daria o tom de todo aquele dia: mãos na massa! Toquinha passava barro branco no forno de barro, recém construído por João Donato para a cozinha externa da Casa de Memória e Cultura.



Figura 184 - Toquinha passando barro branco no forno de barro

A força do coletivo se revelou uma característica marcante em todo o percurso de memória no Córrego e não podia deixar de ser assim na véspera da inauguração. Todos preparando a grande festa. Um altar de bambu foi construído por José do Carmo e Tereza que também jogavam água no terreiro para assentar a poeira que estava intensa devido a forte seca na região.



Figura 185 - José do Carmo e Tereza preparando o altar para a missa

As mulheres rendeiras também estavam lá. Adélia passava uma cortina de chita para o armário da cozinha típica da roça diante do olhar de Judith enquanto Marcela passava o estandarte de São Januário para a procissão. Os estandartes de Santana, São Vicente de Paulo e Nossa Senhora Aparecida, aguardavam sua vez.



Figura 186 - Adélia e Judith





Figura 187 - Marcela

Quanto a mim, me juntei aos meninos do Clubinho e fomos primeiro colocar os postais nos envelopes de correio lindamente bordados por Marcela no Pannel “Carta para-ti”. Em seguida, montamos o móbile de fotos apresentando o processo das oficinas em Paraty e no PUC PELA PAZ.



Figura 188 - Larissa, Denise e Juninho  
(Foto de Giuliano)



Figura 189 - Edervanio, Dayane, Denise, Edilaine e Janderson  
(Foto de Giuliano)

Giuliano e Vicente trabalhavam sem parar na montagem dos 13 estandartes e eu ia ficando encantada com o resultado...



Figura 190 - Giuliano e Vicente



Figura 191 - Denise, Vicente e Giuliano  
(Foto de Toquinha)

Depois, Marcela deu os últimos retoques nas fitas dos estandartes dos santos em meio aos lindos barrados de barbante dos estandartes preparados pelas três mulheres do Januário.



Figura 192 - Marcela



No final do dia Toquinha nos surpreende mostrando seu feito: uma escada de bambu<sup>59</sup> para facilitar o acesso à Casa de Memória e Cultura.



Figura 193 - Toquinha

À noite voltei para o hotel de Inhapim e junto com Toquinha e Edervanio, recebemos Solange Jobim, Vicente Souza, Aline Jobim e minhas colegas do GIPS, Luciana e Elaine. Francisca Valle e Aparecida representando o Paiol de História, vieram de Petrópolis no mesmo ônibus que a fotógrafa Ana Andrade e Fátima, que trabalhou como assistente de Ana na cobertura fotográfica de tudo que estávamos prestes a viver.

Dois dias antes de sair do Rio, recebi a notícia de que o Projeto Comunicar da PUC-Rio mandaria um jornalista e um câmera para cobrir o evento. Na van da equipe que trouxe Carlos Heitor, Jorge e Aurélio, uma surpresa nos aguardava: Ângela Sampaio, esposa do prof. Augusto Sampaio (vice-reitor comunitário da PUC-Rio) e sua amiga Nair Mora vieram não só prestigiar a inauguração da Casa

---

<sup>59</sup> Toquinha que estuda Letras na PUC-Rio, estava matriculada na disciplina Tópicos Especiais em Design XV ministrada por Vicente e mostrou, orgulhosa, seu rápido aprendizado.

de Memória e Cultura como também conhecer a terra natal de Stella Matutina Chaves.

Assim que Solange encontrou Edervanio, lhe entregou uma declaração por sua participação como meu assistente de pesquisa.



Figura 194 - Edervanio recebendo carta de Solange Jobim

Por todo o vivido, aquela sexta-feira foi sem dúvida um dia para não esquecermos mas era preciso descansar para o dia da inauguração que enfim estava chegando.

### 5.9.2

#### O grupo do Rio de Janeiro no Córrego dos Januários

No sábado pela manhã, a equipe de reportagem da PUC saiu logo cedo para o Córrego. Com Toquinho por lá tomando várias providências para o evento de inauguração, me tornei cicero do grupo do Rio de Janeiro em Inhapim.



Figura 195 - Igreja Matriz de Inhapim  
(Foto de Ana Andrade)

Ângela e Nair estavam ansiosas para conhecer o Museu Casa do Bentoca onde Stella Matutina Chaves havia trabalhado. O historiador Aloysius, grande amigo de Stella e um dos organizadores do livro lançado em 2007 como narrei anteriormente, nos encontrou na porta do museu e nos guiou por lá.



Figura 196 - Elaine, Luciana, Francisca, Aparecida, Fátima, Nair, Ângela, Denise, Solange, Vicente, José Áureo e Aloysius  
(Foto de Ana Andrade)





Figura 197 - Aloysius, Nair e Ângela conversam sobre Stella no Museu do Bentoca (Foto de Ana Andrade)

Nair e Ângela foram colegas de trabalho de Stella no IRB há 30 anos atrás. Depois de se aposentar, Stella veio morar em Inhapim e nunca mais se encontraram. Embora o contato entre elas tenha sido pequeno, era visível as marcas deixadas por ela na memória dessas duas incríveis mulheres. E graças a essas impressões, elas estavam ali, tantos anos depois, adentrando no mundo de Stella Matutina profundamente.

*Nair: Tinha um restaurante muito bom, com lanche, ótimo, baratíssimo. A gente subia, sentava naquelas mesas que dava 4, 6 pessoas e ficávamos, mais ou menos procurávamos as mesmas pessoas. Minha irmã já trabalhava no IRB, e ela tinha lá o grupinho dela. A Stella de vez em quando aparecia com a Aída.*

*Ângela: O que é impressionante é o seguinte: um dia eu estava no serviço médico, e entrou a Stella e falou: vou me aposentar e vou pra Inhapim. Única vez que eu ouvi essa palavra, Inhapim. E aquilo, como é um nome diferente, aquilo ficou guardado, não sei por que, pra aparecer depois. Só por isso. E quando o Augusto falou, e eu comentei em casa, ó, tem uma coisa em Inhapim. E aí resolvi chamar a Nair e vir conhecer a cidade da Stella porque esse Inhapim ficou na minha cabeça, na memória. Aí ainda falei assim: Nair, você vê lá, seja franca comigo, porque é uma viagem longa, mas ela topou vir...*

Depois da visita ao Museu Casa do Bentoca, seguimos de volta ao hotel para nos arrumar e tomar o rumo do Córrego dos Januários. Aloysius, feliz com a possibilidade de falar de sua grande amiga Stella, levou Nair e Ângela até a casa do irmão da memorialista de Inhapim. Pela história que me contaram, parece que Stella estava esperando a visita:

**Ângela:** *Aquela senhora e o café... Foi tão bonito aquilo.*

**Nair:** *A Stella disse que quando ela recebesse alguma amiga dela, servisse café fresco.*

**Ângela:** *Nenhuma pessoa viesse aqui procurar por ela ou falar com ela que não saísse sem um cafezinho. E tinha que ser feito na hora. Fresco. Não podia ser da manhã, nem da tarde.*

**Denise:** *Quem falou isso?*

**Ângela:** *A Stella.*

**Denise:** *Mas quem é que falou isso pra vocês?*

**Nair:** *A empregada, a moça que toma conta do irmão dela.*

**Denise:** *E vocês tomaram o café?*

**Ângela:** *Tomamos. E ela fez depressa. Falamos: não precisa não. Mas ela foi fazer, fez questão.*

Entusiasmadas pela experiência de proximidade com Stella, Nair e Ângela juntaram-se à nós novamente e seguimos então até a roça para um almoço oferecido pela comunidade aos visitantes cariocas. Chegando lá, fomos caminhando até a casa de Jupira. A câmera de Ana Andrade capturou os primeiros instantes do grupo do Rio de Janeiro no Córrego dos Januários.



Figura 198 - Grupo do Rio indo para o almoço na casa da Jupira  
(Foto de Ana Andrade)

A chegada na casa com aquele grupo onde éramos esperados para o almoço me foi especialmente significativa. Em muitas viagens, fiquei hospedada ali, muito bem acolhida por Tio Dionísio e Tia Oscarina. E agora, através das filhas Jupira e Joana, sentia como se mais uma vez eles nos recebessem em sua casa...



Figura 199 - Casa da Jupira  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 200 - Toquinho, Fátima, Solange, Elaine, Ângela, Vicente Barros e Luciana  
almoçando  
(Foto de Ana Andrade)

***Vicente:** Para os convidados um grande almoço na casa de Jupira, daqueles de ficar horas sentado na mesa, conversando, comendo, repetindo, e foi tarde a dentro.*





Figura 201 - Vicente Barros, Toquinha, Ângela e Joana  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 202 - Denise conversando com o jornalista Carlos Heitor  
(Foto de Ana Andrade)

Depois do delicioso almoço, fomos para a Casa de Memória e Cultura. Estava ansiosa para mostrar o espaço para todos e especialmente para Solange que durante todos esses últimos meses apoiara intensamente todo o processo de preparação da casa mas sem ver a materialidade em que se transformara os “contos e imagens” do Córrego.



Figura 203 - Grupo do Rio conhecendo a Casa de Memória e Cultura horas antes da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 204 - Painei "Carta para-ti"  
(Foto de Ana Andrade)





Figura 205 - Denise e Solange Jobim  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 206 - Balaio que compõe a sala do Clubinho de Leitura  
(Foto de Ana Andrade)





Figura 207 - Denise mostrando o livro *Carta para-ti*  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 208 - Francisca, Aline Jobim, Denise e Toquinha  
(Foto de Ana Andrade)

***Toquinha:** Um dos momentos que mais me emocionou foi quando você me chamou lá no Clubinho para tirar foto. Estava tudo tão bonito! Foi o momento que eu parei, olhei para vocês e comecei a comemorar. Eu estava tão cansada e preocupada se tudo estava certo, se todos os convidados estavam chegando... Mas ali quando você me chamou eu percebi que tinha dado tudo certo. Que o que tinha sido possível fazer nós havíamos feito, e um pouco do impossível também. Missão cumprida. Foi tudo muito bonito, delicado. Do tamanho que deveria ser.*



Figura 209 - Toquinho  
(Foto de Ana Andrade)

Depois desta breve e emocionante apresentação, seguimos até a capela para a procissão que marcou o início do evento de inauguração.

### 5.9.3 A procissão e a missa: tem início a celebração



Figura 210 - Procissão saindo da Capela São Januário  
(Foto de Ana Andrade)

A comunidade se reuniu na capela de onde sairíamos caminhando até a Casa de Memória e Cultura. A procissão foi organizada pela catequista Jane de 39 anos e era possível observar um enredo naquele ritual onde as crianças tomaram a cena:



Figura 211 - Larissa, Luana, Kelly e Mayara  
Fotos e montagem de Aline Jobim

***Jane:** A gente quis expressar o que os antigos faziam. As meninas representavam as mulheres que lavavam roupas nas minas d'água e usavam panos na cabeça, e os meninos com enxada na mão representavam os lavradores, os pais de família que trabalhavam na roça para sustentar sua família. As crianças estranharam um pouco. Algumas até falaram “Eu acho que a minha avó nunca lavou roupa na mina”, e eu expliquei pra elas que deve ter lavado sim, só que nunca falou disso pra elas, e falei ainda que o “tanquinho” é uma coisa mais nova.*

Ao cair daquela tarde de 30 de agosto, começou a procissão iluminada pela luz do sol que caía e sinalizava a direção da casa. Os estandartes dos quatro santos foram acompanhados por uma imagem de cada um deles. Fui levando a imagem de São Januário. Edervanio ao meu lado, segurava minha dissertação de mestrado<sup>60</sup> enquanto várias crianças levavam os livros que produzimos. A idéia de Toquinha de carregarmos junto dos santos, esses objetos do acervo teve um efeito muito bonito.

<sup>60</sup> Fizemos uma encadernação especial da dissertação que hoje consta do acervo da casa de Memória e Cultura.





Figura 212 - Procissão indo para a Casa de Memória e Cultura  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 213 - Procissão chegando na Casa de Memória e Cultura  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 214 - Guilhermina, Denise, Bela e Adriana colocando os santos no altar  
(Foto de Ana Andrade)

Chegando a casa uma grande missa celebrada pelo padre José Lucas teve início:

*Edervanio: A procissão foi muito linda. A missa, como já é de tradição do meu tio Padre José Lucas, foi muito demorada e teve momentos bem marcantes que enfatizavam acima de tudo a união da Família Januário.*



Figura 215 - Começa a missa  
(Foto de Ana Andrade)





Figura 216 - Padre José Lucas  
(Foto de Ana Andrade)

*Vicente: A missa foi bem grande, o padre parecia estar tão feliz com aquela festa que não conseguiu parar de falar. Falou, falou...*

O Padre José Lucas foi especialmente convidado pela comunidade para o evento. Sua presença era tão importante que a data da inauguração foi marcada tendo como um dos critérios a disponibilidade do tio de Edervanio estar presente e conduzir toda a cerimônia religiosa de abertura da casa. Parecendo ter comparecido à missa, Halbwachs (2004) diz: “Ainda que um padre deva rezar sua missa na hora certa nada foi previsto quanto à duração exata de seu sermão (p.115)”.

Embora me sentindo ansiosa pela abertura da casa, foi comovente ouvir um sermão em sintonia tão forte com o valor daquele momento. O padre José Lucas conhece muito bem todos do Córrego e sua fala foi marcada por “causos” que evocaram muitos Januários como conta Nair:





Figura 217 - Nair na missa  
(Foto de Ana Andrade)

*Nair: Achei a missa empolgante, belíssima. Aquele padre falando: meu tio, o vovô não sei o que... Ele como memorialista, falando: você lembra daquela vez, aquela coisa, aquilo ali... aquilo não tem preço.*

Aquela celebração também foi preparada cuidadosamente por Dorvalina, irmã de Toquinha. A comunidade participou ativamente de todo o ritual.



Figura 218 - Dorvalina  
(Foto de Ana Andrade)



Figura 219 - O coral da missa  
(Foto de Ana Andrade)

Aos poucos, foi escurecendo e via ao mesmo tempo com apreensão e alegria as nuvens carregadas se aproximando. Há três meses não chovia no Córrego e os moradores estavam sofrendo com esta situação. Pouco antes do ofertório, Dorvalina colocou a dissertação em minhas mãos e pediu para eu levá-la junto com a oferenda das crianças até o altar. A imagem a seguir mostra um momento difícil de esquecer:



Figura 220 - Procissão do ofertório: Denise leva a dissertação até o altar  
(Foto de Ana Andrade)

Depois do ofertório, Ana Andrade capturou em suas lentes um dos momentos mais significativos de toda a celebração. Os livros e estandartes juntos, colocados como oferenda em frente ao altar, pareciam expressar a síntese daquele momento: uma celebração onde a reverência ao sagrado dialogava com a importância da história e da cultura dos homens.



Figura 221 - No final da missa  
(Foto de Ana Andrade)

No final da missa, o padre José Lucas convidou todos os moradores mais idosos a chegar na frente do altar e criou um bonito ritual, onde cada idoso se tornava padrinho ou madrinha de uma criança como conta José Inácio:

***José Inácio:** Muito beleza que teve lá, eu arrumei até um afilhado. Na última hora, o padre chamou a gente, pros meninos pegar na nossa mão lá. Eu gostei demais de chamar nós mais idoso. E nós foi. O menino pegou na nossa mão e aquilo agora vai até o fim da minha vida, né? Ele vai me respeitar e eu vou respeitar o menino. Gostei demais da conta, uai. Pra mim foi uma felicidade.*

E mais uma vez eu pensava na sintonia daquele momento com o eixo mais emblemático de nossa pesquisa intervenção: provocar o diálogo e o intercâmbio de experiências entre as gerações, valorizar os “olhos dados” entre idosos, adultos, crianças e jovens.



#### 5.9.4

#### Portas abertas: a casa dos Januários é inaugurada



Figura 222 - Toquinho  
(Foto de Ana Andrade)

A cerimônia de abertura da casa foi pensada e conduzida por Toquinho. Ângela Sampaio, dias depois no Rio, sintetizou o momento em que as portas da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários se abriram:

*Nesse momento solene da abertura, ela deu esse caráter solene da fita, eu achei tão bonito. Porque foi tudo colocado assim com uma importância muito grande. De você cortar, e ela falou: ao cortar, eu vou abrir o laço.*



Figura 223 - Padre José Lucas, Denise e Toquinha: Abrindo o laço  
(Foto de Ana Andrade)

***Toquinha:** Desfazer aquele laço de fita branca foi o ato mais importante que fiz na minha vida. De uma ousadia que só quem tem parceiros de confiança pode fazer. Aquele é um projeto para uma vida. Aquela casa está impregnada de um amor que constrói. E isso veio do meu pai, um homem de uma força incomparável apesar da fragilidade do corpo.*

Mais tarde, Edervanio também rememorou aquela noite: em seus escritos:

***Edervanio:** Antes da abertura da casa, algumas pessoas deixaram sua mensagem: Fernanda Chagas (Secretária Municipal de Educação), Áurea (Diretora da Escola Estadual Dr Guilhermino de Oliveira), Carmo Lucas (representando a Associação Comunitária), Francisca (Fundação Casa Lygia Bojunga), Solange Jobim (professora do Departamento de Psicologia da PUC-Rio), Toquinha e Denise. Em seguida Padre José Lucas deu a benção à casa e ela foi aberta. Muitas pessoas se emocionavam com o que viam, também me emocionei muito, mas me contive. Foi muito bom ver uma parte do sonho se concretizando. Sonho esse idealizado por uma brilhante iniciativa de Toquinha e Denise e abraçado por todos nós*



Figura 224 - A bênção da Casa  
(Foto de Ana Andrade)

*Vicente: Chegou o momento da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários ser entregue a seus moradores. Depois de tudo isso, até choveu no Córrego, chuva que não caía lá à meses, abençoando esse trabalho construído, tecido e impresso no diálogo, nas travessias, redinhas e balaies do Córrego dos Januários.*

Em sua análise, Vicente destaca o momento mais crucial de todo esse processo: a entrega da materialidade do percurso de memória vivido com os *Januários* e para os *Januários*.

No ensaio “Museu, literatura, memória e Coleção”, Mario Chagas (2000) concebe o museu como um lugar, *um canto propício para a experiência poética*:

O museu pode ser tanta coisa... mas, entre as tantas coisas que ele pode ser interessa pensá-lo como espaço de encontro, de convivência, de cantoria, de cidadania, de resistência, de lazer e de luta, tendo como pano de fundo a memória e o esquecimento, a preservação e a destruição. Interessa compreender, de mãos dadas com os poetas, que o problema dos museus não está nas coisas e sim naquilo que lhes confere sentido, que o não - tangível é capaz de alimentar o tangível com vida e movimento e que a experiência poética no canto museu pode subverter a ordem museológica estabelecida, criar novas possibilidades de leitura e gerar admiração, estupefação e assombro e com isso produzir conhecimento ali mesmo, no coração do inesperado (p.35-36).

A seguir, em sintonia com esta reflexão do museólogo, apresento algumas imagens daquela noite acompanhadas de impressões colhidas pelos gravadores de minhas colegas de pesquisa Elaine e Luciana e também escritas por Edervanio



dias depois da inauguração, onde procurávamos ouvir os ecos e sentidos produzidos pela comunidade diante da Casa de Memória e Cultura.



Figura 225 - Dia da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)

*Dorvalina (irmã de Toquinha): O que mais me marcou no dia da inauguração foi a história contada daquela forma. E ao ver as pessoas admirando o trabalho. Receber pessoas do RJ também foi emocionante, nos sentimos valorizados dessa forma. As pessoas que estiveram lá ficaram encantadas com a exposição. Me lembro quando encontrei o professor João Carlos, que trabalha em Ipatinga, lendo e observando a dissertação de Denise Gusmão. Ele disse pra mim que estava encantado com o projeto, que ele sabia do projeto mas não imaginava que estivesse organizado daquela forma e que nós precisamos divulgar o trabalho. É por isso que eu senti uma felicidade muito grande durante todo o processo que culminou com a inauguração em 30/08/08.*



Figura 226 - Terezinha, Conceição e Elizete  
(Foto de Ana Andrade)

***Tereza Dias:** Foi muito bom ver as fotos antigas de pessoas que a gente nem conheceu e saber das contribuições que eles trouxeram para a comunidade. A montagem da casa, dos painéis com as fotos foi bem diferente. Nunca vi nada igual. Os depoimentos que as pessoas deixaram demonstrando seus sentimentos também me emocionou muito. Nós devemos dar valor a nossa cultura. Essa casa pode trazer muitos benefícios para a comunidade.*



Figura 227 - Tio Cândido  
(Foto de Ana Andrade)

***Cândido:** Toquinha, eu to tão emocionado de ver o seu trabalho! Começou com você, né? E agora eu chego aqui, uma equipe do Rio! Eu fiquei tão entusiasmado, eu tô tremendo. Eu to vendo aqui os retratos que eu mandei pra você lá de minha casa lá em Manhuaçu. Inclusive a imagem do jardim da igreja onde eu trabalhei 36 anos, N. S. das Graças. Tá aqui o Sodofo (Adolfo), o compadre Astolfo, tá a patota toda aqui, foram no aniversário do meu filho. Eu to muito feliz. Ô Toquinha, continua assim, minha filha. Tá a família do Tio Lucas, tão bonito, né, a família do Tio Nestor, o Osvaldo e a Inês, então é uma alegria muito grande? O Sodofo e a Cínica (Nicênia) aqui, então a gente chora, porque é tão bom ver que dá pra chorar. To aqui fora deste Córrego você sabe muito bem, 47 anos que eu to fora daqui. Saí, deixei você menina, mamando aqui pra ver hoje você fazer esse trabalho, dando esse show!*



Figura 228 - Aline, Giliard (de costas), Dulcinéia e Marcos Paulo  
(Foto de Ana Andrade)

***Dorvalina:** A comunidade teve a oportunidade, através da Denise e Toquinha, de entrar em contato com pessoas (ligadas à cultura) que valorizaram a nossa cultura. Isso é maravilhoso. A comunidade se sente importante e aprende muito. Quando as crianças do Clubinho estiveram presentes na PUC PELA PAZ eu pude observar o quanto elas ficaram felizes por levar um pouco da história do Januário para uma das mais importantes universidades do país. Não tenho nem palavras para expressar o que sinto vendo isso acontecer. Gostaria que essas crianças não deixassem de valorizar suas raízes, assim como está fazendo a Toquinha. Nossos pais e avós não fizeram faculdade, mas a sabedoria que eles nos transmitiram é um legado que passará de geração em geração, É uma coisa muito sólida. Foi muito bom receber os cartões postais, foi ótima a experiência de compartilhar das nossas histórias e dos momentos bons que já vivemos, com pessoas sem essa oportunidade, nós nunca iríamos conhecer.*





Figura 229 - Aline, Giliard, Dorvalina, Maria do Rosário e Dulcinéia  
(Foto de Ana Andrade)

***Dorvalina:** A casa onde abriga o acervo da pesquisa realizada por Denise e Toquinho, pertenceu a Bolívar Martinho de Souza e Floripes Cândida de Souza, nossos pais. E me sinto feliz ao ver todo aquele material ali, contando a nossa história. É como se fosse um sonho, do qual me desperto e me dou conta de que é real. Estou realmente diante da nossa casa, repleta da história viva, da qual eu faço parte. Essa casa era o nosso cantinho. Papai faleceu em 30/07/82 e nos mudamos para essa casa em 02/11/82 e em dezembro minha mãe faleceu também. O que vejo nessa casa é o esforço do papai para nos dar um abrigo, apesar de muito novo, com apenas 54 anos, mas já cansado, sofrido, por causa da doença. Várias pessoas trabalhavam como voluntários ajudando-o a desaterro o lugar da construção, daí a razão da casa estar muito próxima à estrada, o desaterro foi feito a mão. Como não temos irmão (homem) ele não tinha ajuda na mão-de-obra e também não tinha dinheiro já que ele era aposentado por invalidez e recebia apenas um salário mínimo para nos sustentar. Eu sinto hoje uma alegria muito grande ao ver o espaço da nossa casa, que foi às vezes espaço de lágrimas, de saudade, ser transformado num lugar alegre e acolhedor. Agradeço a Deus e a todos aqueles que se empenharam nesse processo. Que façamos desse espaço realmente um ambiente de fraternidade e paz. Gostaria que várias pessoas, que já se foram, estivessem aqui para prestigiar o trabalho. Dedé, o seu sorriso marcou para sempre o Projeto Contos e imagens das Roças de Minas, que Deus a tenha.*

As fotos dos fundadores e o livro montado com o material da pasta Museu do Bentoca despertou muito interesse não só para Aloysius, Nair e Ângela pelas referências a Stella Matutina Chaves mas também e principalmente aos descendentes do fundador Joaquim José Ribeiro, ou seja, a quase todos os moradores do Córrego dos Januários.



Figura 230 - Aloysius, Nair, Ângela e Denise com o livro que conta a história da Fundação da Cidade de Inhapim (Foto de Ana Andrade)



Figura 231 - Antônio Inácio, João Donato, Julio e Mônica (Foto de Ana Andrade)

Marlene, irmã de Toquinha, destaca em sua fala, a importância subjetiva de ressignificar o lugar da família na história.

***Marlene:** E através desse trabalho a gente tá sabendo de história que a gente não sabia que existia na nossa família. Então quando a gente descobriu, eu fiquei surpresa, né. Como aquela dos avós ali, como que é Toquinha? Dos fundadores, né, eu não sabia. A gente tá sabendo agora que foi surgindo. A gente sentia assim que a gente era inferior a tudo, eu me sentia aqui, porque meu pai sempre foi uma*

*pessoa assim de dificuldade, a gente não tinha grandes recursos, era sempre com dificuldade. Então a gente se sentia inferior, tinha vergonha de entrar, entrosar, conversar e acabando a gente lá vai descobrindo que não é assim. Lá vai surgindo coisa aqui que tá ensinando a gente a viver. A vida da gente era assim, fechada, e agora tá se abrindo. As coisas lá vai chegando, lá vai conhecendo, lá vai informando e a gente tá entendendo o que foi que começou aqui. Eu achei muito importante.*

Os estandartes e painéis funcionam como suportes de memória no diálogo entre as gerações. Através da aproximação, visual e tátil, adultos relembram. As fotos antigas aproximam e criam elo entre os adultos mais velhos e um tempo não vivido pelos jovens e crianças. Nas narrativas, essas imagens ganham contexto e seus lindos tons preto-e-branco adquirem, nas reminiscências, outras cores, outros sentidos.

A narrativa vai sendo disparada por esses suportes e circula, transita na grande temporalidade e ao alargar a experiência, age a favor da humanização.

Mas a figura do narrador “encarnado” também apareceu naquela noite. Em uma das fitas do estandarte, Seu Agenor é apresentado por Claudia Bandeira: “Seu Agenor; contador de histórias, homem de prosa, brincador de palavras, baú de memórias, todo prosa, todo verso, todo narrativa, todo pleno de si”.

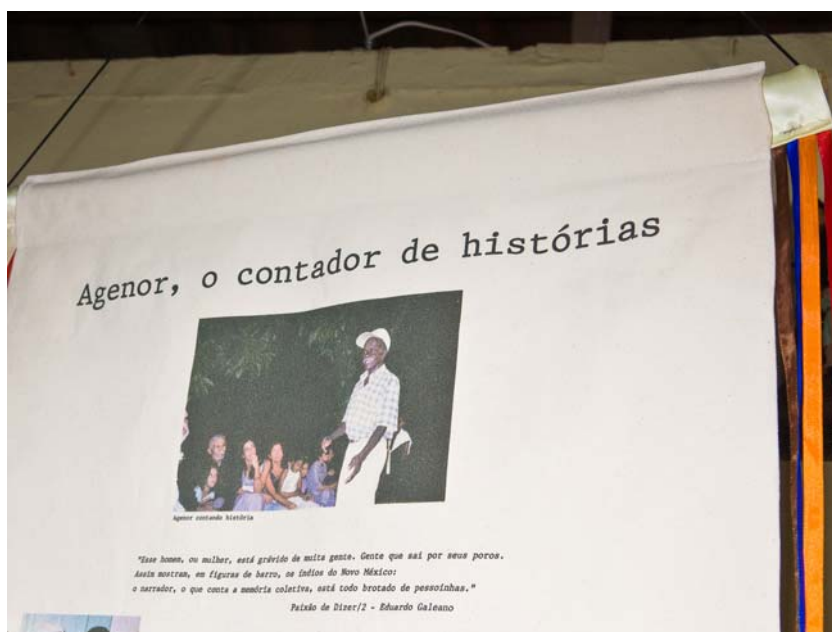


Figura 232 - Estandarte que conta a história do Seu Agenor (Foto de Ana Andrade)





Figura 233 - Denise e Seu Agenor  
(Foto de Ana Andrade)

Durante a seleção do material, uma preocupação minha e de Toquinha era de abarcar nos “contos e imagens”, o maior número possível de moradores. Era importante que as pessoas se vissem ali...

**Marizinha:** *Mas igual, eu achei muitas fotos ali que eu nem imaginava que eu ia ver. Igual a mãe mesmo, o retrato da mãe, eu nem imaginava que eu ia ver um retrato da mãe ali naquele trabalho. Eu falei com as meninas: ali, gente, até a mãe aqui! Trouxe muita surpresa pra gente. Muitas coisas boas.*

**Gilzane:** *Ah, eu achei legal que teve as fotos que a gente fez, as fotos que a gente tirou, da gente mesmo tirando as fotos lá. Tudo foi guardado, né, eu achei que certas coisas também já ia esquecer. Eu achei que nem tudo, não ia usar tudo, ia usar só as principais coisas e usou tudo, eu vi as fotos lá.tudo teve o seu lugar, tudo teve um lugar especial pra ele.*

**Marcelo:** *A gente imaginar que às vezes podia ser daquele jeito a gente imaginava, mas que ia ser tão bem bolada a coisa a gente não imaginava não. E aquelas fotos lá que foi feito, que foi colocado, né, e o que tá lá escrito, né, mostrando pra gente uma coisa que emociona a gente, né. É uma coisa simples, né, mas é uma coisa que, parece que aquilo ali é uma coisa da gente, sabe. Eu sinto parece que é uma coisa da gente. Então a gente participando e vendo uma coisa que parece que é da gente com certeza a gente se sente bem, né.*

A foto de “Marcelo no cafezal” está no estandarte “Terra e Memória”. Esta mesma imagem se tornou postal e Marcelo pode ler sua correspondência agora colocada no envelope com seu nome no painel “Carta para-ti”.

**Marcelo:** *O que eu não esperava de encontrar é justamente eu lá, né? Eu achava que ia ser assim às vezes só lá um retratinho não esperava que ia ser do jeito que*

*foi lá não. Imaginava que ia ser bacana, mas não tão bacana pra mim. Eu me emocionei muito, não sei como é que fala, numa resposta do que eu falei. Uma retribuição de umas palavras de alguém que eu não conheço. A gente não sabe escrever muito bem, mas eu senti que o que eu escrevi lá fez sentido pra alguém.*

Durante o evento, a equipe do projeto Comunicar gravou muitas entrevistas. Aurélio conversou com Juninho, um dos meninos mais atuantes no Clubinho de Leitura, e lhe perguntou o que tinha mais gostado na Casa de Memória e Cultura:



Figura 234 - Juninho na noite da inauguração sendo entrevistado por Aurélio da TV PUC (Foto de Ana Andrade)

**Juninho( 11 anos):** *Foi muito bom, né, por causa, assim, ter um lugar em que nem muitos lugares da roça não tem. Tipo um museu, que aqui vai ser um Clubinho de Leitura. Porque quando a gente tiver velho aí a gente já vai ver nas fotos de quando a gente era criança, das pessoas que a gente já conheceu aqui. Os estandartes ali tem cada um que conta a sua história. Tem o da escola, tem um da escola de cima e outro da escola de baixo algum tempo atrás com o Bastião (motorista da escola) como ele carrega a gente até hoje. Também gostei muito dos santinhos. Cada quarto tem o seu santinho, e cada lugar aquele tipo de estandarte, pra proteger esse lugar. Cada quarto que tiver tá protegendo ali, não vai deixar nada invadir, nada pegar fogo, né?*



Figura 235 - Estandarte e Imagem de Santana

Como muito bem disse Vicente, naquela noite de 30 de agosto de 2008 a casa foi entregue aos moradores do Córrego. Juninho ao evocar a proteção dos santos revela sua consciência de que aquele espaço agora é um patrimônio precioso de todos e precisa ser protegido, cuidado. Mas é preciso também lembrar e evocar a proteção e ação dos próprios Januários, os donos dessa Casa de Memória e Cultura:

***Edervanio:** Foi tudo muito divertido, demos entrevista a TV PUC, dançamos forró e tiramos muitas fotos. Agora é trabalhar e lutar pela continuidade desse trabalho para que possa trazer muitos benefícios para nossa comunidade. Eu, como voluntário, me sinto muito honrado em participar, pois amo o lugar que nasci e sempre estarei disposto a trabalhar em algo que traga benefícios para esse lugar. É prazeroso ver as nossas crianças aprendendo a ler, as pessoas mais velhas contando histórias antigas. Afinal, é bom ver, sentir e participar da corrente que este trabalho gera...*



Figura 236 - Edervanio, Jorge, Rita, Carlos Heitor, Aurélio, Dayane e Toquinha no dia da inauguração  
(Foto de Ana Andrade)

Termino este percurso de memória com o bonito depoimento de Marcela e reafirmando que a materialização da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários só foi possível devido a esta sólida rede de pessoas e histórias que se manteve de “olhos dados” ao longo de toda a jornada.

***Marcela:** No dia da inauguração, tudo se concretizou de uma linda forma, uma simples forma. Eu estava íntima da festa, das pessoas, das crianças e da casa que também era um pouco minha. Fiquei muito encantada de ver como aquela produção de textos e imagens impressas de maneira tão cheia de tecnologia refletia a vida de cada um que visitou aquelas salas. Os olhares encantados confirmavam o reflexo e ampliavam a atualização dos relatos e diálogos impressos. Entendi que o registro e a revelação dos contos e imagens davam vida as pessoas e ao futuro só pelo brilho que geravam nos olhares. Assisti muitos choros, até São Pedro chorou! Que as águas nos abençoem sempre com a fartura!*



Figura 237 - Solange Jobim, Denise, Vicente, Marcela e Giuliano (Foto de Ana Andrade)



## 6 Conclusão



Figura 238 - Denise no córrego  
(Foto de Toquinha)

Este trabalho narrou um percurso provocado por um apelo de memória. A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários é a materialização da escuta a esse apelo. “O passado traz consigo um índice misterioso, que o impele à redenção”, nos diz Walter Benjamin (1994), na tese II sobre o conceito de história. A pesquisadora se implicou na tarefa assumida por Toquinha de se abrir no presente, ao apelo do passado. A pesquisa-intervenção se constituiu na ação diante da escuta deste apelo enunciado por Toquinha.

A estratégia teórico-metodológica que norteou a pesquisa se fundamentou num processo de “arqueologia da memória” (Seligmann-Silva, 2003), no qual - por meio de escavações -, abri-me para a escuta de uma das tantas possibilidades de Minas existir. Pois, como nos lembra João Guimarães Rosa (2001a),

Minas Gerais é muitas. São, pelo menos, várias Minas. (...) De que jeito dizê-la? Minas: patriazinha. Minas – a gente olha, se lembra, sente, pensa. Minas – a gente não sabe. (...) Saberei que é muito Brasil, em ponto de dentro, Brasil conteúdo, a raiz do assunto. Soubesse-a, mais (p.338-339).

O caminho escolhido ao redigir esta tese foi pela escritura de um mosaico em que autores, moradores e parceiros navegam juntos com Toquinha por “um rio

de memória”. Analisando este rio/córrego numa perspectiva alegórica, vislumbram-se sentidos no que dizia Rosa (2001b) em “Grande Sertão veredas”: “O rio não quer ir a nenhuma parte, ele quer é chegar a ser mais grosso, mais fundo” (p.450).

Pensar a relação entre memória e profundidade (Arendt, 2003) nos leva a contemplar uma dimensão essencial de nossa humanidade. Uma das faces da barbárie se reflete na circulação de uma visão de homem calcada no mercado, em que predomina o sujeito do consumo, descartável e esquecido de si. Esse rio de memória que “quer chegar a ser mais grosso” nos implica com a dimensão ética e profunda da existência humana e nos indica a tarefa de construirmos uma subjetividade que acolha raízes e deslocamentos atravessada pela experiência no sentido benjaminiano. A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários se ergueu do compromisso coletivo com essa tarefa.

Em cada época, nos diz ainda Benjamin (1994) na tese VI, “é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela” (p.234), por isso a alegoria de Janus Bifronte se fez presente em todo o trajeto. Afinal, no apelo que o passado nos dirige, está contida a “centelha de esperança”, e ao despertá-la no aqui e agora, podemos encaminhar outros futuros,

Inspirados por Rosa, Janus bifronte e Benjamin, seguimos um percurso não linear onde recusamos a idéia de uma história acabada, de um destino pré-definido. As escavações baseadas na concepção de história de Walter Benjamin se aliaram ainda ao pensamento de Maurice Halbwachs para quem também o processo de recriação da memória se dá a partir da construção do presente. Assim, ao longo desta arqueologia, surgiram “os contos” – narrativas de palavras produzidas pelos moradores e as “imagens” – narrativas do olhar de vários “fotógrafos anônimos” (Kossoy, 2007, p.66) que nos levaram à montagem de um mosaico de memórias apresentadas não só nos painéis e estandartes da Casa de Memória e Cultura como também nesta tese. Com esse mosaico, buscamos alargar as margens do Córrego, torná-lo “mais grosso, mais fundo” (Rosa, 2001b).

Depois da inauguração, mergulhei profundamente na escrita deste texto e não voltei mais a Minas. Por meio de Edervanio e Toquinho, que me ajudaram colhendo depoimentos de moradores, entrei em contato com os sentimentos e percepções que a Casa de Memória e Cultura inaugurada, provocou. Muitos deles foram apresentados no item 5.9.4.



Trago nestas considerações finais duas falas que me tocaram especialmente e me fizeram pensar. O primeiro depoimento foi colhido por Toquinha numa prosa com Antonio e José Inácio:

**Antônio Inácio:** *Interessante, que aquela festa tava tão boa, tava tão seco, não chovia nem nada e no momento da festa choveu pra nós. Foi bom!*

**Toquinha:** *E o senhor chegou a ver lá dentro da casa?*

**José Inácio:** *Eu ainda não conheço direito. Porque eu já tive muita oportunidade, mas eu já mais véio, eu falei assim: eu não vou lá não, aquele lugar lá é dos novo. E num vou. Eu tô tampando o lugar d'um novo lá. Deixa eles pra lá, eu fico pra cá. Fiquei só na missa, lá da banda de fora, assisti a missa e fui embora.*

**Toquinha:** *Ah, mas o senhor vai lá, todo mundo tem direito. Os velhos, os novos. Vai lá pro senhor ver as fotos dos mais velhos...*

**José Inácio:** *Eu não tenho foto lá não, né. Se tiver eu tô de chapéu. Tem que ser de chapéu, porque o chapéu eu não esqueço dele de jeito nenhum.*

**Toquinha:** *A casa do senhor tá. A casa velha tá.*

**José Inácio:** *É mesmo?*



Figura 239 - José Inácio

A foto de José Inácio com chapéu faz parte do estandarte “Lembranças de Tapera”. A surpresa em fazer parte da Casa de Memória e Cultura revela o receio de não estar incluído e talvez este receio explique a resistência em entrar lá. Mas existem também outras razões que impedem o circular de alguns moradores naquele espaço. Fiquei surpresa ao saber que Zito até hoje não visitou a casa. Pelo relato de Toquinha, entendi que ele precisa de um outro que o “ajude a olhar” (Galeano, 1995, p.15). Prometeu ir lá quando Toquinha regressar da próxima vez. Fico pensando que não é suficiente ele estar presente em mais de um estandarte para que consiga entrar. Afinal, o acervo reverencia também Maria Hilda das

Dores, a Dedé. E talvez para Zito ainda seja doloroso demais ver os “contos e imagens” de sua mulher.

Outro relato pós-inauguração retoma o tema da oficina de fotografia de 2003, quando fotografei Zito escolhendo seu amigo, já bastante doente, como uma das relíquias do Córrego – Imagem que revela uma “estética da delicadeza”:



Figura 240 - Zito fotografando José Santiago

“É o pensamento subsistente do grupo que evoca a aproximação passada, e que salva do esquecimento a imagem da pessoa” nos diz Halbwachs (2004, p.128). José Santiago faleceu em novembro de 2007. Dois dias depois da inauguração, Toquinha ainda estava em Minas quando João (32 anos), filho de José, pediu para ela acompanhá-lo na Casa de Memória e Cultura para que ele visse a foto do pai. Ficamos então sabendo que aquela era não só a última imagem de José Santiago, como também a única.

***Toquinha:** Emocionado, ele olhara a fotografia e me contara que a única foto que tinha do pai era a lembrancinha de falecimento e que distribuía todas as lembrancinhas que fizera entre os familiares e amigos, esquecendo de guardar uma para si.*

Depois disso, mandei uma cópia dessa foto para Toquinha entregar a João numa de suas viagens em 2009. Diante da fala de Toquinha, percebo emocionada que o trabalho de imagem, narrativa, memória e delicadeza continua:

**Toquinho:** *Falei para o João da foto que você tinha mandado e ele ficou muito emocionado. Perguntei o que ele sentiu quando viu a foto na Casa de Memória, e ele disse: “Emoção, muita emoção.” E juntos recordamos um pouco a vida do pai dele e a amizade do pai dele com meu pai. João falava do pai com saudade emocionada. João a certa altura me disse que já havia pensado se a família do Joversino não devolveria a lembrancinha da morte de seu pai que ele tinha guardado, já que Joversino havia falecido e talvez sua família não desse tanta importância àquela recordação de seu pai. Eu nem sabia o que dizer, era tão pouco o que ele desejava... Foi então que pensei que se existe a lembrança de falecimento do pai dele eu poderia escaneá-la e fazer várias cópias para ele e para mais quem quisesse. Ele ficou muito animado com a idéia e na mesma hora chamou a irmã e pediu que ela me emprestasse a lembrancinha, e explicou o motivo. E sua irmã Ilma ficou de me entregar, mas no dia seguinte me disse, muito consternada, que não a encontrou em seus guardados. Fica mais uma missão para a próxima viagem. Reconstruir histórias, emoções, imagens perdidas, a lembrança fotografada de José de Souza Santiago.*

Conceber a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários como “janela, porta, ponte entre diferentes tempos, pessoas e grupos” (Chagas, 2006, p.5) foi nosso objetivo.

Além da exposição principal e permanente, nossa intenção foi criar um espaço para que novas produções e “projetos” acontecessem. Vejo agora um novo ciclo começando, e Toquinho está consciente de seu papel de responsabilidade e liderança nos desdobramentos e ações que possam fazer desta Casa dos Januários, um espaço vivo e dinâmico. Como disse Dorvalina,

*A Casa de Cultura do Córrego dos Januários é para dar à comunidade uma oportunidade de encontros. Vejo essa casa mudando o rumo da nossa juventude. Precisamos trabalhar muito para dar continuidade ao projeto, para que os objetivos sejam alcançados. Trazer os mais velhos para encontros alegres e as crianças para encontros educativos. Precisamos divulgar esse projeto, organizar o atendimento da casa. Muita coisa precisa ser feita, o processo só está começando.*

São muitos os projetos possíveis. As oficinas de fotografia podem seguir adiante; as caminhadas com câmeras manteriam o exercício da “grafia do olhar” em curso. Os jovens e as crianças já estão desenvolvendo um trabalho com Toquinho em torno da formação do leitor no Clubinho de Leitura:

**Toquinho:** *A palavra abriu para mim as portas do mundo, de muitos mundos. E às crianças do Clubinho de Leitura eu sonho dar a conhecer estes mundos e ajudá-los a inventar mundos outros.*

Um dos eventos planejados em parceria com professores da rede pública e a atual secretária de educação envolve, para o segundo semestre de 2009, a visita das escolas da cidade e das outras roças à Casa de Memória e Cultura do Córrego.

As “mulheres rendeiras” também têm planos de prosseguir nos projetos de criação e beleza que suas habilidades manuais possibilitam, trazendo reais perspectivas de ganhos materiais para a comunidade.

O projeto “Carta para-ti” precisa continuar. Pretendo colaborar para que novos deslocamentos dos Januários e de suas histórias aconteçam...

Em nossa trama de memória, arquivos e lembranças da pesquisadora também emergiram. Ao escavar a memória do Córrego dos Januários, percebi que não há memória isolada e que ao operar um corte naquele solo, uma rede muito mais ampla e cheia de significados emergiu (Augras, 1995).

Ao tocarmos num solo de memória, por menor que seja o canto de terra desse solo, ali vão brotar cacos de memórias que atravessam e iluminam rastros e restos de um solo bem maior. Por isso, a trilha em busca da nascente do córrego também pode ser percorrida como um dos projetos da Casa de Memória e Cultura. Edervanio, Daniel Arcanjo e o historiador Aloysius estão sensíveis às camadas subterrâneas desse solo, onde talvez habitem índios puris e “mães pretas”. Eles podem compor um núcleo de pesquisa para adentrar neste terreno delicado e importante da memória coletiva.

Nossa metodologia de pesquisa de campo incorporou o “coleccionador” (Benjamin 1995) e o “narrador sucateiro” (Gagnebin, 2004). Nos restos escavados os sonhos também entraram em cena – o que nos faz pensar, ainda de forma muito inicial, na importância de levarmos em conta a construção de uma metodologia onírica no campo das pesquisas que transitam no terreno da subjetividade.

Para falar de memória, eixo principal deste trabalho, o labirinto se colocou para nós como uma questão teórico-metodológica na produção de conhecimento. Por isso, uma apresentação mais sistemática dos autores e conceitos deu lugar em alguns momentos a um texto entranhado de imagens labirínticas, na tentativa de explicitar aqui nosso esforço na produção de um conhecimento que se aproxime da vida na qual não só esbarramos com cacos e restos de um passado do Córrego, mas que também nos remete a um outro “Rio de Janus”.

Uma cidade é construída por seus habitantes ao longo do tempo, e recriar essa história é trabalhar com as marcas do tempo que ainda estão presentes na

cidade (Santos, 2007). Transitar por uma cidade significa caminhar sob camadas de memória onde essa mesma cidade se funda. Essas camadas subterrâneas são como “cidades invisíveis” (Calvino, 1990) para o olhar apressado, indiferente, capturado pelo hábito mas não regido pela atenção, pois

Toda atenção deve desembocar no hábito se não pretende dismantelar o homem; todo hábito deve ser estorvado pela atenção se não pretende paralisar o homem (Benjamin, 1995, p.247).

Este olhar atento e em desvio me levou no final de 2005, ao Morro do Castelo, berço da fundação da cidade do Rio de Janeiro e à história de seu desmonte em 1922, como narrado no segundo capítulo. Nos dois anos seguintes, pesquisei um pouco sobre o assunto principalmente no belo livro “Era uma vez o Morro do Castelo”<sup>61</sup>. No entanto, absorvida com todo o trabalho do projeto de memória itinerante e com a preparação da Casa de Memória e Cultura, o assunto aos poucos foi sendo esquecido. Por um longo período também não vi o escultor de areia Renato, e o tema parecia estar soterrado.

Mas estava enganada. A notícia da exposição “Família Ferrez: novas revelações” com fotos de Marc Ferrez do desmonte do Morro do Castelo me levaria novamente pelo labirinto em abril de 2008.

No dia planejado para ver a exposição no Centro Cultural Banco do Brasil, aproveitando que o fotógrafo paulista José Américo Lopes estava no Rio, fomos dar uma caminhada pela praia de Ipanema antes de seguir para o Centro. Fiquei surpresa ao avistar os castelos de Renato e logo nos aproximamos. O escultor de areias nos contou então que passou um longo tempo viajando e trabalhando pela Bahia, e José Américo fez um registro do belo castelo de areia com a minha câmera fotográfica. Saímos dali e percebi que as “portas abertas”, marca do trabalho de Renato, não haviam passado despercebidas aos olhos do fotógrafo paulista. Enquanto conversávamos sobre o castelo e as portas, eu não podia deixar de pensar na enorme sincronia daquele momento. Afinal, estávamos indo ver a exposição que tinha como título de uma de suas salas “O Castelo que a água levou”. Mais uma vez, o castelo de areia e o Morro do Castelo se apresentavam simultaneamente, como se entre eles houvesse uma “passagem”.

---

<sup>61</sup> NONATO, José Antonio, SANTOS, Nubia Melhem (Org.). Era uma vez o Morro do Castelo. Rio de Janeiro; IPHAN, 2000.

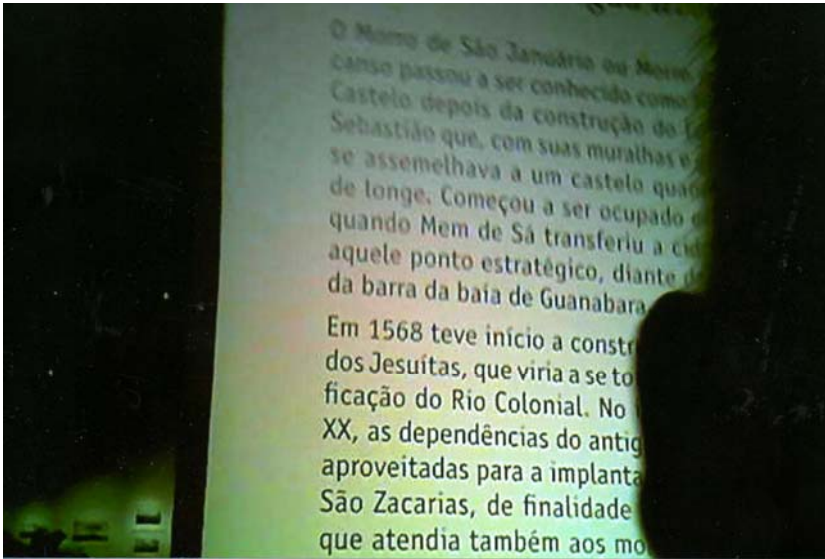


Figura 241 - José Américo lendo um dos painéis da exposição no CCBB

Um mês depois, viajei para São Paulo e fui à Santos, onde percebi que havia um terceiro elemento que também emergia daquele caminhar em labirinto: o Outeiro de Santa Catarina e sua forma acastelada que abriga a Fundação Arquivo e Memória de Santos.

Visitei o outeiro e levei minha câmera. Fui muito bem recebida pela equipe da fundação, todos satisfeitos de receber uma pesquisadora carioca por ali. Na saída me deram de presente um postal, e é claro que pedi e eles que fizessem uma cartinha para os Januários:

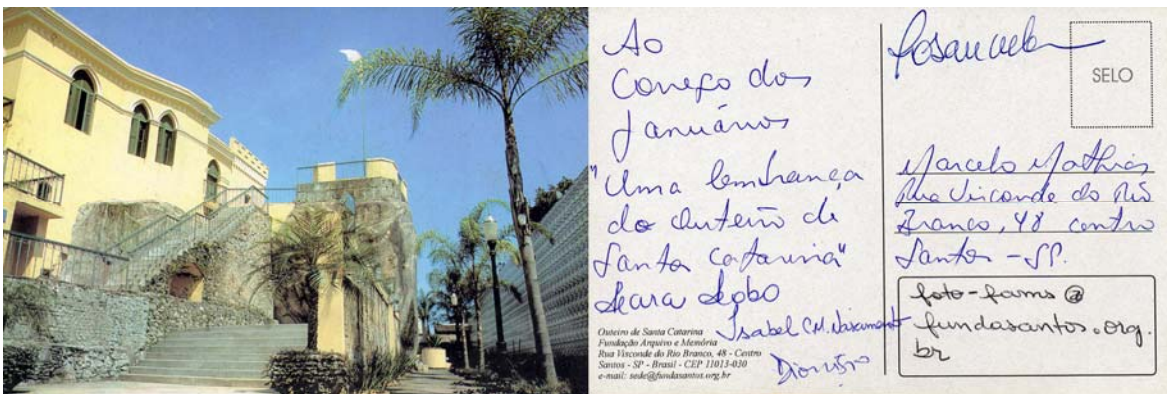


Figura 242 - Postal do Outeiro de Santa Catarina

Ao Córrego dos Januários,  
 “Uma lembrança do Outeiro de Santa Catarina”.  
 Lara Lobo, Isabel Nascimento, Dionísio, Rosângela  
 Marcelo Mathias, Rua Visconde do Rio Branco, 48 – Centro, Santos – SP



Fiz uma série grande de fotos do outeiro, mas quando voltei para o Rio me surpreendi diante da revelação da seqüência das fotos. Não me lembrava o que tinha fotografado no início do filme (na minha câmera, a primeira foto é a 36), e só então me dei conta que a última imagem registrada pelo José Américo foi a do castelo de areia.



Figura 243 - Sequência do negativo de abril e maio de 2008

A seqüência do negativo revelava mais uma vez a sincronia que se apresentara no final de 2005. De algum modo, era como se houvesse uma passagem subterrânea entre o castelo de areia, o Morro do Castelo e o Outeiro de Santa Catarina. Havia ali uma lógica outra que desafiava meu pensamento.

Em primeiro de março deste ano, dia do aniversário da cidade do Rio de Janeiro, uma reportagem do jornal *O Globo* sobre a Ladeira da Misericórdia, único rastro visível do Morro do Castelo após o desmonte, me chamou a atenção.



Figura 244 - Matéria do jornal *O Globo* em 1 março de 2009.

Essa reportagem me fez enxergar com maior clareza uma possível ligação entre o outeiro e o Morro do Castelo. O Outeiro de Santa Catarina é o marco da fundação de Santos, assim como a Ladeira da Misericórdia está localizada no berço do Rio de Janeiro.



Figura 245 - Ladeira da Misericórdia  
(Fotos de José Américo Lopes)

No entanto, ao contrário do que aconteceu em Santos, o que impera na Ladeira da Misericórdia é o esquecimento e o abandono. Mas e o castelo de areia? Que lugar tem nesta lógica não usual? Vejo nos castelos de Renato não só remanscências desse marco da cidade derrubado pela água como também um apelo que esse passado dirige a nós, cariocas. Um apelo que nos convida a pensar em outra forma de conceber o progresso, pois como disse Lima Barreto (2005)

“Não se pode compreender uma cidade sem esses marcos de sua vida anterior, sem esses anais de pedra que contam sua história” (p.117).

Estará aí ressoando pelas cidades “um apelo messiânico” desse berço do Rio que nos leve ao vislumbre de outros futuros para a cidade do Rio de Janeiro? Vejo nas portas abertas do castelo do escultor de areia um apelo de encontro, de diálogo, de comunhão entre as várias partes desse Rio de Janus. Tomando a idéia de Chagas (2006, p.5) “como ponte e porta entre diferentes tempos e grupos”, consigo imaginar uma Casa de Janus bem ali, no berço do Rio, se abrindo ao passado e encaminhando outros futuros possíveis que dependem de nossa ação aqui e agora. Pois é no entrecruzamento dos tempos que o desejo de mudança pode ser acolhido e enfim se materializar.

Do Córregos dos Januários ao Rio de Janeiro... Do rio novamente ao córrego...

Termino esta jornada, recordando-me das palavras de Toquinho que nos remetem ao início de toda essa história:

***Toquinho:** Eu nunca estive sozinha neste caminhar por entre as letras. Tive e tenho companheiros. Muitos amigos meus chegaram a mim seguindo o curso das palavras que eu escolhi para contar minhas histórias.*

Todo o percurso narrado neste texto aconteceu porque um dia “segui o curso das palavras que Toquinho escolheu para contar suas histórias”. Por isso, defendo esta tese principalmente como uma afirmação da celebração da expressão humana, das muitas vozes que emergiram da “necessidade de dizer”, pois

(...) Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for. Porque todos, todos temos algo a dizer aos outros, alguma coisa, alguma palavra que merece ser celebrada ou perdoada.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> Galeano, 1995, p.23 – “Celebração da voz humana 2”.





Figura 246 - Toquinha e Denise

## 7

### Referências bibliográficas

ABREU, Regina; CHAGAS, Mario de Souza & SANTOS, Myrian Sepúlveda dos (Orgs.). **Museus, Coleções e Patrimônios: narrativas polifônicas**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2007.

ANDREIUOLO, Beatriz. **A Ação e o Contar Histórias no Pensamento de Hannah Arendt**. Orientador: Eduardo Jardim de Moraes. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Filosofia, 2005.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ARENDT, Hannah. **A Dignidade da Política: ensaios e conferências**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993.

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.

ARENDT, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

AUGRAS, Monique. **O Ser da Compreensão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1978.

AUGRAS, Monique. **Psicologia e Cultura**. Rio de Janeiro: Nau, 1995.

AUGRAS, Monique. **Todos os Santos são Bem-vindos**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BARRETO, Lima. **Coleção Melhores Crônicas**. Seleção e prefácio Beatriz Resende. São Paulo: Global, 2005.

BARROS, Manoel de. **Ensaio Fotográficos**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.

BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Obras Escolhidas III**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política. Obras Escolhidas I**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENJAMIN, Walter. **Rua de Mão Única. Obras Escolhidas II**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BRANDÃO, Junito. **Dicionário Mítico-Etimológico da Mitologia e da Religião Romana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

BRECHT, Bertold. **Poemas 1913-1956**. Seleção e tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora 34, 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O Tempo Vivo da Memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003a.

BOSI, Ecléa. **Velhos Amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003b.

CALVINO, Italo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASTRO, Lucia & JOBIM E SOUZA, Solange. **Desenvolvimento Humano e Questões para um Final de Século: tempo, história e memória**. Psicologia Clínica. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Centro de Teologia e Ciências Humanas, Departamento de Psicologia, vol. 6, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CHAGAS, Mario de Souza. Museu, literatura, memória e coleção. In: LEMOS, Maria Teresa Toríbio Brittes & MORAES, Nilson Alves de



(Orgs.). **Memória e Construções de Identidades**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

CHAGAS, Mario de Souza. Casas e portas da memória e do patrimônio. In: GONDAR, Jô & DODEBEI, Vera (Orgs.). **O que é Memória Social?** Rio de Janeiro: Contracapa Livraria, Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

CHAGAS, Mario de Souza. Educação, museu e patrimônio: tensão, devoração e adjetivação. **Educação Patrimonial**, Revista Eletrônica do Iphan, v.3, jan.-fev. 2006.

CHAVES, Stella Matutina. **Cantinho da Saudade**. GENTIL, Aloysius; LACERDA, Ani; CHAGAS, Áurea; CÔRTEZ, Gabriel; ROCHA, Nádía (Orgs.). Inhapim, MG: Editora Oficina de Idéias, 2007.

FOX, Mem. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e Narração em Walter Benjamin**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete Aulas sobre Linguagem, Memória e História**. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar Escrever Esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GALEANO, Eduardo. **Vozes e Crônicas: Che e outras histórias**. São Paulo: Global, 1978.

GALEANO, Eduardo. **As Palavras Andantes**. Porto Alegre: L&PM, 1994.

GALEANO, Eduardo. **O Livro dos Abraços**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GIARD, Luce. Artes de Nutrir. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A Invenção do Cotidiano: 2. Morar, cozinhar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

GUSMÃO, Denise Sampaio. Formação do profissional de creche: dialogando com auxiliares e berçaristas. In: KRAMER, Sonia *et al.* (Orgs.). **Educação Infantil em Curso**. Rio de Janeiro: Ravil, 1997.

GUSMÃO, Denise Sampaio. **Por uma Estética da Delicadeza: ressignificando contos e imagens nas roças de Minas**. Orientadora: Solange Jobim e Souza. Rio de Janeiro: PUC/RJ, Departamento de Psicologia, 2004.

GUSMÃO, Denise Sampaio & JOBIM E SOUZA, Solange. A estética da delicadeza nas roças de Minas: sobre a memória e a fotografia como estratégia de pesquisa-intervenção. **Psicologia & Sociedade**, 20, edição especial, 2008. p.24-31.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

JOBIM E SOUZA, Solange. **Infância e Linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas: Papirus, 1995.

JOBIM E SOUZA, Solange (Org.). **Subjetividade em Questão: a infância como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

JOBIM E SOUZA, Solange (Org.). **Educação e Pós-Modernidade: crônicas do cotidiano e ficções científicas**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003 a.

JOBIM E SOUZA, Solange. Por uma leitura estética do cotidiano ou a estética do olhar. In: KRAMER, Sonia & JOBIM E SOUZA, Solange (Orgs.). **Histórias de Professores: leitura, escrita e pesquisa em educação**. São Paulo: Ática, 2003b.

KONDER, Leandro. **Walter Benjamin: o marxismo da melancolia**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidade e Ficções na Trama Fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

KOSSOY, Boris. **Os Tempos da Fotografia: o efêmero e o perpétuo**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KRAMER, Sonia. **Por Entre as Pedras: arma e sonho na escola**. São Paulo: Ática, 1994.

KRAMER, Sonia. Produção cultural e educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museu. In: KRAMER, Sonia & LEITE, Maria Isabel (Orgs.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas: Papirus, 1998.

KRAMER, Sonia. Infância, cultura e educação: desafios e possibilidades hoje. In: PAIVA, Aparecida; EVANGELISTA, Aracy; PAULINO, Graça & VERSIANI, Zélia (Orgs.). **No Fim do Século: a diversidade – o jogo do livro infantil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LARROSA, Jorge. O enigma da infância ou o que vai do impossível ao verdadeiro. In: Larrosa, Jorge & DE LARA, Nuria (Orgs.). **Imagens do Outro**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LEVI, Primo. **É isto um Homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LEVI, Primo. **A Trégua**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LOPES, Ana Elizabeth. Artes visuais e os diferentes modos de ver. In: JOBIM E SOUZA, S. (Org.). **Educação @ Pós-Modernidade: ficções científicas e crônicas do cotidiano**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

LÖWY, Michael. **Walter Benjamin: um aviso de incêndio – uma leitura das teses “Sobre o conceito de história.”** São Paulo: Boitempo, 2005.

MACIEL, Maria Esther. **A Memória das Coisas**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

MENEZES, Adélia Bezerra. **Do Poder da Palavra: ensaios de literatura e psicanálise**. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

MIRANDA, Danilo Santos de (Org). **Memória e Cultura: a importância da memória na formação cultural humana**. São Paulo: Sesc, 2007.

NUNES, Lygia Bojunga. **Livro: um encontro com Lygia Bojunga Nunes**. Rio de Janeiro: Agir, 1990.

PASOLINI, Pier Paolo. **Os Jovens Infelizes**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

POLLAK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p.3-15, 1989.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p.200-212, 1992.

RICOEUR, PAUL. **A Memória, a História, o Esquecimento**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROUANET, Sergio Paulo. **Édipo e o Anjo: itinerários freudianos em Walter Benjamin**. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1990.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

ROSA, João Guimarães. **Ave, Palavra**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001a.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001b.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Missão do Ministério da Cultura**. Rio de Janeiro: Edições Fundo Nacional de Cultura, 2001.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **A Escrita do passado em museus históricos**. Rio de Janeiro: Garamond; Minc/Iphan/DEMU, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **Ler o Livro do Mundo**. São Paulo: Iluminuras, 1999.

SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Marcio (Org.). **Leituras de Walter Benjamin**. São Paulo: Fapes, Annablume, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **Narrar o Trauma: a Questão dos testemunhos de catástrofes históricas**. Psicologia Clínica. Rio de Janeiro. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia, vol. 20.1, 2008.

SILVA, Eduardo. **Dom Obá d'África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SILVA, Paulo Roberto Paranhos da. **História do Rio de Janeiro: os tempos cariocas**. Teresópolis, RJ: Zem 2008.

SPALDING, Tassilo Orfheu. **Dicionário da Mitologia Latina**. São Paulo: Cultrix, 1991.

SOUZA, Maria de Lourdes. **Dicionário de Lembranças**. Rio de Janeiro: Contemporânea, 1998.

THOMPSON, Paul. **A Voz do Passado: história oral**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Paul. Histórias de vida como patrimônio da humanidade. In: WORCMAN, Karen & PEREIRA, Jesus Vásquez (Orgs.). **História Falada: memória, rede e mudança social**. São Paulo: Sesc-SP: Museu da Pessoa, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

VELHO, Gilberto. Memória, identidade e projeto. In: VELHO, Gilberto. **Projeto e Metamorfose**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

## **8** **Anexos**

## 8.1

### Carta convite da Flipinha



Paraty, 05 de junho de 2007.

À  
Associação Comunitária do Córrego dos Januários

Ref.: Carta convite FLIPINHA 2007

Prezados Senhores,

A Associação Casa Azul teve acesso ao trabalho realizado por Maria de Lourdes Souza, escritora, estudante de Letras PUC-Rio, estagiária da Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio, e Denise Sampaio Gusmão, mestre e doutoranda em psicologia clínica pela PUC-Rio sob a orientação de Solange Jobim e Souza, que trabalham no resgate da memória cultural da Comunidade do Córrego dos Januários na cidade de Inhapim, interior de Minas Gerais. Além disso, desenvolvem ações de incentivo à leitura junto às crianças e adolescentes com o Projeto "Contos e Imagens do Córrego dos Januários". O projeto, vinculado à Associação Comunitária do Córrego dos Januários, da qual Maria de Lourdes Souza é gerente administrativa, tem o apoio da Secretaria de Educação Municipal local.

Por causa do trabalho de educação patrimonial, valorização da memória e expansão dos horizontes culturais da comunidade, abrimos espaço ao "Contos e Imagens do Córrego dos Januários" dentro das atividades do "Arte na Praça", evento integrante da V Festa Literária Internacional de Paraty-FLIP. Em 2007 o autor homenageado é o escritor Nelson Rodrigues e a programação reunirá cerca de 40 autores nacionais e estrangeiros. A FLIP acontece entre os dias 4 e 8 de julho de 2007.

Atenciosamente

Cristina Maseda  
Coordenação Geral  
Programa Educativo Cirandas de Paraty  
Flipinha - Programação Infantil e Juvenil



Alameda Princesa Isabel, 2 | Paraty - RJ | (24)3371 7082 | educa@casaazul.org.br



## 8.2 Anexos do evento PUC PELA PAZ

### 8.2.1 Carta convite



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO



Rio de Janeiro, 05 de outubro de 2007.

À Associação Comunitária do Córrego dos Januários

*Prezados Senhores,*

Nos dias 12,13 e 14 de novembro de 2007, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, será realizado o evento "PUC PELA PAZ-Universidade a Serviço da Sociedade".

Este evento vem sendo organizado em parceria entre diversos setores da Universidade e instituições externas a esta, mas que com ela colaboram na construção de uma reflexão sobre a questão da violência que assola a sociedade moderna.

Assim sendo, o PUC PELA PAZ tem como Proposição Central a seguinte premissa:

"A violência é um dos mais graves problemas que aflige a humanidade hoje em dia. A universidade, centro de produção de saber e espaço de crítica e serviço à sociedade, não pode ficar indiferente a tal estado de coisas. Nessas condições, o evento 'PUC PELA PAZ-Universidade a Serviço da Sociedade' busca mobilizar a Comunidade PUC/Rio - alunos, professores, funcionários, ex-alunos, ex-professores, funcionários aposentados, etc. - em torno da luta pela paz, em diálogo com universidades, movimentos sociais, religiões, governos e com cada um de nós mesmos, pela construção de uma alternativa para o efetivo enfrentamento da violência, produzida a maior repercussão possível da iniciativa junto à sociedade brasileira".

Por meio de painéis que acontecerão no campus da Universidade os quais reunirão representantes de Universidades, Religiões, Governo e Movimentos Sociais pretende-se realizar uma ampla discussão sobre a questão da violência e a construção da paz. Em paralelo, atividades culturais estarão acontecendo para promoção da reflexão sobre os mesmos temas, aqui abordados de forma lúdica e em sua expressão artística.

Assim, vimos convidar o **Projeto Carta Para-ti**, desenvolvido por Denise Sampaio Gusmão (doutoranda em psicologia pela PUC-Rio) e Maria de Lourdes Souza (aluna de graduação em Letras e estagiária da Cátedra UNESCO de Leitura, PUC-Rio), para participar do evento acima citado. Para tanto, a Comissão Organizadora já está mantendo contatos periódicos com a coordenação do projeto, de modo a programar sua participação. Também é propício informar que para viabilizar a participação do Projeto Carta Para-ti serão concedidas 04 (quatro) passagens Dom Cavati/Rio/Dom Cavati.

Decanato do CTCH  
Coordenadora Setorial de Desenvolvimento  
Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea - 22453-900  
Rio de Janeiro - RJ - Tel. (021) 3527-1021 FAX (021) 3527-1296

Figura 247 - Convite para o evento PUC PELA PAZ

8.2.2  
Folder

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510406/CA

**PUC PELA PAZ**  
12 13 14

**Programação**

**dia 12**

**CARTA PARA TI**  
9:00 > PILOTIS DO K  
Oficina de Postais produzidos pelos moradores do Córrego dos Januários (MG). Através de cantos e imagens, os postais expressam uma grafia da memória tramada pela delicadeza e pela valorização de uma história que o Córrego dos Januários não quer deixar se perder.

**PAINEL: UNIVERSIDADES CONSTRUINDO A PAZ**  
10:00 – 12:00 > PILOTIS DO K  
1) Prof. Francisco Ivern, SJ - Vice-Reitor de Desenvolvimento da PUC-Rio  
2) Prof. Nivali Nunes de Almeida - Reitor da UERJ  
3) Prof. Paulo Alcântara Gomes - Reitor da Universidade Canelo Branco/Ex-Reitor da UFRJ  
Moderador: Prof. Ricardo Benzaquen - Dept. de História da PUC-Rio

**PREMIAÇÃO CONCURSO PUC PELA PAZ**  
13:00 > PILOTIS DO K

**DIÁLOGO DE UM LOUCO**  
13:30 > ANFITHEATRO JUNITO BRANDÃO  
Inspirado na vida e obra de George Sano  
Peça teatral com Marcos Barreto e texto de Paulo Baileir

**CINE CLUBE DA PAZ**  
13:30 > SALA K102  
Vídeo Profeta Gentileza de Dado Amaral  
Razões para a Guerra de Eugene Jarecki

**PAINEL: MOVIMENTOS SOCIAIS CONSTRUINDO A PAZ**  
14:30 > PILOTIS DO K  
1) Sebastião Santos - Coordenador de Comunicação Social do Viva Rio  
2) Joana D'arc Fernandes Ferraz - Diretora-Secretária do Grupo Tortura Nunca Mais  
3) Amauri Queiroz - Associação Latinoamericana de Reciclagem e Meio Ambiente  
Moderador: Profª Maria Clara Binghamer - CTCH / PUC-Rio

**CINE-DEBATE DA CÁTEDRA UNESCO DE LEITURA**  
"PROMESSAS DE UM NOVO MUNDO"  
15:00 > SALA K102  
Documentário de Justine Shapiro, B.Z. Goldberg e Carlos Bolado, EUA, 2001.

**dia 13**

**DOAÇÃO DE SANGUE**  
09:00 - 16:00 > CENTRO PASTORAL ANCHIETA  
**BIOCHIP**  
10:00 - 16:00  
Processo de germinação de sementes e produção do Suco da Luz do Sol.

**PAINEL: RELIGIÕES CONSTRUINDO A PAZ**  
10:00 – 12:00 > PILOTIS DO K  
1) D. Dimas Lara Barbosa – Secretário Geral da CNBB  
2) Diane Kuperman – Fraternidade Cristã Judaica  
3) Abdelbaki Sidalmeh Ouan – líder da Comunidade Musulmana P.J.  
Moderador: Prof. João Ricardo Donnelles – Dept. de Direito PUC-Rio (a confirmar)

**AIKIDO**  
12:30 > PILOTIS DO K  
Com Mestre Luis Gemil

**CÁTEDRA UNESCO DE LEITURA**  
13:00 > ANFITHEATRO JUNITO BRANDÃO  
"Era uma vez muitos igrejas com muitos céus e muitos infernos"  
Com Ricardo Olítica e Adriano Spinola

**CINE CLUBE DA PAZ**  
13:00 > SALA K102  
The Atomic Café de Jayme Loader e Kevin Rafferty

**POESIA PELA PAZ**  
13:15 > PILOTIS DO K  
Jorge Pifi

**DESFILE DE MODA**  
13:30 > PILOTIS DO K  
Criação: Professora Adriana Leite e alunos  
Participação: Ruth Castro, Marcia Elias, Bruno, Evelyn  
Colaboração: Ernesto Piccolo  
DESFILE NEW LOOK FOR PEACE  
Criação de Jerry Fernando

**PAINEL: GOVERNOS CONSTRUINDO A PAZ**  
14:30 > PILOTIS DO K  
1) Dr. Antônio Carlos Biscaia - Secretário Nacional de Segurança Pública  
2) Marcos Derenna - Subsecretário de Segurança do Estado  
3) Alessandro Melon - Deputado Estadual  
Moderador: Alcione Araújo - Escitor

**CINE CLUBE DA PAZ**  
15:00 > SALA K102  
Sob a Névoa da Guerra: Onze Lições da Vida de Robert S. Mc Namara de Enrol Morris  
17:00 > SALA K102  
BATSIMO DE SANGUE  
Cine-Debate: Miguel Pereira - Casa Blat - Frei Mario Taurinho

**SHOW - MARCELO D2**  
20:30 > GINÁSIO PUC  
Levar 2 kg de alimento não perecível. Exclusivo para Comunidade PUC. Retirada de senha, com controle, no Pilotis do K durante o evento.

**dia 14**

**PAINEL EU CONSTRUINDO A PAZ**  
10:00-12:00 > PILOTIS DO K  
1) Andréa Mendonça Paiva – Coordenadora Nacional das Escolas de Paz e Reconciliação  
2) Dr. Jumaridir Freire Costa - Psicanalista  
3) Luis Eduardo Soares - Secretário de Segurança de Nova Iguaçu  
Moderador: Profª. Edgarda Hamann – IR – PUC-Rio

**ENTREGA CARTA PELA PAZ**  
12:15 > PILOTIS DO K

**MARCO PELA PAZ**  
12:30 > PILOTIS DO K

**ATO INTER-RELIGIOSO**  
13:15 > PILOTIS DO K

**EXPOSIÇÕES**  
>PILOTIS E ARREDORES DO CAMPUS

**PAINEL GUERRA E PAZ DE CÂNDIDO PORTINARI**  
**EXPOSIÇÃO TRABALHOS DE ALUNOS DO CONCURSO PUC PELA PAZ**  
**EXPOSIÇÃO PE. ARRUPPE, SJ - CENTENÁRIO**  
**PAINEL PROFETA GENTILEZA**  
**AMBIENTAÇÃO:**  
-JINETON JOFFELY  
-CACÁ BARCELLOS  
-BRUNO CARNEIRO MESCIAO  
-JOÃO LOBATO TOLENTINO  
-LELA VIANNA VALERIO  
-VITOR BASTOS SANTA SÉ  
-EVA SIMAS  
-EDUARDO PEIXOTO DE MOURA  
-DANIEL BARROS DE OLIVEIRA  
-MARCELO COELHO  
-MATEU VELASCO  
-RAFAEL PORTO MEGGETTO

**BLOGS DO BOX:**  
**TEXTO DE CAMILA JUSTINO**  
**ARTE DE ROBERTA MEDINA**

Figura 248 - Folder do evento PUC PELA PAZ

### **8.3**

## **Anexos da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários**

### **8.3.1**

#### **Estandartes**



## Era uma vez o Córregos dos Januários...



Brenno, Denise, Deborah, Agenor, Deodato e Cláudia

ESTA HISTÓRIA COMEÇA COM O DESEJO de Toquinha em registrar casas, histórias e costumes ameaçados de desaparecer do Córrego dos Januários e que envolve os próprios moradores e um grupo do Rio de Janeiro, apaixonado por fotografia, vídeo, literatura e história, que se encanta com a beleza dos contos e das imagens desta pequena roça das Minas Gerais.

No final de abril de 2001, eu, Denise Gusmão, e um grupo de amigos composto por Claudia Bandeira (historiadora e educadora), Deborah Alexander (analista de sistemas), Deodato Rivera (escritor e filósofo) e Brenno de Britto (cinegrafista), viajamos a Inhapim para nos juntar à Toquinha em busca do registro da memória do Córrego dos Januários que parecia lentamente estar escapando dali.

Toquinha organizou com a comunidade um fim de semana de reencontro com as tradições. No sábado, logo que amanheceu, percebemos que a quietude do vale começava rapidamente a se transformar. Muitas pessoas da família de Toquinha moram em outras cidades das redondezas e vieram para o Córrego dos Januários participar das atividades. Toquinha ficou muito feliz com o envolvimento de todos, pois muito do que iríamos viver ali naqueles dois dias já não acontecia há muito tempo.



Brenno, Juca (à esquerda) e Toquinha, filmando a cidade de Inhapim



Brenno, Denise, Toquinha e Juca em Inhapim



Deborah, Juca e Toquinha em filmagem na BR 116



Cláudia e seus filhos Juca e Moreno na varanda da casa do Dionísio



Deodato entrevistando Silvia e Antônio na casa da Elisete



Deodato, Antonio, Westor, Joaci e José Cândido contando contos na casa do Dionísio



Deodato assistindo Silvia contar a história do Córrego dos Januários



Brenno filmando



Toquinha, Deborah, Denise e Brenno

Figura 249 - Estandarte "Era uma vez o Córrego dos Januários" - frente



Silvia narra a história do Córrego dos Januários

**N**ESSES DOIS DIAS REGISTRAMOS a fornada de broas, a contação de histórias do Seu Agenor debaixo da mangueira, as danças e cantigas de roda em que os mais velhos lembram os mais novos de versos e rimas diante dos olhares encantados das crianças em verem adultos também brincando de roda. Assistimos a D. Silvia contar para a comunidade a história do lugar, de como chegaram e como viviam os pioneiros. Para ilustrar a sua narrativa, ela mostrava objetos antigos como as cumbucas de coité e as lamparinas com óleo de mamona. D. Hilda, que quase nunca sai de casa, veio mostrar a todos como se fiava algodão -- imagem de uma beleza poética difícil de captar e de esquecer.

**A** FORNADA DE BROAS NO FORNO de barro foi linda. As mulheres mais velhas reunidas, em clima de celebração, iam fazendo a massa das broas e dos biscoitos de polvilho, lembrando de histórias antigas das festas de casamento, quando era tão comum este ritual. Encantados pelo fogo e pelas forminhas de folha de bananeira que aprendemos a fazer para ajudá-las a colocar a massa, tentávamos captar as belas imagens que iam se desenhando. Observando aquela cena se desenrolar diante do olhar das crianças e das mulheres mais jovens, que viam aquela tradição pela primeira vez, pensava que aquele ritual possibilitava o encontro, a partilha de histórias e experiências que, se não fossem narradas, corriam o risco de se perder.



Hilda fiando algodão



Fabiane assistindo Julia e Conceição preparando massa de broa



Henó com a mão na massa



Peneira com massa de broa



Dedé varrendo o forno de barro

**E** TEVE AINDA O FORRÓ, regado a muita broa e café, com a música dos velhos violeiros da região. Não podíamos sequer sonhar que a quietude daquele vale guardasse tantas tradições e beleza, tanta pulsação...



Dedé servindo broa no forró



Os violeiros José Geraldo, Adão (encoberto) e Joaquim Firmino



José Cândido e Tatão



Brenda e Regiane dançando forró

Figura 250 - Estandarte "Era uma vez o Córrego dos Januários" - verso



## Agenor, o contador de histórias



Agenor contando história

"Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória coletiva, está todo brotado de pessoinhas."

Paixão de Dizer/Z - Eduardo Galeano



Agenor e Denise

**Seu Agenor:** Aí a gente falava, ô gente, vamos acender um fogo aqui na rua e vamos contar uma história? Vamos. E aquele que não trouxe um pau de lenha não quenta fogo não. (risos) Aí cada um corria lá, saía com um cavaco, um pau de lenha, e a gente fazia aquela fogueira ali no meio da rua assim, e começava contar história. Com pouco mais tava assim de homem, homem velho. Aí começava: vamos contar a história pr'ocês disso assim assim, e começava. E aquilo ia

longe, era bom demais. Aí quando dava ali as nove, dez horas, todo mundo falava assim, Nhonhô, compadre Zé Pedrim, vamos dormir agora. E todo mundo ia embora. E quase todo dia era assim, bobo. Não tinha confusão, não tinha nada. Era mesmo aquele prazer de ficar contando história ali, era beleza mesmo.

**Denise:** Isso era aqui? Aqui em Inhapim, mesmo?

**Seu Agenor:** Não. Era lá no São Domingos das Dores. Nesse tempo nós éramos rapaziadinha nova, né? Meninadinha de assim dez, doze anos, quatorze anos. Aí nós nos juntávamos contando umas histórias, ali nas lojas, nas vendas. Vamos acender um fogo e vamos contar umas histórias. Cada um conta história, mas cada um tem que trazer um pau de lenha.

**Denise:** Muito bom isso. Muito bom!

**Seu Agenor:** Aí cada um trazia um cavaco, um pau de lenha lá, e nós fazíamos aquela fogueira e com pouco mais aquilo tava duro de homem em pé, de roda, aí eles começavam a contar também. Aqueles homem começavam a contar uma história pra nós. Aquilo ia longe...

**Denise:** Quer dizer que desde aí o senhor já contava história. Começou a contar história.

**Seu Agenor:** É. Comecei a contar história. Aí nós começamos a aprender. Aqueles homens contavam pra nós, nós iam aprendendo e começava a contar.



Agenor contando história debaixo da mangueira na casa do Dionísio

Figura 251 - Estandarte "Agenor, o Contador de Histórias"



# Tradições de domingo



Augusto, Astolfo, Oivaldo, Imê, Isalpinho, Dionísio, Solívar (década de 70)



Zilmar, a madrinha da bola



Nestor e Zilmar atrás do gol com jogadores



Jogo de futebol: solteiros contra casados



Camisas de futebol no varal da casa da Renilda



Coroação de Nossa Senhora



Seu Geraldino recebendo homenagem



Procissão do mês de maio

Figura 252 - Estandarte "Tradições de Domingo"

## Lembranças de Tapera



Casa da Tia Fiinha

O CONTO DE TOQUINHA, INSPIRADO em Tia Fiinha "Felicidades. um passeio à beira mar" . nos guiou até aqui principalmente para registrar a tapera de Tia Fiinha ameaçada de ruir. Fotografamos a casa, e agora ela seria realmente derrubada, pois já estava muito arriada, quase caindo. Uma tristeza profunda tomou conta de Toquinha: era a dor pela tapera deixar de existir.

"Os companheiros da moça estranharam seu silêncio; há tempos não a viam assim. Mas ninguém sabia que a tristeza dela era por conta de uma tapera cheia de histórias, num lugar longe dali, que mais dia menos dia ia virar poeira misturada com saudade. (...)O tempo todo ficava entre a tapera e a palavra, entre a tapera e o sentimento, entre a antiga tapera e o sonho. E quem diria que um monte de pau trançado, amarrado com cipó coberto de barro sem pintura nem nada, só tingido de barro branco branco causaria tanto destempero"

Maria de Lourdes Souza, trechos do conto inédito\_ Lembranças de Tapera.

"\_Por que a senhora não pede pra Seu Luiz fazer uma casa nova?

Essa tá muito velhinha. Parece que quer cair.

\_ Nem pensá, minha fia. Eu tenho medo de dismantchá essa tapera que foi de minha vó, e minha alegria morrê com ela. Minha irmã dismantchô a casa véia, fez uma casa nova e eu acho, cá pra mim, que a felicidade dela morreu de tristeza.

\_ Mas, D. Felícia, felicidade não morre!

\_ Minina Juliana, a felicidade pra mim é que nem um passarinho. Se ela posar na sua janela, ocê dé de comê pra ela, tomá conta dela, passado uns tempo, tá que nem um vivero. Uma felicidade chama a outra e vai assim toda vida. Mas se ocê num cuidá, ela vem um dia, faia dois. Vem notro dia e faia três. Até que cansa e vai simhora. Eu sempre fui feliz aqui, com as coisa que tenho. Eu fiz o meu vivero. Vorta-e-meia aparece um fiotinho novo da tal felicidade. Quando ocê crescê pode té um que nem o meu. É só té carinho e amô no coração. (...)"

Maria de Lourdes Souza, do livro Dicionário de Lembranças.



Tia Fiinha



Argentino, filho da Tia Fiinha

Dásio e Janete, netos da Tia Fiinha

**Dorvalina:** A gente chegava lá ela sempre tinha uma broinha na panela, um doce de mamão... E ela era assim, qualquer pessoa que chegava lá era aquele jeito de tratar. E, minha filha, ela largava o que tava fazendo lá pra vir conversar com a gente. Era bom demais, né?

**A TAPERA HOJE NÃO EXISTE** mais. No entanto, ao escavarmos as ruínas da tapera, fomos encontrando seus clamores e significados esquecidos. Para muitos da família Januário, a tapera de Tia Fiinha significava abrigo, acolhimento, encontro. Compreendemos então com Tia Fiinha e o monge do poeta Manoel de Barros que era preciso conceber nossa casa de memória e cultura ao jeito de tapera.

"Um monge descabelado me disse no caminho: Eu queria construir uma ruína. Embora eu saiba que ruína é uma desconstrução. Minha idéia era de fazer alguma coisa ao jeito de tapera. Alguma coisa que servisse para abrigar o abandono, como as taperas abrigam.

Porque o abandono pode ser apenas de um homem debaixo da ponte, um gato no beco ou de um cubículo. O abandono pode ser também de uma criança presa num cubículo. O abandono expresso que tenha um entrado para o arcaico ou mesmo de uma palavra sem ninguém dentro. (O olho do monge estava



perto de ser um canto.) Continuou: digamos a palavra AMOR. A palavra amor está quase vazia. Não tem gente dentro dela. Queria construir uma ruína para a palavra amor. Talvez ela renascesse das ruínas, como o lírio pode nascer de um monturo.

E o monge se calou descabelado."

Manoel de Barros\_ Ruína

Figura 253 - Estandartes "Lembranças de Tapera" - frente

## Lembranças de Tapera



Casa do Desinho



Casa das Tia Nena (Pintura feita por Leni)



Casa do Tio Luis



Casa de Nestor Januário

A TAPERA DE TIA FIINHA era uma das muitas casas antigas do Córrego dos Januários que junto com outras já demolidas, compunham a memória de uma arquitetura e de um tempo. Colocar essas casas em foco nos parece uma reverência não só ao patrimônio histórico local mas também aos que nelas viveram.



Casa do Somen



Casa do Antônio



Casa do Tatão



Casa do José Inácio

Figura 254 - Estandarte "Lembranças de Tapera" - verso



## O Varal de Contos e Imagens



Varal

*"Uma coleção de histórias culturais, e especialmente de histórias de família, é considerada tão necessária para uma vida longa e saudável como uma alimentação razoável, trabalho e relacionamentos razoáveis. A vida de um guardião de histórias é uma combinação de pesquisador, curandeiro, especialista em linguagem simbólica, narrador de histórias, inspirador, interlocutor de Deus e viajante do tempo."*

Clarissa Pinkola Estes

**NA SEGUNDA VIAGEM QUE FIZ** ao Córrego dos Januários, em julho de 2002, reunimos os moradores e apresentamos um varal composto de fotografias feitas por mim na primeira viagem e também de fotos antigas de alguns moradores. O objetivo do varal era fazer uma devolução das imagens e ouvir o que elas evocavam. Memória, fotografia, narrativa e história estavam ali entrelaçadas revelando uma prática metodológica que integra palavra e imagem e busca tecer a história ao mesmo tempo em que a escuta.



Denise e Elizete

**Elizete:** Ficou chique demais. As fotos estão lindas! As broas tão chiques demais, uai! A Dedé tá chique demais. Engraçado, na hora que tá fazendo, você não imagina que vai ficar tão bonito, depois vira uma história e fica bonito demais. Coisa que a gente até nem via mais. Não pode esquecer mesmo não. A gente não dá muita importância, porque a gente não vê.



Brenda e Fabiane vendo varal de fotografias



Joverino, Antônio e Marcelo



Romilson, Terezinha, Zilmar e Elizete



Norton, José do Carmo e Dionísio

Figura 255 - Estandarte "O varal de Contos e Imagens" - frente

AS FOTOS ATUAIS E ANTIGAS provocam nos mais velhos a reflexão sobre a fotografia como elo dos tempos, e sobre a importância da memória e do diálogo com as novas gerações:



Lúcia, Argeu e Valdir



Silvia com a pasta de sua pesquisa para o Museu Casa do Rentoca

**Silvia:** Ali naquelas fotos tem muitas pessoas que já morreram, da família. Então, é, muito bom, esses trabalhos, essas fotos, é bom demais. Porque aí é recordação que fica. E outra, tem que ter alguém pra conversar com as crianças, pra falar como foi, como era. Porque a gente teve trabalho, por exemplo, o que eu fiz, tá lá no museu do Inhapim, foi uma dificuldade pra gente conseguir. Então é assim, os pais, a família deve conversar com os filhos sobre isso. Muita gente já passou por aqui, cada um teve uma história bonita. Tio Luiz, Tio Chico, papai, Izalino. Esses aqui, cada um teve uma história muito bonita, e tá escondido, né?

**Argeu:** Senão essas crianças não vão ter uma história pra contar, não vão saber a procedência deles. O Padrinho Nestor era o carpinteiro, Tio Chico era o assador de cabrito, profissional mesmo. O Tio Luiz era o médico, Tio Lucas era o professor. Foi o primeiro professor. As meninas. Tia Dilina. Eu lembro demais. Ficaram ali, e era aquela hospitalidade, onde o povo reunia, a comunidade reunia. Tio Izalino era um homem que sentava com a gente naquela escada, no banco ali, às vezes coisa que papai não falava pra gente, rapaz, uma coisa assim, Tio Izalino explicava pra gente. Quando menino eu convivia com o Tio Izalino, a gente via a qualidade dele na vida da gente. E falando do Tio Izalino, ele era um elemento que acatava os forasteiros, foi o que acolhia as pessoas, Zé Pião, o Tertó, Paulista, Sinhadinha, Zé Sati... Então cada um deles tinha a sua qualidade.



IZALINO



Tia Sete e Lucas Evangelista



Bela

**Bela:** O Argeu falando isso do acolher, eu me lembro naquela casa ali, eu via, não tenho fixo assim, não consigo saber quem era. Eu lembro assim que eu ia ali na casa debaixo, alguém morava ali, uma lembrança forte. Mas eu não sei quem é, se era parente se não era. Morava ali. Então deve ser isso aí que você tá falando, de acolher.

**ARGEU LEMBRA ALGO PRECIOSO:** a qualidade do ser humano que emerge do coletivo traz a marca de sua diferença no mundo e com ele dialoga. Há nessa fala uma noção de pertencimento, de singularidade, que se vai tornando rara, à medida que nos afastamos uns dos outros, nos isolamos, e não mais ouvimos e compartilhamos a nossa diferença no mundo. Tio Izalino vivia na comunidade e era com ele que Argeu se sentia à vontade para falar. As fotos vão trazendo as qualidades dos que viveram ali. Seus rastros vão sendo lembrados...

A fala de Bela é muito bonita. Ela não se lembra de uma pessoa em especial. Sua reminiscência é a do acolhimento.

Há algo de profundo nos fragmentos narrados. A lembrança dessas qualidades nos põe em contato com a necessidade de, no presente, irmos ao encontro desses valores essenciais que falam de escuta e acolhimento. Esta é uma forma de reverenciar o passado, de seguir seus rastros...Penso que perderíamos todos nós, não só os moradores, se o povo do Córrego dos Januários se esquecesse de si, de sua história, de seus valores, deixando de expressar também sua qualidade, sua possibilidade diferenciada de existir no mundo.

## Cesto de memória



Dorvalina lendo os versos do Zé Chico

O PROCESSO DE ESCAVAÇÃO, que se dava nas oficinas e conversas com os moradores, também acontecia de forma inesperada, fruto da rede que se articulava cada vez mais. Isto ficou evidente com o aparecimento dos versos do Zé Chico (na véspera do Domingo de Páscoa era tradição, no Córrego dos Januários, fazer um boneco com trapos e cabeça de abóbora, roubar objetos variados e colocar em torno dele no campo de futebol. O boneco, que representava o Judas, ficava exposto o domingo inteiro e à tarde eram declamados versos que mencionavam os moradores de cada casa, geralmente elogiando as moças solteiras, como se tivessem sido escritos pelo próprio boneco. Ao final da leitura dos versos acontecia a malhação do Judas).

Pouco antes de nos reunirmos para uma outra oficina da memória, desta vez com adultos e crianças, Dedé chega à casa de Joversino com um bloco de páginas amareladas pelo tempo, contendo anotações escritas há 25 anos, e que deixaram Toquinha emocionada.

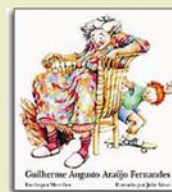
ERAM VERSOS EM QUE ZÉ CHICO, de forma bem humorada, fazia referência a todos da comunidade. Naquela noite, quando nos reunimos, os versos foram lidos por Dorvalina, irmã de Toquinha:



Toquinha recebendo de Dedé os versos escritos por Zé Chico

Dirrepeni eu fiquei deido  
 Quee meuha lindaa donzela  
 Quee iscutai falá o nome  
 Mi fance qui adela  
~~Amis~~ meu fangeu  
 Eu fancei de isputai  
 Qui pro casinno dissimo  
~~Amigo~~ Bilibira  
 Inqui e untei frudente  
 Foi o nome e peço fina  
 E falei de meu amase  
 Com a garoto dorvalina

NOSSA OFICINA DE MEMÓRIA naquela noite de abril de 2003 se inspirou no livro infantil Guilherme Augusto Araújo Fernandes. Nessa história, Guilherme Augusto, através de um cesto de memória, ajuda D. Antônia recuperar sua memória perdida.



Capa do livro:  
Guilherme Augusto Araújo Fernandes

Figura 257 - Estandarte "Cesto de Memória" - frente





Sebastião Lau



Mariquinha (em pé) e família

**DEPOIS DA HISTÓRIA**, pedimos que escrevessem os nomes de pessoas importantes nas suas vidas e os colocassem no nosso cesto da memória. A brincadeira de colocar nomes no cesto começa e Sebastião Lau é o primeiro nome a surgir.

**Dedé:** O Tio Sebastião Lau, acho que ele tá em primeiro lugar aqui na nossa comunidade. Sabe por quê? Porque ele não teve filhos, e ele que doou aquele pedaço de terra ali pra fazer essa casa de escola pro povo estudar. Quantas pessoas estudaram ali! Se tem aquela escola hoje, agradece a ele. Ele que deu o terreno, não foi, padrinho Zé Barba?

**Zé Barba:** Deu o terreno e fez a casa.

**Dedé:** Então, foi uma coisa pra todo mundo. Um exemplo muito bonito que ele deu pra nós.

**Toquinha:** Casa da Vovó Mariquinha. Quem escreveu? Deo? Por que você escreveu casa da Vovó Mariquinha?

**Edervânio:** Porque eu tinha vontade de conhecer ela, eu não conheci. Então eu coloquei que eu gosto lá da casa dela.

**Toquinha:** Você não chegou a conhecer a madrinha Mariquinha?

**Conceição:** A mãe morreu em agosto, e ele nasceu em novembro.

**Zé Barba:** Océ lembrou de uma mulher bonita, rapaz. Era muito asseada, eu gostava dela. Ela andava cheirosa, né? Océ via a comadre Mariquinha océ até caía no chão... Isso depois que ela tava velha, não era nova não. Ela era caprichosa mesmo com o corpo dela.

**Toquinha:** A madrinha Mariquinha andava sempre de batom. Pó-de-arroz.

**Adélia:** A gente ria da Tia Mariquinha. Televisão só lá que tinha e a gente gostava de ver novela. Na hora que juntava muita gente ela falava: vou desligar que tá gastando energia demais.

**Toquinha:** Geraldino, quem escreveu Geraldino?

**Jardel:** Eu escrevi porque ele é a pessoa mais velha daqui, e ele contribuiu muito com o crescimento da nossa comunidade. E quando a gente era mais novo ele fazia muita coisa pra ajudar aqui, sabe.

**Toquinha:** É isso mesmo. Seu Geraldino era o castrador de porco daqui.

**Zé Barba:** Ele era o pára-raio. Era arrumar fogão, era castrar porco, aplicar injeção. Era tudo enquanto há.

**Toquinha:** Seu Geraldino nos lembra festa. Na sua casa, aos domingos, as pessoas se reuniam para ouvir música e dançar. Lá se podia beber o café docinho da D. Vita, sua esposa, em pequenas canecas esmaltadas que ficavam guardadas na cristaleira esperando as visitas. Aqueles encontros resultaram em muitos namoros, casamentos, famílias. Deixaram saudade as tardes alegres e os moradores da casa simples e acolhedora que jamais esqueceremos.



Lúcia e Crianças vendo fotos



Geraldino vendo foto dele com bisneta Brenda

**NOSSE ENCONTRO TERMINA COM** nossa proposta de construir o acervo fotográfico e para isso precisávamos recolher fotos antigas para compor com as fotos atuais. Zé Barba pede para encerrar fazendo uma oração:

*“Nós queremos fechar o dia agradecendo a Ele tudo de bom que Ele nos deu, e queremos também comunicar a Ele que o que nós tratamos aqui Ele gosta. Ele gosta de coisa boa, gosta de brinquedo, gosta de festa. Deus ama a alegria. Então, que tudo que foi tratado aqui, que ele derrame a cada um de nós a luz do Divino Espírito Santo, mas que a gente não deixe esse tempo ficar perdido, que cada um de nós possa dar nossa contribuição. Ou que seja pouquinho ou que seja muito, mas que nós não desanima, porque só essa história é que vai fazer a gente viver.”*



Denise e Zé Barba

Figura 258 - Estandarte “Cesto de Memória” - verso

## A luz e o calor



Toquinha chegando na casa de Julita

"A gente quer ter voz ativa  
No nosso destino mandar  
Mas eis que chega a roda-viva  
E carrega o destino pra lá..."  
Chico Buarque

**A LÉM DAS OFICINAS, NOSSOS ENCONTROS** aconteciam nas visitas de casa em casa. Às vezes as entrevistas, que tomavam a forma de uma conversa, eram marcadas com antecedência, mas em outros momentos os encontros casuais se mostravam um campo fértil para a escuta. A todos eles levava comigo, além do gravador e da câmera, algumas questões que eu sentia necessidade de aprofundar, como: o que não pode ser extinto no Córrego? O que não pode morrer? O que é essencial para os moradores?

**COM ESSAS INDAGAÇÕES, FUI CONVERSAR** com Zito, Argeu, Zilmar, Nestor, Sones, Nenê e Zé Barba, que, entre outros, participavam desde o início com grande interesse de todo o processo. Durante a pesquisa que possibilitou a produção do acervo de contos e imagens do Córrego, compreendi ouvindo os moradores que o que ameaçava a história de poder ser contada era principalmente o isolamento, a diminuição da convivência.

**Argeu:** Nos tempos passados o meu pai te visitava, visitava o seu pai. Quando meu pai chegava na sala ficava conversando com seu pai. Minha mãe passava pra cozinha e ia conversar com sua mãe, a comadre lá. E os meninos, suas irmãs e meus irmãos iam pro terreiro brincar. Isso acabou.

**Juca:** Naquela época não tinha TV não tinha nada. Lembro quando o Tio Isalino comprou rádio. Ia todo mundo lá pra casa do Tio Isalino assistir aquele programa caipira. Já começou a afastar um pouco as visitas. Aí depois apareceu a televisão, aí que descambou mesmo.

**Zito:** De primeiro ali na casa das Tia Nena era o lugar do povo juntar. Naquele tempo usava um sistema diferente de almoçar ali pelas nove horas, duas horas jantar e, à noite, ceia. Então a gente juntava tudo lá na cozinha de chão, ceava e ficava contando história, contando piada. Um papo gostoso. E depois cada um ia pra sua casa. Hoje o povo aqui quando encontra é ali na capela, tirando disso, quase que o povo não sai.

**Nenê:** A gente dialogava mais. Tinha mais contato com os amigos, compadres, com os tios. Hoje em dia ocê vê, depois que tem televisão ninguém passeia na casa dos outros. Não tem calor humano. Eu não gosto muito de televisão não. Mas sozinha a gente não vai sair também, né? Aí fica quieta.

**Nestor:** Eu nunca pensava ter uma luz elétrica na minha casa, uma televisão, ter um som... Os mais velhos não esperavam ter um freezer dentro de casa, uma geladeira. Isso não vinha na cabeça que ia existir pra nós. A luz foi boa, melhorou muito, numa parte... Naquele tempo a gente passeava muito. Mas agora chega de tardinha, acaba de jantar e a gente acomoda. Então isso tem uma falta. Se a gente der uma saída a gente chega lá na casa do amigo, bate um papo, o ar muda.

**Zilmar:** A gente fica invocado com negócio de televisão, ela toma muito tempo da gente. Uma coisa que ocê tem pra fazer, chega assim, ocê deixa de fazer. Mas se tiver alguém no terreiro ali sempre eu converso.

**Nenê:** Tem hora que tá passando uma coisa lá na televisão que ocê não tá gostando que menino veja, uma pessoa mais de idade veja, mas tá ali. A gente não tem coragem de chegar e desligar. Só desligar. Mas não desliga, né?

**Zito:** É, a TV tem uma força doida. Tem gente que é dominado pela televisão. Mas a televisão é uma ótima coisa. Sabendo usar.

**Argeu:** Pois é. O Tio Astolfo falou isso comigo em 1982, lá em Belo Horizonte. Ele falou assim: essa televisão tem uma coisa ali pra desligar...

**Zito:** Tem hora que eu fico pensando. Ocê tem que falar menos e ouvir mais. Já pensou se Deus tivesse feito duas bocas e um ouvido só? Ocê não ouvia nada que o outro falava e era um falatório igual papagaio. Isso é um pensamento meu. Então, é tão bom ocê ouvir o que as pessoas estão falando. O que for bom ocê acolhe, o que não for ocê joga fora. É o caso da televisão, o programa que é bom...

**Nenê:** A gente pega.

**Zito:** Ocê participa dele, o que não for, ocê deixa pra lá. Então tudo, sabendo usar, é bom demais, uai.



Nestor e Zilmar vendo fotos

Figura 259 - Estandarte "A Luz e o Calor" - frente





Jardel com o avô Zé Barba

**Toquinha:** Daquele ovo vinha uma franga, e vinha mais galinha... É engraçado, a gente ganhava mesmo, né? Eu ganhei muito frango e ovo quando era pequena. A madrinha Luzia me dava também às vezes um pouco de feijão.

**Zé Barba:** Mas então a televisão não dá muito esse espaço. Porque depois que a gente passar a gostar de um programa, ah, briga, não briga? Quando chega em casa, tá o Jardel (seu neto) aí, ele sai pra escola cedo e eu saio pro serviço mais tarde, ele chega do serviço e tô lá pra roça. Venho, tomo banho e vou ver televisão, lá é meia hora. Dentro dessa meia hora ele me faz uma pergunta, eu falo: ó rapaz, agüenta a mão aí, eu tô querendo assistir um negócio aqui, né? Daí a meia hora eu tô dormindo, aí acabou já o espaço d'eu mais ele.

**Denise:** O senhor tá falando isso e eu me lembrei de uma coisa. Quando nós fomos na escola nós perguntamos pras crianças quem eram as pessoas importantes da vida deles aqui na comunidade, principalmente as pessoas mais velhas. E aí todos eles responderam, o avô, a avó, o tio, o padrinho, que contam história, brincam, às vezes ensinavam a fazer pião.

**Zé Barba:** Eu acho que era hora da gente aproveitar o restinho de vida e procurar fazer alguma coisinha, algum resgate do que foi embora, buscar pra modo de deixar por aí, senão quem vier daqui mais alguns anos não vai saber que Córrego era esse, né? Eu acho que esse trabalho, viu, Denise e Toquinha, é muito importante devido às suas humildades. Porque vocês estão andando atrás de uma coisa que o pessoal jogou fora. Esqueceram. Vocês estão querendo resgatar aquilo que tinha de bom na comunidade, que nós estamos deixando ficar perdido pra lá. Vocês estão procurando o resto, né? O resto. Que ninguém tá querendo. E foi do nada que Deus começou o mundo. E isso é uma lição pra cada um de nós. A gente poderia estar acompanhando o desenvolvimento todo mas sempre com o pé atrás, não esquecendo o que já passou, porque diz que a história de trás muitas das vezes serve de trem pra vida da gente lá na frente, porque a história de trás que ajuda a gente a caminhar.



Nestor com a última sanfona do Córrego dos Jamários

**Zito:** No tempo que a gente não tinha a luz aqui, não existia rádio, não existia televisão, a gente passava nas encruzilhadas, quase até o dia amanhecer, com uma sanfoninha oito baixo tocando, cantando, brincando ali. A gente amanhecia o dia nas estradas. E isso acabou

**Nestor:** Eu lembro que a gente chegava no meio do caminho e acendia aquele fogo, o Sones tocando sanfona, e vinha embora tocando sanfona pela estrada afora.

**Denise:** Pelo que eu estou entendendo, as pessoas não gostam de ficar em casa, mas acabam ficando. E eu tô achando isso curioso. Por que todo mundo fica em casa vendo televisão? Na última vez que nós estivemos aqui o Sones tocou sanfona. Seu Venério tocou violão. E até todo mundo falou: nossa, agora só tem uma sanfona aqui. Só tem aquela lá na casa do Joversino, não tem mais sanfona nenhuma. Eu falei: meu Deus. cadê as sanfonas do Januário?

**Zito:** É, aqui é só mesmo a do Joversino

**Nenê:** Foi muito bom aquele dia, né? Passaram as horas sem ver. Gostei demais.

**Denise:** O senhor tava aquele dia contando pra gente como que era na época da encruzilhada. Conta um pouquinho disso, que o senhor tocava sanfona.

**Sones:** Mês de maio saía pra reza lá no Aristino Brás, né, e quando não tava lá reunia aqui, 8, 10 rapazes e ficava aqui tocando até tardão. Depois ia embora dormir. Mas isso aí era quase a semana inteira. Onde nós vamos? Hoje é na casa de fulano, amanhã nós vamos na outra casa. Saía com a sanfona, cada dia ia numa casa, de noite. Depois desanimou, parou.

**Denise:** Essa idéia da sanfona ir em casa é muito legal, porque às vezes tem gente triste em casa...

**Nenê:** Aí toca e alegre. Tá amuado lá, toca um bocado de sanfona, levanta o astral, né?

**D. Efigênia:** Um toque de sanfona é bonito demais.

**Nenê:** O baile mesmo, de toque de sanfona, eu acho que isso não podia acabar não.

**Zito:** O lugar que tem uma viola, uns cantando pra divertir, eu gosto de estar sempre ali. Porque o gostoso mesmo é tocar todo mundo junto, né? O que falta é comunicar uns com os outros e falar: vamos fazer isso e partir pra cima, né? Juntar uma viola, um violão, um cavaquinho, uma sanfona, um pandeiro. Junta aquela turminha de uns 4 ou 5 ali, e por aí que começa, né? Aí a pessoa amanhece o dia. Sem a união não consegue nada não.



Sones rasgando a tatioba

**A LÉM DE ILUMINAR TEMAS** que pareciam congelados, com destino traçado, essas conversas possibilitam o surgimento de idéias que subvertem a ordem e abrem novos caminhos. No diálogo, Nenê, Zito, Nestor, Zé Barba, Argeu, Juca, Zilmar, Nenê e Toquinha vão se apropriando da voz ativa e da coragem de manter viva não só a sanfona, mas também a alegria.

Figura 260 - Estandarte "A Luz e o Calor" - verso

# Terra e Memória

"Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos. E que eles faziam o serviço de escovar osso por amor. E que eles queriam encontrar nos ossos vestígios de antigas civilizações que estariam enterrados por séculos naquele chão. Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras."  
Escova - Manoel de Barros



Marcelo contemplando o seu cafezal

**Marcelo:** Aqui eu vejo assim, a primeira coisa é sentimento de lembrança do pai, né? E do lugar, olhando o serviço onde que ele criou a gente, criou os filhos dele aí. Que o papai plantou essa lavoura de café que tá aqui em cima e essa que eu tô aqui agora foi o papai também que plantou. Então eu fiquei pensando assim: há mais de 20 anos eu tô trabalhando onde ele trabalhou, fazendo o que ele fazia, e sempre tendo a recordação dele. Pelo tipo do lugar que eu tava olhando assim pra cima, me dá um tipo de muito pensamento na hora. De muito sentimento. E eu fico pensando assim: a mesma dificuldade que ele teve pra criar a gente e que a gente vai ter. Dá uma esperança, um sentido de uma esperança, que todo mundo tem suas dificuldades, muita gente tem, mas a gente vence também. Eu tenho muito sentimento. Eu não sei, eu não gosto, tem uma porção de retrato que eu não gosto, sabe. Esse daqui mesmo é um dos que eu achei melhor, de retrato que eu tirei até hoje. Eu tô de chinelo no pé, com a roupa de trabalhar, né? Eu tô fazendo o que eu sei fazer, na minha profissão.



Marcelo com as filhas Rafaela e Dayane colhendo café



Zilmar e Denise no cafezal

**Zilmar:** Eu gosto de subir aqui no alto. Océ enxerga o Januário tudo pra cá e lá, pra lá também, virando lá naquela volta fria. Ah, meu Deus! Tão bonito...

**Denise:** Estamos aqui gravando, registrando com a Zilmar na sua lavoura de café. Ela tá mostrando pra gente como é que se colhe café. Vamos lá, Zilmar, fala aí.

**Zilmar:** Antigamente apanhava o café era no balaio. Chamava aparadeira, né? Agora apanhamos com o pano. Põe o pano debaixo do pé de café e apanha o café e vai jogando aí. O café sai limpinho. O pano é melhor pra poder a gente juntar. Uma que o café sai limpo, e também, duas pessoas pegam num pano. A aparadeira era uma pra cada um.

**Zilmar:** Éta nós! Vamos apanhar café, gente! Os apanhadores apanham de dia, a gente apanha é de noite! (risos) Estamos na lavoura do meu filho Vandinho apanhando café, gente. Océ espia de longe lá, nós estamos apanhando café.

**Denise:** Zilmar, quem são os companheiros que você a toda hora fala?

**Zilmar:** Os companheiros são os que trabalham pra gente, é, que ajudam colher. Ajudam colher café,



Conceição apanhando café



Zé do Carmo espalhando café



Geraido Alexandre e José Medeiros enchendo balaio



Toquinha e Seu Venário no terreiro de café



Deborah, Luis Carlos, Denise e Dedé no terreiro de café

**Gilzane:** Eu acho que o café é uma das coisas mais importantes aqui no Januário. Porque a maioria das pessoas tem bastante café. Eu acho diferente porque eu fico assim pensando, o café dá, aí apanha o café, depois põe pra secar, aí depois limpa, aí que vai fazer o pó. Diferente, eu acho. Eu fico pensando, como é que Deus faz uma coisa tão importante.



Getulio espalhando café



Mãos com café



D. Mega escolhendo café



Soniinha moendo café

Figura 261 - Estandarte "Terra e Memória" - frente





Zilmar e a vassoura de alecrim

**EU ESTAVA HOSPEDADA NA CASA DE ZILMAR** em julho de 2002 e fotografei bem cedinho, sem que ela me visse, esta cena que se repete todos os dias na vida dela. Não podia resistir ao encanto daquela imagem, e tinha consciência de que queria registrar exatamente aquele instante em que a simplicidade e a poesia daquele cotidiano se revelavam tão fortemente. Olhando para a foto reconheço a mesma cena que inundou meus olhos naquela manhã.

Ao ver a foto em abril de 2003, Zilmar se emocionou com meu olhar diante de uma cena tão comum do seu dia-a-dia. Até então eu nunca tinha visto uma vassoura de alecrim.

**UM DIA ZILMAR** foi até seu cafezal buscar mais alecrim para fazer outra vassoura e chamou-me a mim e Toquinho para acompanhá-la. Estes eram sempre momentos especiais, em que eu me deixava guiar pelo inesperado, abrindo-me a ele, levando, claro, o gravador e a câmera...

No dia seguinte tivemos a oficina da esteira de taboa. Zilmar, que também participou da oficina e sabia que eu estaria lá para fotografar, chega com a vassoura e dá uma divertida aula de como montar a vassoura de alecrim.



Zilmar fazendo a vassoura de alecrim

**Zilmar:** Tem que fazer economia, minha filha. Não pode ficar comprando vassoura, não! (risos) Vassoura tá muito caro! Agora eu vou varrer terreiro...

### Outros fazeres da roça...



Seu Luis fazendo baliao



Trabalho de pegar peixe



Ninhos de galinha da casa da Jupira



Zito, Joverino, Adélia e Denise com carro de boi



José do Carmo moendo cana no engenho



Foto Glizane/Cavalo



Contas de lágrimas



Taboa



Klégia e Dedé na oficina de esteira



Grupo detado na esteira



Joverino, Adélia e Denise com barro branco



Julita cozinhando no fogo a lenha

Figura 262 - Estandarte "Terra e Memória" - verso



## A Grafia do Olhar I



Grupo das novas fotografias caminhando perto da casa de D. Nega

*O meu olhar é nítido como um girassol. Tenho o costume de andar pelas estradas olhando para a direita e para a esquerda, e de vez em quando olhando para trás...  
E o que vejo a cada momento é aquilo que nunca antes eu tinha visto, e eu sei dar por isso muito bem...*

*Sei ter o pasmo essencial que tem uma criança se, ao nascer, reparasse que nascera deveras...*

*Sinto-me nascido a cada momento para a eterna novidade do mundo.*

Fernando Pessoa

**A S FOTOS AQUI APRESENTADAS FORAM** algumas das imagens produzidas na oficina de fotografia e memória realizada em abril de 2003. Nosso objetivo era caminhar fotografando, e a pergunta que guiava o olhar e os cliques das câmeras era: que imagens queremos deixar para a história do Córrego dos Januários? Brenda, Gilzane, Regiane e Fabiane fotografaram crianças, brincadeiras, divertimento, e também aqueles que amam (tios, bisavô, amigos, irmã...). O tema do café também emerge, e é bonito perceber nas imagens e no que elas nos contam o valor do cultivo e da terra.

As meninas mostraram, através das lentes de suas câmeras, paisagens humanas, naturais e culturais do Córrego dos Januários, criando com suas belas imagens uma estética da delicadeza .



Grupo da oficina de fotografia



Regiane fotografando Leandro puxando a mula com café

**Regiane:** Ele é tipo um lavrador. Trabalha com a apanhação de café. Ele vigia a casa da D. Nega, ele que cuida das vacas. Eu acho ele uma pessoa muito legal. Ele gosta de brincar com a gente.



Regiane fotografando Luana



Foto de Regiane: Luana em sua casa

**Fabiane:** Ah, a Luana.

**Regiane:** Ficou bonito.

**Denise:** Essa menininha é uma graça. Aparece muito aqui a cor também, o barro, a cor da terra, que é muito típica aqui do Januário. Como foi esta foto?

**Regiane:** É porque na hora que eu saí pra ir lá onde que nós fomos, lá em cima, aí ela me perguntou onde que eu ia. Aí ela falou assim: oê tira uma foto de mim? Ficou bonito...

**Denise:** Quantos anos ela tem?

**Regiane:** Três.

Figura 263 - Estandarte "A grafia do olhar I"



Fabiane fotografando Vitor e Marcos Aurélio com pipa



Foto Fabiane: Meninos soltando pipa



Fabiane, Gilzane e Brenda mostrando fotos para Vitor e Marcos Aurélio

**Brenda:** Olha essa foto, Vitor e Marcos Aurélio soltando pipa. Quem tirou essa foto foi você, não foi, Fabiane?  
**Fabiane:** Ah, é porque eles estavam se divertindo.

**Gilzane:** Ficou bonito. Achei interessante, porque os meninos estavam divertindo. Eles fizeram a pipa, depois soltaram a pipa, brincando. É pipa tem muito tempo que os meninos já fazem assim. Já tem muito tempo, porque eu acho que até meu tio já fazia.

**Regiane:** É, que aí mostra a brincadeira dos meninos que eles gostam mais de brincar



Foto de Gilzane: D. Nega na janela

**Denise:** É incrível essa foto aqui! A casa, a janela é pequenininha e aqui na foto parece enorme. Porque isso em fotografia se chama enquadramento. Ela fez um recorte da cena. Ela escolheu e enquadrou só aquela janela e ela tomou toda a cena. Muito legal. Gilzane, por que você tirou essa foto dela?

**Gilzane:** Ah, porque é uma pessoa mais velha, ela é uma biblioteca como a minha mãe falava.

**Fabiane:** Ah, ela também é minha tia, é irmã da minha vó, mãe do meu pai.



Gilzane fotografando D. Nega



D. Nega vendo as fotos

**Gilzane:** Ah, é porque a gente sempre faz uma coisa todo dia, por exemplo, vai na escola todo dia, tudo a mesma coisa, aí quando vocês vêm é diferente assim, porque aí a gente faz uma coisa diferente. Mais divertido.

**Fabiane:** E também porque vocês que estão buscando as coisas mais antigas, tirando fotos... Aprofundando na história do Januário.

**Gilzane:** Porque aí as crianças, o que elas não sabem vão ficar sabendo.

**Fabiane:** E nós também.

**Gilzane:** A gente também. Elas vão saber coisas diferentes.

**Denise:** Eu quero que vocês falem uma frase ou palavra que defina, pra vocês, como é que foi essa experiência de ter fotografado o Córrego dos Januários.

**Brenda:** Paisagem, não? Porque a gente tirou foto do café com o Getúlio, do Leandro carregando café dentro do balaio...

**Fabiane:** De várias paisagens.

**Gilzane:** Da natureza, das pessoas...

**Denise:** Que bonito, isso. As imagens que vocês produziram trazem paisagens humanas, naturais e da cultura daqui, né?



Foto de Brenda: Minhas amigas Denise e Toquinha

Figura 264 - Estandarte "A grafia do Olhar I" - verso



## A Grafia do Olhar II

**RELIQUIA É ALGO PRECIOSO**, de valor. Talvez este seja o tema central desses fotógrafos que buscaram imagens de trabalhadores, do cultivo da terra, da natureza, de pessoas queridas, de casas antigas, vislumbrando como relíquia a própria gente e esse pedaço de chão das Gerais. Vamos então celebrar o nascimento dos fotógrafos Zito, Nenê, Leandro e Wander, que não só experimentaram o ato de fotografar mas também, com suas câmeras, inventaram um novo ofício: o de focar relíquias.



Os novos fotógrafos: Zito, Wander, Leandro e Nenê



Zito fotografando José Santiago

"Diria que fotografo também para reter uma memória. Assusta-me a velocidade com que desaparecem as ruas, as casas, as pessoas, as cidades. Fotografo para guardar aquilo que, mesmo desaparecendo, permaneça existindo..."  
Walter Carvalho

**A OS POUCOS, ENQUANTO VÍAMOS** juntos as fotos, íamos refazendo nossa trajetória daquele manhã de outono de 2003. As fotos de que eles mais gostaram eram selecionadas, e para cada uma delas escolhiam um título para compor o acervo. Falarei de algumas procurando também mapear com eles os temas que estiveram mais em foco.



Denise mostrando fotos da oficina de fotografia



Zito fotografando Teresinha

**Denise:** Como é que foi? Como é que vocês iam escolhendo o que vocês fotografaram? Vocês lembram?

**Zito:** Eu encontrei com a Teresinha, ela vinha trazendo o almoço e eu mandei ela parar. Eu falei: pára aí. Ela parou naquela porteira da figueira ali. Lá ia ela levando o almoço pro esposo lá na lavourinha do Sebastião.

**Denise:** Por que que você quis registrar esta cena?

**Zito:** Porque ela ia levando o almoço pro esposo lá na lavourinha do Sebastião. E ela é minha cunhada?



Foto de Zito: Teresinha levando marmita para o marido Sebastião



Foto de Wander: Daniel, lavrador, trazendo arroz limpo

**Wander:** Daniel é lavrador que nem eu. Ele tá vindo da máquina de limpar arroz.

**Wander:** É muito bonita a paisagem aqui assim, que pegou aqui de um lado e de outro a lavoura, e a parte de cá mais de verde aqui, perto dos eucaliptos. O eucalipto tá bem do lado aqui.

**Denise:** O que te motivou a fazer essa foto?

**Wander:** Ah, por causa da camisa do Cruzeiro. Eu falei: vou tirar uma foto ali da camisa do Cruzeiro, porque eu sou cruzeirense, né? E ao mesmo tempo é um trabalhador aqui do Januário?

**Zito:** Qual é a árvore Wandinho?

**Wander:** Aquela lá no pasto do Rodrigues.

**Zito:** Ah! Isso é uma sumaúma. Tem 1, 2, 3, 4. Ih, 5 casas de João-de-barro, 6.

**Nenê:** Cinco casas de João-de-barro só numa árvore, olha, Janete.

**Wander:** Tô pensando num detalhe que eu vi nessa foto.

**Denise:** O que que é?

**Wander:** Esse detalhe aqui. Sabia que eles (os passarinhos) fazem essas casas umas viradas pra cá, outras pra lá. Que quando ela tá virada pra cá geralmente o vento vem é de lá pra cá, pra não entrar dentro da casa.

**Zito:** Na época que o vento vai dar, conforme o lado, eles fazem a casa com a porta ao contrário.

**Nenê:** A casa ao contrário do vento.

**Wander:** Assim dizem. Mas pode olhar. Essa aqui tá com a boca pra cá, a entrada. Essa daqui pra baixo. Essa aqui também pra lá. Construir igual o João-de-barro só ele mesmo. Ninguém faz igual.

**Zito:** E pode chover o tanto que chover que não quebra aquilo.



Foto de Leandro: João-de-barro e suas obras de arte

**LEANDRO ESCUTA OS AMIGOS E CONCORDA.** Orgulhoso da bela imagem, anuncia seu título: João-de-barro e suas obras de arte. Leandro trabalha com gado leiteiro e com a colheita do café, como vimos na oficina das meninas. Assim como Wander, seus olhos são sensíveis ao homem que trabalha na terra, ao lavrador. A imagem também me toca e percebo que o cultivo, a terra, a roça e o trabalhador do campo são temas que também meus olhos buscam.

Figura 265 - Estandarte "A grafia do Olhar II" - frente



Foto de Leandro fotografando lavoura de inhame

**Leandro:** Isso foi os dedos de inhame que eles estavam plantando na terra.

**Denise:** Dedo de inhame?

**Toquinho:** Muda de inhame.

**Wander:** Muda são os dedos, tem a cabeça e o dedo. Aqui também fala um quilo. Mas aqui na roça a gente fala: o dedo de inhame. Porque a gente vende os dedos de um preço e cabeça de outro.

**WANDER E LEANDRO TRAZEM IMAGENS** ligadas à terra. Wander chegou a produzir uma foto com Leandro, pedindo que este entrasse numa pequena lavoura de feijão que encontramos pelo caminho. Em cima do morro os lavradores colhiam café e observavam a cena inusitada, achando graça dos amigos fotografando o feijão.



Foto de Leandro: Lavradores de inhame

**Wander:** Essa foto aqui foi porque quase ninguém colheu feijão. Eu ainda brinquei com o Leo: vamos aproveitar que aqui tem feijão. Choveu pouco nessa região, e ali deu feijão, não sei como. Não sei se ele irrigou, ou o que que fizeram. Esse é o feijão seco, né, já arrancado.



Foto de Wander: Leandro com o feijão na roça



Wander fotografando Leandro com o feijão



Nenê fotografando a tulha

**Nenê:** Ah, é porque a gente recorda, a gente quase não vê esses lugar mais assim nessas casas que faz hoje, né, compadre Zito? É lugar de guardar os bagulhos, as coisas que guarda lá, né? Um milho, um balaio.

**Wander:** Tulha e piol é a mesma coisa.

**Nenê:** É, lugar de guardar as coisas. Um milho, um balaio...

**Nenê:** Ficou muito bonitinha, né? Eu falei: eu vou tirar da filha e da neta, né? Lá na cachoeira.

**Zito:** Ficou boa demais.

**Nenê:** A gente não imagina que vai sair assim. Tá muito parecido, não tá? Ficou boa mesmo. Olha que a gente aprendeu alguma coisa, compadre Zito. Agora, se for pra gente pegar uma máquina e tirar lá, talvez a gente sabe. Aquele medo de, ah, isso não vai dar certo, não tem mais. Legal.

**Zito:** A máquina também ensina a gente, uai. Por exemplo, na medida que ocê mira, se ocê não viu a pessoa todinha dentro daquele vidrozinho, ocê não arrisca não que não vai dar nada certo. Agora, se ocê viu a pessoa toda ocê pode apertar o gatilho que provavelmente dá certo (risos).

**Nenê:** Essa foto eu gostei porque é minha filha e minha neta também do lado da cachoeira. É, ficou bonito.

**Wander:** Isso aí é relíquia do Januário. É a única que tem.

**Nenê:** É uma relíquia do Januário, a cachoeira, né? E por ser minha filha caçula e minha neta. Janete e Kycella, né, na cachoeira do Deco André. É isso?

**Denise:** Interessante isso. O Zito, por exemplo, ele tirou muitas fotos, a Nenê também, de pessoas conhecidas. Quer dizer que é outro enfoque, né, de pessoas que ele estima muito, que ele quer deixar o registro. A Terezinha, o José Santiago, etc. também acharam importante o registro de casas antigas. Mas vocês quatro destacaram de um jeito ou de outro a natureza, o valor da terra...

**Zito:** Ah, isso é aquela moitinha de eucalipto, nos bambus. Olha que foto bonita.

**Denise:** Por que esta imagem, Zito?

**Zito:** É bonito, uai. Uma matinha verdinha assim é tão bonito de ver, né? E é o único eucalipto que tem aqui no Januário. Isso é o eucalipto do Vantuir ali, o gerente do banco.

**Wander:** Esse eucalipto também é relíquia. Quando acabar com esse eucalipto aí já tá registrado. Como a cachoeira, se acabar a cachoeira é só ali que tem.

**Zito:** O dia que eu encontrar com o Vantuir vou falar assim: ó, eu tenho uma foto da sua matinha de eucalipto em tal lugar assim assim...

**Denise:** O que a gente pode fazer é quando for escrever o texto que acompanha a foto, a gente pode colocar o que o Wander disse, que é um dos últimos, ou o último eucalipto da região. A foto pode também servir para denunciar que estas relíquias estão ameaçadas e que algo precisa ser feito para evitar isso.

**Denise:** Então lá, quando montarmos o acervo de fotos, a gente coloca um textinho alertando pra esta questão do meio ambiente, que vocês estão chamando a atenção através da fotografia. O que vocês acham?

**Nenê:** Muito bom, né? Porque se não, vê a foto e não sabe onde é, nem pra quê, né? Tem que explicar. Hoje em dia eles já cortaram muito aquela mata. Era tudo fechado lá. Cortou demais. Tem só um pouquinho. Precisa falar...



Foto de Zito: Eucalipto do Vantuir



## Escolas: histórias e brincadeiras



Criança com esperança na mão

*Cresci brincando no chão entre formigas. De uma infância livre e sem comparamentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação. Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orvalho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu rrago das minhas raízes criancieiras a visão comungante e oblíqua das coisas.*  
Manoel de Barros

A PARTIR DAS ESCAVAÇÕES DOS CONTOS e imagens dos Januários, Toquinho começou a escrever a história do Córrego. Com base na história colhida nos encontros e oficinas, a escritora costurou um texto tecido no coletivo e começou a contá-lo nas reuniões e nas escolas. As professoras, que moram na cidade de Inhapim, estavam entusiasmadas por conhecer a história do lugar onde trabalham. Sentiam a necessidade de estabelecer no cotidiano escolar uma ponte maior entre a escola e a comunidade. Juntas pensamos numa atividade que fortalecesse esse vínculo, favorecendo o encontro das gerações num intercâmbio de saberes e experiências. Em junho de 2003, Toquinho contou às crianças da Escola Municipal Elias Januário (Anexa) a história do Córrego dos Januários. Nela há um trecho sobre Sebastião Lau, escrito a partir dos relatos orais dos mais antigos:

*"Em 1952, num ato de extremo amor, Sebastião Tomé de Medeiros (Sebastião Lau), que não teve filhos, resolveu dar um presente a todas as crianças do Córrego dos Januários. E foi então que ele separou um pedacinho de terra onde construiu uma escola e entregou a seus parentes que ainda eram meninos. Diz que ela era um homem muito alegre e sentia muito orgulho da escola que havia construído com a ajuda dos seus companheiros."*

TOQUINHA CONTA A HISTÓRIA que professores e crianças desconheciam, e que é marcada não só por datas mas também por afeto, generosidade, e pela visão de um homem que valorizava a educação e se preocupava com as crianças. Há nessa experiência o diálogo entre informação e emoção, conhecimento e vida. A história da Família Januário e de Sebastião Lau é, sem dúvida alguma, matéria da escola.



Nestor e Sones vendo mural com foto de Sebastião Lau

*Nestor: Foi bacana. Porque passa tudo ali e ninguém fica sabendo. Quem é aquele naquela foto que tá ali? Esses meninos agora vão passando pros mais novos, no fim todos ficam sabendo. A escola ficou pra nós que somos sobrinhos. Eu estudei lá, outro estudou e aí vem a parte da família Januário estudando.*

DEPOIS, ZITO REUNIU AS CRIANÇAS e mostrou como se faz peteca. As crianças não tiravam os olhos das mãos de Zito, que concluiu a aula de peteca com um jogo. As mãos de Zito revelam saberes. Sones também mostra com as mãos seu conhecimento.



Meninos na escola vendo Sones tocar sanfona



Sones tocando sanfona na escola

NO FINAL DE NOSSO ENCONTRO, a professora Marta diz ter descoberto que é possível dar uma aula sem lápis e papel. A linguagem da música, do jogo, da fotografia, da história contada, tomou a cena, compondo uma narrativa banhada na experiência, como nos fala Benjamin.



Rosmar, Mônica, Toquinho, Nininha, Dodôra e alunos em 7 de setembro de 2007



Professoras Aparecida, Marta e Rosmar e alunos na Escola



Crianças vestidas de catpira na Escola



Foto de Regiane: A escola onde nós e nossos pais estudamos



Zito na escola ensinando a fazer peteca



Zito jogando peteca com os alunos

AS CRIANÇAS JOGAM COM ZITO E DANÇAM ao som do toque da sanfona de Sones. Por trás da peteca e do som da sanfona encontramos as mãos desses homens, cheias de traços, histórias e gestos capazes de alegrar e iluminar todos ali presentes.

Figura 267 - Estandarte "Escolas: histórias e brincadeiras" - frente





Escola Municipal Elias Januário (Sede)



Grupo dos alunos da Escola Municipal Elias Januário (Sede)



Denise mostrando fotos para meninos na escola sede



Meninos vendo foto da escola



Lúcia mostrando foto aos alunos

EM ABRIL DE 2003 REALIZAMOS a oficina de memória na Escola Municipal Elias Januário (Sede), que rabalha com a 3a e 4a séries do Ensino Fundamental. Em junho voltamos lá para mostrar as fotos. E convidamos para o encontro D. Isabel, Seu João Minanha, pais de Lúcia (professora da escola), e Marlene, antiga professora.



com as crianças

**Toquinha:** Eu vou contar pra vocês agora como é que foi formado, como é que surgiu o Córrego dos Januários. Naquela época as moças eram muito prendadas...

**Jardel:** Diz a Tia Dedê que se não soubesse costurar, não soubesse cozinhar e fazer sabão, não casava.

**Toquinha:** É verdade.

**Marceni (professora):** A minha sogra fala também que tinha que saber arrumar, matar um porco lá, né, e arrumar ele todinho, porque senão não podia casar de jeito nenhum.

**Ronildo:** A minha mãe faz sabão, de abacate.

**Toquinha:** Em 1952, Sebastião Tomé de Medeiros (Tio Sebastião Lau) doou terra para construção do que é hoje a escola Anexa.

**Marlene:** É que a escola que ele fundou chamava Escola Joaquim Ribeiro, né? Ai depois, não existia essa escola aqui não, só aquela lá de baixo. Era escola multigraduada, tudo misturado, sabe? Era assim. Ai fundaram essa escola aqui, por meados de 1963, por ai. O povo daqui também tinha necessidade de escola, que tinha só a lá de baixo, então, ai fundou essa escola aqui. Foi o deputado Altair Chagas que fundou. A Maria Antônia foi a primeira professora e essa escola passou a se chamar Escola Estadual Elias Januário. E ai, pra não desmembrar, não sei como é que foi lá, anexou a de lá a essa aqui. Tem essa Sede e a de lá Anexa.

**Toquinha:** Por isso então que eu não entendia: por que a primeira foi construída lá e por que que essa daqui que era a Sede? Eu queria entender por que, né? Ah, então foi por isso?

**Marlene:** Foi por isso. Porque essa escola aqui ficou sendo escola estadual e a de lá era escola rural, entendeu?

**Denise:** Vocês sabem o que é história oral?

**Jardel:** História contada.

**Denise:** Exatamente. Esse é um exemplo de história oral. Marlene está contando uma história que não está nos livros, que ela sabe porque viveu uma época que a gente não viveu. Que vocês não viveram.

**Dayane:** De antigamente.

**Toquinha:** A Marlene foi uma das professoras que eu conheci aqui quando criança, e acredito que foi uma das primeiras do Córrego. Nós fizemos uma dinâmica assim: eu contei uma história e depois eu pedi que eles colocassem, numa cestinha, casas ou pessoas que eram importantes pra eles. E ai, depois, eles falariam por que essas pessoas eram importantes. E o Seu João Minanha e a D. Isabel foram citados pelo Felipe, né, dizendo que eram pessoas importantes pra ele porque eram os avós. Ele ainda falou que o Seu João Minanha às vezes indica chá pros outros. Ajuda a cuidar da saúde da família.

**Marlene:** Eu já trabalhei muitos anos aqui nessa escola, de 1974 até 1992. Me sinto honrada de vocês terem me convidado pra vir aqui

**Jardel (10 anos):** Esse aqui bonitinho é o meu, olha o pezinho bonitinho. Daqui é do Felipe, e esse daqui sou eu.

**Denise:** Além do pião, de que outros tipos de brincadeira vocês gostam?

**Carlos (10 anos):** Bola.

**Jardel:** Biroasca (bola de gude).

**Ricardo (9 anos):** Carrinho. A gente faz estradinha pros carrinhos.

**Jardel:** Carrinho de madeira. Carrinho legal. O motor dele é ficar empurrando.

**Seu João Minanha:** Na minha época eu tinha um tio que fazia carrinho de pau assim, né? Agora eu queria fazer um pergunta: vocês jogam a biroasca no papo? No buraco no chão?

**Jardel:** A gente tem vários tipos.

**Toquinha:** Como é que o senhor jogava, Seu João

**Seu João Minanha:** Era no papo. Chamava papo naquela época, um burquinho no chão.

AS CRIANÇAS VÃO NOMEANDO SUAS BRINCADEIRAS favoritas: pipa, robô, pega-pega, brincar de bola, bobinho, corda, queimada, biroasca, carrinho de rolimã, minigame... As brincadeiras novas e antigas coexistem num contexto em que o mais importante é brincar. Animadas com a foto dos pés, as crianças resolveram produzir uma cena com alguns de seus brinquedos para o acervo fotográfico.



Pé e Pião



Pé e Brinquedos



Sebastião, Denise, Lúcia, Marceni e alunos

Figura 268 - Estandarte "Escolas: histórias e brincadeiras" - verso

## Fotos Antigas



Grupo com fotos antigas reunidas para o acervo

EM JUNHO DE 2003, REALIZAMOS o que chamamos de Oficina de Fotos Antigas . Nosso propósito era reunir para o acervo fotográfico fotos antigas dos moradores do Córrego dos Januários, buscando, por meio do contato com essas fotos, as histórias, os casos , as deliciosas narrativas que emergem toda vez que os moradores estão juntos, e que as fotografias ajudam muito a evocar.

AS FOTOS ANTIGAS JÁ vinham sendo recolhidas por nós nas viagens anteriores, mas naquele momento era preciso começar a organizá-las. Assim, cada pessoa que foi à casa de D. Oscarina e Seu Dionísio levou uma ou mais fotos para somar com as demais.



Oscarina e Mega vendo foto antiga

Oscarina e Dionísio vendo foto antiga



Tio Chico e seus netos

**Joversino:** Nosso fazedor de balaio, nosso rezador.

**Argeu:** O assador de cabrito.

**Joversino:** Assador de cabrito. Esse aí levava dois dias pra assar um cabrito.

**Argeu:** Fazedor de licor. O Tio Chico é marido da Tia Augusta e é o pai do Sones aqui. E morreu em 19 de outubro de 1966.

DEPOIS FOI A VEZ de Zé Barba e Argeu lembra um caso envolvendo o compadre.

**Joversino:** O compadre Zé Barba aprendeu as primeiras letras com o Tio Sebastião Lau que escrevia com carvão na parede pintada com barro branco.

**Argeu:** Alguém chamou o Zé Barba pra ir no Uaporanga, o Sones, né ? O Zé Barba lá ia, pra encontrar com a namorada dele, com o sapato amarrado com barbante, o sapato dele não tinha cadarço. Aí o compadre Sones mais o Zé Barba vão lá pro lado do Uaporanga caçar namorada. Quando chegou na estrada toparam com a namorada dele, deu de cara com a namorada dele que já vinha pra cá (risos). E ele pegou e enfiou os pés no meio do mato pra ela não ver o cadarço dele que era de barbante (risos). Aí a moça chegava: bom dia, Zé Barba, chega até aqui. E ele: não, bom dia daqui mesmo. Com os pés lá no meio do mato. Bom dia daqui mesmo (risos).

**Dorvalina:** Eram todas solteiras. Morreram bem velhinhas mas não casaram.

**Toquinha:** Elas viviam num sobrado e a casa delas era o ponto de encontro dos irmãos, sobrinhos, da família inteira. Elas tinham sempre muita fartura em casa e faziam ceia para o povo todo, todos os dias. As pessoas, além de comer, ficavam até tarde na casa delas contando história.

**Joversino:** Pra tirar essa foto o fotógrafo teve que arrumar um cavalo pra vir com aquela máquina, o lambe-lambe. Só veio pra tirar essa foto aqui.



Tia Beó, Zé Barba e Sebastião Lau

Zé Barba e Julita com os filhos Mônica (no colo) e Raul



Tia Nema, Tia Eusébia, Tia Flor, Tia Augusta (sentada) e Maria (no colo)

Figura 269 - Estandarte "Fotos Antigas" - frente





Família de Lucas Evangelista de Souza  
 Em pé: Zita (nora), Iracema (neta), Isaias, Julieta, Astolfo, Regina  
 (nora), Adolfo, Nicócria, Pe. José Lucas (neto)  
 Sentados: Lourdes (neta), Silvia, Augusto, Maria Francisca (D. Sete),  
 Lucas Evangelista, Nilo (neto, no colo), Zélio, Dorvalina, Irene



Benvinda e Nestor Jamário



Tia Zinha e Tio Luiz



Adolfo e Nicócria



Geraldo Domingos e Celurdes



Orvaldo e Inês



Isalino, Domana e José Isalino



José Donato e sobrinhos e Mariquinha Donato



Joventina (D. Juvinha) e  
 Aristides Bispo



Família na festa de aniversário de Beatriz



Família na festa de aniversário de Beatriz



Time de futebol antigo



João Afonso, Nestor, Cândido, Adolfo, Somen,  
 José Lau, Sodous, Bolívar



Olímpio Jamário



D. Josina e Mirian

Figura 270 - Estandarte "Fotos Antigas" - verso

## Maria Ilda das Dores Souza, a Dedé

Maria Ilda das Dores Souza, conhecida por todos como Dedé, foi sem dúvida uma das mais entusiasmadas e das maiores participantes em todo o processo da nossa pesquisa no Córrego. Em abril de 2003, Dedé sugeriu que fotografássemos para nosso acervo de memória o processo de tecer uma esteira de taboa, ofício que todas as mulheres conheciam bem há 40 anos atrás. A proposta foi aceita imediatamente e combinamos fazer uma oficina, convidando crianças e adultos para participarem. Em momentos como esse, em que se evoca uma experiência de pais e avós, há um clima de reverência no ar. Dedé nos ensina isso através da seriedade, delicadeza e alegria com que prepara o tear para ser fotografado para a história dos Januários.



O tear feito por Dedé



Dedé e sua filha Maria José



Dedé e Efigênia



Oficina de esteira: Dedé ensinando a tecer

*Denise:* Como você aprendeu a fazer esteira, Dedé? Quem te ensinou?

*Dedé:* Minha mãe fazia. Eu sou mãe de dez filhos. Meus filhos foram criados dormindo na esteira. Era pouca gente que usava esse negócio de colchão. Antes, era esteira mesmo. A gente corta ela lá no taboa e deixa oito dias pra murchar. Ai depois a gente já pode trabalhar com ela.

*Efigênia:* Nós mesmo dormimos muito na esteira. Eu comecei trabalhar na roça desde a idade de 7 anos. Porque o pai morreu e a gente ficou tudo pequitinho com a mãe. Chegava de noite lavava só pé e tum (caia), na esteira de taboa. Não tomava banho não, uai! (risos) Dedé adorava ver os álbuns de fotografia e logo percebi seu fascínio pelas imagens. Um dia, perguntei a ela se gostaria de fotografar. Ela me olhou desconfiada: Como assim? Eu, mexendo na máquina? Não, eu não sei lidar com isso, não.

Mas resolvi insistir, presentindo que Dedé só precisava de um apoio e de um leve empurrãozinho para também deixar a grafia de seu olhar registrada no acervo da história dos Januários. Diante dos meus olhos Dedé parecia brincar com a câmera fotográfica.



Dedé fotografando o pé de murta



Foto de Dedé: Toquinho, Adélia, Maria José e Iliá



Foto de Dedé: Jaboticabeira do Tio Chico



Dedé na escola, ensinando a plantar jaboticabeira

Dedé através da fotografia chama a atenção para o desaparecimento das jaboticabeiras que existiam em abundância até poucos anos atrás. Não há nenhuma razão para as jaboticabeiras deixarem de existir, me dizia.

*Dedé:* Ah, a comadre Adélia! Aqui o pé de murta, nossa! Mas ficou muito bonito.

*Desde que eu nasci que eu conheço aquele pé de murta ali, ele era pequenininho assim e foi crescendo, crescendo. Tem gente que fala lá que ele tem mais de 100 anos. Meu tio Izalino diz: ah, se esse pé de murta falasse. Porque quase todo mundo que chega senta ali um pouquinho pra descansar porque vem de Inhapi. Outra hora vem de casa, lá vai lá pra cima, aí senta ali um pouquinho. Então esse lugar, eu falei assim: ah, vou tirar dele também pra ficar marcado. Que de repente ele pode às vezes acabar, que vai indo seca, né? Aí tem a história dele pra poder contar. Se tiver uma foto aí pode relembrar.*

*Dedé:* Desde que eu me entendo por gente que eu lembro desse pé de jaboticaba aqui na casa do meu Tio Chico. E tinha era muito ali na estrada. Chegava a época de jaboticaba era tanta gente que juntava ali! Já pensou, esses mais novos daqui uns anos vão dizer: ah, aqui tinha pé de jaboticaba. Se não for plantando, vai indo, acaba. Esse pé de jaboticaba aí, minha filha, isso é relíquia, né? Tudo é pé novo que o Tio Chico deixou nos fundos da casa dele, por isso que ainda tem.

*Denise:* Esta sua foto pode ajudar a entender que é possível não acabar. Você, através da fotografia, está dando um toque importante nas pessoas, entendeu?

*Dedé:* Engraçado, em você falar aí Denise, eu tenho a vontade de ter um pé de jaboticaba lá em casa. Olha o que eu fiz: as meninas estavam chupando jaboticaba lá em casa eu peguei assim a semente e coloquei tudo lá debaixo do pé de manga. Océ precisa de ver o tanto de mudinha que nasceu! Eu falei assim: eu não vou alcançar essas jaboticabas não, mas ocês que vêm, mais tarde quem sabe ocês vão chupar jaboticaba desses pés.

Dedé adorava ver as fotos que eu trazia revelada a cada novo retorno e ao se ver com as broas, no tear, conversando, dançando forró, fotografando, me dizia rindo, como um prenúncio: É, essa menina Denise. Daqui a alguns tempos, quando eu não tiver mais aqui, o povo então vai poder saber quem era esta tal de Dedé.

*Dedé:* Achei muito bonito (risos). A gente sente feliz de ver as pessoas assim fazendo esse trabalho. Igual, no caso assim, igual a gente vê a gente assim, a gente nunca tirou as retrato. É uma coisa boa, sabe por quê? Porque é uma coisa que guarda pra lembrança.

*De repente a gente morre... Alguém quer ver: ah, como que era essa Dedé?*

*Vocês falam muito na Dedé, tem foto dela? (risos) Tem, né?*

*Pega e vai ver, uai. Conhecer a Dedé aí, ó. É bonito.*

Figura 271 - Estandarte "Maria Ilda das Dores Souza, a Dedé"



## Dionísio José de Souza e Oscarina Aurélia



Dionísio, Oscarina e família em abril de 2001

**UM DOS HOMENS MAIS RESPEITADOS** da família Januário, Seu Dionísio, bisneto de Joaquim José Ribeiro, pioneiro fundador da cidade de Inhapim, era um verdadeiro guardião dos valores da família.



Dionísio e Oscarina na reza de domingo

**TIO DIONÍSIO E TIA OSCARINA FORAM** desde o início grandes incentivadores do nosso trabalho. Comecei a chamá-los de tios sem me dar conta. Talvez por serem tios de Toquinha e pela carinhosa acolhida dos dois em sua casa desde a primeira viagem, em abril de 2001.

Em agosto de 2003, as Famílias Ribeiro e Januário foram homenageadas numa missa campal por serem fundadoras da cidade de Inhapim.



Padre José de Fátima, Padre José Lucas e Frei Demerval



Representantes das famílias Ribeiro e Januário



Representantes das famílias na missa campal

**ESTIVEMOS COM TIO DIONÍSIO E TIA OSCARINA** no dia seguinte à missa. Toquinha havia me contado que certa vez o tio pensou em fazer uma peça de teatro contando histórias dos antigos. Como um dos planos de minha amiga escritora é montar uma peça com a história que escreveu, pensamos em propor ao Tio Dionísio também participar com seus sonhos antigos. Naquela manhã de inverno Tio Dionísio, guardião da memória e da natureza, nos revelou uma outra faceta ao falar de máscaras, palcos e passagem do milênio.



Dionísio conversando com Denise

**Denise:** Este trabalho com a memória daqui tem muitas formas, né? O acervo de fotografias, o livro com as ilustrações das crianças, e tem também o teatro que a Toquinha sonha em fazer. Mas eu soube que o senhor já pensou nisso.

**Dionísio:** O teatro é com as histórias do Tio Lucas, Tio Chico, Tio Luís e o papai. Ah, mas eu perdi o jeito de fazer, não tem um pra remedar (imitar) eles. Ninguém conheceu eles aqui. Eu queria fazer uma máscara pra eles, né? Pegava o retrato antigo e pintava o rosto do papai, do Tio Lucas. Tem uma moça em Ipatinga que faz máscara assim. E aí colocava as roupas de antigamente, mas eu queria que remedasse eles. Porque tem gente que sabe contar uma coisa e aumentar outras graças naquele meio ali, né, aí eu não sei fazer isso não, aí então pra mim é difícil. Então eu tinha vontade que um patoteiro (que faz palhaçada) arremedasse (imitasse) eles. A hora que eles tavam alegres, a hora que eles tavam tristes.

**ENQUANTO TIO DIONÍSIO FALAVA**, as imagens do palco ao ar livre e das máscaras pintadas à mão, expressando rostos antigos diante do povoado todo sentado no chão, me pareceram mágicas e totalmente possíveis. E, mesmo tendo perdido a passagem do milênio, consigo ver Toquinha, Argeu, Dorvalina, Jupira e muitos outros providenciando fogos para iluminar o céu e celebrar a realização do sonho fantástico de Tio Dionísio...



Oscarina e Dionísio na festa em homenagem à Família Januário

Figura 272 - Estandarte "Dionísio José de Souza e Oscarina Aurélia"



# carta para.tij



O PROJETO CARTA PARA-TI, desenvolvido em parceria com a designer Luiza Kramer, resulta das imagens produzidas em nossas oficinas de fotografia e memória. Nosso pombo correio é o pássaro Inhapim que está em extinção. O Inhapim se transformou numa pista preciosa para que os habitantes do Córrego dos Januários se dessem conta da ameaça do desaparecimento de valores essenciais.

ATRAVÉS DE CONTOS e imagens, os postais expressam a grafia da memória tramada pela delicadeza e pela valorização de uma história que o Córrego dos Januários não quer deixar se perder.

AS CARTAS PARA-TI têm como propósito maior criar uma rede de comunicação não só entre os Januários mas também entre os moradores do Córrego e de outros lugares cujas experiências e histórias compõem parte desta impressionantemente bela e ameaçada diversidade cultural deste país chamado Brasil.

## Oficinas carta para.tij

V FESTA LITERÁRIA INTERNACIONAL DE PARATI  
Evento Arte na Praça - 7 de Julho de 2007



Carta do Clubinho para Luiza



Edervanio, Fernanda Chagas, Ivozinha, Denise, Ironildee,



Oficina Carta Para-Ti



Dayane, Fabiane, Edervanio e Débora



Grupo com Gabriela Gibrali



Grupo com Denise Mendonça

EVENTO PUC PELA PAZ  
Rio de Janeiro, 12 de novembro de 2007



Vicente e Marcela



Carta de Solange Jobin para nossa Casa de Memória e Cultura



Clubinho entrevistando



Cristina escrevendo postal para Nizinha



Carta de Clara para Nizinha



Luciana



Branco, Edervanio, Danilo, Stephan, Maria Inês, Dayane, Denise, Carolina, Rita, Talles, Cristina, Maria Alice, Daniela

Figura 273 - Estandarte "Carta para-tij" - frente

Paiol de Histórias - Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga  
 Pedro do Rio-RJ-25 de Julho de 2007



Denise, Lygia, Toquinha e Francisca

**Francisca:** Naquela quarta-feira, 25 de julho, Toquinha leu, na roda, o livro *Guilherme Augusto Araújo Fernandes*, e lembro-me muito bem que ao terminar a leitura, Lorraine, uma de nossas crianças, estava tão emocionada que bateu palmas e todos a seguiram. Que força tem um livro bem escrito, na voz de um leitor! Neste dia, a roda de histórias foi seguida da leitura do Varal de Fotos dos Januários, preparado harmoniosamente por vocês, partindo do estandarte até a mesa onde os postais e a caixa de correio esperavam por nós e pelas nossas respostas. Conhecer e reconhecer pessoas, gostos e fazeres através de cartões postais. Que idéia bonita! Simples e direta. E cada um de nós escolheu um postal para responder e ilustrar.



Oficina Carta Para-ti no Paiol de Histórias



Luiz Felipe vendo postal



Thaís, Fabrício e Felício



Simone



Carta de Madson para Toquinha e Denise



Madson, Renata, Francisca, Toquinha e Denise

**Francisca:** Na semana seguinte, na nossa rodona costumeira, avaliamos-rememorando aquele dia com vocês: Toquinha escreveu um livro e contou a história do lugar dela (Bruno), as fotos me fizeram lembrar Sardual (Juninho), respondi para alguém que perguntou se eu gostava de música e de estudar. Gostei desta forma de me comunicar (Felício) achei lindo o estandarte (Larissa), Toquinha contou porque o apelido é este se o seu nome é Maria de Lourdes (Pâmela), mandei meu postal para uma senhora que estava com uma vassoura de alecrim varrendo o quintal. Minha vó faz vassoura com varetinha de bambu (Amanda), eu também escrevi para D. Zilmar que fez a vassoura de alecrim e gostei da experiência de escrever para alguém de longe (Thiago), o pássaro inhapim é que deu o nome à cidade (Luis Felipe), tia Felícia tem o mesmo nome do Felício (Bianca). No nosso varal de lembranças ficaram estas e muitas outras porque neste contexto conhecimento e sensibilidade, linguagem e vida estavam indissociáveis conforme Denise escreveu na sua dissertação de mestrado, inspirada em Bakhtin.



Grupo do Paiol de Histórias

Figura 274 - Estandarte "Carta para-ti" - verso



### 8.3.2 Painel “Carta para-ti”



Figura 275 - Painel “Carta para-ti”

### 8.3.3 Painel dos escritores

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510406/CA

## Clubinho da Leitura

Stella H. Chaves

"Nunca mais uma estrela no firmamento..."  
**Paulo Coelho** de **Stella H. Chaves**, em 1980, realizou o primeiro encontro do Clubinho da Leitura. Para não ficar apenas no nome, ela criou o Clubinho da Leitura, com o objetivo de promover a leitura e o conhecimento entre os alunos. O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias. O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias.

Daniel Manduruko

Clube de Leitura Manduruko  
 O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias. O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias.

Maria Francisca de Pinho

Clube de Leitura Maria Francisca de Pinho  
 O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias. O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias.

Áurea Chagas

Passa na roupa  
 amaldiçoada de abelha  
 O corral...  
 O capoteiro e o limão  
 Cordeiro no pé  
 Frango com moçoito  
 Dove e floridita paraguai  
 Dança grega!  
 Para comemorar 30 anos  
 do Clubinho da Leitura  
 o encontro de famílias  
 dentro de casa  
 Criança  
 Passa na roupa!  
 Passa na roupa!  
 Passa na roupa!  
 Passa na roupa!

Ligia Rajunga

O TUCO  
 "O livro tem um lado tanto bom quanto o outro..."  
 Uma leitura apaixonada e, pela vida afora,  
 um amor de pai e criança de criança em  
 se olhar pelo lado... Já antes  
 compartilharam não apenas o livro, mas a  
 amizade que nasceu entre eles...  
 Para comemorar 30 anos do Clubinho da Leitura,  
 o encontro de famílias dentro de casa.

Inezita, Elizabeth, e Valéria de Souza

Clube de Leitura Inezita, Elizabeth, e Valéria de Souza  
 O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias. O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias.

FAMÍLIA AMPLIADA  
 Quando um criança...  
 O lugar onde vivo tem um gato,  
 O lugar onde vivo tem um cachorro,  
 O lugar onde vivo tem um peixe,  
 O lugar onde vivo tem um inseto,  
 O lugar onde vivo tem um brinquedo,  
 O lugar onde vivo tem um amigo,  
 O lugar onde vivo tem um sonho,  
 O lugar onde vivo tem um amor,  
 O lugar onde vivo tem um futuro,  
 O lugar onde vivo tem um presente,  
 O lugar onde vivo tem um passado,  
 O lugar onde vivo tem um mundo.

Carta para-ti: da Puc-Rio para o Clubinho

Trecho do prefácio escrito para a publicação  
 do livro "O Clubinho da Leitura"  
 de Stella H. Chaves, em 1980, realizado  
 no Clubinho da Leitura, com o objetivo  
 de promover a leitura e o conhecimento  
 entre os alunos. O Clubinho da Leitura  
 é um espaço onde os alunos podem ler  
 e discutir livros, além de participar de  
 atividades literárias.

Poeta do Clube de Leitura

POETA DO CLUBE DE LEITURA  
 O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias. O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias.

Carta para-ti: da Puc-Rio para o Clubinho

Trecho do prefácio escrito para a publicação  
 do livro "O Clubinho da Leitura"  
 de Stella H. Chaves, em 1980, realizado  
 no Clubinho da Leitura, com o objetivo  
 de promover a leitura e o conhecimento  
 entre os alunos. O Clubinho da Leitura  
 é um espaço onde os alunos podem ler  
 e discutir livros, além de participar de  
 atividades literárias.

Poeta do Clube de Leitura

POETA DO CLUBE DE LEITURA  
 O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias. O Clubinho da Leitura é um espaço onde os alunos podem ler e discutir livros, além de participar de atividades literárias.

Figura 276 - Painel "Clubinho de Leitura"



### 8.3.4 Painel Maria de Minas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0510406/CA

## Maria de Minas

**As histórias de Maria de Minas**  
 Trazis na bagagem um punhado de histórias  
 E essas histórias se palmearam  
 Que só Maria sabia e pôde contar  
 Em dias de histórias vivaram livro,  
 Para sempre dos que sabem ler  
 Das poucas palavras  
 Encantadas nas palavras,  
 Na beleza e lindamente a história  
 Sagada de Maria...



Doadora Rivera

**QUANDO AOS 7 anos** fui estudar na Escola Estadual Elias Jamurino boa Lordeas foi minha primeira professora. No fim meu se marcaria para sempre, o primeiro livro de minha vida. E o único durante muitos anos...



Lordeas de Souza Lordeas

**SOMENTE MAIS FIANÇO** em redação compreende o que significava meu encontro com Denise, ideias, desejos e a pesquisa de dissecção de Mestrado sob a orientação da professora Solange Jobim e Souza (PUC-Rio) alguns anos depois.



Dicionário de Imbranças

**AMIM**, não só Maria vive Tequilinha como o nome é ressignificado. A origem do Tequilinha é, talvez, Tequilinha, que também é de sobrenome Jamurino, que continuar contando a história de seu povo, que ser mais do que história que...  
**E A VOZ** comanda se escrever, e a voz comanda o trabalho coletivo, mas trabalho tecido a muitas mãos. A casa que fora de meus pais torna-se um lugar de reverência à memória de toda uma família por eles se encante. E nós, as filhas, netos e bisnetos, sentimo orgulho disso. Mas na realização de um desejo, na construção de um novo tempo. Um lugar, uma família, uma esperança. Um ciclo se fecha e novas janelas se abrem. E a vida continua a ser escrita, e a história continua a ser contada.



Casa da Comunidade

**DECEBE EM SUA CASA**, era o tema da Campanha da Presidência de 1977 do qual eu sempre me lembro. E nós estamos começando aqui, em nossa casa, olhando para um futuro que está em nossas mãos.

**MUITO TERIA AINDA** para contar, mas agora quero agradecer conjuntamente a pesquisadora Denise Gusmão e sua família pela seriedade e delicadeza com que tem tratado a nossa história. E a todos os que participaram deste trabalho, e as minhas irmãs que receberam com alegria a ideia de ver a história de nossas famílias e de nossa comunidade. Agora deixo que essa história se conte também por outras mãos, e espero que a história de nossas famílias continue a ser contada, e a história de nossa comunidade continue a ser escrita.

Livros são molas do mundo, quem mais o mundo não se apresenta. Os livros são molas do presente.  
 Maria Quiterana



Maria Quiterana



Maria de Souza e Souza

**DESTE ENCONTRO** nasce a possibilidade de juntos recuperarmos a história dos Jamurinos, uma comunidade que nasceu em 1857, no Rio de Janeiro, e que se espalhou para o interior do Brasil. A chegada de sua história e de sua cultura, por volta de 1980, provocou a experiência dos habitantes entre via no interior das Gerais. Com isso a memória foi se perdendo...



Tequilinha, Mariana Jobim e Denise

**DESTE ENCONTRO** nasce a possibilidade de juntos recuperarmos a história dos Jamurinos, uma comunidade que nasceu em 1857, no Rio de Janeiro, e que se espalhou para o interior do Brasil. A chegada de sua história e de sua cultura, por volta de 1980, provocou a experiência dos habitantes entre via no interior das Gerais. Com isso a memória foi se perdendo...



Tequilinha e Denise

**BOLIVAR E LORDEAS**, nossos pais, se despediram da vida no ano de 1987. Foi um ano de muitas mudanças. Foi o ano da redação, amor e uma casa, um abrigo. Casa esta construída no fim de suas vidas, com o trabalho digno da filha Tequilinha a patroa. Elas partiram deixando minha irmã Mariene vivendo na casa com sua família e cuidando de mim e Isabel, as irmãs que nascem Miriam e Gustavo, seus filhos. Em 1987 iria embora. Foi viver no Rio de Janeiro onde já viviam Isabel e Tequilinha. No coração apertado levava esperança de dias melhores.

**TRABALHO**, sonho esperando realidade quando em 1989 conheci Luana e Natalia. Foi trabalhando na casa delas que descobri, através de uma amiga, a professora Solange Jobim e Souza, a possibilidade de fazer um mestrado em Letras. Foi com ela que descobri a possibilidade de fazer um mestrado em Letras. Foi com ela que descobri a possibilidade de fazer um mestrado em Letras.

**QUANDO LI O LIVRO** "Amor de Visitante" de Gabriel Garcia Marquez, descobri através dos dizeres de outros poetas, eu já era também uma escritora. Quanta emoção... Lá se recebi o primeiro livro para colocar meus escritos no mundo, para torná-los públicos. Quando li o livro "Amor de Visitante" de Gabriel Garcia Marquez, descobri através dos dizeres de outros poetas, eu já era também uma escritora. Quanta emoção... Lá se recebi o primeiro livro para colocar meus escritos no mundo, para torná-los públicos.



Maria e Denise

**ERA TEMPO** de lembranças, anedotas e experiências. Histórias, nossas ações ficam, era mais do que uma frase, era uma memória para além do tempo dos meus pais. Uma família, vida plena de amor num lugar que eu amaria para o resto de minha vida.



Tequilinha, Doadora, Isabel e Maria de Souza

**FOI AQUI** no Córrego dos Jamurinos que ganhei forças para buscar o mundo.



Córrego dos Jamurinos

Figura 277 - Painel "Maria de Minas"



### 8.3.5 Ficha técnica

#### Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários

A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários surgiu como resultado de um amplo trabalho de pesquisa realizado pela pesquisadora Denise Sampaio Gusmão, no Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, sob a orientação da professora Solange Jobim e Souza. O projeto é desenvolvido com a participação da Comunidade do Córrego dos Januários, e está vinculado à Pasta de Educação e Cultura da Associação Comunitária do Córrego dos Januários, sob a responsabilidade de Maria de Lourdes Souza. A elaboração e o desenvolvimento deste projeto contou com o apoio da CAPES, do CNPq, da Vice Reitoria Comunitária da PUC-Rio e com a parceria do Departamento de Artes & Design da PUC-Rio, através do professor Luis Vicente Barros.

#### FICHA TÉCNICA

##### REALIZAÇÃO

**Associação Comunitária do Córrego dos Januários**  
PRESIDENTE

Adélia Maria Pereira

**COORDENAÇÃO DA PASTA DE EDUCAÇÃO E CULTURA**

Maria de Lourdes Souza

GIPS - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade

Departamento de Psicologia - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**COORDENAÇÃO GERAL**

Solange Jobim e Souza

**CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO DO PROJETO**

Denise Sampaio Gusmão

**CURADORIA**

Denise Sampaio Gusmão, Luis Vicente Barros, Marcela Carvalho e Maria de Lourdes Souza

**DESIGN DA EXPOSIÇÃO**

Luis Vicente Barros e Marcela Carvalho

**EQUIPE DE MONTAGEM E ILUMINAÇÃO**

Luis Vicente Barros e Giuliano Balsini

**DESIGN GRÁFICO**

Marcela Carvalho e Roberta Guizan

**COSTURA E BORDADO**

Marcela Carvalho

**PINTURA DAS ALMOFADAS**

Crianças do Clubinho de Leitura do Córrego dos Januários

**CONFECÇÃO DOS BARRADOS DE BARBANTE DOS ESTANDARTES**

Adélia Maria Pereira, Terezinha Jacinta da Silva, Judith Conceição de Souza Siqueira

**CONFECÇÃO DOS BALAIOS**

Luiz

**SELEÇÃO DE TEXTOS E IMAGENS**

Denise Sampaio Gusmão, Edervanio de Souza Lucas, Maria de Lourdes Souza

**FITAS ESCRITAS**

Dayane Ribeiro Oliveira, Edervanio de Souza Lucas, Edilaine Oliveira Martins e Janderson Mike Dias Ribeiro

**CRIAÇÃO DO PROJETO GRÁFICO DOS POSTAIS E DA MARCA CARTA PARA-TI**

Luiza Kramer Bazilio

**ARTE FINAL DA IMAGEM DE APRESENTAÇÃO DO PROJETO CARTA PARA-TI**

Renata Alves

**PROJETO GRÁFICO DO CONVITE E CARTAZ**

Aline Jobim

**COLABORAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CAMISETAS E CONVITES**

Gabriela Gusmão Monteiro de Sá

**PROJETO GRÁFICO DOS LIVROS**

“A Grafia do Olhar e Carta para-ti”

Ana Andrade

“Família Januário”

Aline Jobim

“A História da Família Januário”

Roberta de Lacerda Medina

**REFORMA DA CASA**

Argeu José de Souza, Carmo de Souza Lucas, Dásio de Oliveira Duques, Geraldo Alves Pereira, Geraldo Quirino Cunha, João Martins da Costa, José do Carmo Pereira, Nelson Brás de Siqueira, Romildo Damião, Zito Mesquita de Souza

**MARCENARIA**

José Mauricio de Siqueira

**AGRADECIMENTOS ESPECIAIS**

GIPS - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade, Departamento de Psicologia da PUC-Rio

Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga

Usicultura - Instituto Cultural Usiminas

Professor Augusto Sampaio, Vice-Reitor Comunitário da PUC-RIO

E a toda a Comunidade do Córrego dos Januários

## 8.4 Jornal da PUC



### **Cultura popular revivida no interior de Minas**

Por: Carlos Heitor Monteiro / Fotos: Ana Andrade

Denise Gusmão, doutoranda em Psicologia pela PUC-Rio, e Maria de Lourdes Souza, aluna do Departamento de Letras, precisaram de muita doçura, sensibilidade, simplicidade e delicadeza para tornar seu sonho realidade. Desde 2002, elas vêm escavando e registrando a memória do Córrego dos Januários, povoado com 200 habitantes do interior de Minas, para impedir que ela se perca com o passar do tempo. A concretização da pesquisa aconteceu em 30 de agosto, com a inauguração da Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários. “Mais do que nunca é necessário criar lugares onde as imagens, as palavras e os pensamentos possam ter sua morada”, explica Denise.

Publicada em: 11/09/2008

# JORNAL DA PUC

Publicação Quinzenal Editada pelo Projeto Comunicar

Publicada em: 11/09/2008 às 19:00  
Especial

## Cultura popular revivida no interior de Minas

Carlos Heitor Monteiro / Fotos: AnaAndrade



Acima, a fachada da Casa de Memória.  
Embaixo, a exposição com as histórias do local e  
Dona Guilhermina segurando a imagem de Sant'Ana

Cerca de dez horas de viagem de carro separam o Rio de Janeiro do município de Inhapim, no interior de Minas Gerais. A cidade, cujo nome homenageia um passarinho da região, tem sete mil habitantes e é cenário de uma rivalidade política histórica entre os Pica-pau (PMDB) e os Corta-güela (DEM). De Inhapim, são seis quilômetros, a maior parte em estrada de terra, até Córrego dos Januários, localidade com apenas 200 habitantes que tem sido palco de um fascinante renascimento cultural. O ponto máximo desta renovação foi a inauguração da Casa de Memória e Cultura de Córrego dos Januários, em 30 de agosto, com apoio do Departamento de Psicologia e da Vice-Reitoria Comunitária da PUC-Rio.

Tudo começou graças ao sonho de Maria de Lourdes Souza, escritora e aluna de Letras da PUC-Rio. Maria de Lourdes, mais conhecida como Toquinha, é nascida e criada no Córrego dos Januários, lugar que lhe serve como fonte de inspiração literária. A partir do ano 2000, ela passou a se preocupar cada vez mais com a sobrevivência da memória e da cultura de seu povo, que corriam o risco de se perder com o envelhecimento e morte dos moradores mais velhos. Outro elemento decisivo para desencadear um processo de ruptura no modo de vida local foi a chegada da luz elétrica, em 1984. Apesar de todos os benefícios, o advento da energia elétrica provocou mudanças que abalaram a convivência e a troca de experiências entre os habitantes do povoado.

Toda a angústia de Toquinha sensibilizou a psicóloga Denise Sampaio Gusmão, que, na época, era mestrandista do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. "Meu primeiro contato com o Córrego foi por meio da escrita de Toquinha, que me impressionou muito", diz Denise. Em abril de 2001, ela fez sua primeira viagem ao local, com o desafio de registrar as histórias e costumes que pareciam estar se perdendo. "Nossa chegada vinha sendo aguardada por todos com certa ansiedade e muita

curiosidade. Afinal, eles ainda não tinham entendido muito bem o que os amigos de Toquinha, vindos do Rio de Janeiro, queriam tanto fazer ali”, comenta a pesquisadora.

Essa foi a primeira de muitas viagens e o início de um processo escavatório em busca de uma memória que, apesar de ameaçada, ainda permeava a vida dos habitantes locais. “Fomos ao encontro do passado sabendo que as lembranças só fazem sentido quando entram em diálogo com o presente e com os acontecimentos cotidianos”, explica Denise. A pesquisa incluiu também a realização de oficinas de fotografia e memória com os moradores do Córrego, com o intuito de criar um acervo de contos e imagens que registrassem a história do povoado. O impressionante é que Denise e Toquinha iniciaram o trabalho num momento crucial. “Muitas pessoas fundamentais morreram logo depois. Se a gente tivesse chegado dois anos mais tarde, esse trabalho não poderia ter sido feito”, conta Denise.

A pesquisa de Denise Gusmão resultou em sua dissertação de mestrado, intitulada *Por uma estética da delicadeza: ressignificando contos e imagens nas roças de Minas*. Ela concebe o conceito de delicadeza sob dois sentidos. “Um fala de uma percepção poética do mundo, revelada tantas vezes pela grafia do olhar de crianças e adultos do Córrego”, explica. “O outro nos leva ao cuidado e à humildade. O terreno da memória é delicado e, por isso, exige delicadeza da parte daquele que se aventura a escavá-lo”, completa. Atualmente, Denise trabalha em sua tese de doutorado, que dá prosseguimento à pesquisa no Córrego, sob orientação da professora Solange Jobim e Souza.



Em sentido horário: procissão mostra a força da fé no Córrego; Denise com um sorriso de "missão cumprida"; a cruz ornamentada pelos moradores do local; Toquinha faz a inauguração da Casa

### Oficina de Memória e Projeto “Carta para-ti”

O escritor uruguaio Eduardo Galeano assim se expressou a respeito da memória: “Um refúgio? / Uma barriga? / Um abrigo para esconder-te quando a chuva te afoga, / ou o frio te corta, ou o vento te faz rodar? / Temos um esplêndido passado pela frente? / Para os navegantes com vontade de vento, a memória é um porto de partida.”

Durante o trabalho de campo no Córrego dos Januários, uma iniciativa essencial foi a Oficina de Memória, que propôs um diálogo entre gerações diferentes por meio do ato fotográfico. O projeto “Carta para-ti” transformou em postais o material produzido pelos fotógrafos de primeira viagem do Córrego, com o objetivo de estabelecer uma rede de comunicação não só entre os moradores locais, mas também com pessoas de outros lugares cujas histórias compõem a enorme diversidade cultural brasileira. O projeto gráfico dos postais foi concebido por Luiza Kramer, aluna do Departamento de Artes e Design. da PUC-Rio.

Este projeto possibilitou que os “januários” saíssem de sua terra e interagissem com os participantes da Flipinha, a versão infantil da Festa Literária Internacional de Paraty; do

Paio de Histórias, projeto da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga em Petrópolis; e do PUC PELA PAZ. “Após a morte de vários membros mais velhos da comunidade, houve um momento de desvalorização muito forte, em que as pessoas do Córrego duvidaram da importância de preservar sua memória”, explica Denise. Segundo ela, essa saída foi essencial para a percepção de que as histórias deles importavam para outras pessoas. “Nesse momento, houve uma apropriação do valor e da riqueza do Córrego”, conclui.

### **Córrego ontem e hoje**

Um dos aspectos mais interessantes do projeto é o envolvimento da comunidade durante todo o processo. Muitos percebiam que a convivência estava se tornando cada vez mais rara e que era importante resgatar os valores da região. “Antes da luz elétrica, o povo era mais unido. A turma se juntava sempre pra novena, pro forró... Hoje, o pessoal prefere ficar em casa vendo TV”, diz Adélia Pereira, moradora do Córrego. Dona Marlene de Souza Pereira, irmã de Toquinho, acrescenta: “A maneira de viver hoje é muito diferente – é uma vida cansada. A gente tinha tempo para conversar, para dar atenção uns aos outros, para sentar e ouvir uma história que durava horas. Tentei criar meus filhos assim, mas é muito difícil”.

Jupira José de Souza, professora de Língua Portuguesa, também se recorda da criação que recebeu de seus pais. “Nós fizemos curso superior, mas não temos a sabedoria que nossos pais tinham. Dentro da simplicidade, eles viveram bem e tranquilos”, diz. Dona Guilhermina Pereira, uma das mais antigas residentes do povoado, se queixa de que, quando quer se lembrar de algo do passado, é difícil encontrar alguém que possa ajudar. “Há 50 anos, a gente saía para ajudar uma comadre na hora que fosse, e levava um tiçãozinho de fogo pra alumiar”, lembra. “A gente não tinha medo de nada, só de onça e cobra. Hoje tem a luz e a gente pode sair a qualquer hora da noite. Mas agora nós temos medo do bicho homem”, diz.

Entre os jovens também percebem-se sinais de entusiasmo. “Acho que conhecer a tradição serve para a gente ir além e descobrir coisas novas”, diz Rafael Adriano Silva, 15 anos. Jeanderson da Costa, 13 anos, prefere andar de bicicleta a ver TV. “Passar o tempo sozinho é esquisito. Prefiro ficar com meus amigos”, conta. Essas são algumas pistas de que o medo que dona Guilhermina sente pode dar lugar ao que disse o amazonense Thiago de Mello: “Fica decretado que o homem / não precisará nunca mais / duvidar do homem. / Que o homem confiará no homem / como a palmeira confia no vento, / como o vento confia no ar, / como o ar confia no campo azul do céu.”

### **Do sonho à realidade**

Em seis anos de pesquisa, o desejo de construir uma casa de abrigo das memórias cresceu e tomou forma. Agora, a Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários funciona na casa onde Toquinho e suas irmãs nasceram e cresceram. “Como nenhuma de nós mora aqui, achamos por bem abrir mão da casa para benefício da comunidade”, explica Toquinho. “No começo, achava que a preservação era um delírio meu. E hoje todos estão recebendo esse presente”, diz. Isso lembra outro trecho de Thiago de Mello: “Pois aqui está a minha vida. / Pronta para ser usada. / Vida sempre a serviço da vida. / Para servir ao que vale / a pena e o preço do amor”.

No dia da inauguração, houve uma procissão, seguida de missa, em que os moradores entoaram hinos tradicionais. A Casa de Memória apresentava uma exposição com estandartes de lona de algodão que contavam uma parte significativa da História do Córrego. A produção e montagem ficaram por conta de Luis Vicente Barros, professor de Design da PUC-Rio, e da designer Marcela Carvalho. A proposta era manter o formato original da casa. “Tentamos aproveitar ao máximo as tecnologias e materiais do Córrego, como o bambu, o coité e o barro branco”, explica Vicente.

Para Denise, o espaço não deve ser um lugar somente para abrigar o acervo, mas, sobretudo, para ser um local de encontro e celebração. A julgar pela opinião dos moradores do Córrego, a preservação do Espaço está garantida. “Vai ser muito difícil



alguém entrar aqui e não sair com outro sentido. Tudo aqui dentro só traz coisa boa”, afirma dona Marlene. “A Casa é a fonte de riqueza da comunidade”, prossegue a catequista Janaína Assis. O jovem Jardel Frias resume: “Se a gente não souber a história de onde a gente vive, esse lugar pode ser um tipo de lugar qualquer”. A Casa de Memória também abriga o Clubinho de Leitura, que reúne as crianças do povoado todos os sábados para incentivar a formação de leitores.

Mário Quintana, no poema *Operação alma*, escreveu: “Uma curva do caminho, / Anônima, / Torna-se às vezes a maior recordação de toda uma volta ao mundo!” O povoado de Córrego dos Januários é essa curva anônima, perdida no interior das Gerais, com uma história comovente e riquíssima. Impossível não se apropriar das palavras de Toquinho:

“As últimas despedidas, as inevitáveis lágrimas. O ônibus sai e lá, entre as montanhas, vai ficando um pedacinho de mim.

Sinto, então, que cresceu a minha coleção de emoções”.

### **Edição 205**

---

Powered by Publique!

## 8.5

### Carta de Solange Jobim e Souza



Figura 278 - Denise e Solange na noite de inauguração da Casa de Memória e Cultura (Foto Ana Andrade)

Quem se dispõe a contar uma história participa da vida da palavra e da memória, mas, essencialmente, assume um compromisso com o futuro. A Casa de Memória e Cultura do Córrego dos Januários, inaugurada em 30 de agosto de 2008, é a materialização de um desejo coletivo. O ponto de partida foi o reconhecimento de seus habitantes de que nenhum fato, por mais simples que seja, pode ser considerado perdido para a história. O relato a partir de palavras e imagens, fragmentos de memória dos habitantes de uma localidade, é também um modo de tecer uma grande história, porém, de um modo diferente dos registros guardados em museus, que, via de regra, acabam por impor uma história oficial. Na maior parte das vezes, a história oficial é escrita com base no ponto de vista de poucos, sem a devida consideração pela riqueza de relatos das testemunhas que podem ser convocadas localmente. A diversidade de olhares e de interpretações, que surgem a partir dos relatos das testemunhas, confere uma densidade de outra natureza aos acontecimentos da vida cotidiana. A voz humana faz o passado surgir

no presente de maneira extraordinariamente imediata. As palavras insuflam vida na história. Além disto, a história oral propicia uma reconstrução mais realista e mais imparcial do passado, ao mesmo tempo em que contesta o relato único, tido como verdadeiro pela história oficial. Ao fazê-lo, a história oral tem um compromisso radical em favor da mensagem social, devolvendo ao homem comum o direito de ser reconhecido como protagonista da história como um todo. Foi com esta perspectiva, a da escuta daqueles que se dispuseram a relatar suas lembranças, em palavras e imagens, que esta Casa de Memória e Cultura foi concebida. A história não é um lugar vazio e homogêneo, definido para todo e sempre em um passado que se foi, mas, ao contrário, um espaço de revelações surpreendentes, lugar de transformação das reminiscências em palavras e imagens. A história é o lugar de conciliação do passado com o presente, apontando perspectivas de futuro.

Hoje, de posse deste espaço, os habitantes desta comunidade, crianças, jovens e mais velhos, se vêm frente ao compromisso de dar continuidade à busca de sentidos da sua própria origem em permanente mudança. Entrar na morada da memória significa tomar consciência do modo como cada vida singular é parte de uma história maior. A história de uma comunidade não se esgota nunca. Cria sempre um novo começo a partir do encontro dos relatos entre as gerações. As origens são múltiplas e a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. Fixar é o grande desafio. Capturar as imagens do passado no momento em que são reconhecidas coletivamente. Este momento é o do encontro do narrador com a escuta daquele que acolhe com sabedoria as histórias lembradas, preciosidades que devem permanecer reverberando sentidos na grande temporalidade. Humanizar a experiência humana é lembrar e contar as múltiplas versões que a vida pode e deve ter.

Rio de Janeiro, 15 de setembro de 2008

Solange Jobim e Souza

## 8.6 Carta de Toquinha



Figura 279 - Toquinha e Denise  
(Foto Ana Andrade)

Ouvir, ver e contar histórias...

Ouvir histórias na infância foi minha maneira de entrar em contato com o imaginário, com o poético, num lugar que pra mim ainda hoje lembra poesia mesmo nas mais simples e pequenas coisas. A poeira no chão, as miúdas flores vermelhas no meio do capim gordura rigoroso do inverno daquele meu pedaço de mundo. Poesia. O casarão centenário onde viveram as quase lendárias *Tias Nena* ainda hoje é lembrança de presépios aguardando visitas no Natal. Poesia. Bailes que só terminavam com o raiar do dia. POESIA. Histórias de assombração, histórias de AFETO. Ouvir e contar histórias era brincadeira de criança, troca de saberes entre meninos e meninas, e nós hipnotizados pelas histórias do tio Geraldo Domingos. E foram essas mesmas histórias, e outras submersas naquele chão ainda desconhecidas, que levaram Denise Gusmão pras Gerais num trabalho delicadamente responsável em que ela mergulhou fundo trazendo à tona um fio de raízes profundas onde agora brotam em esperanças de novos encontros, de auto-reconhecimento e de muitas novas histórias construídas de sabores e saberes compartilhados. Partilhamento de vidas que se querem próximas, ligadas por desejos

muito legítimos de que a nossa vida seja um despertar de novos horizontes. Nosso *Córrego* hoje está grávido de memórias, em plena construção de um novo tempo.

Olhar a *Casa de Memória do Córrego dos Januários*, passear por entre os estandartes lendo histórias da minha gente enche-me de emoção, da sensação do dever cumprido, de estar no berço onde nasci e de onde jamais saí, ainda que viva a maior parte do meu tempo a quilômetros de distância, entre o *Córrego* e o *Rio*.

Desfeito o laço de fita branca, aberta a porta da nossa casa, estão abertos caminhos vários para um outro olhar sobre nós mesmos, januaenses ou forasteiros que nos dêem o prazer da visita, bem ao estilo mineiro, pra um café e uma boa conversa. A *nossa casa* hoje é lugar pra uma boa prosa e um bocado de poesia.

E que saibamos ser acolhedores, construtores de uma história sempre nova e sempre ligada ao passado. Reminiscências.

Sorrio por entre lembranças que são mais do que recordações, são trampolim para outros mundos, para outras *felicidades*. Caminhos que não queremos caminhar sós.

Primeiro dia de primavera de 2008.

Maria de Lourdes Souza